



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara – SP**

ANA LUÍSA COLETTI RICCI

**O DISCURSO ARGUMENTATIVO NOS
ENUNCIADOS DE UMA MENINA DOS 2;1 AOS
3;8 ANOS DE IDADE**



ARARAQUARA - SP

Julho de 2020

ANA LUÍSA COLETTI RICCI

O DISCURSO ARGUMENTATIVO NOS ENUNCIADOS DE UMA MENINA DOS 2;1 AOS 3;8 ANOS DE IDADE

Dissertação de Mestrado apresentado ao Conselho, Programa Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística. Exemplar apresentado para exame de qualificação.

Linha de pesquisa: Aquisição da Linguagem

Orientador: Profa. Dra. Alessandra Del Ré

Bolsa: CAPES - Proex

ARARAQUARA – S.P.

2020

Ricci, Ana Luísa Coletti

R491d O DISCURSO ARGUMENTATIVO NOS ENUNCIADOS DE
UMA MENINA DOS 2;1 AOS 3;8 ANOS DE IDADE / Ana
Luísa Coletti Ricci. -- Araraquara, 2020

261 p. : tabs.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Alessandra Del Ré

1. Aquisição da Linguagem. 2. Argumentação. 3.
Abordagem
dialógico-discursiva. 4. Multimodalidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANA LUÍSA COLETTI RICCI

O DISCURSO ARGUMENTATIVO NOS ENUNCIADOS DE UMA MENINA DOS 2;1 AOS 3;8 ANOS DE IDADE

Dissertação de Mestrado apresentado ao Conselho, Programa Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística. Exemplar apresentado para exame de qualificação.

Linha de pesquisa: Aquisição da Linguagem

Orientador: Profa. Dra. Alessandra Del Ré

Bolsa: CAPES - Cnpq

Data da defesa: 28/05/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Alessandra Del Ré
UNESP FCLAr.

Membro Titular: Profa. Dra. Selma Leitão Santos
Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Membro Titular: Profa. Dra. Alessandra Jacqueline Vieira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida e todas as bênçãos, assim como pela proteção e força em continuar trilhando o caminho do conhecimento.

Aos meus pais, Luciani e Ricci, pelo imenso carinho, dedicação, exemplo e inspiração; pelo enorme apoio nesta minha jornada de estudos e por todo o amor.

À minha tia, Denise, primeiramente reticente em minha escolha profissional, mas sempre zelosa e encorajadora em meus estudos. Ao meu tio, Carlos, e à minha prima, Bia, pelo grande apoio.

Às minha avó e tias, que não puderam estar presentes ativamente neste processo, mas cuja memória e afeição me ajudaram a prosseguir.

À minha orientadora, professora Alessandra Del Ré, por quem tenho grande respeito, admiração e carinho. Agradeço imensamente por todos os ensinamentos e pelo diálogo sempre enriquecedor.

Às Professoras Doutoras Selma Leitão e Alessandra Jacqueline Vieira, que, tão longe e em um momento tão difícil como o da pandemia de COVID-19, atenderam ao meu pedido, dando-me a honra de tê-las em minha banca. Agradeço imensamente às suas importantíssimas contribuições neste trabalho e em outros que virão.

Ao grupo GEALin, por tantos anos de amizade e aprendizagem.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da UNESP, aos professores e professoras com quem sempre aprendi tanto.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001.

Agradeço à todos aqueles que tornaram este estudo realidade. Todo o meu carinho.

RESUMO

Esta pesquisa propõe o estudo do discurso argumentativo (LEITÃO, 1999, 2001, 2003; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015) nos enunciados de uma menina, S., brasileira, monolíngue, dos 2;1 aos 3;8 anos, a partir de uma abordagem dialógico-discursiva bakhtiniana (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016; DEL RÉ et al. 2014a e b, 2016). Para refletirmos sobre os processos de aquisição e argumentação, partiremos de um olhar qualitativo para os dados, gravados em vídeo em situações naturalísticas, transcritos por meio do programa CLAN (CHAT), disponível na plataforma CHILDES (MACWHINNEY, 2000). Partindo de estudos anteriores e dando-lhes continuidade, observaremos os movimentos discursivos da argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2006a, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018), que são o argumento, o contra-argumento e a resposta nos enunciados de S. (estudo de caso). A fim de melhor desenvolvermos esse estudo, assim como observarmos mais detalhadamente o discurso argumentativo, buscamos analisar o movimento discursivo que dele decorre e os elementos linguísticos que contribuem para a significação dos enunciados de S., nesse discurso. Observamos também seu desenvolvimento na argumentação e linguagem, tal qual a estrutura – fundamentalmente – sintática desses enunciados, atentando-nos para alguns elementos de sua composição, além de seu aspecto semântico para, através deles, identificar os elementos (após observação dos dados, elencamos os adjuntos adnominais e adverbiais, advérbios e conjunções) que contribuem para a formulação do enunciado argumentativo, como ocorre com “mas”, “não”, “nem” e o “porquê”, muito presentes nas produções de S., além de outros itens linguísticos, verbais e/ou não. Para realizar esse trabalho e a compreensão e análise dos elementos de língua presentes e fundamentais na significação dos enunciados no discurso de S. como argumentativos, baseamo-nos, também, nos estudos de linguagem da Gramática do Português Brasileiro (CASTILHO, 2014) e na Gramática Funcional (NEVES, 2011). Na necessidade da criança de se comunicar e de interagir com seu interlocutor, fazendo-o a partir de uma linguagem multimodal (CAVALCANTE, 1994, 2018; CAVALCANTE, BRANDÃO, 2012; DE ALMEIDA, CAVALCANTE, 2017; VASCONCELOS, 2017), encontramos um sujeito que argumentará a fim de expor e defender seu posicionamento discursivo, contrapondo-se ao discurso do outro, refletindo sobre a linguagem no movimento discursivo do diálogo. Observamos, em concordância com Vieira (2011, 2015), que a argumentação se manifesta quando o indivíduo passa a se perceber como um “eu”, diferente do “outro” e dele

separado, algo que ocorre ainda muito cedo, antes dos 2 anos de idade. Os resultados mostraram que a criança faz uso de todos os três movimentos em questão, assim como de suas funções – epistêmica, discursiva e psicológica -, dominando-os e utilizando-os com eficácia, o que nos permite observar o curso de seu desenvolvimento linguageiro e argumentativo.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem; Argumentação; Abordagem dialógico-discursiva; Multimodalidade.

ABSTRACT

This research proposes the study of the argumentative discourse (LEITÃO, 1999, 2001, 2003; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015) over the utterances of a child, S., (a monolingual girl, whose data goes from her 2;1 to her 3;8 years old), what will be studied from a dialogic and discursive approach (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016; DEL RÉ et al. 2014a e b, 2016). To reflect about the processes of language acquisition and argumentation, we will depart from a qualitative view of the data, composed by videos recorded during naturalistic situations, and after translated through the CALN (CHAT) software, available at the CHILDES platform (MACWHINNEY, 2000). Starting from previous studies and giving them continuity, we will observe the discursive movements of argumentation (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2006a, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018), which are the argument, the counter-argument and the response, all of them figuring argumentative utterances of S. (case study). In order to better develop this research, ass to observe with more details the argumentative discourse, we shall analyse the discursive movement that comes from it and the linguistic elements which contribute to the meaning of S. statements as argumentation. We will also look at S.'s development on argumentation and language, as the – fundamentally – syntactic structures of the argumentative utterances, paying attention to some elements of its composition, as to its semantic aspect. Therefore, in order to identify the elements (after observing the date, we have catalogued the adjuncts, that accompany names (nouns, adjectives, pronouns) and verbs; adverbs and conjunctions) which contribute to the formulation of an utterance as argumentative, as occurs with the Portuguese words “mas”, “não”, “nem” and “porquê”, all of them very frequent at the child's productions, as well as other linguistic items, verbal and/or non-verbal ones. To undertake this research, to comprehend and analyse the linguistic elements which were present and fundamentals to the significance of the child's utterances, in the discourse, as argumentatives, we took base on the language studies of the Gramática do Português Brasileiro (CASTILHO, 2014) and at the Functional Grammar (NEVES, 2011). In order to communicate and interact with its interlocutor, the child will use a multimodal language (CAVALCANTE, 1994, 2018; CAVALCANTE, BRANDÃO, 2012; DE ALMEIDA, CAVALCANTE, 2017; VASCONCELOS, 2017). There, we are able to find a individual that will argumentate to expose and defend his/her discursive stance, withstanding the other's discourse, reflecting about the language in the discursive movement, during the dialogue.

Hence, accordingly to Vieira (2011, 2015) we perceived that argumentation manifests when the individual is perceived as a “I”, different from the “other” and separated of it, what occurs still too early, even before the age of 2 years old. The results of previous and this research showed that children make use of the three argumentative movements (argument, counter-argument and response), as of its functions - epistemic, discursive and psychological -, mastering and using them with efficiency, what allows us to observe the course of the child’s language and argumentative development.

Keywords: Language Acquisition; Argumentation; Dialogic and Discursive Approach; Multimodality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Unidades de análise e funções da argumentação	40
Quadro 2	Extensão dos vídeos	63
Quadro 3	Categorias de Análise	68
Quadro 4	Símbolos e Abreviaturas do CLAN-CHAT	79
Quadro 5	Junções	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLAN	Computerized Language Analysis
CHAT	Codes for the Human Analysis of Trnascripts
CHILDES	Childes Language Data System

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1 Abordagem dialógico-discursiva em Aquisição da Linguagem	19
2.2 Argumentação na fala da criança	26
2.3 O suporte teórico-gramatical na análise dos dados aquisicionais.....	44
2.4 A multimodalidade	60
3 METODOLOGIA.....	63
4 ANÁLISE DE DADOS	72
5 RESULTADOS	108
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS.....	127

1 INTRODUÇÃO

Para desenvolver esta pesquisa lançamos mão de algumas perguntas que irão norteá-la, sendo elas: Como a criança argumenta? Quando e por que ela o faz? Qual a implicação da argumentação na aquisição da linguagem e vice-versa? Quais os elementos da língua, em seus aspectos semântico, discursivo e, principalmente sintático, que contribuem para caracterizar os enunciados da criança como sendo argumentativos? Quais os efeitos desse discurso de S. sobre seus interlocutores (e vice-versa)? Os enunciados argumentativos de S. são simples ou complexos? Quando complexos, qual a relação que estabelecem com enunciados anteriores?

A fim de responder a essas perguntas, partimos de um olhar dialógico-discursivo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; DEL RÉ et al., 2006, 2014a, 2014b, 2016), lançado então sobre a argumentação infantil, sua forma, uso e importância no processo de aquisição da linguagem, voltando-nos para a produção linguageira de uma menina (S., 2 anos e 1 mês a 3 anos e 8 meses), cujos dados serão analisados a partir da concepção de argumentação proposta por Leitão (1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015).

A perspectiva dialógico-discursiva (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016) aqui adotada pressupõe que a criança entra na linguagem através de gêneros e por meio dos movimentos discursivos que, por sua vez, estão presentes nos encadeamentos dialógicos que ocorrem entre o eu (aquele que fala) e o outro (interlocutor), mais especificamente, seus discursos, os quais, por sua vez, serão aqueles que entrarão em embate¹ na argumentação. Eis que essa perspectiva, adotada em meio a outras – igualmente pertinentes, mas que não dão o foco que queremos para estes dados –, permite compreensões acerca do fenômeno que ocorre durante o processo de aquisição da linguagem (DEL RÉ et al., 2014a, 2014b, 2016) e o posicionamento que a criança assume no discurso (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015).

A aquisição da linguagem pela criança surge da sua necessidade de comunicar-se com o outro (BRUNER, 2007; BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; DEL RÉ et al. 2016, 2014a, 2014b), através da relação dialógica entre ela e seu(s) interlocutor(es) e os discursos dos mesmos. É por meio dessa dialogia que a criança construirá o mundo a seu redor, reconhecendo e compreendendo-o, assim como irá adquirir e desenvolver-se na linguagem e

¹ Quando tratamos da argumentação, sob a perspectiva dialógico-discursiva, tratamos do embate, necessariamente, entre discursos e não entre sujeitos.

também na argumentação que, por sua vez, também contribui para o desenvolvimento da própria aquisição, devido, principalmente, a seu caráter reflexivo².

O dialogismo está baseado nas vozes que caracterizam o discurso dos sujeitos, de modo que a linguagem, na obra de Bakhtin (2013, 2016) e do Círculo³ (2017, 2016, 2013), será pensada como “enunciação”, nascida da e na interação e os sentidos serão produzidos a partir da comunicação entre os sujeitos. Nessa abordagem, o diálogo não se limita à interação entre interlocutores presentes, física ou virtualmente: ele vai além, constituído na relação existente entre os discursos dos sujeitos, discursos esses presentes no momento da interação ou sendo anteriores a ele, retomados pelos falantes – direta ou indiretamente – para compor os seus enunciados. Além disso, ao falarmos de diálogo não estamos nos referindo apenas à conversa entre duas pessoas, necessariamente, podendo tratar-se de menos ou mais sujeitos discursivos, assim como a presença de diversas vozes sociais e discursos anteriores (e/ou posteriores).

A argumentação surge na interação, especialmente em episódios de oposição e/ou negociação, no movimento de conhecimento do outro e de si, assim como dos (diferentes) pontos de vista defendidos por cada um deles, possibilitando embate no discurso. É por meio da argumentação que a criança, desde cedo, irá posicionar-se discursivamente, com relação a uma ação e/ou discurso do outro ou, ainda, a uma situação.

A argumentação⁴, que é um elemento discursivo (LEITÃO, 1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018) surge, sumariamente, das seguintes necessidades comunicativas: defesa de ponto(s) de vista, oposição e consideração de pontos de vista opostos e negociação dos mesmos. Esse fenômeno contribui para a aquisição – da qual faz parte - desde que permite – e requer - a reflexão do sujeito sobre seus conhecimentos e pontos de vista a fim de fazer prevalecer seu argumento no discurso, vencendo⁵ a negociação a seu favor. Tal aspecto reflexivo contribui, ainda, para o desenvolvimento do conhecimento de mundo e da linguagem, necessários para que a argumentação ocorra.

² Essa ideia será melhor explicada no item 3.2, ao falarmos da argumentação.

³ A questão da autoria das obras designadas a Mikhail Bakhtin, algo amplamente discutido entre os estudiosos de seus trabalhos não será por nós abordada. Tratamos, dessa forma, os textos de *Os gêneros do discurso*, de 2016 e *Questões de Estilística no Ensino de Língua*, de 2013, como de autoria de Bakhtin e *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, 2017, como Bakhtin e/ou Volochínov. A autoria assim está indicada, também, nos exemplares consultados pela pesquisadora.

⁴ A argumentação, assim como sua contribuição para a aquisição da linguagem, será abordada mais detalhadamente no item 3.2.

⁵ Ainda que usemos a palavra “vencer” é preciso esclarecer que não entendemos a argumentação, o embate entre discursos como um campeonato. Mas, desse embate o discurso de um dos sujeitos sairá “vencedor”, ou seja, prevalecerá sobre o outro. É possível, também, que nenhum dos discursos dos interlocutores prevaleça, seja aceito e/ou aderido, não havendo consenso entre eles.

É importante ressaltar que olhar para o discurso argumentativo, a partir da perspectiva aqui adotada (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018) nos permite entender que ele não surge, integralmente, apenas aos 10/11 anos, segundo relatam estudos piagetianos (PIAGET, INHELDER, 1993; PIAGET, 1996) de desenvolvimento formal do intelecto. Estudos recentes (VIEIRA, 2011; VASCONCELOS, 2017), que integram o viés dialógico-discursivo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2017; DEL RÉ et al, 2014a, 2014b, 2016), demonstram que a argumentação surge no indivíduo muito antes, sendo possível de ser reconhecida enquanto tal já aos 2 anos e meio (VIEIRA, 2011) – até mesmo antes, como mostraremos nesta pesquisa -, ainda que o falante não conte, em sua produção, com todos os elementos linguísticos (como verbos, adjuntos, advérbios, locuções, preposições etc.) conhecidos e dominados por um adulto, posto que ainda está em intenso período de aquisição.

Os elementos linguísticos empregados pela criança em seus enunciados argumentativos, dentre os quais selecionamos os adjuntos adnominais e adverbiais, advérbios e conjunções, que são maioria e fundamentais – dentre outros aspectos que fazem parte desse fenômeno - na construção dos enunciados de S. como argumentativos serão, por sua vez, analisados sob a luz das gramáticas⁶ do Português Brasileiro (CASTILHO, 2014) e Funcional (NEVES, 2011), a fim de que possamos detalhá-los nos enunciados elencados, analisando os elementos que compõem⁷ esses enunciados em seus aspectos, principalmente, sintático e semântico,⁸ além de observarmos qual sua contribuição para que tais produções sejam compreendidas e atuem, no discurso, como argumentação. A seleção desses elementos, dentre outros, justificam-se por contribuírem para a construção de enunciados argumentativos, sejam eles um argumento, contra-argumento ou resposta, movimentos discursivos⁹ que compõem a unidade de análise definida por Leitão (1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018) em seus estudos, que serão melhor abordados mais adiante, no item 1.2.

Esses aspectos, que aqui são estudados à luz das gramáticas do Português Brasileiro (CASTILHO, 2014) e da Gramática Funcional (NEVES, 2011) estão, segundo suas abordagens multissistêmica e funcional, respectivamente, em consonância com a abordagem dialógico-discursiva de linguagem que fundamenta nosso estudo e, conseqüentemente, com a aquisição (DEL RÉ et al. 2014a, 2014b, 2006) e argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2007a,

⁶ As Gramáticas em questão e seu uso nesse estudo serão melhor detalhadas no item 1.3, sobre o suporte teórico-gramatical.

⁷ Adjuntos adverbiais e adnominais, advérbios e conjunções, também constam no item 1.3.

⁸ Esses aspectos são abordados no item 1.3, quando trazemos o aporte teórico-gramatical.

⁹ No item 1.2, falamos mais detalhadamente sobre a teoria da argumentação elencada para essa pesquisa.

2007b, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015), devido à natureza de sua perspectiva sobre a linguagem. Além disso, é importante ressaltar que tais estudos gramaticais se justificam, nesta pesquisa, para nos auxiliar na análise da construção dessas questões pontuais (advérbios, adjuntos e conjunções) que compõem os enunciados de S. e contribuem para que sejam argumentativos, como o fazem as conjunções “mas”, “porque”, advérbios “não”, “nem” etc., sendo um aparato para a análise, mas não caracterizando essa pesquisa como fundamentalmente de análise de aspectos gramaticais.

A partir dessa descrição e análise dos dados realizados, baseando-nos nas teorias aqui elencadas, trazendo à tona os efeitos discursivos desses enunciados argumentativos, abordando as escolhas lexicais, sintáticas, discursivas e multimodais – elementos verbais e não-verbais - da criança, S., podemos compreender melhor a composição de seus enunciados argumentativos e a argumentação em si, assim como seu funcionamento na comunicação enquanto tal elemento discursivo (LEITÃO, 1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018). Dessa forma, também podemos observar a aquisição e desenvolvimento da criança pela linguagem.

Baseando-nos nas gramáticas, especificamente em Neves (2011)¹⁰, traremos, também, as modalizações da linguagem, entendidas como pressuposto para que falemos sobre a composição dos enunciados argumentativos de S., segundo a teoria dos enunciados simples e complexos, por nós tratados e analisados, a fim de melhor observarmos as relações entre os elementos linguísticos (principalmente advérbios, adjuntos e conjunções) e discursos anteriores – e/ou posteriores (LEITÃO, FERREIRA, 2006c) - nos enunciados de S., contribuindo para a construção da argumentação no contexto comunicativo. Esses enunciados, principalmente os chamados complexos, trazem, explicitamente a retomada e revisitação de enunciados, tópico e discursos anteriores - ou posteriores -, por meio do que Bakhtin chama de polêmica aberta, fundamental nas pesquisas de Leitão, comungando, mais profundamente a(s) gramática(s) e a abordagem dialógico-discursiva.

Desta forma, contribuindo com os estudos sobre argumentação da criança, nossa pesquisa pretende contribuir com os trabalhos do grupo GEALin-FCLAR/NALingua (CNPq), cujo objetivo é trazer um olhar bakhtiniano para os estudos em Aquisição da Linguagem. Além disso, ele se insere em um projeto mais amplo (Argumentação e explicação: modos de construção/ constituição do conhecimento), em colaboração com o grupo NUPArg, liderado

¹⁰ Isso será melhor explicado ao abordarmos a Gramática Funcional no item 1.3.

pela Profa. Dra. Selma Leitão (ANPEPP), trazendo novos dados de outro estudo de caso (S. 2;1 aos 3;8 anos) e aprimorando o olhar qualitativo e multimodal em sua análise.

A multimodalidade¹¹ (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018), composta por elementos verbais e não-verbais, os quais participam da construção e significação do enunciado, como entonação, gestos e olhares, será tratada nos enunciados verbais argumentativos de S., quando contribuem para sua significação, no discurso, como tais. Há possibilidade, também, de enunciados apenas não-verbais significarem, por si só, argumento, contra-argumento ou resposta e os inserimos em nossa análise, à medida em que surgem nos dados. Isso ocorre quando a criança, cruzando os braços, não diz palavra alguma, mas se recusa perante um pedido ou ordem, por exemplo.

Ao analisarmos os dados de produção de S., dos 2;1 aos 3;8 anos, sob olhar dialógico-discursivo e com base nos estudos de argumentação de Leitão (1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018) e Vieira (2011, 2015), é possível perceber e delinear o desenvolvimento da criança no âmbito da aquisição da linguagem (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b), no que se refere ao seu desenvolvimento no uso de sua língua materna e de suas propriedades estilística (BAKHTIN, 2013), semântica e sintática (CASTILHO, 2014; NEVES, 2011) como, também, na argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006a, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018), essencial para que o sujeito coloque-se perante o interlocutor – mais especificamente, seu discurso –, defendendo e opondo-se a pontos de vista, ações, ideias, a partir dos quais o falante reflete e (re)elabora seu discurso.

Dessa maneira, os processos discursivo e argumentativo, na interação, trazem à tona o desenvolvimento cognitivo e linguageiro do sujeito (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b; LEITÃO, 2006a, 2006b, 2007b, 2008; LEITÃO, VIEIRA, 2018), visível pelo seu progresso na construção de enunciados argumentativos, que são cada vez mais elaborados, contando com outros itens sintáticos além de apenas verbos como “querer” e “poder” e o advérbio “não”, como ocorre quando S. é ainda bem pequena e utiliza-se desses elementos que foram citados com muita frequência, repetindo-os. O uso desses elementos pode ser visto, por exemplo, quando a observadora, interlocutora da criança no momento da filmagem, parece que passaria creme na menina, que diz “Mas¹² eu **quero** [passar] sozinha.”¹³, negando a ação do outro, fazendo-o por meio, também, da conjunção adversativa “mas” e do adjetivo

¹¹ Trataremos da Multimodalidade no item 1.4, da Fundamentação Teórica.

¹² Aqui temos uma conjunção adversativa.

¹³ S. 2 anos; 9 meses; 12 dias.

“sozinha”, que reforça a ideia de que não queria a ajuda da observadora, que é também sua tia, para realizar a tarefa em questão.

Já o advérbio de negação é recorrente em toda a produção de S. ao longo do 1;7 ano do *corpus* analisado, desde quando ela tinha 2 anos e 1 mês – até mesmo antes, quando olhamos para produções anteriores - até os 3 anos e 8 meses.

S., aos 2;1 anos, diz simplesmente “**Não**”¹⁴, quando a mãe a questiona por que ela chorou quando dormira na casa de sua avó, argumentando que a menina não deveria fazê-lo. Em outros episódios, o advérbio também esteve acompanhado de outros elementos na frase¹⁵, como em “Agora **não** pode fazer ballet.”¹⁶, enunciado dito por S. quando opõe-se ao pedido de sua tia para que vestisse seu uniforme de ballet. Esses dados nos ajudam a refletir sobre o papel da argumentação no processo de aquisição da linguagem, da qual faz parte: trata-se de um fenômeno indispensável à linguagem do ser humano, por ser um meio de expressão dos sujeitos, necessário para a sua existência em comunidade (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017).

Feitas essas considerações iniciais, a seguir apresentaremos o trabalho dividido em seis (6) partes. Após trazermos a introdução, assim como justificativa e relevância dessa pesquisa, damos início a ela através do capítulo 1, sobre a Fundamentação Teórica, no qual abordaremos as teorias elencadas para a realização deste estudo, teorias essas que separamos, no capítulo 1, em quatro (4) tópicos, cada um deles referentes às abordagens mobilizadas, que são a abordagem dialógico-discursivo (1.1), criada por Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016) e que é fundamental para nossa compreensão da linguagem, assim como da própria aquisição da linguagem (DEL RÉ et al., 2006, 2014a, 2014b) e da argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006a, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018), cuja abordagem por nós elencada é tratada no tópico seguinte (1.2). Logo mais, em (1.3) trouxemos o aporte teórico-gramatical das Gramáticas Funcional (NEVES, 2011) e Multissistêmica (CASTILHO, 2014) que nos auxiliam em nosso estudo e na compreensão da estrutura dos enunciados argumentativos usados pela criança, S., a partir dos quais olhamos para algumas classes de palavras específicas, a fim de notar como elas contribuem para a construção desses enunciados, no contexto de sua produção, como discurso argumentativo (LEITÃO, 1999, 2001, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO,

¹⁴ S. 2 anos; 10 meses; 9 dias.

¹⁵ Devido à teoria que baseia nosso estudo, devemos esclarecer que usamos as palavras “frase” e “oração” como sinônimos, muitas vezes, para “enunciado”, mas as observamos no seu contexto de realização e não fora dele.

¹⁶ S. 2 anos; 9 meses; 12 dias.

FERREIRA, 2006a, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018) e retomada – ou não – de tópicos e discursos anteriores (NEVES, 2011). Por último, nesse capítulo, trouxemos a (1.4) Multimodalidade (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018), outra teoria por nós estudada que trata dos enunciados multimodais, verbais e não-verbais, produzidos, nesse caso, pela criança, enunciados esses compostos por palavras e gestos, sinais emblemáticos, sons e interjeições, ações etc. e que fazem parte da comunicação.

Após a Fundamentação Teórica, temos o capítulo (2), Metodologia, onde discorremos sobre as etapas e métodos usados para o desenvolvimento desta pesquisa, seguindo-se o capítulo (3), Análise de Dados, no qual abordamos uma cena argumentativa de cada um dos dez vídeos que compõem nosso *corpus*, cenas essas escolhidas em meio às outras – que, por sua vez, estão transcritas e analisadas em Anexos – a partir de alguns critérios por nós elencados, a fim de que, por meio delas e da observação de mudanças linguísticas e discursivas entre tais cenas, pudéssemos tratar do desenvolvimento linguístico do sujeito, S. Esses critérios foram, fundamentalmente, os diferentes contextos de produção dos enunciados argumentativos e as diferentes formas de manifestação da argumentação, como a auto-argumentação, presente quando a criança brincava sozinha, assim como observamos possível antecipação de oposição (LEITÃO, FERREIRA, 2006c), além da unidade de análise, composta por argumento, contra-argumento e resposta e elementos de língua (adjuntos adnominais e adverbiais, advérbios e conjunções) que contribuíram para a significação dos enunciados, no discurso, como argumentativos, elementos esses através dos quais o sujeito muitas vezes retomou e/ou revisitou enunciados, tópicos e discurso anteriores a ele explicitamente.

Após a Análise, abordamos no capítulo (4) os resultados alcançados neste estudo, assim como respondemos às questões que lançamos no início desta pesquisa, em sua Introdução e que serão retomadas no último capítulo, onde, também, uma conclusão sobre a pesquisa e resultados aos quais chegamos será feita.

A (4) segue-se a Bibliografia utilizada para a realização desse trabalho e Anexos, composto pelos outros enunciados argumentativos dos dez vídeos de nosso *corpus*, aqueles encontrados e estudados além dos dados mostrados no capítulo 3 e que acreditamos de suma importância evidenciar nessa pesquisa, desde que se trata de um estudo qualitativo e que pretende demonstrar, ao final – assim como em possíveis estudos futuros – o desenvolvimento do sujeito S. na linguagem e argumentação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Abordagem dialógico-discursiva em Aquisição da Linguagem

Para a base desse estudo utilizamos as teorias do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2013, 2016; BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) – aqui escolhidas em meio a diversas outras teorias que amparam os estudos em Aquisição da Linguagem (DEL RÉ et al, 2006, 2014a, 2014b), visto a natureza dos nossos objetivos e por dialogarem com a proposta teórica de Leitão (LEITÃO, 1999, 2001, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006a, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018), possibilitando-nos responder a nossas perguntas de pesquisa. Essas abordagens tratam a linguagem como fenômeno de natureza social, nascida da e na interação criança-adulto(s), não sendo, portanto, um fenômeno que envolve um único indivíduo, ainda que o processamento da língua ocorra em seu intelecto, mas é mediado pelo social, que é externo a ele. Logo, o falante, inserido em uma comunidade, em um meio social, sofre influência do mesmo, ainda que sustente sua individualidade (DEL RÉ, HILÁRIO, VIEIRA, 2012) que, como a própria palavra já sugere, é única para cada sujeito e estará expressa no discurso – como no discurso argumentativo – e sobre isso, entendemos que através do que Bakhtin chama de estilo (BAKHTIN, 2013), envolve as escolhas lexicais do falante na – e a própria - organização de seus enunciados (BAKHTIN, 2016), assim como entonação, gestos, olhares etc. (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018) que deles fazem parte na comunicação.

Sobre a abordagem dialógico-discursiva vale dizer que ela tem base nos trabalhos de Bakhtin e do Círculo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) que inauguraram a Linguística moderna ao desenvolverem estudos no âmbito da linguagem, indo além das ideias e pressupostos estruturais e abstracionais¹⁷ de Saussure (2012) sobre a língua, trazendo uma nova abordagem para pensá-la. Analisavam-na dialogicamente, ou seja: em sua realização, no uso, durante a interação social, mediada pelo diálogo. Essa análise e os resultados que decorreram dela os levou a negar que a língua seja um processo autônomo e completamente abstrato; pelo contrário, trata-se de algo concreto e dependente da interação e dialogia para que possa, como linguagem, se concretizar em um contexto social de comunicação. São esses os aspectos inovadores dos estudos realizados pelo Círculo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV,

¹⁷ (CASTILHO, 2014) São abstrações os elementos linguísticos, ou orações, por exemplo, analisadas fora do contexto da linguagem, como ocorre nos estudos de Saussure (2012), que abordou o sistema da língua não levando em conta, em um primeiro momento, seu uso, ainda que tenha previsto fazê-lo em estudos posteriores.

2017; FARACO, 2017; BRAIT, 2009; MACEDO, 2009), ressaltando que ao tratar de dialogia, Bakhtin e os estudiosos que se uniam a ele, compartilhando de suas perspectivas, a definem como a relação entre sujeitos, enunciados e discursos passados, presentes e mesmo futuros produzidos na e pela comunicação, estando, esses enunciados, prenes da individualidade dos sujeitos (BAKHTIN, 2013; DEL RÉ, HILÁRIO, VIEIRA, 2012), assim como de fatores ideológicos, sociais, econômicos e culturais, pertencentes e característicos de uma comunidade de fala.

As teorias e estudos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo não se reduzem a essa mudança de olhar acima tratada, já que também se aprofundaram muito mais nos aspectos interacionais, dialógicos e de gêneros, que são indispensáveis à existência e uso da linguagem, como é possível ver nas obras *Os gêneros do Discurso* (tradução de Paulo Bezerra, publicado em 2016 pela Editora 34, São Paulo) e *Questões de Estilística no ensino da língua* (tradução de Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova, pela Editora 34, 2013).¹⁸

Em suma, dependente da interação social e da comunicação, a linguagem existe em função do falante, para atender suas necessidades comunicativas (e não o contrário), constituindo-se uma relação dialógica e igualitária entre locutor e interlocutor, em um dado tempo (época) e meio social. O locutor (sujeito falante) modulará sua fala de acordo com seu interlocutor, com a situação e com a sociedade, momento histórico e cultural em que está inserido (BAKHTIN, 2016; BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), selecionando palavras e expressões (BAKHTIN, 2013) para que possa formular uma mensagem compreensível àquele a quem se dirige, estabelecendo assim a comunicação. Para tanto, ele se utilizará de elementos linguísticos, além de ideológicos, normalmente revisitando e reutilizando discursos anteriores aos seus. É sob esse olhar dialógico-discursivo bakhtiniano que o grupo GEALIN, coordenado pela Profa. Dra. Alessandra Del Ré e alguns membros do grupo NALíngua (DEL RÉ et al., 2006) desenvolveram e desenvolvem pesquisas na área da linguagem e da aquisição (DEL RÉ et al., 2014a, 2014b), e com as quais a presente pesquisa colabora.

Sob essa abordagem bakhtiniana, voltamo-nos também para a revisitação, tratada por Bakhtin/Volóchinov (2017) como um fenômeno dialógico e social da língua, sendo algo muito recorrente, por exemplo, na fala de crianças que, tendo o adulto, que faz parte de seu convívio, como modelo, reproduzirão (por completo, ou em partes) o discurso dele, utilizando-o para construir o seu próprio. Na gramática (NEVES, 2011), como veremos mais

¹⁸ Trazemos *Os gêneros do discurso* no tópico 1.1 e *Questões de Estilística* em 1.3, junto com as propostas gramaticais.

adiante, essa revisitação e retomada do discurso anterior – ou posterior (LEITÃO, FERREIRA, 2006c) -, assim como de tópico (assunto) discursivo costumam caracterizar os enunciados que fazem tal movimento como complexos¹⁹, que estabelecem relação semântica através de elementos como advérbios, adjuntos e conjunções com os enunciados e/ou tópico anteriores.

Vale lembrar que a linguagem, verbal e não-verbal (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018), é adquirida e aprendida na interação entre adultos e crianças e, portanto, enunciados e discursos serão por elas retomados nas situações de comunicação, como foram usados pelo adulto ou em contextos e com significados diferentes, como ocorre na revisitação (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), que muito bem ilustra o caráter dialógico-discursivo da linguagem.

Pode-se ver o discurso do outro na fala de S. (2 anos; 9 meses; 12 dias), por exemplo, em uma das situações registradas em vídeo quando, ao dar uma “aula” de ballet para sua mãe e para a observadora, ela pede silêncio, como o faz, provavelmente, sua professora de dança. Em seguida, a criança apresenta uma punição para o descumprimento da ordem de silêncio, que é ficar sem a aula, punição essa expressa no enunciado “é se fala(r) eu num vo(u) faze(r) uma dança e faze(r) uma janelinha”:

(CHI: child/criança; MOT: mother/mãe; GMO: grandmother/avó; OBS: observer/observadora; %act: action/ação)²⁰

“[...]

CHI: **para!**

CHI: **(es)pera para um po(u)quinho!**

%act: **CHI faz o gesto de parar com a mão.**

CHI: **é se fala(r) eu num vo(u) faze(r) uma dança e faze(r) uma janelinha²¹.**

OBS: [ri].

MOT: [ri].

MOT: mas tem que...

CHI: abre a janelinha...

MOT: ô Sô!

¹⁹ Trataremos dos enunciados simples e complexos no tópico 1.3, ao abordarmos o aporte teórico-gramatical.

²⁰ No início de Anexos, se encontra um quadro onde trazemos todos os sinais e abreviações da transcrição, cujos significados são explicitados.

²¹ “Fazer/abrir a janelinha” é a maneira como a professora de S. lhe ensinou a fazer o pliê, um passo no ballet que consiste em, com os pés unidos pelos calcanhares flexionar os joelhos para fora e esticá-los novamente, voltando na posição inicial.

CHI: [pede silêncio...²²]

[...]"

A princípio, o gesto (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018) indicando para que as interlocutoras parassem, o pedido de silêncio e a punição não parecem ser exclusivos da professora de ballet, como dissemos, posto que os pais e as próprias crianças também o fazem, como pedir silêncio para chamar a atenção para elas. Contudo, supomos a partir do todo da situação em que esses enunciados aparecem no vídeo, que se trata de uma revisitação (BAKHTIN/VOLÓCHINO, 2017) de enunciados da professora, posto que, anteriormente, a criança e suas interlocutoras (observadora, mãe a avó) já falavam do uniforme de ballet e da aula que a menina fizera, na tarde em que o vídeo foi gravado, assim como o conteúdo dado pela professora de dança e como ela o ensinara.

É muito provável que tais enunciados multimodais (verbais, além dos não verbais, como gesto para parar e fazer silêncio) (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018) foram usados também pela mãe de S., algum de seus familiares e, talvez, por suas professoras em ambiente escolar e assim, a partir da situação comunicacional e interação, ela aprendeu tal discurso (BAKHTIN, 2016) e seus elementos constituintes, sendo capaz de reproduzi-los com sentido semelhante (fazer silêncio, prestar a atenção) em situações em que o formato “aula” é semelhante, embora o tempo, o espaço e os interlocutores sejam diferentes (BRUNER, 2007; BAKHTIN, 2016).

Essas revisitação e reapropriação ocorrem também quando S. dá uma ordem às suas “alunas” dispersas: “Fica no lugar!” e, em seguida, “Fica no seu lugar aqui!”.

S. também revisita, muitas vezes, enunciados da observadora, usando-os para construir os seus próprios e defender seu posicionamento, como quando a sua avó (GMO) se nega a fazer a aula de ballet e S. é auxiliada pela observadora (OBS):

“[...]

GMO:²³ a vovó não vai faze(r) nada disso (es)tá bom?!

OBS: [ri].

CHI: xxx²⁴ [?] faze(r) um pouquinho...

OBS: **é uma aula**, fala: vovó é <uma aula.> [> falam ao mesmo tempo]

²² Neste momento S. pede silêncio. Ela já havia afirmado que, caso suas interlocutoras continuassem a conversar, ela não continuaria com a aula de dança, como podemos observar no enunciado “é se fala(r) eu num vo(u) faze® uma dança e faze(r) uma janelinha.”.

²³ Código de transcrição usado para a avó.

²⁴ Os enunciados e/ou palavras transcritas por “xxx [?]” não foram compreendidas pelo transcritor, nem por nós, sendo ininteligíveis no vídeo.

CHI: <mas é uma> [< falam ao mesmo tempo] **aula** porque você faz um pouquinho a mamãe ensino(u) pra mim.

[...]”

Esses exemplos e suas – aqui breves - análises²⁵, à luz da abordagem dialógico-discursiva corroboram com as afirmações de Bakhtin e do Círculo (BAKHTIN, 2013, 2016; BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) sobre a não abstração e arbitrariedade da língua e a escolha dos elementos linguísticos, mas sua concretude no uso, na comunicação, adquirindo sentido enquanto nela. Vê-se portanto o papel imprescindível e indispensável da interação social para que haja a comunicação e, conseqüentemente, a aquisição (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b), o uso e desenvolvimento da linguagem.

Essa perspectiva (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) sobre a linguagem a toma como um objeto social, de comunicação, constituída pela estrutura da língua, usada por falantes na comunicação em uma dada situação, inserida em um ambiente, espaço e época e ela nos é dada ao mesmo tempo em que adquirimos os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016), através dos quais a linguagem chegará ao sujeito, como afirma M. Bakhtin:

Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma forma que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam.

[...] Assimilamos as formas da língua somente nas formas dos enunciados e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência juntas e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender construir enunciados [...]. Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). (BAKHTIN, 2016, p. 38-39).

O autor de *Gêneros do Discurso* ainda diz que:

[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. O enunciado é um núcleo problemático de importância excepcional. (BAKHTIN, 2013, p. 16-17).

Sendo assim, ao estudarmos o discurso sob o viés bakhtiniano, nos é impossível abordá-lo sem falar sobre os gêneros do discurso. Segundo Bakhtin (2016, p.106), os gêneros são “modelos topológicos de construção da totalidade discursiva”, essencialmente diferentes dos

²⁵ Nesse momento, breves, mas completas no item 3, da Análise de Dados.

modelos linguísticos aos quais chamam-se *orações*. São enunciados concretos, que vão além da sintaxe – que, por sua vez, tem foco nas orações e em sua análise – e estão inseridos na comunicação, refletindo as condições específicas e as finalidades de cada campo do conhecimento dos quais fazem parte, não se tratando apenas de seu conteúdo temático e estilístico (BAKHTIN, 2013). Nesse sentido, interessa sua estrutura composicional, dentro da comunicação e por ela definida e não dela apartada, de modo que é no contexto de sua realização que ela precisa ser observada, a fim de que não se percam seus sentidos, construídos no e a partir do mesmo.

Esses enunciados, todos eles, proferidos pelos sujeitos da – e na - comunicação, são particulares e individuais. Já o campo de utilização dos gêneros, assim como o(s) assunto(s) que deles faz parte, é comum a todos os falantes, ainda que os enunciados produzidos não o sejam.

Cada um dos campos de utilização da língua é, por sua vez, responsável por elaborar **tipos relativamente estáveis** de enunciados, aos quais chamamos de **gêneros do discurso** (BAKHTIN, 2016, p. 12), enunciados atrelados à sua forma composicional (escolha lexical, prosódica etc.), tema (assunto) e estilo (BAKHTIN, 2013), refletindo, portanto, a individualidade dos falantes, mas sendo comuns na língua para todos eles, por isso relativamente estáveis e recorrentes.

Esses enunciados, dentro da situação de comunicação, possuem duas peculiaridades, uma delas é que se tornam unidades discursivas, distintos das unidades da língua (como a oração) que, ainda que dela façam parte, são (as unidades) abstratas e tomadas fora do contexto de realização. Essa transformação se dá quando o enunciado é inserido na interação entre sujeitos, tornando-se, então, discurso. Logo, a alternância de sujeitos é o limite para tais produções, delimitando-as. A outra peculiaridade é sua conclusibilidade, ligada à alternância de sujeitos e discursos na situação comunicativa. A esse segundo aspecto se atribui a possibilidade de resposta (posição responsiva) aos enunciados, havendo dessa forma manutenção da comunicação, que pode continuar através da atitude responsiva dos sujeitos. Sobre isso o autor diz:

Alguma conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado. Para isso não basta que o enunciado seja compreendido no sentido *linguístico*. Uma oração absolutamente compreensível e acabada, se é oração e não enunciado constituído por uma oração, não pode suscitar atitude responsiva:¹⁴ isso é compreensível mas ainda não é *tudo*. Esse *tudo* – indício de *inteireza* do enunciado – não se presta a uma definição nem gramatical nem abstrato semântica. (BAKHTIN, 2016, p. 35-36).

A posição responsiva contribui para que o discurso entre os falantes possa ter continuidade, não concluindo-se com apenas um enunciado, produzido por um sujeito mas, pelo contrário, de enunciados que a ele responderão, criando-se, dessa forma, a relação dialético-dialógica entre eles. Ainda assim,

O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que, ademais, tem relação com o valor (com a verdade, com a bondade, com a beleza, etc.). (BAKHTIN, 2016, p. 95)

Sendo assim, os enunciados anteriores, mesmo que retomados pelos sujeitos (sejam eles os autores, originalmente, desses discursos, ou não) com a mesma composição anterior, passam a pertencer, também, aos sujeitos, que os retomam em situações semelhantes (ou não), nas quais foram primeiro proferidos. Esse é o caso da revisitação, descrita e exemplificada anteriormente. Com isso, baseando-nos na abordagem dialógico-discursiva, podemos concluir que os enunciados são individuais ao mesmo tempo em que são sociais, de todos da comunidade de fala, assim como o inverso também é válido (BAKHTIN, 2016, p. 101).

O autor ainda divide os gêneros do discurso em dois: primários e secundários. Os gêneros primários são também chamados de simples, utilizados na comunicação cotidiana, formados nas condições de comunicação imediata, como ocorre com a argumentação aqui por nós tratada. São esses gêneros primários, nascidos na relação dialógico-discursiva, que interessam ao nosso estudo, assim como à Aquisição da Linguagem (DEL RÉ et al., 2006, 2014a, 2014b).

Já os gêneros secundários, ditos complexos, são formados a partir dos gêneros primários e neles a argumentação também está presente. Trata-se de produções geralmente escritas, com linguagem estilisticamente mais elaborada, como o romance, teatro – literatura, em geral –, textos científicos etc., dos quais não trataremos nesta pesquisa.

Ainda sobre os gêneros, é importante que se diga que, apesar dessa divisão, há uma ligação muito estreita entre os dois, o que, por vezes torna difícil sua separação. Por essa razão, em geral, os estudos recentes na área do discurso têm optado por não fazer tal distinção e, assim como eles, assumiremos tal posição.

Apresentada a perspectiva bakhtiniana de linguagem (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016), podemos concluir que esta nasce não somente de seu convívio com e entre indivíduos de uma comunidade, mas também da reflexão sobre ela mesma, algo característico na e da argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010;

LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018), assim como no desenvolvimento de consciência²⁶ do indivíduo para as relações sociais que são estabelecidas com seu uso (BRUNER, 2007).

Portanto, desde que os sujeitos interagem, por meio da linguagem, sempre para um determinado fim, seja ele expressar algum sentimento, ideia ou debater mais profundamente sobre algum assunto, vemos que a produção de enunciados não é esporádica ou irregular, mas segue, além do contexto, um determinado propósito que, no caso da argumentação, é o de defender um ponto de vista, posicionar-se com relação ao discurso do outro, ou mesmo ao de suas ações, havendo dessa forma embate entre os enunciados dos sujeitos, cujo objetivo último é o convencimento do outro. Para tanto, o indivíduo utiliza-se de elementos argumentativos para construir e defender seu posicionamento no discurso.

A seguir, traremos mais detalhes a respeito desse olhar sobre a argumentação que adotaremos neste trabalho.

2.2 Argumentação na fala da criança

Para analisar os enunciados argumentativos de S. (2;1 aos 3;8 anos) valemo-nos da abordagem desenvolvida por Selma Leitão (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018), e que também serviu de base para os trabalhos de Vieira (2011, 2015), Grecco (2012, 2017), Falasca (2017) e Vasconcelos (2017), membros do grupo NALíngua (CNpq), entre outros.

Mas antes de tratarmos de tal abordagem (LEITÃO, 1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018), que norteia esse trabalho, acreditamos ser importante trazer um breve panorama sobre os estudos da argumentação, desenvolvidos desde a época Clássica, com os gregos e romanos até a atualidade. Para fazer esse panorama pautamo-nos essencialmente em Plantin (2008), além de termos como suporte algumas obras de retórica, como o *Tratado de Argumentação* (2005), de Perelman e Olbrechts-Tyteca e *A Arte de Argumentar* (2009), de A. S. de Abreu.

A argumentação, cujo estudo mais proeminente originou-se na Grécia, no Período Clássico, com as obras de Aristóteles, em especial sua *Retórica* (384-322 a.C.)²⁷, era tida

²⁶ Observamos que há um processo cognitivo de reflexão do sujeito na argumentação, assim como na aquisição da linguagem, contudo não adentraremos o campo das questões cognitivas.

²⁷ Época em que viveu o autor.

como uma arte, vinculada a três disciplinas que, por sua vez, fazem parte de sua composição, sendo elas a (i) lógica, também definida como a “arte de pensar corretamente”, a (ii) retórica, que é o “falar bem” e a (iii) dialética²⁸, o “bem dialogar”.

A perspectiva da retórica aristotélica permeou as pesquisas sobre argumentação até o final do século XIX, imperando nos estudos fundamentados na lógica, cujos resquícios permaneceram até, principalmente, meados do século XXI, quando uma nova perspectiva sobre a argumentação surgiu, liderada por F. van Eemeren e R. Grootendorst (1992, 1996), cujas pesquisas são fundamentais para as propostas de Selma Leitão (1999, 2003, 2007a, 2007b) sobre esse fenômeno discursivo.

A perspectiva lógica da argumentação que, então, adentrou os domínios da linguística com Ducrot e Anscombre, em 1970, passou a figurar pesquisas na área, especialmente nos campos do estruturalismo e cognitivismo. Ainda que na área de linguística, estudiosos, como Grize, tenham afirmado a existência desse elemento linguístico, a argumentação, no sistema das línguas como um “método de regulação racional das diferenças de interesses”, não a viam como um fenômeno presente na língua em circulação, ou seja, não a viam na comunicação, mesmo que a argumentação fosse entendida como um aparato da linguagem.

Sob um viés extremamente estrutural e lógico, os estudos sobre argumentação já sofriam – e sofreram – grandes mudanças na década de 70, especialmente quando voltamos para seus estudos inaugurais, do século IV antes de Cristo e que tiveram poucas transformações fundamentais ao longo de séculos, até o XIX.

Contudo, a então chamada retórica, ao adentrar o campo da linguagem – ou o contrário – sofreu mudanças mais drásticas, sobretudo quando a argumentação então deixou de ser pura e simplesmente um modelo de discurso racional, como era, por exemplo, na obra de Toulmin (*The Uses of Argument*, primeira publicação em 1958) e técnicas e esquemas de argumentação, como em Perelman e Olbrechts-Tyteca (*Tratado de Argumentação – A Nova Retórica*, primeira publicação em 1966). É claro que essas obras não se resumem aos aspectos por nós citados, mas eles são o centro dos estudos dos três autores e caracterizam suas pesquisas e teorias da argumentação.

Sobre a obra de Perelman e Olbrechts-Tyteca, Plantin diz:

A menção a *técnicas discursivas* faz explicitamente da argumentação um ramo da análise do discurso, mas, na prática, o *Tratado da argumentação* preocupa-se pouco com a linguagem e, às vezes, assimila a perspectiva argumentativa à perspectiva

²⁸ Essa dialética nada tem a ver com aquela da dialético-dialógica dos estudos bakhtinianos, de aquisição e argumentação que fundamentam esta pesquisa.

psicológica (TA, 649); na busca da *adesão dos espíritos*, a mediação linguística tende a desaparecer. (PANTIN, 2008, p.46)

Com esta citação do autor e considerando o papel central que a linguagem tem para este trabalho, a partir de um viés bakhtiniano, justificamos a adoção dos trabalhos de Leitão (1999, 2001, 2003, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018) não somente pelo seu desenvolvimento teórico sobre esse fenômeno discursivo mas, também, e principalmente, pelo fato de eles se atentarem para a produção argumentativa na e pela linguagem, atendendo à perspectiva dialógico-discursiva (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016) em Aquisição da Linguagem (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b) por nós adotada.

Ainda sobre o brevíssimo panorama que fizemos anteriormente, Plantin o resume da seguinte maneira:

[...] a argumentação foi inicialmente pensada como componente dos sistemas lógico, retórico e dialético, conjunto disciplinar cuja desconstrução foi completada no final do século XIX. A construção de um pensamento autônomo da argumentação nos anos 1950 foi, sem sombra de dúvida, profundamente estimulada pela vontade de encontrar uma noção de “discurso sensato”, por oposição aos discursos fanáticos dos totalitarismos. As visões generalizadas de argumentação que emergirão nos anos 1970 tomarão perspectivas bem diferentes. (PLANTIN, 2008, p.8)

Das perspectivas e estudos da argumentação descritos e revisitados pelo autor (PLANTIN, 2008) interessam-nos especialmente aqueles que passaram a estudá-la, com foco na linguagem, como as teorias desenvolvidas desde F. van Eemeren e R. Grootendorst (1992, 1996), influenciados pelas pesquisas em linguagem, com tendência dialogal, de modo que observam a língua – e, conseqüentemente, a argumentação - dentro do contexto, na conversação e diálogo natural.

Os dois autores criaram, então, a chamada Pragma-dialética, que trabalha com a argumentação a partir do conceito dialogal, conversacional, de sua produção na comunicação. A partir disso, eles propuseram regras gerais que produzem um discurso racional entre os sujeitos, levando a uma conclusão sólida. Isso leva a um modelo ideal que auxilia na observação e análise dos enunciados argumentativos que dele se aproximam, assim como aqueles que não o fazem e que são chamados de falácias (PLANTIN, 2008, p.24), muito estudadas pela crítica do discurso e que não serão tratados por nós.

Sobre a pesquisa dos autores acima, Plantin diz que:

Segundo o modelo dialogal, a situação argumentativa típica é definida pelo desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma mesma pergunta. Em tal situação, tem valor argumentativo todos os elementos em torno dessa pergunta. Em particular, as justificativas podem se fazer acompanhar

de uma série de ações concretas, co-orientadas pelas falas e visando tornar sensíveis as oposições defendidas. (PLANTIN, 2008, p.64-65)

Com esses pressupostos e modelo dialogal anterior concorda a perspectiva de Leitão (1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018) sobre a argumentação, principalmente, ao pensá-la originando-se a partir do posicionamento do sujeito no discurso e do confronto de pontos de vista contrários, presentes na situação comunicativa que caracteriza esse elemento discursivo que, segundo a autora, envolve não somente o posicionamento, a oposição e suas justificativas mas, também, a negociação que delas pode originar-se. Segundo tal perspectiva (LEITÃO, (1999, 2001, 2003, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018), pautada em Bakhtin e no Círsulo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), a argumentação é dialógica porque sempre está relacionada com outros discursos – anteriores e posteriores - e dialética pelo fato dos sujeitos a constituírem e serem constituídos por ela, processo este ininterrupto desde a infância, através do qual o indivíduo se torna único, singular. Sob essas perspectivas desenvolvem-se os estudos em Argumentação por nós elencados para esta pesquisa, os quais se atentam para a construção da argumentação e seus movimentos discursivos²⁹, que são o argumento, contra-argumento e resposta, no e pelo discurso. A existência dos movimentos anteriores implica em três funções: epistêmica, psicológica e discursiva, construtos teóricos, indissociáveis dos movimentos e sua elaboração (LEITÃO, 2007a, 2007b) parte da articulação de argumentação e cognição³⁰, sendo que aquela e a linguagem possuem relação intrínseca.

Leitão (1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018; VEIRA, 2015) também desenvolve sua perspectiva a partir da argumentação que está baseada na oposição no discurso e que está explícita na comunicação, havendo clara dissonância entre a palavra do outro e a palavra do eu, do sujeito que enuncia.

A esse tipo de oposição explícita se dá o nome de polêmica aberta, termo cunhado por Bakhtin em seu livro *Problemas da Poética de Dostoiévski*, no qual o autor também apresenta outra concepção, sobre a polêmica velada, que trata do discurso alheio, do outro, que não está explícito no escopo do discurso do falante, estando fora dos limites do mesmo mas, ainda assim o influenciando. Por oposição, na polêmica aberta os fatores – contornos - linguísticos do(s) discurso(s) que podem ser refutados pelo indivíduo são claramente retomados (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), estando evidentes na fala do sujeito através de, por

²⁹ Falaremos sobre a forma da argumentação e os movimentos discursivos que dela fazem parte mais adiante, trazendo também uma tabela para melhor dispô-los.

³⁰ Lembrando que não adentramos as questões cognitivas nesta pesquisa em questão.

exemplo, discurso citado indireto, nomeação daquele que falou aquilo que foi retomado ou ainda pelo uso de advérbios de negação e conjunções adversativas (VIEIRA, 2015, p.91) etc., os dois últimos elementos de língua que observamos nos dados de S., segundo as teorias que baseiam essa dissertação, assim como segundo a polêmica aberta e proposições das gramáticas³¹ multissistêmica (CASTILHO, 2014) e, principalmente, funcional (NEVES, 2011).

Leitão aborda, fundamentalmente, a polêmica aberta em suas pesquisas e essa escolha

[...] justifica-se, desse modo, pelo fato de podermos verificar durante o surgimento desse tipo de argumentação uma revisão de um ponto de vista inicial do interlocutor ou o uso de estratégias argumentativas para convencer o outro de seu intuito ou ideia. Esse fenômeno pode ser verificado desde a infância, nos momentos em que a criança pede, solicita ou nega alguma coisa, ou, ainda, quando ela se opõe ao que o outro afirma etc. (VIEIRA, 2015, p.92)

A partir dessa perspectiva dialógico-discursiva (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), podemos dizer que Selma Leitão entende e aborda a argumentação como sendo:

[...] uma **atividade de natureza discursiva e social** que se realiza pela **defesa de pontos de vista** e a **consideração de objeções e perspectivas alternativas**, com o **objetivo último de aumentar – ou reduzir – a aceitabilidade dos pontos de vista em questão** (Van Eemeren et al., 1996). Tomadas em conjunto, a **defesa de pontos de vista e a consideração de idéias [sic.] alternativas criam**, no discurso, um **processo de negociação** que possibilita o **manejo de divergências entre concepções a respeito de fenômenos do mundo (físico ou social)**. Este **processo de negociação** de diferentes perspectivas **confere à argumentação um potencial epistêmico que a institui como recurso privilegiado de constituição do conhecimento e – argumenta-se no presente artigo – de desenvolvimento do pensamento reflexivo**. (LEITÃO, 2008, p. 454, grifos nossos).

Argumenta-se quando há a necessidade de defender um ponto de vista perante e para o outro sujeito da comunicação, o interlocutor, com relação, principalmente, a seu discurso³², demonstrando-se uma opinião, geralmente diversa da do outro. Para que isso ocorra e quando ocorre, o falante precisará – e irá - refletir sobre seu próprio discurso e linguagem, a fim de produzir um enunciado que atenda a seus objetivos na situação comunicacional em que está inserido. Isso ocorre não somente pelo contexto em que esse enunciado argumentativo é produzido (contestação, aceitação, adesão, posicionamento perante uma opinião etc.) mas, também é proporcionado por sua própria unidade de análise, formada por três movimentos discursivos (LEITÃO, 2001, 2003), o argumento, contra-argumento e resposta, cada um deles

³¹ Sobre essa abordagem a exploramos mais detalhadamente no tópico 1.3 deste capítulo.

³² Trata-se de oposição entre discursos, embate entre eles e não entre sujeitos.

cumpridores das funções³³ epistêmica, discursiva e psicológica que atuam transversal e simultaneamente. Sobre essa unidade a autora diz:

O entendimento da argumentação como relação dialógica marcada pelo desacordo traz consequências diretas para a escolha de uma unidade de análise que possibilite e oriente sua investigação no plano empírico. A ideia de *unidade de análise* recupera aqui a proposta vigotskiana, segundo a qual a unidade adequada à análise de um fenômeno seria o menor elemento analisável desse fenômeno que guarde ainda todas as suas propriedades constitutivas (VYGOTSKY, 2008). Em Leitão (2000), a autora propõe uma unidade de análise para a argumentação formada por três movimentos discursivos, dialogicamente constituídos: a defesa de um ponto de vista (argumento), a consideração de oposição relativa a esse ponto de vista (descrito, genericamente, como contra-argumento) e uma resposta à oposição percebida. (LEITÃO, VIEIRA, 2017, p.97).

Tal unidade mostra-se essencial para o desenvolvimento das pesquisas em argumentação, em principal, aquelas que o fazem sob a luz da teoria de Leitão (1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018), como a que aqui realizamos. Essa unidade, tão fundamental a nosso estudo, é descrita como:

[...] uma espécie de diálogo entre um proponente e um oponente que divergem em relação a uma dada afirmação, ou ação, e consideram e respondem, mutuamente, à divergência percebida. Enquanto o proponente enuncia e justifica seu ponto de vista [argumento], o oponente contrapõe-se a esse ponto de vista reagindo diretamente ao argumento do proponente e/ou oferecendo ponto de vista alternativo [contra-argumento] – ao qual o proponente, por sua vez, responderá. Por envolver sustentação de pontos de vista e apreciação responsiva do ponto de vista do outro, a argumentação é vista como uma organização discursiva constitutiva do próprio pensamento (BILLIG, 1987; GRÁCIO, 2010; LEITÃO, 2007). (LEITÃO, VIEIRA, 2017, p.97-98).

Essa perspectiva vai ao encontro da proposta dialógico-discursiva de Bakhtin e do Círculo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016; BRAIT, 2009), nela se pautando para seu desenvolvimento, partindo da relação entre sujeitos, na e pela linguagem, sendo que a argumentação, como dissemos anteriormente, nasce da relação de oposição entre enunciados divergentes na interação, em relação dialógica, ocorrendo nesta, mediada pela linguagem, inserida em um contexto, época, momento histórico, situação comunicacional etc. (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), corroborando, também com a abordagem sobre a

³³ Ressaltando que essas funções são construtos teóricos nos estudos de Selma Leitão, propostos a partir da articulação entre argumentação e linguagem, a fim de que fosse possível observar e constatar o que ocorria na cognição do indivíduo quando argumentava, em questões de processo de aprendizagem. Sendo assim, as funções são abordadas por nós como fundamentais e constitutivas dos movimentos discursivos, mas não são instrumentos de análise – como são o argumento, contra-argumento e resposta – segundo a abordagem de Selma Leitão, e assim não serão por nós tomados e utilizados.

Aquisição da Linguagem seguida por nós (DEL RÉ et al. 2014a, 2014b, 2016a). Essa ideia é reforçada quando se diz que:

[...] as perspectivas dialógicas afirmam a dimensão sócio histórica e inerentemente dialógica da ação humana, seja esta realizada no plano intra ou interpessoal (Bakhtin, 1981; 1986; Bakhtin/Voloshinov, 1995; Holquist, 1990; Mead, 1934; 1991; Wertsch, 1991). [...] [Essas perspectivas postulam que] formas caracteristicamente humanas de pensamento, conhecimento e funcionamento psicológico emergem no âmbito de atividades cujo início é necessariamente social e mediado pela linguagem, e outros recursos semióticos culturalmente disponibilizados. (LEITÃO, 2013, p.3)

Logo, é no contexto, na relação entre as crianças e seus interlocutores (DEL RÉ et al. 2014a, 2014b, 2016), com e em sua comunicade de fala, por meio da comunicação, que elas irão apreender e compreender conhecimentos de mundo, além do elementos discursivos da argumentação, assim como os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016), como afirma Leitão em:

In children's speech, all the nuances involved in the constitution of language aspects are built throughout their development as they interact with others, and acquire gradually, the subtleties involved in the communication process. Children do not learn isolated words. On the opposite, they receive contextualized utterances [em outras palavras, são os gêneros do discurso³⁴] in relation to the other and only after that, they are able to apply these words in completely different communicative situations. Children enter in the language through the speech genres, which compose distinct communicative spheres. They slowly acquire the ability to make use of these genres and also, the other's utterances which such genres concretize. (LEITÃO, VIEIRA, 2018, p.3-4).

O domínio desses gêneros é muito importante, desde que:

[...] dota o indivíduo de recursos organizadores do pensamento permitindo-lhe que sua ação (de linguagem ou não) seja pensada a partir de certos fins, abrindo, portanto, caminho para o surgimento das formas auto-reguladas e conscientes de funcionamento psicológico que caracterizam as funções psíquicas superiores. (LEITÃO, 2008, p.456)

Dessa forma, os gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016) assim como a argumentação, que atua nos anteriores, sejam eles primários ou secundários, (LEITÃO, 1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018), que implica a defesa de pontos de vista e posições alternativas dos sujeitos da interação, irão exercer efeito regulador sobre a atividade cognitivo-discursiva, o que confirma que, para argumentar, defender e justificar um ponto de vista é inevitável – assim como indispensável – que o falante se volte para seu discurso e,

³⁴ Sobre os Gêneros do Discurso (BAKHTIN, 2016) tratamos mais detalhadamente em 1.1 Abordagem dialógico-discursiva em Aquisição da Linguagem.

também, para o discurso do outro, num trabalho de elaboração e reelaboração, quando necessário, considerando seus limites e restrições (LEITÃO, 2008, p.457). Dessa forma há a reflexão do sujeito – que está em constituição - sobre seu discurso, posicionamento, conhecimento de mundo e, conseqüentemente, sobre a própria linguagem, a fim de defender um ponto de vista no discurso, o que implica desenvolver a compreensão e uso da argumentação na linguagem.

Logo:

[...] what makes argumentation unique as a form of discourse that favours learning is the way it prompts individuals to review their beliefs in the light of other's [sic.]. Confrontation of views and critical questioning from the audience are a crucial step. While the experience of being opposed does not guarantee the shifts in the arguer's position actually takes place, it is a crucial step into the transition from old views to new ones. It opens up an argument for revision, which is a necessary condition for change in the argument comes into being (LEITÃO, 2000a). (LEITÃO, 2001, p.9).

Nesse aspecto, o conhecimento – de linguagem, gêneros discursivos e de mundo - dos sujeitos é construído ininterruptamente, na relação sobre e com o mundo e os sujeitos, mediada, necessariamente, pela linguagem. Essa construção de conhecimento e de sentido é um processo responsivo, ou seja, “que implica uma tomada de posição valorativa a respeito dos aspectos do mundo” (LEITÃO, 2007, p.79). O posicionamento, por sua vez, é uma resposta do sujeito a “atos de significação” que o antecederam, demandando, também, e conseqüentemente, respostas que venham a seguir.

Não somente a construção do conhecimento, como também, a relação dialógico-discursiva pela linguagem (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016, 2013; DEL RÉ et al. 2014a, 2014b, 2016) é responsiva, fazendo com que os sujeitos interajam e realizem a manutenção dos turnos de fala a fim de que a comunicação ocorra e tenha continuação, sendo então bem sucedida. Caso contrário, quando não há essa manutenção, assim como quando não há entendimento entre os falantes, a comunicação torna-se falha, não ocorrendo e não tendo, portanto, sucesso. Nas palavras de Leitão (2008, p.457), “ ‘pensar sobre o mundo’ (fazer afirmações sobre ele, conceituá-lo) e ‘pensar sobre as próprias concepções a respeito do mundo’ remetem a diferentes níveis de semiotização do pensamento humano³⁵ (Leitão, 2000).”, implicando, portanto na cognição humana.

Não abordaremos esses níveis de semiotização, nem iremos tratar mais profundamente do pensamento humano – ao menos não nesse estudo em questão -, posto que, o que nos interessa é a aquisição da linguagem, além do processo argumentativo e seu desenvolvimento

³⁵ Não trataremos, nesta pesquisa, sobre esses níveis, assim como sobre a cognição.

na e pela linguagem, desenvolvimento esse que poderemos observar mais adiante, durante as análises de dados. Ainda que não abordemos mais profundamente os níveis de semiotização e de desenvolvimento cognitivo humano, que estão atrelados ao conhecimento e uso da linguagem (LEITÃO, 2003, 2006b, 2007b, 2010), acreditamos relevante mencioná-los.

Para este trabalho, consideraremos, portanto, o discurso argumentativo não como todo e qualquer discurso (velado) proferido pelos falantes – em nosso caso, pela criança S. – mas, enunciados cuja polêmica é aberta, necessariamente, na defesa de um ponto de vista e posicionamento do sujeito sobre suas ideias perante e para um outro, havendo possível oposição entre os discursos dos sujeitos em relação dialógica, o que pode levar a uma situação de negociação. A atitude responsiva dos sujeitos e seus discursos pode ser com relação não somente ao enunciado verbal e não-verbal (gestos, olhares, expressões faciais) ou ações dos sujeitos, enunciados esses sobre e perante os quais o indivíduo se posiciona valorativamente, segundo aspectos de mundo e linguísticos por ele conhecidos. Esse posicionamento pode ser expresso, na argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018) através do que nós, como pesquisadores, chamamos de unidade de análise, formada pelo argumento, contra-argumento e resposta. A resposta, assim como os outros dois movimentos discursivos da argumentação, é responsiva, surgindo no discurso quando há avaliação do sujeito sobre a sustentabilidade dos argumentos anteriores – ou posteriores, no caso da antecipação (LEITÃO, FERREIRA, 2006c) -, formulados à luz de restrições trazidas à tona por meio de contra-argumentos.

Sendo assim, reiteramos que partimos de uma perspectiva na qual:

A argumentação é vista, portanto, como uma resposta dialógica a contextos discursivos particulares, marcados pelo desacordo em relação a ideias, cursos de ação a seguir, tomadas de decisão etc. Surge como uma possibilidade de negociação discursiva de divergências e orienta o discurso dos participantes no sentido da defesa de seus respectivos pontos de vista e da consideração e resposta a pontos de vista contrários. (LEITÃO, VIEIRA, 2017, p.96, grifos nossos).

Ressaltamos que, ao observar o discurso argumentativo, fazemo-lo a partir da cena enunciativa como um todo, no contexto em que os enunciados argumentativos são construídos, a fim de defender um ponto de vista e concordando ou opondo-se a um ponto de vista contrário, havendo – ou não – negociação quanto aos posicionamentos e discursos. Por isso, ao trazermos as análises de dados contextualizamos as situações de interação que dizem respeito aos recortes, assim como trazemos os enunciados da criança alvo, S., e de seus

interlocutores, a partir dos quais é estabelecida a comunicação e, nos episódios selecionados, a argumentação.

Por tratar-se de uma pesquisa fundamentalmente dialógico-discursiva, essa contextualização é imprescindível (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013; LEITÃO, 1999, 2001, 2007; DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b) e só tem a contribuir para a nossa análise de dados e resultados, visto que não olhamos para a linguagem isoladamente, selecionando apenas algumas orações e destacando-as de seus contextos para analisá-las e a seus elementos linguísticos mas, pelo contrário, examinamos os enunciados na comunicação como um todo, levando em consideração os enunciados anteriores e posteriores (no caso da antecipação) aqueles que figuram como argumentação, também olhando para seus elementos linguísticos (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014), a partir de sua escolha (BAKHTIN, 2013) feita pelo falante S., observando a contribuição dos mesmos para caracterizar os enunciados como argumentativos e a relação dialógica que estabelecem (de retomada, ou inserção de novo tópico) com enunciados e tópicos anteriores. Logo, observamos todos esses aspectos a partir da e na linguagem, em sua realização concreta, como mediadora do pensamento e das relações humanas (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016).

É a partir da cena enunciativa que observamos os enunciados argumentativos pautando-nos na unidade de análise (LEITÃO, VIEIRA, 2017) da argumentação, proposta por Selma Leitão (2008, 2007a, 2017), formada por três movimentos – também discursivos – fundamentais e a eles cabem três funções: epistêmica, psicológica e discursiva, que existem e atuam transversal e simultaneamente no intelecto e discurso do sujeito. Lembrando que as funções são construtos teóricos, indissociáveis da unidade de análise e que articulam argumentação e cognição. Elas não são, contudo, como os movimentos discursivos, ferramentas teórico-metodológicas, que utilizamos de fato como meio para análise dos dados, ainda que as funções a eles estejam associados.

Sobre a unidade em questão, ela é composta, fundamentalmente, por:

1) **Argumento:** introduz o ponto de vista, a concepção atual do falante sobre dado assunto na comunicação (LEITÃO, 2008, p.458), normalmente um novo tópico (assunto) abordado no discurso, ao qual o sujeito irá defender, baseado e auxiliado por uma justificativa. O ponto de vista ou a justificativa podem estar implícitos ou explícitos no discurso, mas normalmente são perceptíveis quando voltamos para o todo do contexto comunicacional. Sobre esse movimento discursivo afirma-se que:

O argumento identifica o ponto de vista que seu proponente procura estabelecer, bem como as razões com as quais o apoia [sic.] (função discursiva). [...] em termos de funcionamento cognitivo do indivíduo (função psicológica), o argumento estabelece o ponto de referência em relação ao qual o processo de revisão de perspectivas se instala em fases subsequentes [sic.] da argumentação [contra-argumento e resposta]. Finalmente, os conteúdos que formam um argumento capturam a organização momentânea do conhecimento do indivíduo sobre um tópico (função epistêmica). (LEITÃO, 2007a, p.84).

Quando o sujeito que argumentou volta a posicionar-se, perante um contra-argumento de seu(s) interlocutor(es) ele volta a argumentar – ou responde, encerrando a cena argumentativa -, refletindo e revisando, nesse retorno, sobre suas perspectivas, ponto de vista e justificativa (função psicológica do argumento), podendo retomá-las e/ou justificá-las ou mesmo reformulá-las. Essa reflexão e reformulação são pontos que marcam, nesse movimento discursivo, o momento crucial de reflexão sobre o conhecimento, perspectivas e sobre a linguagem.

Isso, dentre outros fatores, que mais tarde serão abordados, nos possibilita considerar a argumentação como discurso privilegiado na e para a aquisição e desenvolvimento da linguagem (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b). A partir disso, um segundo elemento deve ser considerado:

2) **Contra-argumento:** é realizado quando da consideração de discursos e, conseqüentemente, perspectivas opostas ao ponto de vista inicialmente defendido pelo sujeito, no argumento. Podem figurar como contra-argumentos os enunciados que levantam dúvidas, objeções e/ou críticas quanto aos enunciados anteriores, a fim de que se reduza a possibilidade de aceitação dos mesmos, trazendo também possibilidades alternativas àquelas apresentadas no primeiro momento, pelo argumento, com o qual o contra-argumento sempre discorda.

A existência e mesmo a própria possibilidade de pontos de vista alternativos são essenciais para que haja oposição na argumentação, algo indispensável para sua existência, visto sua natureza dialógico-discursiva, fundamentada no jogo entre enunciados opositivos e a negociação que deles pode decorrer. Sobre esse movimento discursivo afirma-se que ele:

[...] captura a forma aberta como o confronto com elementos de oposição (genericamente referidos como *contra-argumentos*) desencadeia no discurso um processo reflexivo que leva à revisão das afirmações feitas (função psicológica). Do ponto de vista discursivo, a presença do contra-argumento traz para o discurso uma dimensão de alteridade indispensável à ocorrência de argumentação. Do ponto de vista epistêmico, o contra-argumento aponta diferentes possibilidades de organização do conhecimento, em direção às quais o conhecimento atual do argumento pode eventualmente se transformar. (LEITÃO, 2007a, p.84)

O contra-argumento, diferentemente do argumento, costuma remeter a tópicos já proferidos no discurso, retomando-os e, muito comumente, se opondo a eles, através de enunciados em que essa contraposição está implicada nos vários níveis da linguagem, como a sintaxe (através de adjuntos adverbiais e adnominais, advérbios, conjunções, por exemplo, que serão por nós focalizados), a semântica e o discursivo.

Como ocorre com o argumento, quando o sujeito contra-argumenta e volta a posicionar-se em relação ao discurso do interlocutor, ele volta a contra-argumentar (quando não põe fim à cena enunciativa, o que caracteriza a resposta), refletindo sobre seu posicionamento e podendo reformulá-lo (função psicológica do contra-argumento), trazendo possibilidades alternativas, novos pontos de vista e justificação para os mesmos, sejam eles novos ou os mesmos defendidos inicialmente. Mais uma vez, é esse caráter reflexivo dos movimentos discursivos que compõem a unidade de análise da argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018), que a determinam como um discurso privilegiado, importante não só para a construção do conhecimento – de mundo e de linguagem – como também, para a própria aquisição (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b), da qual a argumentação é um fenômeno, dela fazendo parte.

3) Resposta: proferida com relação à oposição e, portanto, ao contra-argumento, a partir dela é possível capturar a reação do sujeito com relação à oposição e, para que ocorra, implica a avaliação por parte daquele que responde sobre a sustentabilidade dos argumentos e contra-argumentos formulados no discurso. Isso nos permite capturar as possíveis transformações das concepções que foram, inicialmente, formuladas e defendidas pelos sujeitos da interação. Sendo assim, a resposta é sempre realizada em relação ao contra-argumento, podendo significar manutenção ou mudança do posicionamento inicial, de modo que, por meio dela, é possível haver (a) consentimento/convencimento ou (b) refutação do sujeito com relação ao contra-argumento do interlocutor, (c) negação do posicionamento do outro e oferecimento de outro argumento, (d) consenso tomado em conjunto pelos interlocutores ou (e) nenhum consenso é tomado, não havendo convencimento.

A resposta costuma ser a conclusão de toda a cena enunciativa que mobiliza a argumentação, encerrando-a com ou sem mudança de posicionamento, com ou sem consenso, como elencamos acima, de (a) a (e).

Sobre esse movimento discursivo Leitão (2007a, p.84) diz tratar-se da:

[...] reação, imediata ou remota, do proponente de um argumento à oposição. Sua ocorrência marca, a um só tempo, a tomada de consciência do indivíduo em relação a concepções que se contrapõem às suas posições e a forma como a elas reage (função psicológica), refutando-as ou incorporando-as, parcial ou completamente, às suas próprias posições. (Leitão, 2007a, p. 84)

A autora ainda afirma que, do ponto de vista epistêmico, identificar a resposta no enunciado argumentativo é algo crítico à análise, visto que ela busca o impacto causado pelo confronto de perspectivas sobre o conhecimento – linguístico e de mundo – do sujeito que, nessa pesquisa, é uma menina, S. (2;1 aos 3;8 anos). Já o fator discursivo trata das mudanças, quando ocorrem ou não, no posicionamento inicial do sujeito.

A partir desses três movimentos discursivos, partindo-se da situação total de realização dos enunciados argumentativos (sejam eles argumento, contra-argumento ou resposta) é possível fazer

A comparação entre [a] formulação inicial do argumento e a retomada deste, em resposta a contra-argumentos, é o recurso analítico que permite capturar eventuais mudanças nas posições inicialmente defendidas. Sua presença captura o estatuto fundamentalmente dialógico da unidade de análise postulada (Marková, 1990). (LEITÃO, 2007a, p.85).

Essa comparação será feita, inevitavelmente, na medida em que trazemos esses movimentos, nas produções de S. (2;1 anos 3;8 anos), deixando evidente não somente as mudanças de posicionamento da criança em questão, definidas na e pela situação comunicacional, como também, sua elaboração e reelaboração discursiva no que diz respeito ao conhecimento sobre o tópico discutido e elementos da linguagem (léxico, sintaxe, semântica e elementos não-verbais) por ela utilizados para compor seus enunciados.

As unidades de análise puderam ser depreendidas de muitos dos enunciados produzidos por S. nos 1;7 ano de *corpus*, ao que podemos afirmar que S. argumenta com muita frequência e também é incitada a fazê-lo, como mostramos nos exemplos a seguir:

S. 2 anos; 11 meses; 9 dias:

Anteriormente a essa passagem, S. (CHI) comia batata e fazia peripécias, passando o pé no prato vazio, em que estivera a comida, ao que sua mãe (MOT) lhe chama a atenção e a avó pega o prato da criança, lavando-o e colocando mais batata para a menina que volta a comer. A menina então muda o tópico do discurso:

“CHI: **num é minha amiga.** (1)

OBS: quem?

%act: **CHI olha de canto de olho para MOT e em seguida aponta para ela.** (1.1)

%act: **CHI aponta para OBS e volta a apontar para MOT. (1.2)**

OBS: num é sua amiga?

CHI: mamãe?!

MOT: quem não é sua amiga?

%act: CHI aponta para MOT.

[...]”

S. argumenta (1), defendendo um ponto de vista – cuja justificativa está implícita –, que é novo (novo assunto) no discurso, dizendo que sua mãe não era sua amiga, chamando a atenção para outro tópico³⁶ e fato, que não o de ela ter colocado o pé no prato ou mesmo comido o alimento que a avó lhe trouxera novamente, portanto, trata-se de assunto não abordado anteriormente no discurso. S. ainda complementa seu enunciado (1) com enunciados não-verbais em (1.1) e (1.2), esclarecendo (1.1) e reforçando (1.2) para sua tia, que é também a observadora (OBS), por meio de gestos e olhares, de quem ela estava falando ((1) “num é minha amiga.”), que era sua mãe.

Os enunciados argumentativos, como dissemos anteriormente, também podem retomar tópicos já proferidos na situação de comunicação, figurando, normalmente, contra-argumentos ou repostas.

S. 2 anos; 3 meses; 8 dias:

“GGM: põe mais, é pouquinho.

OBS: dá mais um pouquinho, Sô.

GGM: põe mais, põe mais, eu quero, mas mas mas põe mais um pouquinho, não tem nada aí.

GGM: vira pra lá que a <teteia> [> falam ao mesmo tempo] xxx [?].

OBS: <não tem problema, deixa ela.> [<falam ao mesmo tempo]

GGM: ah, não?

GGM: deixa a nonna faze(r)?

CHI: **não é você é xxx [?] da teteia. (1)**

CHI: quer, xxx [?] a vovó quer?

OBS: e pra nonna³⁷?

³⁶ Entendemos por tópico o assunto (CASTILHO, 2014), específico da comunicação, sendo que ele faz parte dos gêneros, que são mais amplos (BAKHTIN, 2016).

³⁷ “Nonna” e “nonno” é a maneira como S. e sua família chamam os bisavós e a eles se referem. Trata-se de uma palavra de origem italiana, língua a qual é muito presente na vida da criança em questão, uma vez que seus bisavós maternos são italianos, imigrando para o Brasil na década de 50, e com a língua italiana ainda muito presente em seu dia a dia, do qual S. faz parte.

GGM: você não deu pra mim?

OBS: e pra nonna, Sô?

CHI: xxx [?].

GGM: eu não quero tão pouquinho.

OBS: [risos].

CHI: **é que eu quero sentar aqui.** (2)

%act: S. vai sentar no meio do nonno (bisavô) e da bisavó.”

Nessa cena a menina comia paçoca, que oferece para seus interlocutores, incentivada pela observadora para fazê-lo. Certo momento GGM, bisavó de S., se oferece para ajudá-la a comer o doce, ao que a menina contra-argumenta em (1) “não é você xxx [?] é da teteia.”, proferido em relação ao argumento de sua interlocutora. Ao dizer (1) a criança retoma o enunciado anterior, opondo-se ao argumento do outro, negando e refutando-o, trazendo, por sua vez, possibilidade alternativa que sustenta seu posicionamento (dar a paçoca para a tia, a quem ela chama de teteia, não para a bisavó.).

Mais tarde a menina responde à sua interlocutora, passando a lhe oferecer a paçoca, ao que GGM argumenta, dizendo que não queria tão pouco, que era o que S. lhe dera do doce. A menina então parece contra argumentar com relação ao posicionamento da outra, dizendo (2) “é que eu quero sentar aqui.”. GGM não volta a se posicionar, aparentemente concordando – ainda que não convencida – com o posicionamento da bisneta, encerrando assim a cena argumentativa em questão.

Além dos exemplos de produções argumentativas e suas análises que aqui trazemos, as quais abordamos mais detalhadamente no item 5, de Análise de Dados, achamos pertinente trazer, para melhor visualização dos movimentos discursivos da argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015) e das três funções por eles desempenhadas, concomitantemente, o seguinte quadro síntese:

Quadro 1 - Unidades de análise e funções da argumentação

	ARGUMENTO	CONTRA- ARGUMENTO	RESPOSTA
	Concepção do falante sobre um	Presença de contra- argumento leva,	<i>Possíveis mudanças</i> que podem (ou não) ocorrer

FUNÇÃO DISCURSIVA	tópico, orientada pelo ponto de vista , que é defendido, apoiado por razões, justificativas ; ponto de vista ou justificativa podem estar implícitos ou explícitos no discurso.	para o discurso, dimensão de alteridade ; Alteridade = originalidade , heterogeneidade , “eu (individual)”.	nos posicionamentos e argumentos que foram defendidos inicialmente.
FUNÇÃO PSICOLÓGICA	Associada ao funcionamento cognitivo do sujeito: argumento estabelece um ponto de referência em relação ao qual o processo de revisão de perspectivas irá ocorrer, em fases subsequentes.	Captura do afrontamento de elementos/pontos de vista opostos e como ele conduzirá, no discurso, o processo de reflexão e revisão de afirmações anteriores.	Reação - imediata ou não ao argumento: marca a tomada de consciência do sujeito com relação a concepções opostas às suas e reação a elas, (refutação ou incorporação parcial ou completa ao ponto de vista).

FUNÇÃO EPISTÊMICA	<i>Conteúdos</i> que <i>formam</i> o argumento e capturam a <i>organização</i> – momentânea – do conhecimento do sujeito sobre dado assunto.	<i>Diferentes possibilidades de organização do saber/conhecimento</i> no discurso: conhecimento atual do falante pode, eventualmente, ser transformado.	<i>Busca e identificação do impacto</i> causado pelo <i>confronto de perspectivas</i> sobre o conhecimento – linguístico e de mundo – do sujeito.
----------------------	--	---	---

É importante ressaltar que a tabela acima foi criada a título de ilustração e devemos atentar-nos ao fato de que as funções discursivas não ocorrem linearmente nas unidades, assim como não são subcategorias suas, mas, sim, funções por elas desempenhadas ao mesmo tempo e de maneira transversal. Além disso, as funções, inerentes à unidade de análise, não são, como a anterior, construto empírico, mas teóricos, de observação do processo cognitivo na argumentação e, sendo assim, não são usados nas análises, ainda que sejam constitutivos do argumento, contra-argumento e resposta.

Logo, ao estudar a Argumentação no discurso da criança, no processo de Aquisição da Linguagem (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b; VIEIRA, 2011, 2015; LEITÃO, 1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2008, 2007b, 2010, 2017, 2018), deparamo-nos com estudos anteriores sobre esse tópico, estudos esses de natureza piagetiana, de desenvolvimento formal do intelecto (PIAGET, INHELDER, 1993; PIAGET, 1996), que relatam a argumentação como sendo um elemento que surge no sujeito apenas entre seus 10 a 11 anos de idade, faixa etária, segundo os autores, em que há maior maturidade cognitiva e intelectual da criança, possibilitando, portanto, a argumentação. Contudo, pesquisas mais recentes, como as de Leitão (1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2008, 2007b, 2010; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018) e Vieira (2011, 2015) mostram que, a despeito das afirmações de Piaget e outros estudiosos que seguem sua teoria, na realidade, as crianças são capazes de argumentar muito antes dos 10/11 anos, fazendo-o com eficiência já aos dois anos e meio (VIEIRA, 2011, 2015).

Contribuindo para e continuando estudos anteriores (VIEIRA, 2011, 2015; VASCONCELOS, 2017), a partir das produções de S. que trouxemos até aqui, assim como

aquelas apresentadas no capítulo 3, da Análise de Dados e nos Anexos, pretendemos mostrar que a criança faz uso da argumentação, ainda muito jovem, aos 2 anos e 1 mês, fazendo-o por meio de seu conhecimento de mundo e de linguagem, que estão em plena fase de aquisição e desenvolvimento, de modo que ela não possui o mesmo conhecimento e arsenal linguístico (lexical, sintático, semântico etc.) de um adulto. Além disso, nesse período, a criança está em fase de construção não somente dos conhecimentos de mundo e linguísticos, mas de sua própria constituição³⁸ como sujeito, algo que é mediado pela linguagem, no contato e comunicação com outros. Ainda assim, o sujeito S. defende um ponto de vista, opõe-se aos posicionamentos e discursos opostos e com eles negocia eficientemente, por meio da argumentação, fenômeno discursivo da linguagem, que faz parte do processo de aquisição; e é nesse fenômeno que pensamos, neste estudo.

Podemos ver claramente o desenvolvimento da argumentação e da própria aquisição e uso da linguagem nas produções argumentativas de S., ao longo dos 1;7 ano de dados gravados, por meio, por exemplo, do uso de palavras de diferentes classes gramaticais, que marcam oposição, negação, possibilidade etc., como as conjunções, advérbios e adjuntos adnominais e adverbiais (CASTILHO, 2014) definindo, a um só tempo, inserção de novo tópico/assunto, novo ponto de vista a ser defendido no discurso (argumento), o que caracteriza, nas relações dialógicas (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) o que a Gramática Funcional (NEVES, 2011) chama de enunciados simples ou, ainda, enunciados complexos que apresentam retomada explícita e dependência essencialmente semântica com relação a enunciados e/ou tópicos anteriormente trazidos no discurso (normalmente são contra-argumentos e respostas), que também são produzidos por S. (2;1 aos 3;8 anos) (NEVES, 2011). Além disso, como discutiremos mais adiante, nas Análises de Dados e nos Resultados, os enunciados argumentativos de S. parecem cada vez mais eficientes, assim como mais complexos estilisticamente, apresentando justificativas que são mais e mais elaboradas.

Dito isso continuamos a discorrer sobre as teorias elencadas para esse estudo, a fim de, mais adiante, partirmos para as análises de dados e resultados alcançados por meio das mesmas, que serão discutidos no capítulo 4.

³⁸ A constituição do sujeito não cessa enquanto ele vive, mas acreditamos ser mais intensa no período em que ele adquire a linguagem.

2.3 O suporte teórico-gramatical na análise dos dados aquisicionais

Embora, inicialmente, um olhar “gramatical” possa causar um certo estranhamento, visto que partimos de um olhar dialógico-discursivo, tentaremos justificar nossa proposta.

Sob a visão sociocultural de linguagem, nascida na e para a comunicação, Bakhtin – e o Círculo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) - não descarta o estudo da gramática, dos elementos da língua, criticando sua separação³⁹ injustificada (BAKHTIN, 2013) em uma disciplina distinta e propondo a junção dos estudos gramaticais e a abordagem dialógico-discursiva dos estudos da língua. Essa junção se dá, como é tratada em *Questões de Estilística no Ensino de Língua* (2013, tradução de S. Grillo e E. V. Américo), pela estilística, ou seja, sumariamente pelas escolhas semânticas, lexicais, discursivas e prosódicas do falante na e para a construção de seus enunciados.

Essa abordagem sobre a linguagem e a união dos estudos de gramática com aqueles de viés bakhtiniano foram propostos pelo autor pensando, a princípio, nas aulas de língua materna, visto que ele era, no período de escrita desse texto, professor de língua russa no ensino básico. Sobre tal proposta temos que, nela:

Não é apenas a articulação entre gramática e estilística que está em jogo, ou a interação professor-aluno como forma de construção de conhecimento, embora esses dois aspectos sejam componentes do todo e estejam contemplados pela teoria e pela metodologia por ele proposta. É antes de tudo um conceito dialógico de linguagem que, assumido didaticamente pelo *professor* coloca em movimento aspectos constitutivos da relação sujeito/linguagem, comunicação/expressividade, leitura/produção autoria. [...] (BAKHTIN, 2013, p.17)

E ainda:

As formas gramaticais [1]² não podem ser estudadas sem que se leve sempre em conta seu significado estilístico. Quando isolado dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo. (BAKHTIN, 2013, p.23)

Para que essa degeneração não ocorra, as formas e aspectos gramaticais das sentenças devem ser observados a partir de seu significado no enunciado – e no uso, no discurso -, levando-se em conta seus aspectos estilísticos e semânticos, sintáticos, lexicais, discursivos etc. Entendemos por estilístico aspectos ligados à individualidade (DEL RÉ, HILÁRIO, VIEIRA, 2012; BAKHTIN, 2013) dos falantes, como escolhas de palavras, escolha da ordem

³⁹ Bakhtin faz essa crítica principalmente pensando no ensino de língua materna, contexto a partir do qual seu texto *Questões de Estilística no Ensino de Língua* foi inicialmente pensado e escrito.

das palavras na frase, uso de entonação, interjeições, enunciados e elementos não-verbais (CAVALCANTE 1994, 2012, 2017, 2018).

A própria escolha (BAKHTIN, 2013, p.24-25) das formas sintáticas, semânticas, prosódicas e lexicais que compõem uma sentença são motivadas pela estilística – e o que ela implica, os efeitos discursivos que gera, além, é claro, pela situação e contexto de uso e não por questões puramente gramaticais. Isso ocorre porque os enunciados, sentenças inseridas no discurso, na cadeia discursiva da comunicação, são criados na interação e proferidos pensando-se em sua eficácia representacional e expressiva (BAKHTIN, 2013, p.25), do que podemos depreender, por exemplo, a eficácia que se espera de um argumento e/ou contra-argumento e/ou resposta, nos quais o falante defende seu(s) ponto(s) de vista sobre determinado assunto (LEITÃO, 1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2010, 2017, 2018).

Dessa maneira é que Bakhtin propõe o ensino de língua e podemos transportar sua resolução para a análise de dados de fala, porém, diferentemente do autor em questão, não olhamos para as possibilidades diversas de representação discursiva, para além daquela escolhida pelo falante (BAKHTIN, 2013), visto que esse não é o foco desta pesquisa. Interessa-nos, nesse trabalho do autor, especialmente a maneira como ele trata a gramática, comungando-a com a dialogia e discurso e, conseqüentemente, retirando o foco de suas características estruturais e formais, tão dissipadas na área dos estudos da língua, especificamente das gramáticas, cujo cerne costuma ser a estrutura de seu objeto de estudo, comumente observado fora de seu contexto de uso.

Logo, para estudarmos a organização dos enunciados, sua relação com discursos e/ou tópicos anteriores, ou inserção de novos, além dos elementos de língua, dentre os quais elencamos os adjuntos adnominais e adverbiais, advérbios e conjunções, escolhidos dentre outras classes de palavras pelo fato de, após uma análise prévia dos dados, os termos encontrados com muita frequência nos enunciados argumentativos de S., nos quais contribuem, muitas vezes para sua significação, no discurso, como tais, buscamos estudos gramaticais que estivessem de acordo com as propostas de estudo da linguagem de Bakhtin e do Círculo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016), que servem de base para a nossa perspectiva teórica (DEL RÉ et al., 2006, 2014a, 2014b; LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018), encontrando o que procurávamos na Gramática Funcional (NEVES, 2011) e Nova Gramática do Português Brasileiro (CASTILHO, 2014), cuja abordagem sobre a língua coincide com a proposta dialógico-discursiva, principalmente ao tratar dos elementos da língua dentro do contexto de produção.

Sendo assim, começamos a explicar nosso aporte teórico a partir da Gramática Funcional (NEVES, 2011) que, nas palavras de sua autora:

[...] prevê que a interação verbal é uma atividade estruturada (com regras, normas e convenções), mas também é uma atividade cooperativa, e, desse modo, ativam-se, na linguagem (que é sempre uma interação), dois sistemas de regras: as que regem a constituição das expressões lingüísticas [sic.] (regras sintáticas, semânticas, morfológicas e pragmáticas) e as que regem o modelo de interação verbal no qual as expressões são usadas (regras pragmáticas). Disso se fala quando se fala em funcionalismo. (NEVES, 2011, p.13)

É importante estudar as línguas naturais, assim como a aquisição da linguagem, a argumentação e processos linguísticos pelos quais a criança passa, a partir de ambos os sistemas de regras, pois ao adotar um em detrimento do outro deixaríamos de cotejar alguns aspectos da linguagem, podendo assim empobrecer nossas análises e, conseqüentemente, resultados, assim como não teríamos em vista a língua em realização em seu todo, mas fragmentada, o que compromete seu estudo, tal qual um estudo de viés dialógico-discursivo, como este. Ainda assim, devido ao tempo limitado que temos para o desenvolvimento desta pesquisa e o foco que damos à argumentação, iremos selecionar alguns aspectos e propostas pontuais da Gramática Funcional (NEVES, 2011).

As propostas dessa gramática (NEVES, 2011) que aqui abordamos são os aspectos de marcas no enunciado, também chamados de Modalização da linguagem, pressuposto para que tratemos da teoria dos Enunciados Simples e Complexos. Ainda que não abordemos diretamente a modalização em nossas análises é preciso que a expliquemos, visto que é um conceito importante para a fundamentação da teoria dos enunciados que, por sua vez, são diretamente abordados e são parte importante de nossas análises e dos resultados que pretendemos demonstrar sobre o desenvolvimento de S. na linguagem e ao argumentar, desenvolvimento esse que, já adiantamos, pode ser foco de estudos futuros.

A começar pela Modalização, a autora afirma que:

[...] pode-se dizer que, se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não-modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo seu enunciado em termos de verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca. (NEVES, 2011, p. 152).

A modalidade, que também podemos chamar de aspecto modal, é uma atitude responsiva, dialógico-discursiva, que ocorre na interação entre sujeitos e discursos, descrita

como a tomada de posicionamento do sujeito com relação aos anteriores, posição essa moral, intelectual e afetiva, expressas nos enunciados dos sujeitos por suas escolhas (BAKHTIN, 2013) de léxico, interjeições, entonação, gestos, componentes verbais e não-verbais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018), organização do enunciado etc. Dessa forma, não é possível que um discurso “neutro”, que não se valha de modalidade(s) exista, o que corrobora com a ideia de que os modalizadores são uma categoria automática, assim como com a afirmação de Bakhtin e do Círculo, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) de que o discurso sempre está permeado por intenções, emoções, ideologias etc. Ou seja, comunicar-se é, necessariamente, se posicionar – valorativamente - em relação ao discurso e posicionamento de alguém.

Segundo Neves, baseando-se em F. Kiefer⁴⁰ em seu artigo *On Defining Modality* (publicado na Folia Linguística, em 1987), as noções de modalidade se desenvolvem a partir do eixo necessidade-possibilidade, base para a subcategorização, ou seja, divisão dos aspectos modais em cinco, sendo eles:

- 1) **Modalidade Alética/Lógica** (está relacionada com a verdade necessária, contingente e/ou impossível e é ontológica, ou seja, relacionada com o mundo interior do sujeito);
- 2) **Modalidade Epistêmica** (relacionada a necessidade e possibilidade epistêmicas, dependentes do mundo como ele é, em sua concretude e realidade, diferentemente da modalidade alética, que parte do mundo interior do sujeito, podendo ser real ou irreal. Aqui o conjunto de proposições representará o conhecimento do falante sobre o mundo, sendo esse conjunto necessário quando acarretado por esse tipo de conhecimento e possível quando compatível com ele);
- 3) **Modalidade Deontica** (relacionada a obrigações e permissões, muitas vezes representadas pelos verbos modais “dever” e “poder”; é uma modalidade condicionada por traços lexicais específicos (de controle) do falante sobre a ação. Implica a aceitação do interlocutor sobre o valor de verdade do enunciado para que, então, a ordem/permissão possa ser executada);
- 4) **Modalidade Bulomaica/Volitiva** (trata-se da necessidade e possibilidade, quando relacionadas aos desejos do sujeito);

⁴⁰ Perkins (1983, apud. NEVES, 2011) aponta ainda outros aspectos, como os temporais, causais e de probabilidade.

5) **Modalidade Disposicional/Habilitativa** (como seu nome já sugere, trata da disposição, habilitação e/ou capacitação do sujeito para realizar algo).

Tais Modalidades⁴¹ irão atuar nas estruturas (DIK, 1997, apud NEVES, 2011, 198-199) (i) interna da predicação (relação entre o sujeito do enunciado e a realização de estados de coisas, abrangendo quatro matizes modais, que são reconhecíveis pela categoria de tempo: modalidades disposicional, alética, epistêmica e deôntica), (ii) do nível da predicação (modalidade objetiva, também chamada de nível do estado de coisas, diz respeito à avaliação do falante sobre a realidade do estado de coisas, designado pela predicação que, por sua vez, é independente da opinião pessoal. Nesse nível, da predicação, o sujeito tem ou não certeza sobre tal realidade, sobre a qual pode estar certo ou errado) e (iii) nível de proposição (nível dos fatos possíveis, trata-se do compromisso pessoal do falante com a verdade do conteúdo da proposição, apresentado no enunciado pelo próprio sujeito ou por seu interlocutor. Sobre essa verdade, os sujeitos podem marcar o grau de certeza em relação à sua validade, se trata de algo real ou não, válido ou não. Pode-se, também, indicar como se obteve a informação sobre a qualidade do conteúdo, o que permite, então, validação).

Resumidamente, podemos dizer que as modalidades dizem respeito ao(s) – diferentes e possíveis - posicionamento(s) do sujeito perante um enunciado e/ou uma ideia, opinião, fato etc. proposto no discurso, por ele mesmo e/ou por seu(s) interlocutor(es). Os extremos desse posicionamento são a afirmação ou a negação, esta última muito comum nos enunciados argumentativos de S., quando a menina se coloca contra um posicionamento, muito recorrente, também, contra uma ordem, ou mesmo um pedido do outro, como ocorre em:

S. 2 anos; 3 meses; 8 dias:

“[...]”

GMO: vamo(s) dar isso aqui? (ordem/pedido)

CHI: **não vou.**

GMO: não, S., não vai dar, que(r) ver, só deixa a vovó segurar um minuto.
(ordem/pedido)

CHI: **não quero, não.**

[...]”

Os aspectos modais podem ser expressos por diferentes elementos linguísticos (NEVES, 1996a, apud NEVES, 2011, p.168), como os (1) verbos (auxiliares, intransitivos,

⁴¹ As Modalidades não são por nós tratadas mais detalhadamente, apenas as abordamos porque entendemos que são, na Gramática Funcional (NEVES, 2011), pressupostos para discutirmos os enunciados simples e complexos, esses sim, fundamentais em nosso estudo.

indicadores de opinião, crença e saber), (2) advérbios (modo, intensidade, tempo etc.), (3) adjetivos em posição predicativa (complemento de nome e de verbo), (4) substantivos (comum na posição de objeto do verbo) e (5) categorias gramaticais do verbo da predicação (como tempo, modo e aspecto, normalmente associados a advérbios modalizadores). Portanto, não se analisa a oração somente através do verbo, mas também de outros elementos que a compõem, como os anteriormente citados, além disso, “[...] os meios prosódicos sempre estão presentes na modalização em linguagem falada, e frequentemente [sic] são os únicos responsáveis por ela.” (p.168). Sobre isso, discordamos que os meios prosódicos sejam os únicos responsáveis pela modalização, mas acreditamos que eles, assim como elementos multimodais da comunicação, elementos esses verbais e não-verbais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018), são essenciais no discurso e muito contribuem para sua significação. Dessa forma, talvez possamos atribuir aos meios prosódicos o número (6) e à multimodalidade o (7), acrescentando-os aos elementos anteriormente abordados.

Antes de prosseguirmos, lembramos que:

Uma análise de base funcionalista penetra a organização dos enunciados para avaliá-los não apenas sob diversos níveis (predicacional; proposicional; ilocucional), mas também sob os diversos ângulos que envolvem a atividade lingüística [sic.] (textual/informacional; interacional), e o fez sempre com incorporação dos diversos componentes (sintático; semântico; pragmático). (NEVES, 2011, p.226)

É por isso, pela necessidade⁴² de penetrar os diversos níveis de construção e realização da linguagem que nos dispomos a tratar, ainda que brevemente, dos elementos modalizadores, além da sintaxe e semântica dos elementos lexicais da língua portuguesa (CASTILHO, 2014), principalmente advérbios, adjuntos adnominais e adverbiais e conjunções que compõem os enunciados argumentativos de S., buscando compreender como e quando tais elementos contribuem para construir frases que, no discurso - no qual se tornam enunciados -, entendemos como argumentativas, sejam elas argumentos, contra-argumentos ou respostas (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018). Para tanto, observamos e analisamos os enunciados em seu nível interno (lexical e principalmente sintático e semântico) e externo (pragmático, discursivo), fazendo-o a partir de sua realização e sentido na situação de comunicação em que estão inseridos.

⁴² Essa necessidade é apontada pela Gramática Funcional (NEVES, 2011) e Multissistêmica (CASTILHO, 2014), assim como por Bakhtin (BAKHTIN, 2013), que defende uma não separação dos sistemas da língua e uma abordagem que dê conta de estudá-los em conjunto, como componentes de igual relevância na linguagem e comunicação.

Após tratar da Modalização podemos, então, seguir adiante, discorrendo agora, segundo a teoria aqui elencada (NEVES, 2011), sobre os Enunciados Simples e Complexos, que são centrais nesta pesquisa. A Teoria dos Enunciados, como é chamada, trata, essencialmente, das relações dialógicas entre enunciados, discurso e tópicos na comunicação, os quais podem ser retomados explicitamente (e. complexos) ou não, introduzindo-se novo assunto e, muitas vezes, pontos de vista (o que caracteriza os enunciados que o fazem como e. simples). Esses enunciados, principalmente os complexos, ao retomarem explicitamente discursos e tópicos anteriores, podem ser fundamentados e observados segundo a polêmica aberta, essencial para os estudos sobre argumentação propostos e desenvolvidos por Leitão (1999, 2001, 2006a, 2006c, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018; VEIRA, 2015), corroborando para o viés teórico, sumariamente dialógico-discursivo, que alicerça nosso estudo.

Lembramos que a polêmica aberta, como tratada no tópico 1.2 do capítulo 1 desta dissertação, foi forjada a partir de uma concepção bakhtiniana, dialógico-discursiva de linguagem, tratando sobre a retomada explícita do discurso alheio, seja através de citação indireta, nomeação de quem proferira tal posicionamento ou uso de advérbios de negação e conjunções adversativas, ambos elementos linguísticos (CASTILHO, 2014) muito presentes nos enunciados argumentativos de S., principalmente quando a criança em questão confronta posicionamentos opostos ao seu.

Sobre a teoria dos enunciados a Gramática Funcional a trata da seguinte maneira:

Parte-se da noção de que as frases complexas nascem da fusão de dois turnos⁴³ conversacionais, o que implica a admissão de uma tensão conversacional, na qual, já pela própria natureza de ‘unidade perceptiva’ (Peirce, 1987) que marca o signo, têm de ser considerados três eixos de pressão, os quais nascem: (i) da natureza da interação entre **emissor** e **receptor**; (ii) da existência de duas contrapartes no signo, a **forma** e o **sentido**; (iii) da necessária existência, na percepção, de uma parte forte (**figura**) e de uma parte débil (**fundo**) (García, 1994). (NEVES, 2011, p.239).

A relação semântica e discursiva – como a retomada - entre enunciados se dá através de quatro tipos de junções, descritas e aplicadas por M. H. M. Neves em sua gramática (NEVES, 2011), a (1) aditiva (nela também compreende a alternativa, introduzida por palavras como “e”, “mais”, “também”, “ou” etc., com valor de adição de informação ou possibilidade alternativa), a (2) adversativa (relação de oposição e negação, introduzida, normalmente, por “mas”, “porém”, “não” ou ainda pela relação “é x, não é y”, com conjunção

⁴³ Consideramos turnos as orações/enunciados que, na interação, possuem sentido completo e foram finalizadas pelo falante.

adversativa subentendida), a (3) causal (relação de causa, razão, consequência e resultado, pode ser instaurada pelo “porque” e “para”) e a (4) temporal (como “ontem”, “hoje”, “amanhã” etc.). Devido aos nossos dados e as relações de convencimento e, talvez, possamos dizê-lo, concessão, que encontramos nos enunciados argumentativos de S., em muitos dos movimentos discursivos que caracterizavam resposta, sentimos a necessidade de propor uma quinta junção, que os cotejasse plenamente, a (5) consensual/de convencimento (introduzida por ações, gestos e/ou por enunciados verbais, cuja relação de convencimento, concessão/aceitação e/ou adesão se dá através das seguintes palavras e expressões: “sim”, “tudo bem”, “está bem/bom”, “certo”, “ok.”, que podem estar explícitas ou implícitas, mas reconhecíveis a partir do todo situacional).

Essas junções se estabelecem no conteúdo do enunciado, contribuindo para sua conexão (sintática, semântica e discursiva) do mesmo com relação a enunciados, tópico e discurso anteriores, produzidos em momento presente, implicando na criação, estabelecimento e desenrolar da argumentação (argumento, contra-argumento e/ou resposta) na comunicação.

Sobre as junções, Givón (1990, apud NEVES, 2011, p.231) diz que:

[...] nenhuma oração é totalmente independente de seu contexto oracional imediato, e de que existe uma relação icônica entre a integração das orações e a integração dos eventos. De um ponto de vista semântico, podem ser estabelecidas entre uma oração e seu contexto imediato as noções retóricas de temporalidade, condicionalidade, causalidade, concessão, propósito, razão, etc. Do ponto de vista lógico, estabelecem-se as noções de junção, disjunção, paráfrase, tautologia e contradição. (NEVES, 2011, p.231)

Essa não-independência do contexto oracional de realização da comunicação vai de encontro à proposta de linguagem de Bakhtin e do Círculo, como pudemos ver em sua obra (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016), no primeiro tópico do capítulo 1, e são afirmadas por Neves em:

Considerações de tal tipo apontam, mais uma vez, para a necessidade de incursão em questões como proeminência significativa, distribuição de informação e tematicidade, na avaliação do comportamento das construções com orações articuladas.

[...] Ocorre que os signos compõem as expressões lingüísticas [sic.] não se avaliam como simples estruturação de um significado, mas envolvem esquemas perceptivos que não se pode perder de vista, se não se perde de vista que os signos só adquirem sentido na interação. (NEVES, 2011, p.240)

Isso reforça, em nosso estudo, a partir das abordagens teóricas aqui elencadas, ser indispensável pensar a linguagem (BAKHTIN/VOLÓCHIN, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016),

sua aquisição (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b), a argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2007a, 2007b; LEITÃO, VEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015), a multimodalidade (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018) e os enunciados produzidos pelos falantes dentro do contexto, a partir de uma visão “multidisciplinar”, que não exclui os sistemas sintático, semântico, lexical, prosódico, pragmático, discursivo etc. das sentenças analisadas. Por isso as gramáticas de M. H. M. Neves e de A. Castilho, em seu entendimento sobre a linguagem e estudo da mesma a partir do todo, não da abstração e descontextualização (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014), mostraram-se condizentes com a nossa proposta de estudo, assim como para seu desenvolvimento.

Como dito anteriormente, nos propusemos a analisar os enunciados de S. como simples ou complexos, a partir da Gramática Funcional (NEVES, 2011) uma vez que seus enunciados argumentativos, assim como os elementos linguísticos (CASTILHO, 2014) que os compõem, em relação dialógica (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), indicam inserção de novo tópico no discurso e/ou relação sintática, semântica e discursiva com enunciados anteriores, sejam eles proferidos pela própria criança ou por algum de seus interlocutores, enunciados esses retomados e, muitas vezes, reformulados por S. Para melhor ilustrar essa teoria e seus aspectos, aplicados em nossa pesquisa, trazemos alguns exemplos de enunciados por nós classificados como simples e complexos (NEVES, 2011), algo que está explicitado no capítulo 3, de Análise de Dados, assim como em Anexos, em todas as cenas argumentativas.

No excerto que apresentamos anteriormente (p.29), quando a menina contava com 2;11 anos, episódio em que a criança lança no discurso um tópico que inicia um embate entre ela e suas interlocutoras, ao afirmar a não amizade de sua mãe para com ela, S. argumenta em (1), produzindo um enunciado que não tem, aparentemente, relação direta e explícita com os anteriores, introduzindo novo tópico no discurso. Sendo assim, “Num é minha amiga” por introduzir novo assunto e não ter relação semântica de junção com nenhum enunciado anterior pôde ser classificado como enunciado simples (NEVES, 2011). Segundo as propostas de Leitão (1999, 2001, 2003, 2006a, 2007a, 2007b, 2008, 2010, 2017, 2018), (1) é um argumento, desde que defende um ponto de vista (que é o novo tópico) que a menina introduz no discurso e que está explícito, a princípio não havendo justificativa clara para seu posicionamento, contra o qual a mãe irá se posicionar, dando-se início ao embate e negociação entre seus discursos.

S. 2 anos; 10 meses; 9 dias:

Nessa passagem, turnos antes, a observadora contava à mãe da criança como a menina respondera ao comentário de um senhor pelo qual passaram na rua, ao voltarem da escola, na tarde daquela mesma noite, quando o vídeo em questão (S. 2; 10; 9) foi gravado.

“[...]

MOT: você? [pausa] como como o tiozinho falo(u) pra você?

MOT: criança... como é, menina lindo?

OBS: menina bonitinho.

MOT: menina bonitinho? [rindo]

CHI: **bonitinho?** (*)

OBS: [ri].

CHI: **não existe bonitinho, eu so(u) princesa!** (1)

OBS: no...

OBS: ela falo(u) exatamente assim!

[...]”

O senhor dissera “Que menina bonitinho”, ao que S. contra argumentou, repetindo o que falara, agora para sua mãe e para a observadora: (1) “**Não existe bonitinho, eu so(u) princesa!**”. (1) mostra-se um enunciado complexo, pois estabelece relação semântica com enunciados anteriores: afirmação do senhor sobre a beleza de S. e a repetição dessa frase por OBS e MOT, tratando-se de uma retomada explícita de discurso e tópico anteriores, feita através do que julgamos ser a junção adversativa (NEVES, 2011), introduzida pela relação de oposição “não é x (bonitinho/a), é y (princesa)”, assim como pelo advérbio de negação “não”.

O enunciado marcado como (*), em que S. fala “Bonitinho?”, em tom de deboche, pode ser já uma introdução à sua oposição, melhor formulada em (1). Nesse enunciado ela já demonstra seu ponto de vista e desagrado com relação ao suposto elogio que o senhor lhe fizera. Se o for, trata-se de um enunciado complexo, mesmo que não disponha de elementos lexicais como “mas”, “porquê” etc. explícitos, mas cujo posicionamento contrário está marcado, fundamentalmente, pela prosódia, pelo tom de voz da criança e pela sua expressão facial (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018).

Seguindo, trazemos o último aporte gramatical, que também complementa nossas análises, aplicando-se, essencialmente, sobre os elementos linguísticos lexicais, classes de palavras e seu posicionamento nas sentenças (sintaxe), que contribuem para caracterizar os enunciados de S. como argumentação, tratando-se, esse aporte, da Nova Gramática do Português Brasileiro (CASTILHO, 2014), construída a partir da Teoria Multissistêmica

Funcionalista-Cognitivista (CASTILHO, 2014, p.66-68), que vê a língua como uma estrutura complexa, composta essencialmente por discurso, léxico, gramática e semântica, todos esses sistemas autônomos uns em relação aos outros, mas sumariamente afetados pelo dispositivo sociocognitivo (também chamado de DSC), composto pelos aspectos sociais que envolvem a linguagem, como comunidade de fala, faixa etária, classe social etc. e fatores cognitivos, individuais, que são inerentes aos falantes.

Esses aspectos, anteriormente citados, da teoria Multissistêmica não somente mostram características teóricas que compartilham daquelas do funcionalismo, como também, corroboram com a abordagem dialógico-discursiva, uma das razões pela qual a escolhemos para esse estudo, além de que se tratam de trabalhos (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014) que nos dão ferramentas para entendermos e trabalharmos com os elementos de língua que compõem e contribuem – com relação à significação, no contexto de realização - na argumentação, objetos estes que nos propusemos a estudar, assim como a sua organização no enunciado (BAKHTIN, 2013), que foram - e serão⁴⁴ – observados, a fim de, fundamentalmente, demonstrar o desenvolvimento de S. no fenômeno da argumentação e na (aquisição da) linguagem.

Para uma melhor compreensão da Teoria Multissistêmica, eis os postulados que, segundo Castilho (2014) a definem:

- 1) **Língua fundamentada em aparato cognitivo** (é um postulado cognitivista que trata das categorias cognitivas que compõem a(s) língua(s) natural, como as categorias de pessoa, coisa, espaço, tempo, movimento, visão, qualidade, quantidade etc., todas elas atributos de sujeitos humanos e/ou humanizados);
- 2) **Língua é competência comunicativa** (ela tem por competência veicular conteúdos informativos e instruções, assim como exteriorizar sentimentos e sensações, sendo utilizada na troca comunicacional entre os sujeitos do discurso. Dessa forma a língua irá operar nas categorias cognitivas (1) e semânticas, criando, a partir delas, significados, que irão permear o discurso, sendo responsável pelo processamento de informações presentes nas situações de fala, na interação, onde ela se manifesta);
- 3) **Estruturas linguísticas são objetos não-autônomos** (ainda que os sistemas linguísticos, como o discurso, léxico, gramática e semântica sejam autônomos em

⁴⁴ Estudos futuros, explorando principalmente esses elementos de língua e observação do desenvolvimento do sujeito a partir deles – entre outros aspectos – podem ser realizados.

seus domínios, eles não o são perante o uso, flexíveis a este; logo sua motivação discursiva não é arbitrária (SAUSSURE, 2012) mas, pelo contrário, movida pela situação de uso, na relação dialógica entre sujeitos, de modo que tais estruturas serão dinâmicas e, dessa forma, passíveis de sofrerem constantes (re)elaborações. Conclui-se que as línguas, suas estruturas e sistemas são constituídos e determinados pelo uso, tendo motivação discursiva, não sendo autônomas ou arbitrárias, como nada na comunicação é (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016));

- 4) **Estruturas da língua são multissistêmicas** (a língua é um conjunto de processos e produtos, portanto é um sistema dinâmico e complexo (CASTILHO, 2014, p.77). Os processos são atividades mentais pré-verbais, de elaboração e reflexão sobre o conhecimento de mundo e linguístico, antes da comunicação propriamente dita, mas já parte dela e de seus processos, enquanto que os produtos são as categorias cognitivas (1). Ambos estão em um multissistema que organiza a língua, operando simultaneamente, dinamicamente e multilinearmente, como as funções epistêmico, psicológico e discursivo da argumentação sobre os movimentos discursivos da unidade de análise, todos eles descritos no tópico 1.2 do capítulo 1);
- 5) **Língua pancrônica** (convivência entre gramáticas, produtos e processos, substituindo-se, assim o conceito de sincronia e diacronia de Saussure (2012), focando-se no estudo da razão (*por quê?*) e modo (*como?*) das mudanças que ocorrem na língua, observada em seu uso, nas práticas sociais, antropológicamente configuradas. Dessa forma, parte-se do uso para se indagar e postular a codificação dos fatos gramaticais, algo que nos valem em nossas análises, partindo do uso para tratar dos elementos de língua e a eles voltando para observar, mais uma vez, no uso, seu significado no enunciado argumentativo);
- 6) **Sistemas linguísticos ordenados pelo dispositivo sociocognitivo** (sob o princípio do dispositivo sociocognitivo (CASTILHO, 2014, p.78) é possível captar a articulação de processos e produtos linguísticos através dos sistemas do léxico, discurso, semântica e sintaxe, podendo-se explicar tal articulação por meio dos princípios de ativação, desativação e reativação que são, por sua vez, de natureza cognitiva, fundamentados nas categorias cognitivas de (1)).

A partir desses pressupostos⁴⁵ da teoria multissistêmica e seu alicerce cognitivo-funcionalista, podemos tomá-la como instrumento de fundamentação teórica e metodológica, utilizada na análise dos dados desta pesquisa, ressaltando, então, que a abordagem da Nova Gramática (CASTILHO, 2014) vai ao encontro das propostas da Gramática Funcional (NEVES, 2011), assim como das de Bakhtin e do Círculo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016), principalmente por essas abordagens tomarem como objeto de análise o discurso, a língua falada, em cenário sócio interacional e cultural e a ele suscetível, definida pela situação de uso e pelo falante: toma-se a língua, portanto, em toda a sua heterogeneidade e contexto comunicativo.

Ao optar pela língua falada como objeto de análise o autor, Ataliba Castilho, se depara com a simultaneidade de processos e produtos da mesma, como afirma em:

“A língua falada documenta simultaneamente os dois momentos fundamentais da linguagem: o momento do planejamento, pré-verbal, de caráter cognitivo, e o momento de execução verbal, de caráter sóciointeracional. [...] A língua falada nos proporciona uma janela privilegiada para a inspeção de como funciona nossa mente quando falamos.” (CASTILHO, 2014, p.215).

Ele ainda complementa tal constatação de viés cognitivista-funcional abordando seu caráter dialógico (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), dizendo que:

“Essas constatações banais [fala do diálogo face a face, do tempo e espaço da situação de comunicação etc.] apontam, entretanto, para processos dialógicos que geram consequências formais muito importantes, tais como a organização dos turnos e dos pares adjacentes, o sistema de reparação e correção, e a ampla utilização de diferentes classes gramaticais, denominadas coletivamente marcadores discursivos * [...]” (CASTILHO, 2014, p.215).

Em suma, os processos dialógicos é que organizam as sequências formais das sentenças, assim como a escolha (BAKHTIN, 2013) dos elementos sintático, semântico, discursivo, lexical e prosódico que as compõem e não o contrário, de modo que a língua, sua estrutura, são definidas pelo uso e não o oposto a isso.

Como dito anteriormente, a Gramática do Português Brasileiro (CASTILHO, 2014) em sua abordagem teórica recente, que corrobora com a abordagem dialógica-discursiva da qual lançamos mão, tanto para o estudo da Aquisição da Linguagem quanto para a argumentação, fornece meios para analisar os enunciados argumentativos produzidos por S., cujos dados são por nós descritos e observados e nos quais buscamos os elementos linguísticos, elementos

⁴⁵ Trazemos os pressupostos a fim de melhor contextualizar a Nova Gramática (CASTILHO, 2014) e seus aspectos teórico-metodológicos, mas não entramos a fundo em tais aspectos, numerados de 1 a 6.

verbais e não-verbais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018; VASCONCELOS, 2017) que contribuem para dar às sentenças produzidas pela criança em questão, características de argumentação, como o advérbio de negação “não” ou “nem” (clitização de “não” + “é”), conjunção adversativa “mas”, conjunção de razão/motivo “porque”, além de outros elementos que aparecem, às vezes, com menor frequência que esses, em nosso *corpus*, mas que serão evidenciados ao longo da análise.

A partir das classificações dos elementos sintáticos percorridas por Castilho (2014), como os adjuntos adnominais e adverbiais, advérbios (seu posicionamento no sintagma, categorias e estatutos sintático e semântico) e conjunções, fazemos a análise dos dados, em conjunto com as unidades de análise da argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019; VIEIRA, 2011, 2015) e a Teoria dos Enunciados Simples e Complexos tratada na Gramática Funcional (NEVES, 2011), para a qual estudamos as Modalizações, que, como dissemos, não serão explícita e diretamente abordadas nos dados.

Para que possamos realizar o estudo proposto, após analisar previamente os dados, selecionamos as classes de valor argumentativo que mais aparecem neles, não descartando a possibilidade de outras categorias surgirem ao longo das análises, introduzindo-as no trabalho mediante seu aparecimento no *corpus*.

As mais recorrentes classes são: (1) Adjuntos Adnominais e Adverbiais, (2) Advérbios e (3) Conjunções, sobre os quais iremos percorrer mais detalhadamente abaixo, já adiantando que, ao trazermos exemplos das produções de S. para demonstrar aspectos dessas categorias, no capítulo 3 e em Anexos, nos deparamos, algumas vezes, com a falta de ocorrências para algumas delas. Isso não significa que a criança não utiliza e/ou utilizou das mesmas em suas produções, mas não o fez naquelas presentes no *corpus* desta pesquisa ou nos enunciados argumentativos por nós focalizados.

Essas classes costumam ocorrer como sintagmas⁴⁶ pospostos ao verbo (em posição após o verbo), sendo o seu conteúdo (CASTILHO, 2014), conseqüentemente, o tópico do enunciado argumentativo (argumento, contra-argumento ou resposta), o assunto tratado no e pelo discurso, normalmente, na argumentação, tratando-se de um ponto de vista que pode, por

⁴⁶ Entendemos por sintagma a palavra – ou conjunto delas – contígua ao enunciado, formando uma unidade sintática na frase que, em seu todo, terá significado, principalmente quando dentro do contexto de comunicação. Os sintagmas, a depender das classes de palavras que os compõem, podem ser verbais, nominais, adjetivais ou preposicionais.

sua vez, ser negado ou afirmado, refutado ou aceito etc. O sujeito da frase é o ponto de partida da predicação, que traz as informações que serão veiculadas.

Antes de continuar, é preciso salientar que acreditamos na simultaneidade das propriedades discursivas, gramaticais, semânticas e lexicais dos enunciados, assim como na simultaneidade das funções epistêmica, psicológica e discursiva da argumentação. Fazemos a separação dessas propriedades para que possamos realizar uma melhor e mais detalhada análise do *corpus*, assim como melhor demonstrá-lo.

A começar pelos (1) Adjuntos adnominais e adverbiais, temos que os adjuntos agregam **informações acessórias** ao enunciado, sobre ele operando nos aspectos de **espaço e tempo** e podem ser preenchidos por sintagmas adjetivais, adverbiais ou preposicionais, ou ainda por substantivos, que tomam como escopo:

- a) Adjuntos adnominais: têm por escopo (que é o conjunto de conteúdos afetados por um operador, um sintagma, no caso, os adjuntos) um **substantivo**, ao qual irão predicar, classificar ou dispor, no enunciado, no eixo **espaço-tempo**. Esses adjuntos, que reproduzem as propriedades semânticas de classificador e caracterizador dos **adjetivos** e podem ser adjuntos adnominais (i) predicativos, de (ii) verificação/classificadores ou (iii) dêiticos, de local e tempo.
- b) Adjuntos adverbiais: esses adjuntos, por sua vez, tomam por escopo **adjetivos** ou **advérbios**, desempenhando três grandes funções, que são as de (i) predicar o escopo, atribuindo a ele propriedade semântica nova, a partir de modalização, qualificação e quantificação; (ii) verificar a veracidade do escopo, feito através de adjuntos adverbiais de negação, afirmação e focalização; (iii) situar o escopo no eixo espaço-tempo.

Os Advérbios (2), que podem tomar por escopo um conteúdo da sentença ou ela toda e podem atuar como (i) “quase” elementos da preposição⁴⁷; (ii) adjuntos; (iii) marcadores sintáticos de elementos constituintes da preposição (objetos direto e/ou indireto, por exemplo).

Em (i) os advérbios são referenciais, recebendo caso e papel temático, podendo ser proporcionais a substantivos e pronomes, ou mesmo sintagmas preposicionais completos. Nas palavras de Castilho (2014, p.545), “e aí a coisa se complica.”, por sua múltipla funcionalidade. Podem ser, também, considerados como advérbios de modo, comutáveis por

⁴⁷ Castilho (2014) adota o termo “argumento” para se referir aos elementos que compõem a preposição. Aqui, porém, não usaremos esse termo, para evitar possíveis confusões com o “argumento” da teoria da Argumentação de Leitão, por nós abordada.

“de maneira”, “de modo”, como em: Ela se dedica **inteiramente** à vizinhança. → Ela se dedica **de maneira inteira** à vizinhança. Esses advérbios terminados em /-mente/ ou mesmo em sua forma “de maneira”, “de modo” não são encontrados nas produções argumentativas de S. nos dados dos 2;1 aos 3;8 anos.

Em (ii), operando como adjuntos, os advérbios podem ser focalizadores, de clivagem por “é que” ou de interrogação e em (iii) são pré-nucleares, anunciando elementos de preposição (sujeito, objetos etc.), adjuntos adnominais ou adverbiais, podendo ser advérbios de verificação (inclusão/exclusão, afirmação/negação, focalização), predicativos (modalizadores, qualificadores, quantificadores) ou dêiticos (locativos e temporais).

Damos atenção, aqui, aos advérbios de verificação, muito presentes nos enunciados argumentativos de S., como poderemos ver nos dados. Nesse tipo de advérbio, especialmente nos de afirmação e negação, pode ocorrer o chamado Redobramento (CASTILHO, 2014), que se dá pela repetição de “sim” e, principalmente, pensando na produção de S., do advérbio de negação “não”, em sua forma original. Há também a possibilidade de redobramento do elemento sintático cliticizado (fundido) ao verbo “ser”, tornando-se “num”, também recorrente no discurso da criança em questão.

Por fim, abordamos as Conjunções (3) que, como seu próprio nome já indica, têm por função primordial unir duas orações, sejam elas semanticamente dependentes entre si (subordinadas) ou não (coordenadas). Vários marcadores discursivos podem ser classificados como conjunções, de diferentes tipos, dentre os quais abordaremos aqui somente aqueles que aparecem nas produções argumentativas de S., que são as (i) conjunções coordenativas aditivas, (ii) explicativas e, principalmente, (iii) adversativas (introduzidas, muitas vezes, pelo “mas”) e as (iv) conjunções subordinativas causais e (v) finais (de finalidade). Não retomamos as cinco classes das conjunções em Análise de Dados, mas elas estão implicadas quando tratamos das conjunções a partir das junções – explicadas anteriormente (NEVES, 2011) – que exprimem retomada de tópico e/ou discursos anteriores.

É preciso salientar que a Nova Gramática do Português Brasileiro (CASTILHO, 2014), como dissemos no início desse trabalho e diremos no capítulo 2, Metodologia, funciona, aqui, essencialmente como um guia de consulta para os elementos por nós elencados, adjuntos adnominais e adverbiais, advérbios e conjunções, que aparecem no discurso argumentativo de S., de modo que trazemos a teoria e os tipos de cada um desses elementos, mas não trazemos exemplos para os mesmos, já que não nos interessa analisá-los, nos enunciados da criança, sintaticamente, em detalhes, mas sim em sua relação – ou não – com enunciados e tópicos anteriores e seu funcionamento na frase, contribuindo para a

significação da mesma, na comunicação, como argumentação, seja ela um argumento, contra-argumento ou resposta.

Feitas essas considerações sobre as gramáticas que nos ajudam na análise dos dados, passamos às questões sobre a multimodalidade que também são nosso foco de atenção.

2.4 A multimodalidade

É possível notar no discurso argumentativo de S. a presença de enunciados multimodais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018; VASCONCELOS, 2017), verbais e não-verbais, como podemos⁴⁸ ver ao longo dos episódios selecionados para análise (S. 2;1 aos 3;8 anos). Tratamos aqui principalmente dos enunciados que são não-verbais e acompanham os verbais, como gestos, expressões faciais e sons emitidos pela criança, como grunhidos de raiva e nervoso, interjeições de surpresa e espanto etc. e os observamos a partir dos estudos, principalmente, de M. Cavalcante (CAVALCANTE, 1994, 2018; CAVALCANTE, BRANDÃO, 2012; DE ALMEIDA, CAVALCANTE, 2017), que consideram a multimodalidade como:

[...] constitutiva da linguagem e como *lôcus* de análise em aquisição da linguagem. Assim, a multimodalidade refere-se às modalidades de uso da língua (fala, gesto, olhar) que coatuam na produção linguística com vistas à interação. Além disso, elege-se a prosódia, por ser elemento da fala, como copartícipe dessa matriz, tanto por se construir como uma via privilegiada do engajamento da criança no diálogo e nos processos de subjetivação, quanto por ser um fator coesivo na organização da forma fônica e nos princípios de estruturação fonológica (SCARPA, 1988). (CAVALCANTE, DE ALMEIDA, 2017, p.526).

Entende-se, sob um viés dialógico-discursivo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), que a fala é toda e qualquer forma de produção discursiva cuja finalidade principal é a comunicação, podendo manifestar-se na modalidade oral, uso de “sons articulados e significativos, bem como aspectos prosódicos e uma série de recursos expressivos de outra ordem” (CAVALCANTE, BRANDÃO, 2012a, p.57), e na modalidade multimodal, que são os gestos, movimentos corporais, gestos acompanhados de sons etc. Sendo assim, a linguagem é composta tanto pelo seu sistema oral, da fala, como pelo sistema gestual, ambos indissociáveis e coexpressivos, acompanhando, semanticamente, um enunciado verbal ou constituindo-se como enunciado plenamente gestual.

⁴⁸ Tópico 3. Análise de Dados.

Logo, gestos e linguagem oral estarão, muitas vezes, ambos presentes no discurso, às vezes, em um mesmo enunciado, como no episódio analisado no tópico 1.2, ao tratarmos da argumentação, em que S. (2;11, 9 anos) olha de canto de olho para MOT e em seguida aponta para ela.”) o olhar de S. é concomitante ao seu enunciado em (1) “num é minha amiga.”, e o apontar vem logo no final do mesmo.

Sobre o fenômeno da multimodalidade a autora ainda diz que:

Em Aquisição da Linguagem, por exemplo, [a multimodalidade] diz respeito às modalidades de uso da língua (fala, gesto, olhar) que coatuam na produção linguística entre parceiros e que hoje têm sido foco de pesquisas que trazem uma perspectiva multimodal de língua (CAVALCANTE, 1994; ÀVILA-NÓBREGA, 2010; COSTA-FILHO, 2011; BARROS, 2012) tendo a relação gesto-fala como pauta de muitos pesquisadores (MCNEILL, 1985, 1992, 2000; MCNEIL et al. 2002; GOLDIN-MEADOW, 2006, 2009; BATES e DICK, 2002). (CAVALCANTE, DE ALMEIDA, 2017, p.527)

Também:

“Partimos da premissa de que a língua não ocupa uma instância apenas de fala, mas uma mescla de gestos e fala integrados em uma mesma matriz de produção (McNeill 1985: 358-362). Consideramos ainda que desde seu nascimento, ou mesmo na vida intrauterina, a criança já é inserida como sujeito interativo linguisticamente desde que o outro conceba a noção de língua enquanto instância da multimodalidade.” (CAVALCANTE, NÓBREGA, 2012b, p.159)

Esses estudos de Cavalcante (1994, 2012, 2017, 2018) corroboram com as perspectivas adotadas em nossa pesquisa e com a perspectiva dialógico-discursiva (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016), considerando que pensa o fenômeno da multimodalidade na relação dialógica interacional entre a criança e o adulto que é, na grande maioria das vezes, a mãe, partindo-se, assim, da troca comunicativa que se desenvolve no e a partir do dialogismo. Tendo em vista essa perspectiva, a teoria desenvolvida por Cavalcante e em parceria com outros estudiosos (CAVALCANTE, 1994, 2018; CAVALCANTE, BRANDÃO, 2010; DE ALMEIDA, CAVALCANTE, 2017) é condizente com nosso aporte teórico e muito tem a contribuir para com nossa pesquisa, para a análise dos dados multimodais não-verbais ,com os quais nos deparamos nas produções de S. dos 2;1 aos 3;8 de idade e que não poderiam ser deixados de lado, desde que têm significação na comunicação.

Esses enunciados multimodais não-verbais complementam enunciados argumentativos (sejam eles argumentos, contra-argumentos ou respostas), contribuindo para sua significação no discurso assim como, eles mesmos, às vezes, figuram como enunciados argumentativos, ao

representarem uma recusa por meio do gesto de negação com a cabeça, empurrar algo que não se quer, fazer careta e menear a cabeça, cruzar os braços etc.

A seguir, trazemos mais detalhadamente informações sobre o *corpus* e a forma como os dados de S. foram recortados e analisados.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos os dados de uma criança, do sexo feminino, brasileira e monolíngue, aqui chamada de S., cujas produções filmadas correspondem ao período de 2 anos e 1 mês a 3 anos e 8 meses - 1;7 meses⁴⁹ de recolhimento de dados -, totalizando 10 vídeos, gravados em formato MOV.

A duração, em tempo, desses vídeos varia muito, de modo que temos as seguintes extensões:

Quadro 2 - Extensão dos vídeos

Vídeo	Tempo (hora: minuto: segundo)
S. 2 anos; 1 mês; 24 dias	00: 37: 32
S. 2 anos; 3 meses; 8 dias	00: 48: 20
S. 2 anos; 4 meses; 14 dias	00: 33: 06
S. 2 anos; 4 meses; 17 dias	00: 07: 29
S. 2 anos; 9 meses; 12 dias	01: 14: 12
S. 2 anos; 10 meses; 9 dias	01: 00: 57
S. 2 anos; 11 meses; 9 dias	01: 00: 57
S. 3 anos; 7 meses; 15 dias	00: 16: 02
S. 3 anos; 8 meses; 26 dias	00: 08: 23
S. 3 anos; 8 meses; 5 dias	00: 21: 15

Os dados selecionados para esse trabalho fazem parte dos bancos de dados do grupo NALíngua (Del Ré et al., 2016) e encontram-se transcritos segundo as normas do CHAT, sistema CLAN, disponível gratuitamente na plataforma CHILDES⁵⁰ (MACWHINNEY, 2000). Esse tipo de transcrição facilita muito a análise dos dados, posto que ela nos permite detalhar toda a produção da criança, seus enunciados verbais, situações e enunciados multimodais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018), compostos por gestos, olhares, expressões faciais etc. Parte desses dados encontravam-se transcritos, outra parte foi transcrita

⁴⁹ No projeto inicial havíamos proposto analisar os dados dos 2;1 anos aos 5 anos de idade, porém, devido a grande quantidade de vídeos e ao pouco tempo que dispomos para analisá-los, nessa dissertação de mestrado, assim como as lacunas temporais entre alguns dos vídeos entre os 3;8 aos 5 anos (grande intervalo de tempo decorreu entre uma gravação e outra), optamos por diminuir a extensão do período observado, o que poderá ser estendido em possíveis pesquisas futuras.

⁵⁰ Disponível no link: <https://dali.talkbank.org/clan/>.

por nós ao longo deste trabalho (vídeos S. 2;9;12, S. 2;10;9, S.2;11;9, S.3;7;15, S.3;8;26 e S.3;8;5).

Visto que se trata de uma pesquisa que se insere em um projeto mais amplo sobre argumentação, os dados aqui analisados pretendem somar-se aos analisados por Grecco (2012, 2017), Falasca (2012, 2017) e, em especial aos de Vieira, em sua dissertação de mestrado de 2011 e em sua tese de doutorado de 2015, bem como às discussões no âmbito do grupo NUPArg, liderado pela Professora Doutora Selma Leitão.

S. é sobrinha da observadora, o que traz às interações outra dinâmica que envolve a família. Outra informação importante é o fato de muitas das gravações acontecerem aos domingos, na casa da bisavó de S., com vários familiares presentes: bisavós, avós, tios etc. Os bisavós são italianos, vieram ao Brasil na década de 50 e têm a cultura muito presente em suas vidas, suas falas, seus costumes, fatores que trazem muitas influências inclusive para as interações e produções languageiras de S.

S. é filha única e, durante todo o período da filmagem (7 anos⁵¹) foi a única criança da família. Ela era, portanto, o centro das atenções de todos. Apesar de monolíngue, S. está imersa em uma cultura italiana muito presente e seus bisavós mantêm na língua que utilizam muito da língua italiana (léxico, sotaque etc.), sobretudo seu bisavô (nonno).

Para a realização desse estudo foi necessário um recorte do *corpus* que é composto por registros que vão de 0-7 anos de idade (com uma interrupção entre 4 e 6 anos, mais ou menos) e a escolha dos dados da faixa etária dos 2;1 aos 3;8 anos foi feita por sua linearidade e porque aos dois anos nosso sujeito, S., começa a argumentar com mais eficiência, fazendo-o a partir de enunciados mais extensos e que se constroem, cada vez mais, com palavras de diferentes classes gramaticais, não usadas por ela em produções anteriores. Antes dos 2;1 anos seus argumentos consistiam, quase que exclusivamente, de enunciados de apenas uma ou, no máximo, duas palavras, normalmente um substantivo ou/e verbo, advérbio de negação seguido de verbo ou substantivo, ou ainda, só o advérbio compunha a frase argumentativa, às vezes, repetido até quatro vezes (CASTILHO, 2014), mas sem inserir nova palavra, de classe gramatical diferente. Esses enunciados muitas vezes retomavam enunciados e tópicos anteriores (NEVES, 2011), mas não traziam novos elementos sintáticos em sua composição, assim como não apresentavam uma defesa de ponto de vista que fosse elaborada ou reelaborada, acompanhada de justificativas. Isso muda a partir dos 2 anos e 1 mês e o desenvolvimento da criança na e pela linguagem, e a argumentação é visível desse período até

⁵¹ São 7 anos de vídeos de S., mas aqui trazemos apenas 1;7 ano, dez vídeos do *corpus* total.

os 3 anos e 8 meses e, se observássemos, muito provavelmente também, o seria ao longo do *corpus* posterior a esse período. Notamos esse desenvolvimento também pela própria argumentação, pela maneira como a criança, S., a produz e seus efeitos no discurso, como também, a composição dos enunciados argumentativos, no que diz respeito a seus aspectos sintático, semântico e discursivo (BAKHTIN, 2013) como dissemos anteriormente, pelo uso de classes gramaticais que instauram, por exemplo, a retomada de tópicos que foram abordados anteriormente no discurso, que são, neste estudo, advérbios, adjuntos adnominais e adverbiais e conjunções (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014).

Nesta pesquisa, a análise dos dados é feita a partir de um princípio qualitativo, a fim de coletarmos os elementos linguístico-discursivos de argumentação que sejam salientes nas produções de S. Seleccionamos tais elementos a partir de sua compatibilidade com a unidade de análise⁵² (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019), além dos aspectos da língua, como lexical, sintático, semântico e discursivo (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014) que contribuem para a significação dos enunciados, na comunicação, como tal fenômeno da linguagem.

Lembrando que os enunciados argumentativos se destacam na situação comunicacional por defenderem um ponto de vista e pela possível relação de oposição entre discursos, causando seu embate e possível negociação, analisamos tais enunciados a partir de suas características e unidade de análise (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019), assim como voltamos para sua contribuição na aquisição da linguagem (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b), da qual faz parte, partindo das perspectivas teóricas de Bakhtin (BAKHTIN, 2013, 2016) e do Círculo (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017), cuja luz incide sobre os estudos em Aquisição da Linguagem e Argumentação por nós escolhidos e mencionados acima. Contamos também com o auxílio das gramáticas de Castilho (2014) e Neves (2011), que servem de aporte para a análise dos elementos linguísticos, em seus aspectos sintáticos e semânticos que compõem os enunciados argumentativos e contribuem para sua significação, no discurso. Essas gramáticas foram escolhidas, dentre outras, por sua abordagem sobre a linguagem ser compatível com aquela da perspectiva dialógico-discursiva

⁵² Lembrando que as funções epistêmica, discursiva e psicológica são inerentes aos movimentos discursivos (argumento, contra-argumento e resposta) da unidade de análise, mas não são construtos metodológicos, portanto, não os utilizamos como ferramenta nas análises de dados, compreendendo-os como subentendidos nos movimentos.

(BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013), que é fundamental para o estudo em questão.

Para que pudéssemos fazer uma melhor correlação com a teoria abordada, percorremos o seguinte caminho para a análise dos dados, caminho este que condensamos em duas etapas principais:

1) Primeira etapa: após seleção do aporte teórico e do *corpus* a ser estudado, fizemos uma análise preliminar dos vídeos de S., a partir dos quais levantamos as cenas e os enunciados argumentativos, detalhando e previamente categorizando-os. Em seguida, esses enunciados argumentativos passaram por uma análise mais profunda, a fim de que observássemos mais detalhadamente a unidade de análise (argumento, contra-argumento, resposta) (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019), a qual movimento discursivo correspondiam e quando – em que contexto – surgiam na comunicação.

Ao final da primeira etapa, foi feita uma revisão bibliográfica, para que as necessidades práticas e teóricas fossem melhor cotejadas. Nessa revisão, optamos, em um primeiro momento, por inserir a Nova Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba Castilho (2014), a ser consultada como um guia para o estudo e descrição das estruturas gramaticais (adjuntos adverbiais e adnominais, advérbios e conjunções) dos enunciados argumentativos de S., assim como, mais tarde, optamos também pela Gramática Funcional, de Maria Helena de Moura Neves (2011), que orienta nossas análises, principalmente, com relação aos enunciados simples e complexos, que assim são classificados de acordo com sua função e relação sintática e semântica no discurso, com outros tópicos e enunciados.

2) Segunda etapa: Após observar e analisar a unidade de análise da argumentação a partir do *corpus*, partimos para a observação dos elementos linguísticos (adjuntos adverbiais e adnominais, advérbios e conjunções) (CASTILHO, 2014; NEVES, 2011) que contribuíram para a significação dos enunciados de S., no discurso, como enunciados argumentativos. Observamos também e posteriormente a isso, se os enunciados argumentativos de S. poderiam ser classificados como simples (trazem novo tópico à comunicação) ou complexos (retomam explicitamente tópicos anteriores, por meio, por exemplo, de conjunções e advérbios de negação, construindo relação direta com enunciados precedentes), já tendo observado quais deles figuravam como argumento, contra-argumento ou resposta.

A partir do detalhamento das produções argumentativas de S., nos vídeos que compõem nosso *corpus*, olhamos para tais enunciados em seu todo, no contexto de comunicação (NEVES, 2011), no qual ele é produzido e possui um sentido (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV,

2017). Caso selecionássemos alguns dos componentes das orações, como fazemos aqui com os advérbios (advérbios, em geral) de negação, conjunções adversativas (conjunções, mais os adjuntos adverbiais e adnominais) etc. e não os analisássemos em seu contexto, acreditamos que perderíamos o sentido completo dos enunciados argumentativos, algo que se constrói na enunciação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2017), por isso, e pela linha teórica – dialógico-discursiva – que aqui seguimos, optamos por não fazê-lo.

Ainda nessa etapa, os elementos linguístico-discursivos (adjuntos adverbiais e adnominais, advérbios e conjunções), em seus aspectos sintático, semântico e discursivo foram explicitados e analisados nos enunciados argumentativos de S., assim, como também, analisamos os elementos multimodais não-verbais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018) que estivessem relacionados com os enunciados verbais argumentativos, contribuindo para sua construção de sentido, no discurso, como tais. Alguns enunciados puramente não-verbais também constituem, por si só, argumentação, em algumas passagens dos dados analisados.

É preciso salientar que olhamos para todas essas categorias acima elencadas, ou seja, a unidade de análise da argumentação – à qual as funções são inerentes –, os elementos linguísticos (adjuntos adnominais e adverbiais, advérbios e conjunções) que contribuem para a composição dos enunciados argumentativos, os enunciados simples e complexos, além do contexto de produção da argumentação em cada um dos trechos do *corpus* de S. 2;1 aos 3;8 anos. Desses dados, elencamos aquilo por nós chamado de cenas argumentativas, as quais observamos, depreendemos, sendo também, analisados os aspectos anteriormente citados, como pode-se ver no capítulo 3, de Análise de Dados.

Resumindo, os fios condutores da análise que serão explorados no capítulo a seguir são:

a) Argumentação, proposta por Selma Leitão (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019) e desenvolvida por Vieira (2011, 2015) – argumento, contra-argumento e resposta;

b) As classes gramaticais, que são os advérbios, adjuntos adverbiais e adnominais e conjunções (CASTILHO, 2014) que contribuem para a construção e significação dos enunciados de S. como argumentativos, os quais podem ser enunciados simples ou complexos (NEVES, 2011), trazendo ou não relação sintática e, principalmente, semântica direta e explícita, com tópico e/ou enunciados anteriores – posteriores, no caso da antecipação de contra-argumentos (LEITÃO, FERREIRA, 2006c);

c) Utilizamos também uma categoria, especialmente, dentre aquelas criadas pelo grupo COLAJE e desenvolvidas por Vieira (2011; 2015) que corrobora com elementos analisados

nos dados de S., sendo ela: a situação de comunicação (diz respeito à situação, contexto no qual os falantes da interação estão inseridos e em que se desenvolve a comunicação). Vale dizer que todos os vídeos de S., aqui analisados, estão inseridos em contexto familiar, em situações de dialogia⁵³ entre a criança e seus familiares que, na grande maioria das vezes, são a mãe e a observadora, além da avó, avô, bisavó, bisavô etc. Não podemos deixar de observar, também, quais situações, ações e/ou enunciados que, no discurso, nas situações de interação, desencadeiam a argumentação pela criança, contextualizando-as ao longo das análises;

d) Observamos a construção dos enunciados argumentativos não somente no aspecto sintático, mas também semântico e discursivo, discutindo os efeitos das escolhas lexicais (BAKHTIN, 2013; NEVES, 2011; CASTILHO, 2014) e multimodais, de elementos não-verbais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018) da criança para a construção de seus enunciados como fenômenos argumentativos, sejam eles argumento, contra-argumento ou resposta.

A partir do aporte teórico, resumido acima, definimos um conjunto categorias de análises que foram por nós ilustrados no seguinte quadro síntese:

Quadro 3 - Categorias de análise

TEORIA	CATEGORIAS DE ANÁLISE		
Argumentação	Argumento	Contra-argumento	Resposta
Elementos linguísticos (CASTILHO, 2014)	Adjuntos adverbiais e adnominais	Advérbios	Conjunções
Teoria dos enunciados (NEVES, 2011)	Enunciados Simples	Enunciados Complexos	
Situação da comunicação (grupo COLAJE)	(situação/contexto de produção discursiva)		

⁵³ A dialogia está além do diálogo face a face, tratando-se do diálogo entre enunciados presentes – ou não presentes imediata e explicitamente - e anteriores no discurso.

Para melhor leitura e compreensão dos enunciados transcritos, trazemos a legenda de cada uma das abreviações utilizadas na transcrição e que foram adaptadas para essa dissertação, além dos códigos que identificam o sujeito que fala.

Quadro 4 - Símbolos e Abreviaturas CLAN-CHAT

SÍMBOLO	SIGNIFICADO
[...]	Cena continua
CHI⁵⁴ (child)	Turno de fala da criança
MOT (mother)	Turno de fala da mãe
OBS (observer)	Turno de fala da observadora
GMO (grandmother)	Turno de fala da avó
GFA (grandfather)	Turno de fala do avô
GGM (great grandmother)	Turno de fala da bisavó
GGF (great grandfather)	Turno de fala do bisavô
UNC (uncle)	Turno de fala do tio
AUN (aunt)	Turno de fala da tia
ADU (adult)	Turno de fala do adulto
[ação]	Ação realizada pelo sujeito
%act	Descrição de ação
xxx [?]	Palavra ou expressão não compreendida ou compreensível para o transcritor e analista
< > [>]	Início de turnos sobrepostos

⁵⁴ As abreviações/códigos usados para indicar os falantes provém das iniciais das palavras que correspondem aos sujeitos, seus papéis dentro da situação de comunicação gravada. Essas palavras estão originalmente em inglês e não as modificamos para o português na transcrição, assim como não o fazemos nesta dissertação.

< > [<]	Fim de turnos sobrepostos
Número antecedendo o código do falante (Ex.: 176 CHI)	Indicação do número do turno, na ordem em que foi pronunciado no vídeo
Palavra ...	Suspensão de palavra e/ou enunciado
... palavra	Continuação de palavra e/ou enunciado suspenso anteriormente
Yyy	Enunciado cujo assunto não diz respeito à criança ou à situação de comunicação em questão

Alguns sinais usados na transcrição, como o “:” para indicar alongamento de letra, “+...” de suspensão de fala, entre outros, foram suprimidos, mas reescritos de maneira a facilitar a leitura e compreensão dos dados. Com o mesmo objetivo de deixar a leitura do trabalho mais fluida e também para fins de organização dos dados, no próximo capítulo, eles serão apresentados por sessão de gravação (que foram dez) e, para cada uma delas, selecionamos uma cena argumentativa.

Dito isto, optamos por apresentar os dados desta forma pensando em dois aspectos:

1) abordar os diferentes contextos de produção da argumentação que, no caso dos dados de S., se inserem, quase na totalidade, em ambiente familiar, no qual ocorrem situações dialógicas que oferecem possibilidade de argumentação para os sujeitos da interação;

2) oferecer um panorama dos diferentes modos de argumentação da criança (S.), como a auto-argumentação, algo que supomos ocorrer quando a menina brinca sozinha, além de antecipação (LEITÃO, FERREIRA, 2006c), embate e negociação, os quais podem levar a um não acordo entre as partes envolvidas no discurso, assim como podem levar a um encerramento da cena argumentativa por respostas consensual (que ocorre quando há convencimento) ou adversativa etc. Esses são alguns dos fatores que aparecem nas análises das cenas, aquelas descritas e tratadas no capítulo 3, de Análise de Dados, e aquelas presentes nos Anexos, onde estão compiladas todas as situações argumentativas depreendidas de nosso *corpus*.

A partir desses dois critérios fundamentais, escolhemos e apresentamos os exemplos no capítulo 3, com base nos quais comentamos, em termos de desenvolvimento da linguagem,

acerca das mudanças ocorridas nos enunciados argumentativos de S., em seu uso e composição, levando em consideração seus aspectos sintáticos, lexicais, semânticos, e discursivos. Ao mesmo tempo, observamos o curso do desenvolvimento linguageiro no que se refere à argumentação, à medida em que a criança cresce.

É importante salientar que escolhemos apenas uma cena de cada um dos vídeos que apresentam os critérios acima tratados, sobre os contextos de produção e enunciados argumentativos e as diferentes formas de produção dos mesmos. Ao fazer isso apresentamos apenas um exemplo de cada uma das categorias e formas, desde que outros episódios tragam os mesmos fatores, portanto, não acreditamos ser relevante repeti-los, optando por não fazê-lo, a fim de ter um texto mais fluido. As análises das demais cenas argumentativas do *corpus* encontram-se nos Anexos, para fins de consulta. Todas as cenas argumentativas elencadas a partir do *corpus* de S., além daquelas que constam no capítulo 3, de Análise de Dados, estão transcritas, contextualizadas e analisadas em Anexos, no qual trazemos todas essas cenas desde que este é um estudo qualitativo e que prevê observar o desenvolvimento do sujeito na linguagem e na argumentação, de modo que acreditamos ser, através de todas as produções e da comparação entre elas, principalmente nas quais S. era mais jovem (2;1 anos) e mais velha (3; 8 anos), possível observar, compreender e descrever tal desenvolvimento.

Passemos então à análise das cenas.

4 ANÁLISE DE DADOS

1) S. 2; 01; 24 (2 anos; 1 mês; 24 dias):

(5.1⁵⁵) “[...]”

900 %sit: S. parece lisonjeada perante elogios de seus interlocutores. Aparentemente feliz ela caminha pela sala.

902 *MOT: esse nonno, n(ão) é.

903 *OBS: <ai o monstrinho.> [> falam ao mesmo tempo]

904 *CHI: <não faz.> [< fala ao mesmo tempo] (1)

905 *MOT: [ri] não fala.

906 *OBS: não, não é não fala, não faz .

907 *CHI: xxx (ininteligível) **blusa meu.** (1.1)

908 %act: S. fala para o bisavô (nonno) que está brincando com ela.

909 *MOT: não vai tirar blusa meu .

910 *OBS: não vai tirar a blusa meu .

911 *CHI: **é meu blusa.** (1.2)

912 *MOT: [ri] sai daí, nonno.

913 *CHI: **sai daí.** (2)

914 *GGF: sai daí. [ri]

915 *CHI: **deixa eu.** (3)

916 *CHI: **deixa aí.** (3.1)

917 *MOT: sai daí, nonno.

918 *CHI: **não vai.** (4)

919 *CHI: **não vai.”** (4.1)

Nesta cena, cuja transcrição apresentamos acima, S. estava caminhando pela cozinha e seu bisavô (GGF) a provocava, puxando sua blusa, o que incomodou a criança e a fez reagir. É preciso lembrar, como dissemos no início das análises, que os familiares de S., seus interlocutores, em muitas situações de comunicação, a provocam e a instigam de modo que, muitas vezes, argumentar (contra argumentar e responder) é inevitável. Seu bisavô é um dos interlocutores que mais o fazem, como no episódio em questão no qual ele, GGF a provoca, mexendo na roupa da menina, que desperta para se opôr à atitude de seu interlocutor, dando-se início ao embate entre seus discursos.

⁵⁵ A numeração segue a ordem das cenas argumentativas de cada um dos vídeos e não a ordem em que aparecem na Análise de Dados.

Nesta situação, encontramos, segundo os critérios por nós utilizados para selecionar as cenas argumentativas desse capítulo, confronto entre discursos opostos que dura vários turnos, assim como temos uma negociação entre os sujeitos (ou tentativa de) e a reformulação dos enunciados argumentativos de S. por ela mesma, que não somente retoma seu posicionamento e ponto de vista iniciais, como também, os reestrutura, mudando as palavras que usou inicialmente ou as reutilizando acompanhadas de outro item lexical, como podemos ver na transcrição acima.

No enunciado (1) “não faz.” deparamo-nos com um contra-argumento da criança com relação à ação de seu bisavô (GGF), que puxava sua blusa, ação essa à qual a S. se opõe e oferece uma possibilidade alternativa, que é ele não fazer. (1) é complementado e justificado pelo enunciado em (1.1) “xxx [?] blusa meu”, quando S. parece expor uma razão para que o interlocutor não a importunasse que é a quem pertencia a blusa que ela usava. O mesmo ocorre em (1.2) “é meu blusa.” e, nesse enunciado, podemos observar a reformulação da menina não quanto a seu posicionamento, que continua o mesmo e é, então, reforçado, mas quanto à ordem das palavras, o que pode demonstrar que ela está refletindo não somente sobre seu conhecimento de mundo e ponto de vista, logo, sobre a argumentação, como também, sobre a linguagem. Ao fazer a reformulação de “blusa meu” para “meu blusa” CHI rearranja as palavras do enunciado para a ordem canônica do português brasileiro (CASTILHO, 2014), mostrando que – assim acreditamos – ela está adquirindo a linguagem e sua estrutura, sobre a qual desenvolve cada vez mais compreensão e domínio.

O enunciado (1), que é complementado por (1.1) e (1.2), é um contra-argumento, sob a forma de um enunciado complexo que retoma os tópicos e pontos de vista anteriores, que seriam a atitude do bisavô para com a criança (puxar sua blusa), realizando essa retomada, em (1), por meio de relação semântica sustentada por junção adversativa, introduzida, principalmente, pelo advérbio de negação “não” e em (1.1) e (1.2) por junção adversativa de relação “é x [minha blusa], não é y [sua blusa]”, com conjunção adversativa subentendida e/ou junção causal de razão, que está subentendida, quando entendemos que se trata de algo como “não pode mexer na minha blusa porque ela é minha, não sua; você não pode/deve fazê-lo”.

No enunciado (2) “sai daí.”, temos um contra-argumento, que também se opõe ao posicionamento e atitude do interlocutor, GGF, a partir dos quais foi proferido. Dessa forma, em relação dialógica, ao retomar explicitamente tópico e enunciados anteriores, mais precisamente a atitude do bisavô, deparamo-nos, em (2), com um enunciado complexo de junção, supomos, adversativa, que está subentendida. Não descartamos a possibilidade de se

tratar de junção causal, também subentendida, significando algo como “essa blusa é minha, então sai daí.”. Esse enunciado pode também ser complexo com relação ao enunciado de MOT no turno 912, sobre o qual a menina se apoia para criar seu próprio em 913.

O mesmo ocorre em (3) “deixa eu.” e em sua reformulação em (3.1) “deixa aí.”, reforçando o contra-argumento de S., enunciados complexos que retomam os anteriores, fazendo-o, semanticamente, por meio de junção adversativa subentendida. É interessante notar que, nos dois enunciados a criança muda o foco sobre o qual atua o verbo “deixar” no imperativo, sendo em (3) a roupa, representada por “aí” e em (3.1) a pessoa, ela mesma, representada pelo pronome pessoal “eu”.

Já no enunciado (4) “não vai.” – e, conseqüentemente, sua repetição em (4.1) – temos também um contra-argumento, reforçando o posicionamento da criança desde o início dessa situação comunicacional e, dessa forma, enunciados que são complexos, estabelecendo relação semântica com os enunciados, tópico e situação anteriores por meio de junção adversativa, introduzida pelo advérbio de negação “não”.

O bisavô continua a importunar a criança por mais alguns turnos, não havendo convencimento e consenso entre as partes, até que GGF cede, deixando de mexer na roupa da menina, atitude essa que pode ser tomada como a resposta – realizada pelo bisavô – do discurso em questão.

Nesta cena argumentativa, vemos muita reformulação por parte da criança, de seus contra-argumentos, no que diz respeito à sua estrutura sintática e organização das palavras na frase, como ocorreu quando ela mudou de “blusa meu” para “meu blusa”, usando da ordem canônica do Português (CASTILHO, 2014), com pronome possessivo seguido de objeto e não o contrário, algo que, julgamos, pode indicar que o sujeito está refletindo não somente sobre seu posicionamento, como também, sobre a própria linguagem. A reformulação continua nos turnos seguintes, com S. ainda contra-argumentando, valendo-se de palavras de formas (e sentido) e classes diferentes para defender seu ponto de vista inicial, como ocorreu quando ela deixou o “meu blusa” para utilizar o “sai daí” (verbo “sair” no imperativo e contração) e, logo mais disse “deixa eu” (verbo “deixar” no imperativo e pronome pessoal do caso reto), que reformulou para “deixa aí” (verbo no imperativo e advérbio de lugar), produzindo, mais tarde “não vai” (advérbio de negação e verbo “ir” no imperativo).

2) S. 2; 03; 08 (S. 2 anos; 3 meses; 8 dias):

(3.2) “157 *CHI: abre. (1)

158 *OBS: (vo)cê que(r) que abre?

159 *CHI: ê!

- 160 *CHI: **esse, eu quero xxx** [?] **esse.** (2)
[...]
- 167 *OBS: vamo(s) comer depois que você comer a comida da nonnna?
- 168 *OBS: a gente abre...
- 169 *OBS: depois?
- 170 *CHI: **não, não, quero a bala.** (3)
- 171 *OBS: a bala, mas aquele lá a agente abre <depois que você comer.> [> falam ao mesmo tempo]
- 172 *GGM: <toma chá primeiro.> [<falam ao mesmo tempo]
- 173 *CHI: **xxx** [?] **abre.** (4)
- 174 *GGM: ah, mas é duro para abrir, toma chá.
- 175 *CHI: **não, eu vou comer a bla, o coisa.** (5)
- 176 %sit: S. fala brava com a nonna.
- 177 *GGM: <viu como ela xxx [?].> [>falam ao mesmo tempo]
- 178 *OBS: <o que que você vai faze(r), Sô?> [<falam ao mesmo tempo]
- 179 *CHI: **abre.** (6)
- 180 *OBS: fala abre por favor, fala.
- 181 *CHI: **abre xxx** [?]. (7)
- 182 *OBS: por favor.
- 183 *OBS: fala abre por favor, teteia.
- 184 *OBS: fala por favor.
- 185 *OBS: fala abre por favor, teteia, fala.
- 186 *OBS: não vai fala(r) por favor?
- 187 *OBS: fala por favor.
- 188 *OBS: fala, Sô, fala teteia abre por favor ?
- 189 *CHI: **ah.** (8)
- 190 *OBS: fala.
- 191 *OBS: teteia, abre por favor?"

Neste episódio encontramos, segundo os critérios de seleção dos exemplos, embate entre posicionamentos opostos, principalmente pelos sujeitos CHI e GGM, e negociação, ao menos sua tentativa, que se dá por OBS, que tenta negociar o objeto desejado pela criança com ela. Aqui S. pedira bala para sua interlocutora, usando um pronome demonstrativo (“esse”) para fazê-lo. Contudo, a observadora recusara a dar-lhe o objeto desejado, sob o posicionamento de que a criança deveria, primeiro, comer a refeição principal, feita por sua

bisavó (nonna), que lhe preparara uma comida saudável. É sobre esse tópico – ter ou não a bala – que essa cena se desenvolve.

No turno 157, enunciado (1) CHI se referia a um pacote de balas, que ela queria que sua interlocutora abrisse, argumentando para que ela o fizesse, usando de um verbo no imperativo (CASTILHO, 2014), que está inserido em um enunciado complexo, pois esse retoma explicitamente o tópico que permeava a situação anteriormente: o pacote de bala e o dilema de abri-lo. Esse enunciado complexo estabelece tal relação a partir do que julgamos poder ser a junção aditiva subentendida, agregada ao “eu quero” de S., dito por ela antes.

Em (2) “esse, eu quero esse xxx [?] esse.” temos um argumento, que reforça aquele dito em (1) e podemos interpretar que seleciona, especifica a bala que está dentro do pacote e que S. deseja, por meio do uso do pronome demonstrativo, “esse”. A menina assim se expressa através de um enunciado complexo de junção aditiva subentendida (acreditamos que significando algo como “eu quero que você abra o pacote e eu quero essa bala.”). É interessante notar que, nos enunciados argumentativos destacados entre os 2;1 a 2;3 anos esse é o primeiro momento em que a criança se utilizou de um pronome demonstrativo para formular sua argumentação.

Em (3) “não, não, quero a bala” a criança continua a argumentar, opondo-se ao posicionamento de sua tia, a observadora (turnos 167 a 169), que lhe negara a bala naquele momento, propondo-lhe que antes ela deveria comer a comida de sua bisavó para, só depois receber o doce, normalmente servido como sobremesa. Assim ela faz retomando explícita e imediatamente os enunciados anteriores seus e de sua interlocutora (turnos 167 a 169), tratando-se, portanto, de um enunciado complexo, cuja retomada é marcada pela junção adversativa, introduzida pelo advérbio de negação “não”, que é repetido uma vez.

Em (4) “xxx [?] abre.” temos, mais uma vez, um argumento de S., agora com relação aos contra-argumentos da observadora (turno 171) e da bisavó (turno 172) que continuam lhe negando a bala naquele exato momento, com ela tentando negociar para que, antes de ter o doce, comesse a refeição feita pela GGM. A menina, porém, não aceita os posicionamentos opostos e a eles continua negando e refutando. Para tanto, ela produz o que julgamos ser um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida.

Nada resolvido, as interlocutoras continuam a sustentar o embate, junto da criança, e GGM contra-argumenta com S., (turno 174), alegando que era difícil abrir o saco de bala, um ponto de vista que ela sustenta para não abri-lo e, conseqüentemente, não dar a bala à menina que, apesar disso, com ela argumenta em (5) “não, eu vou comer a bla, o coisa.”, ainda sustentando seu posicionamento inicial. Em (5) S. retoma os enunciados e tópicos anteriores,

a partir dos quais formula seu argumento (enunciado complexo) a partir da junção adversativa, introduzida pelo advérbio de negação “não”. Além disso, esse enunciado verbal está acompanhado de um não-verbal (turno 176), que mostra a criança estando brava no momento em que fala, o que pode demonstrar, acreditamos, sua defesa de ponto de vista e, talvez, perda de paciência perante as incessantes oposições da bisavó e da observadora sobre seu argumento.

Em (6) “abre.” temos também um argumento, expresso através de um enunciado complexo, que retoma os enunciados e tópico anteriores, através do que julgamos ser a junção adversativa subentendidas. O mesmo ocorre em (7), mas não descartamos a possibilidade de ser uma resposta, desde que a criança pode ter aderido ao contra-argumento de sua interlocutora e usado o “por favor”, que seria o elemento transcrito como “xxx [?]”. Contudo, esse elemento não foi compreendido nem pelo transcritor nem por nós, por isso não podemos afirmar que (7) seja uma resposta, apenas supondo essa possibilidade.

Nos turnos subsequentes, de 182 a 188 a observadora continua insistindo para S. aderir ao seu argumento, agregando o apassivador “por favor” em seu enunciado porém, a menina não o faz e, em (8) “ah.” produz o que julgamos ser uma interjeição, um enunciado não-verbal (CAVALCANTE, 1994, 2012a, 2012b, 2017) que expressa sua oposição – pode se tratar de um enunciado complexo, de junção adversativa - e não concordância com – assim como não convencimento pelo - o discurso da interlocutora OBS que, junto com GGM, continua contra-argumentando e refutando o posicionamento e a ordem de CHI, que, em seguida, deixa de pedir pela bala, aparentemente desistindo da negociação naquele momento. Essa desistência pode ser tomada como a resposta do discurso – mas ainda tendemos à análise anterior - e, caso o seja, podemos, talvez, identificá-la como enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, assim interpretada pelo silêncio da menina sobre o embate anterior, não mais discordando das interlocutoras, ou melhor, não mais se esforçando para com elas negociar.

Nesse episódio, diferentemente daqueles do primeiro vídeo, podemos observar o uso de enunciados mais longos (algo recorrente em todo o segundo vídeo), que se valem de mais palavras, de diferentes classes gramaticais, como, por exemplo, o pronome demonstrativo “esse”, usado pela criança em seu argumento (2), artigo definido em (3) e (5), esse último enunciado apresentando clara reformulação do objeto ao qual a criança se referia, dizendo “a bla”, que abandonou em favor de “o coisa”, ação essa que podemos considerar como proveniente do processo de reflexão sobre a linguagem e que parece nos fornecer um indício da própria reflexão e da aquisição e desenvolvimento da criança e de sua linguagem.

Vale ressaltar, desde já, que a reformulação é algo muito recorrente no discurso argumentativo de S. e ocorre em muitos dos episódios que trazemos na Análise de Dados e nos Anexos. Esse fato é outra evidência da constante reflexão e revisitação da criança sobre seus pontos de vista e sobre a linguagem, da qual está em plena fase de aquisição.

3) S. 2; 4; 14 (2; 4; 14):

- (7.3) “507 *GGF: aí, a safadinha, a safadinha aí.
 508 *OBS: safadinha?
 509 *CHI: **não é safadinha.** (1)
 510 *OBS: não é safadinha?
 511 *OBS: é o que?
 512 *OBS: não é safadinha?
 513 *GGF: safadinha.
 514 *OBS: (o) que que é então?
 515 *OBS: é bravinha.
 516 *OBS: é isso?
 517 *OBS: é a bravinha?
 518 *OBS: hein, S.?
 519 *CHI: **(es)to(u) fazendo o livro.** (2)”

Aqui encontramos uma situação de embate entre os interlocutores, principalmente CHI e GGF, que introduz o argumento, contra o qual a criança se posiciona. A negociação se dá sobre não um objeto, mas uma palavra e seu sentido, especificamente o adjetivo atribuído à menina. Aparentemente, não há convencimento ou consenso entre os sujeitos, visto que, ao final, temos uma resposta, proferida por S., que muda o assunto da comunicação. Na situação acima descrita, o bisavô começara a brincar com a criança, chamando-a de “safadinha”, provocando S., insistindo em chamá-la por esse adjetivo, ciente de que a menina não gostava de tal brincadeira, uma situação propícia ao embate e, dessa forma, à argumentação, tanto que S. passou a se posicionar com relação ao discurso de seu interlocutor, dando-se início ao embate entre eles.

A criança então contra-argumentou, no turno 509, por meio do seguinte enunciado (1) “não é safadinha.”, opondo e negando-se a como o bisavô a chamara, retomando os enunciados e tópico anteriores explicitamente (e. complexo) para fazê-lo, e, com eles, estabelecendo relação semântica através da junção adversativa, instaurada principalmente pelo advérbio de negação “não”, assim como por, possivelmente, relação “é x, não é y”, cuja primeira parte está subentendida no enunciado.

O enunciado (2) “(es)to(u) fazendo o livro.” figura, nessa cena, como uma resposta, desde que interrompe a cena enunciativa anterior (discussão sobre ser ou não “safadinha”), propondo a mudança de tópico discursivo. Estar “fazendo o livro” e, podemos interpretar, estar ocupada, são pontos de vista defendidos pela criança que, dessa maneira, se recusa a responder às provocações e questionamentos de seu interlocutor, argumento esse que parece convencer GGF, o qual não volta a se posicionar sobre o assunto. Por trazer novo tópico discursivo, diferente daquele que permeava a interação até o momento, acreditamos ter, em (2), um enunciado simples.

Nesse excerto, não temos grandes mudanças se comparado ao anterior, do vídeo número 3. Ainda assim, a aquisição e desenvolvimento continuam. Nesse caso, em (9.3) temos a revisitação e retomada de um aspecto do argumento anterior, de GGF, por S., especificamente o adjetivo “safadinha”, por ela negado. A criança não volta a se posicionar sobre tal argumento, assim como sobre os questionamentos de sua tia, usando da mudança de assunto como um meio de construção do movimento discursivo resposta, algo novo com relação aos dados anteriores.

4) S.2; 4; 17 (S. 2 anos; 4 meses; 17 dias):

(2.4) “120 MOT: ai, vamo(s) comer um ovinho, <(es)tá bem gostoso.> [> falam ao mesmo tempo]

121 CHI: <**ah não.**> [< falam ao mesmo tempo] (1)

122 MOT: ué, você queria, o(lha).

123 MOT: mamãe vai ver se (es)tá quente.

124 CHI: **nããã.** (2)

125 CHI: <**não quero**> [> falam ao mesmo tempo]. (2.1)

126 MOT: <não (es)tá o(lha), experimenta.> [<falam ao mesmo tempo]

127 CHI: **nããã.** (3)

128 MOT: o(lha), com branquinho junto, pode ser?

129 CHI: não.

130 CHI: **não quero.** (4)

131 CHI: **não.** (4.1)

131 MOT: então liga a música ali pra gente vê vai, põe ali a nenê pra dançar na musiquinha, vai.

132 CHI: eu quero...

133 CHI: eu quero descer.

134 MOT: não vai querer o ovinho?

- 135 CHI: não.
- 136 MOT: posso levar embora?
- 137 MOT: pode?
- 138 CHI: não.
- 139 GGM: eu vou comer o ovo da S.
- 140 MOT: <a nonna vai comer então> [>falam ao mesmo tempo], pode comer, nonna.
- 141 CHI: <**não.**> [<falam ao mesmo tempo] (5)
- 142 MOT: pode comer o ovo da S.
- 143 MOT: hum?
- 144 GGM: pode?
- 145 CHI: **não!** (6)
- 146 MOT: então come!
- 147 CHI: **não quer.** (7)
- 148 CHI: **nããã.** (7.1)
- 149 OBS: mas também não quer dar.
- 150 MOT: bom, eu vou comer o meu ovinho .
- 151 CHI: **ah, eu quero.** (8)
- 152 GGM: eu vou comer da S.
- 153 MOT: é, a nonna vai comer o [ovo] da S.
- 154 MOT: pode comer, nonna.
- 155 CHI: **não, não come!** (9)
- 156 CHI: **não é.** (9.1)
- 157 MOT: <então come aí, S.> [>falam ao mesmo tempo]
- 158 CHI: <**não, não quero.**> [<falam ao mesmo tempo] (10)
- 159 %act: **S. empurra o prato.** (10)
- 160 MOT: xxx [?] então, vai.
- 161 CHI: <**não.**> [>falam ao mesmo tempo] (11)
- 162 MOT: <como (vo)cê quer?> [<falam ao mesmo tempo]
- 163 CHI: não quero.
- 164 MOT: ih, (es)tá fazendo graça agora, só porque a teteia (es)tá aqui.
- 165 OBS: a teteia não gosta que você faz assim não.
- 166 CHI: **quero descer.** (12)
- 167 OBS: é [ri].
- 168 OBS: alguém tem que fazer “nhemnhemnhm” com ela.

- 169 OBS: [beija a menina] n(ão) é, mas a tetéia não gosta que a S. faz assim.
 170 CHI: <eu quero descer.> [>falam ao mesmo tempo] (12.1)
 171 OBS: <(vo)cê não vai comer o ovinho ?> [<falam ao mesmo tempo]
 172 CHI: não.
 173 CHI: **eu quero ver lá fora.** (12.2)
 [...]”

Aqui temos oposição e negociação explícitas, assim como embate entre os posicionamentos dos interlocutores, mudanças de posicionamento, resposta adversativa da criança e uso de enunciados não-verbais, além dos verbais. Nessa passagem deparamo-nos com um longo jogo de oposição, negação e negociação entre a criança (CHI) e seus interlocutores, principalmente a mãe (MOT) da menina e, às vezes, sua bisavó (GGM). Nessa situação, a argumentação se constrói sobre o tema da comida, o ovo, que foi oferecido à S. pela sua mãe e recusado, diversas vezes, por S. e então por ela requerido e rejeitado novamente. Logo depois ela muda o assunto da comunicação, encerrando o embate, para o qual não se chega a consenso nenhum. São esses movimentos, principalmente a negociação, que instauram argumentação nesse excerto. A mudança de assunto (12), (12.1) e (12.2) pela criança pode ter sido ou não intencional, ainda assim, a caracterizamos como resposta, não havendo consenso entre as partes da comunicação.

Temos então os seguintes enunciados argumentativos:

Em (1)“ah não.” S. contra-argumenta com relação ao enunciado anterior de sua mãe, que lhe trazia ovo, negando-o e opondo-se a comê-lo, retomando (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) explicitamente o discurso e tópico anteriores por meio de um enunciado complexo (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014), de relação semântica estabelecida por junção adversativa, inserida pelo advérbio de negação “não”. A mesma análise (contra-argumento, e. complexo, junção adversativa pelo advérbio de negação) é depreendida nos enunciados argumentativos (2) e repetido em (2.1), (3), (4) e repetido em (4.1), todos eles apresentando e sustentando o posicionamento da criança de não querer comer o ovo. Em alguns desses enunciados, (2) e (3) a menina se vale de entonação e alongamento da vogal /a/ no advérbio “não” para defender seu ponto de vista. O mesmo tipo de contra-argumentação em relação às ordens da interlocutora, MOT, para que S. comesse o ovo ocorrem em (7) e seu complemento/repetição (7.1), havendo, nesse último enunciado, alongamento da vogal /a/. Ambos foram por nós entendidos também, como um contra-argumento, enunciado complexo, de junção adversativa marcada pelo advérbio “não”.

Mais tarde MOT ameaça dar o ovo, desprezado pela criança, para sua bisavó, GGM, que também ameaça comê-lo, ao que S. contra-argumenta em (5) e (6), opondo-se às afirmações de suas interlocutoras, ainda que não tenha aceitado a comida para si. Ambos são e. complexos, que retomam enunciados e tópicos anteriores para sua construção, no discurso, assim fazendo através de junção adversativa, fixada pelo advérbio “não”, resultado esse que se repete desde o enunciado (1) da situação aqui abordada.

Apesar da contraposição da criança à sua bisavó comer o ovo, uma de suas interlocutoras, MOT, não é convencida e continua a opor-se ao discurso da filha, dizendo (turno 150) que ela iria comer sim o alimento que era, inicialmente, destinado à criança. A fim de opor-se, mais uma vez, ao discurso de sua interlocutora e vencer a negociação a seu favor S. volta a contra-argumentar em (8) “ah, eu quero.”, mudando seu posicionamento inicial e passando a afirmar querer o ovo. Vemos esse enunciado como um contra-argumento que se opõe ao discurso da interlocutora, oferecendo uma possibilidade alternativa, que é justamente a mudança de posicionamento, ou seja, CHI agora querer o alimento. Sendo assim, principalmente pela explícita retomada, temos aqui um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida, mas compreensível no todo da situação.

Ainda que haja mudança de posicionamento em (8) preferimos não considerá-lo uma resposta desde que lhe falta uma das principais características desse movimento discursivo, que é a finalização da cena enunciativa a qual, nesse caso, não se encerra, mas continua, incitada por MOT no turno 154, em que a criança volta a se contrapor nos enunciados (9) e (9.1), opondo-se à bisavó comer o ovo, que MOT volta a oferecer para GGM (turno 154). Como os enunciados anteriores, (9) e seu complemento/repetição em (9.1), se comporta como contra-argumento, enunciado complexo, de junção adversativa, marcada pelo advérbio de negação “não”.

Nos turnos seguintes, a mãe de S. volta a lhe oferecer o ovo e dizer para que a menina o coma (turnos 157 e 160), ao que a menina volta a posicionar-se, contra-argumentando em (10), formado por um enunciado verbal e multimodal, um contra-argumento, enunciado complexo de junção adversativa, instaurada pelo advérbio de negação “não” assim como, no enunciado não-verbal, pelo gesto da criança de afastar o prato de sua frente, reforçando que não queria a comida que lhe era oferecida.

Em seguida, sem haver consenso entre os participantes do discurso sobre o tópico (comer ou não o ovo, quem iria comê-lo) em questão, a criança muda de assunto, alegando querer sair do cadeirote para ir para fora, o que ela afirma nos enunciados (12), repetido e reforçado em (12.1) e (12.2). Entendemos essa mudança de assunto como uma resposta,

produzida por CHI, finalizando o embate anterior, sobre o qual – talvez possamos dizer – seu posicionamento prevalece, desde que S. não come o ovo e sua mãe não volta a oferecê-lo. Ao trazer novo tópico discursivo, a resposta em questão pode ser caracterizada como enunciado simples e, ainda que o seja, possui relação dialógico-discursiva com discursos anteriores, mas não explicitamente, como é o caso dos enunciados complexos.

Nesse episódio, tivemos reformulação dos enunciados assim como dos posicionamentos de S., além do uso de elementos não-verbais da multimodalidade (“S. empurra o prato”), junto do enunciado verbal de recusa da criança sobre a comida que lhe fora oferecida. Em termos lexicais e sintáticos, como o uso de diferentes palavras, de diferentes classes gramaticais ou maior reformulação dos enunciados argumentativos não temos, nesse caso, exemplos significativos, como houve no vídeo anterior. Isso não quer dizer que não há desenvolvimento da linguagem, apenas não encontramos, nas cenas argumentativas desse vídeo em questão, tais ocorrências. Ainda assim, selecionamos este episódio principalmente pelo embate entre discursos e a negociação que dele ocorreu, assim como as mudanças de posicionamento de S., que ora concordou com sua interlocutora, mudando seu ponto de vista inicial, ora voltou a defendê-lo, como o fez no final da cena enunciativa.

5) S.2; 9; 12 (S. 2 anos; 9 meses; 12 dias):

5.5) “386 *OBS: vamo(s) passa(r) uma pomadinha nesse bumbum aí que (es)tá todo vermelho vamo(s)?!

388 *GMO: é passa lá.

389 *OBS: vamo(s) passa(r)?

390 *CHI: **xxx [?] [nervosa].***

391 *OBS: vamo(s) vamo(s) lá passa(r) a pomadinha. vem Sô vamo(s) lá passa(r) a pomadinha no bumbum vem.

393 *OBS: aí a gente penteia o cabelo: p(r)a você fica(r) bem bonita quando a mamãe chega(r)...

395 %act: CHI está com os hashis⁵⁶ na mão.

396 *CHI: **eu vo(u) co(r)ta(r) sua ba(rr)iga! [rindo] (1)**

397 *OBS: noooo....

398 *OBS: num pode! (vo)cê que(r) machuca(r) a teteia?

399 *CHI: **nããõ! (2)**

400 *OBS: aah boom!

⁵⁶ Hashis são utensílios japoneses usados para fazer a refeição. Consistem em duas astes finas de madeira.

- 401 *CHI: **xxx [?] tiso(u)ra p(r)a machuca(r) a a b(r)uxa!** (2.1)
- 402 %act: OBS está penteado os cabelos de CHI.
- 403 *OBS: aah boom! e e onde (es)tá essa bruxa?
- 404 *CHI: ela (es)tá la fora na rua e ela (es)tá batendo nos carros pra pra...
- 406 *CHI: **eu vo(u) corta(r) ela!** (3)
- 407 *OBS: quem que vai acorda(r) ela?
- 408 *CHI: eu vo(u) corta(r) com a teso(u)ra!
- 409 *OBS: (vo)cê vai corta(r) a bruxa com a tesoura?
- 410 *CHI: éé.
- 411 *OBS: ai ai ai, vamo(s) passa(r) vamo(s) passa(r) a pomadinha?
- 412 *CHI: **eu vo(u) da(r) uma tesoura nela pra machuca(r) ela!** (4)
- 413 *OBS: não não pode Sô! o(lha) vamo(s) passa(r) pomadinha.
- 414 *CHI: **mas eu vo(u) machuca(r) ela porque ela (es)tá batendo no carro p(r)a p(r)a p(r)a p(r)a entra(r) no carro.** (5)
- 416 %act: CHI vai até uma pilha de brinquedos.
- 417 *CHI: viu?
- 418 *OBS: e(lha) Sô vamo(s) passa(r) essa pomadinha aqui o(lha), eu queria passa(r) um creminho: pode passa(r) um creminho?
- 420 *CHI: pode.
- 421 *CHI: o(lha) deixa eu fala(r) com você p(r)a o lobo faze(r) barulho.
- 422 %act: CHI balança o chocalho, enquanto olha para OBS .
- 423 *CHI: xxx [?] deixa eu te mostra(r) .
- [...]
- 433 *OBS: [ri].
- 434 *CHI: **eu vo(u) corta(r) sua ba(rr)igaaa! xxx [?].** (6)
- 435 *OBS: aai (vo)cê vai me machucaa(r)?
- 436 *CHI: **não, eu vo(u) xxx [?] a b(r)uxa e o lobo maau!** (7)
- 437 *OBS: aah boom! achei que (vo)cê fosse me machuca(r).
- 438 %act: CHI pede para segurar a câmera filmadora que está nas mãos de OBS.
- 439 *CHI: **deixa eu segura(r) sua foto um pouquinho?** (8)
- 440 *OBS: num pode Sô!
- 441 *CHI: **mas eu quero <xxx> [?] [< falam ao mesmo tempo].** (9)
- 442 *OBS: isso eu eu que tenho que segura(r)."

Dentre as cenas argumentativas encontradas no quinto vídeo, selecionamos esta por nela haver oposição e embate de pontos de vista e discursos que os exprimem, assim como negociação entre os interlocutores e mudança de posicionamento (resposta) da criança. Além disso, algo que julgamos diferenciado nessa cena é que a menina se valeu de elementos de contos de fadas, especialmente a personagem da bruxa e do lobo mau para argumentar, assim como construiu sua argumentação e a justificativa para seu ponto de vista sobre uma narrativa (punir a bruxa porque ela estava batendo no carro, tentando roubá-lo, entrar nele), algo novo até esse momento, nos dados, e que não ocorreu com muita frequência nos discursos argumentativos de S. em nosso *corpus*.

Nesse excerto, a observadora queria passar pomada na menina, que estava com assadura, mas ela se recusa, assim como se recusava a vestir a calcinha. O embate se dá entre a insistência de OBS e a teimosia de CHI para não passar pomada e vestir a roupa. É, possivelmente, sobre esse não querer vestir a roupa que a menina se pronuncia, argumentando através de enunciados que contam com elementos narrativos.

No turno 390, S. fala algo, nervosa. Trata-se de uma fala incompreensível, dado isso, não podemos analisá-la, mas estamos cientes do fato de que poderia tratar-se de um enunciado argumentativo. Nos turnos seguintes, OBS continua insistindo para passar pomada em S. e também pentear-lhe os cabelos, mas a menina não atende ao discurso de sua interlocutora e anda pela casa, até que vai a um armário e pega um conjunto de "hashis", com os quais brinca, ameaçando "cortar" a barriga da interlocutora, como S. diz no enunciado (1) "eu vo(u) co(r)ta(r) sua ba(rr)iga! [rindo]". Acreditamos que (1) é um contra-argumento, proferido pela criança defendendo seu ponto de vista de que não queria vestir a calcinha ou sequer passar a pomada. Ela se opõe, dessa forma, ao discurso e ação de sua interlocutora, que insistia em vesti-la. Aqui temos um enunciado simples, que introduz um novo tópico no discurso, ainda que esse discurso tenha relação com discursos remotamente anteriores, como o conto de fadas, a narrativa e suas personagens, elementos esses conhecidos pela criança e possivelmente corriqueiros em seu dia a dia, como na contação de histórias por seus familiares e/ou na escola que frequenta.

OBS argumenta com relação ao discurso de S., nos turnos 397 e 398, opondo-se à menina cortar-lhe a barriga e repreendendo-a por querer fazê-lo. CHI, então, contra-argumenta em (2) "nãoo!" e (2.1) "xxx [?] tiso(u)ra p(r)a machuca(r) a a b(r)uxa!", considerados, por nós, como sendo o mesmo enunciado, opondo-se ao argumento de sua interlocutora e continuando a defender seu ponto de vista, agora sob um discurso remodelado a fim de que a outra interlocutora deixe de contestá-la: S. passa de "cortar a barriga de OBS"

para “cortar a barriga da bruxa”, apoiando-se em uma narrativa e personagem (bruxa e, mais tarde o lobo mau) para posicionar-se. Temos, em (2) e (2.1) um enunciado complexo, que retoma, explicitamente, enunciados e tópicos imediatamente anteriores através de junção adversativa, introduzida pelo advérbio de negação “não” e pela relação “é x, não é y” com conjunção adversativa subentendida.

Ainda que tenha mudado seu argumento em partes, a fim de que ele fosse aceito pela interlocutora, que deixaria de opor-se a ele, S. não tem sucesso e OBS continua a contrariá-la, de modo que a criança vê-se em necessidade de continuar a defender seu ponto de vista, reiterando-o em (3) “eu vo(u) corta(r) ela!”, um contra-argumento, enunciado complexo, de junção causal subentendida – com relação ao turno anterior -, mas identificável do todo situacional, concluindo os enunciados dos turnos 404 e 405 (“ela (es)tá lá fora na rua e ela (es)tá batendo nos carros pra [x4]...”), estalebecendo consequência (cortá-la, cortar a bruxa) para o fato abordado anteriormente (a bruxa estar mexendo nos carros). Em (4) “eu vo(u) da(r) uma tesoura nela pra machuca(r) ela!”, da mesma forma que em (3), temos um contra-argumento.

Ainda assim, a menina não consegue convencer sua interlocutora, que continua opondo-se ao seu posicionamento e repreendendo-a, até que S. decide continuar a defender seu ponto de vista anterior em (5) “mas eu vo(u) machuca(r) ela porque ela (es)tá batendo no carro p(r)a p(r)a p(r)a p(r)a entra(r) no carro.”, um contra-argumento proferido em relação aos argumentos de OBS no turno 413, sendo um enunciado complexo, instaurado pela conjunção adversativa “mas” e, também, por junção causal, instaurada pelo “porque”, que introduz a consequência para a bruxa ser punida e pelo “p(a)ra”, que introduz a razão do uso do instrumento de punição, no caso, a tesoura.

A possível resposta para esse contra-argumento vem da interlocutora, que deixa de opor-se ao posicionamento da criança. A menina, porém, irá retomar esse embate ao dizer, em tom de brincadeira, no turno 434, quando ela volta a falar que cortaria a barriga de sua tia, em (6) “eu vo(u) corta(r) sua ba(rr)igaaa! xxx [?].”, que consideramos um argumento, que (re)introduz o ponto de vista do falante no discurso, fazendo-o por meio de um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciado explícita e imediatamente anteriores através do que julgamos ser a junção aditiva ou adversativa. OBS, então, irá posicionar-se contra o discurso de S., que responde (argumento) em (7) “não, eu vo(u) xxx [?] a b(r)uxa e o lobo maau!”, mudando seu argumento inicial parcialmente, ainda defendendo que machucaria alguém mas, agora, não mais a observadora, e sim a bruxa e o lobo mau, de modo que há convencimento da outra com relação a esse enunciado argumentativo (turno 437), com o qual concorda,

concluindo-se a cena enunciativa que até aqui se estendera. (7) foi por nós entendido como enunciado complexo, de junção adversativa instaurada pelo advérbio de negação.

Há então, clara mudança de tópico – os enunciados a partir de então podem ser considerados pertencentes a outra cena argumentativa, diversa daquela anterior, sobre a bruxa - e S. pede para segurar a câmera de OBS, com a qual ela a filmava, fazendo-o em (8) “deixa eu segura(r) sua foto um pouquinho?”, que consideramos um argumento, que introduz o posicionamento do sujeito, ainda que a justificativa para o mesmo esteja implícita. Esse enunciado (8) antecipa um possível contra-argumento da interlocutora, de modo que traz o elemento linguístico “pouquinho” como, talvez possamos dizer, reforço de seu argumento. Possivelmente, ao fazer essa antecipação, podemos tratar (8) como um enunciado complexo, com relação semântica com enunciado procedente por relação adversativa subentendida.

A observadora opõe-se ao argumento de CHI e nega-lhe o pedido no turno 440, ao que a menina irá opor-se logo em seguida, no enunciado (9) “mas eu quero <xxx> [?]”, argumentando, através de um enunciado complexo de junção adversativa, com conjunção adversativa “mas”, retomando explícita e imediatamente os discursos e tópico anteriores, da observadora e de si própria. A interlocutora, porém, não cede e responde à criança, mudando logo em seguida o tópico discursivo (pegar a câmera filmadora) -, e tampouco S. volta a se posicionar, talvez concordando com a negação de sua tia (resposta, e. complexo, consensual/de convencimento subentendida) - assim encerrando a negociação.

No enunciado (8) temos mudança de assunto e a antecipação de um possível contra-argumento da interlocutora, fator esse também importante para a argumentação (LEITÃO, FERREIRA, 2006c), pois, através deles acreditamos poder vislumbrar a reflexão do sujeito sobre um possível posicionamento contrário ao seu, o qual ele insere em seu discurso (enunciado complexo, relação dialógico-discursiva de retomada explícita) a fim de fazer valer o seu ponto de vista.

Nesse episódio, o que julgamos ser distinto e diferente dos anteriores foi o uso de narrativa e personagens de contos de fadas (bruxa e lobo mau) como recursos para que S. construísse sua argumentação (no caso, contra-argumento) e se posicionasse no discurso. Além disso, vemos o uso do tempo futuro no enunciado (1), pouco usado pela criança em situações anteriores, talvez devido ao contexto em que se encontrava, além de enunciados mais longos, reformulação dos mesmos e apresentação de justificativa em (2.1), (4) e (5), que julgamos ser importantes para que observemos a aquisição e desenvolvimento da linguagem pela criança. Outro fator importante que ocorreu nessa sessão foi que, no enunciado (5) a menina repetiu o “p(r)a” quatro vezes, visivelmente, pensando no que diria a seguir (“entrar

no carro”), o que poderia ser interpretado como um indício de reflexão sobre a linguagem e sobre a justificativa que apresentaria, e que faz parte de seu contra-argumento.

6) S. 2; 10; 9 (2 anos; 10 meses; 9 dias):

(4.6) “773 *MOT: deixa eu fala(r) com você olha pra mim.

774 *CHI: **não.** (1)

775 *MOT: olha pra mamãe.

776 *CHI: **que é?** (2)

777 *MOT: então, se você chora(r) quando (vo)cê for dormir na vovó ela fica triste...

779 *CHI: **não.** (3)

780 *MOT: ...e aí?

781 *MOT: o vovô tam(b)ém.

782 *CHI: **não.** (4)

783 *MOT: ficam sim.

784 *CHI: **não.** (5)

785 *MOT: por que (vo)cê choro(u) ontem?

786 *CHI: [faz barulho com a boca].

787 *MOT: ahn? (vo)cê foi na festinha com a mamãe a gente foi na festa do titio depois foi na festa da da, da veridiana e aí?

789 *MOT: depois (vo)cê choro(u) na vovó?

790 *CHI: hum não!

791 *MOT: é choro(u) sim que ela me conto(u).

792 *CHI: **eu não quero fala(r) mais <xxx.> [?] [< falam ao mesmo tempo].** (6)

793 *MOT: <aah> [> falam ao mesmo tempo] (vo)cê não que(r) falar sobre isso?

794 *OBS: [ri].

795 *MOT: mas eu quero fala(r)!

796 *MOT: porque às vezes você vai precisa(r) dormi(r) na vovó, às vezes vai precisa(r) dormi(r) na teteia, às vezes vai te(r) ahn às vezes vai te(r) que dormi(r) até no papai alguma hora né?

799 *CHI: **não.** (7)

800 *MOT: então e aí?

801 *CHI: e aí não.

802 *MOT: é e aí sim.

803 *OBS: [ri].

804 *CHI: **num é isso.** (8)

- 805 *MOT: tem que...
- 806 *MOT: se não as pessoas ficam triste quando (vo)cê chora.
- 807 *MOT: viu?
- 808 *MOT: psiu!
- 809 %ac: **MOT chama a atenção de CHI para si, pois a criança está assistindo à TV.**
(9)
- 811 *MOT: (es)to(u) falando com você.
- 812 %act: MOT cutuca CHI.
- 813 *MOT: ou?
- 814 *MOT: então vo(u) desliga(r) o desenho.
- 815 *MOT: psiu!
- 816 *MOT: fala comigo.
- 817 *CHI: **eu falo.** (10)
- 818 *MOT: e aí?
- 819 *CHI: e aí?
- 820 *MOT: num é pra (vo)cê chora mais quando você dormi(r) na casa da vovó
- 821 hein?
- 822 *MOT: ela fica triste.
- 823 *MOT: (vo)cê não dorme gostoso lá?
- 824 *MOT: depois ela não te dá o leitinho de manhã?
- 825 *CHI: eu quero leitinho.
- 826 *MOT: iih, <num pode> [< falam ao mesmo tempo] fala(r) em leite aqui.
- 827 *OBS: <[ri].> [> falam ao mesmo tempo]
- 828 *OBS: [rindo] palavra mágica!
- 829 *MOT: é.
- 830 *CHI: **eu não quero fala(r) xxx [?].** (11)
- 831 *MOT: bom Sô azar o seu porque quem vai fica(r) chorando é você.
- 832 *CHI: **não.** (12)
- 833 *MOT: é sim.
- 834 *MOT: acho que eu vo(u) come(r) sanduíche.
- 835 %act: MOT imita a fala de uma personagem do desenho que CHI está
- 836 assistindo.”

Nesse episódio, temos oposição, embate e negociação, originada a partir dos anteriores, além de aparente convencimento e, assim, resposta consensual de S. com relação

ao posicionamento de sua interlocutora, MOT. Além disso, há a mudança de posicionamento inicial, assim como manutenção do mesmo, que ocorreu em turnos seguintes à resposta em (2). Temos também, reformulação dos enunciados argumentativos de S. com relação ao seu posicionamento, uso e escolha de palavras e sua posição na frase. Aqui MOT questionava (argumento, introduz ponto de vista e tópico no discurso) CHI porque ela havia chorado quando dormira na casa de sua avó, mas a criança ignorara a pergunta, voltando sua atenção para o desenho que passava na televisão. Contudo, a mãe não deixou o tópico de lado e voltou a abordá-lo, dizendo que queria falar com a criança e que queria que S. olhasse para ela.

Perante o argumento de sua mãe, de que a menina olhasse para ela, S. contra-argumentou em (1) “não.”, opondo-se ao posicionamento da interlocutora no turno 773 e negando-se a fazer o que lhe era pedido, defendendo dessa forma um ponto de vista. Assim ela o faz através de um enunciado complexo, que retoma explicitamente os enunciados e tópico anteriores através de junção adversativa, introduzida pelo advérbio de negação “não”.

Porém, a mãe não foi convencida e continuou insistindo que a filha olhasse para ela, a fim de que conversassem e CHI acaba cedendo, respondendo em (2) “que é?”, voltando sua atenção para a interlocutora e para o que ela queria falar. Sendo uma resposta, o enunciado (2) traz, nesse caso, mudança de posicionamento com relação àquele que era defendido em (1), mudança essa a partir da reação imediata de S. sobre o discurso do outro, com o qual passa a consentir, convencida por ele, reformulando não somente seu ponto de vista como seu discurso anterior. Dessa forma, temos um enunciado complexo, que retoma de forma explícita tópico e discursos antecedentes, de junção consensual/de convencimento subentenida. Ainda que seja uma resposta, esse enunciado, (2), não encerra a cena argumentativa, ainda que encerre – aparentemente – a insistência de MOT para que sua filha a escutasse e nela prestasse atenção, assim como respondesse a suas perguntas.

Perante isso, MOT argumenta, voltando a abordar o tópico que trouxera à tona alguns turnos antes, que era o fato de sua filha ter chorado quando fora dormir na casa da avó. Ao fazer isso, ela, mais uma vez, opõe-se à atitude de S. de chorar, dizendo que quando ela assim fazia, sua avó ficava triste, o que podemos interpretar como causa para a ação da menina, assim como uma justificativa para que ela deixasse de fazê-la. Com relação a esse discurso S. se opõe, retomando-o, dizendo (3) “não.”, por nós considerado um contra-argumento, enunciado complexo, de junção adversativa fixada pelo advérbio de negação “não”. O mesmo irá ocorrer nos enunciados (4), (5), e (7), todos eles contra-argumentos, enunciados complexos de junção adversativa. Apesar de negar que tinha chorado, assim como se negava a falar sobre o tópico abordado, S. continuava a ser confrontada pela sua interlocutora que diz,

no turno 791, que ela realmente havia chorado, pois sua avó contara, ou seja, confrontando o discurso da criança com um fato. Perante isso, a menina contra-argumenta em (6) “eu não quero fala(r) mais <xxx.> [?]”, não negando o fato apresentado por sua mãe como prova do que ela havia feito, mas, negando-se a continuar respondendo a suas perguntas e interpelações, assim como se nega a continuar falando sobre o assunto em questão, que é ter chorado na casa da avó quando lá dormira. Como os enunciados anteriores, (6) foi por nós compreendido como um enunciado complexo, de junção adversativa, fixada pelo advérbio de negação “não”.

Nos turnos 795 e 796, MOT continuou a abordar o assunto que guiava a interação, não sendo convencida e, assim, não consentindo com a criança em (6), que disse não querer mais falar sobre o assunto e, dessa forma, finalizá-la. MOT então disse à filha que, às vezes, precisaria trabalhar e que ela deveria dormir na casa dos avós ou de outro parente, ao que a criança contra-argumenta em (7) e sua mãe a questiona (turno 800) sobre seu posicionamento, perante tudo aquilo que ela lhe havia dito e CHI diz “e aí não”, negando-se a responder o questionamento de sua mãe e/ou falar o que achava do assunto, como questionado por MOT que, no turno 802 continuou a se opor ao discurso de CHI, que não deixou de defender seu posicionamento inicial, contra-argumentando em (8) “num é isso.”; um enunciado complexo, que retoma os posicionamentos e discursos anteriores imediata e explicitamente, através da junção adversativa fixada pelo advérbio de negação “num” e pela possível relação “é x, não é y”, que pode estar presente no enunciado em questão, mas subentendida.

Depois de muito mais argumentar com a criança, a mãe chama a atenção dela para si, posto que S. passara a assistir à TV e deixara a mãe falando sozinha, enunciado multimodal que marcamos como sendo o nonno (9) dessa situação, não atentando-se a ela. Entendemos esse desvio de atenção como algo proposital, portanto, passível de ser entendido, no contexto, como contra-argumento, dirigido à interpelação da mãe. Esse contra-argumento, multimodal, parece ser um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida. Diante dessa atitude da filha, MOT ameaça desligar a TV e, consequentemente, o programa ao qual a criança assistia, argumentando que voltasse a sua atenção para ela (turnos 814 a 816) e S. lhe respondeu em (10) “eu falo.”, mudando seu posicionamento inicial, convencida pelo argumento de sua mãe, passando então a consentir com o argumento de sua interlocutora, fazendo-o através de um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores semanticamente, através, nesse caso, de junção consensual/de convencimento subentendida.

Quando a criança pede leite, no turno 825, pareceu-nos que o tópico da interação mudara e o assunto que a guiava até então fosse esquecido, mas S. o retoma no enunciado

(11) “eu não quero fala(r) xxx [?].”, que consideramos um contra-argumento, que (re)introduz o ponto de vista do sujeito no discurso, retomado – assim como o tópico - dos enunciados anteriores, de modo que nos deparamos com um enunciado complexo, de junção adversativa, estabelecida pelo advérbio de negação “não” em sua relação com os outros elementos da frase, no discurso.

Retomado na situação enunciativa o tópico que embasara o embate entre os discursos de S. e MOT, esta mais uma vez se contrapôs ao posicionamento da criança, no turno (831), ao que S. volta a contra-argumentar em (12) “não.”, tendo aqui também enunciado complexo, de junção adversativa. Sua mãe lhe responde no turno seguinte e encerra a cena enunciativa, mudando de tópico, assim como a criança não volta a tocar no assunto. Caso entendamos o posicionamento de MOT como argumento, o que é muito possível, então o silêncio de S. sobre o assunto e sua mudança de foco, agora para a televisão, podem ser entendidos como a resposta, que encerra definitivamente o embate anterior.

Nessa cena argumentativa, encontramos, em alguns turnos, enunciados mais extensos, nos quais a criança reformulou seus enunciados anteriores, mantendo seu posicionamento de que não queria responder aos questionamentos de sua mãe (“eu num quero fala(r) mais xxx”), fazendo-o em (6) e em (11). Os enunciados argumentativos de S. parecem, nesse momento, mais concretos e a criança também parece utilizar-se da linguagem com mais eficiência e domínio para estruturar seu discurso, usando de mais palavras, de diferentes classes gramaticais. Além disso, a reformulação dos pontos de vista e dos enunciados nos mostram – assim julgamos – que o sujeito reflete sobre a linguagem e sobre a própria argumentação, processo esse indispensável para a aquisição e desenvolvimento dos anteriores.

Um fator diferente nesse excerto foi a possível mudança de posicionamento de S. pela mudança de seu foco de atenção em (9), algo que ocorre em outras cenas argumentativas, mas não com muita frequência.

7) S. 2; 11; 9 (S. 2 anos; 11 meses; 9 dias):

(8.7) “825 %act: CHI volta ao quebra-cabeças.

826 *CHI: vem aqui na frente laranja xxx [?] esse é o lugar da rosa.

827 *CHI: [inspira] é um, dois, t(r)ês!

828 *CHI: caiuuu!

829 *CHI: vai cai(r) vai cai(r)!

830 *CHI: vai cai(r)!

831 *CHI: eu (es)to(u)...

832 *CHI: ...então você num vai faze(r)! (1)

- 833 %act: **CHI fala para a peça azul do brinquedo, separando-a.** (1)
- 834 *CHI: **não vai faze(r).** (1.1)
- 835 *CHI: **(vo)cê tam(b)ém num vai faze(r).** (2)
- 836 %act: **CHI separa a peça laranja.** (2)
- 837 *CHI: **só a rosa.** (2)
- 838 *CHI: **vai fica(r) xxx [?] você também não vai faze(r).** (3)
- 839 *CHI: **só a laranja.** (3)
- 840 *CHI: xxx [?].
- 841 *CHI: eu vo(u) joga(r) [sussurra]...
- 842 *CHI: xxx [?].
- 843 *CHI: xxx [?].
- 844 *CHI: vai fica(r) aqui xxx [?].
- 845 *CHI: não vai, sai(r) dessa xxx [?].
- 846 *CHI: agora é aqui.
- 847 *CHI: vamo(s), vamo(s) joga(r).
- 848 %act: CHI joga água nas peças.
- 849 *CHI: não é pra joga(r) xxx [?].
- 850 *CHI: xxx [?].
- 851 *CHI: xxx [?].
- 852 *CHI: **junto aqui você não vai faze(r) mais.** (4)
- 853 *CHI: olha xxx [?] o que eu vo(u) faze(r).
- 854 *CHI: vamo(s) (r)osa!
- 855 *CHI: e ela de(rr)uba e aí dá.
- 856 *CHI: n(ão) é (r)osa?
- 857 *CHI: a (r)osa vai fica(r), xxx [?] de vocês!
- 858 *CHI: xxx [?] a (r)osa vai te ensina(r).
- 859 *CHI: **todo mundo sa.** (5)
- 860 *CHI: **todo mundo sai daqui.** (5.1)
- 861 %act: **CHI tira os brinquedos que havia colocado dentro da banheira.”** (5.1)

Nesse excerto temos uma relação não entre sujeitos reais da comunicação mas, de certa forma, um monólogo, visto que a criança argumentou e contra-argumentou consigo mesma, com as personagens que criou para e durante a brincadeira. Nós não temos acesso às vozes dessas personagens, somente ao discurso de S., o que de certa maneira limita nossa compreensão do jogo argumentativo que ocorre entre elas. Esse tipo de interação, entre vozes

criadas pela criança, nos faz suspeitar de que possa se tratar de auto-argumentação⁵⁷ (LEITÃO, 2010), algo que nos levou a selecionar este episódio para este capítulo. Além disso, nele também encontramos oposição e embate entre discursos, essenciais na argumentação.

Assim, compreendemos que algumas das passagens desse episódio aparentam ser enunciados argumentativos, como em (1) “... então você num vai faze(r)!”, acompanhado pelo enunciado multimodal não-verbal (%act: CHI fala para a peça azul do brinquedo, separando-a), em que o ato de separar as peças é muito significativo, colocando em prática o que a menina havia afirmado verbalmente. Interpretamos (1) como um contra-argumento, que possivelmente se opõe a algo que uma das personagens fez ou disse, apresentando alternativa oposta que era a peça azul do brinquedo - uma das personagens - não fazer algo, mas não fica claro para nós do que se trata. Ao contra-argumentar em (1) a menina parece se valer de um enunciado complexo, que retoma tópico e discursos anteriores que não estão acessíveis a nós, que só podemos, nesse caso, supô-los, de junção causal expressa por “então”, no sentido de consequência e junção adversativa, instaurada pela cliticização “num”. O mesmo ocorre no enunciado seguinte, (1.1), também contra-argumento, que retoma o enunciado anterior, sendo enunciado complexo, de junção adversativa, fixada pelo advérbio de negação, reforçando o posicionamento anterior da criança.

Imediatamente em seguida, S. voltou a contra-argumentar em (2) (vo)cê tam(b)ém num vai faze(r), só a rosa. (+ CHI separa a peça laranja.)” que, ainda que transcrito em turnos diferentes - “você também num vai fazer” e “só a rosa”, assim como o multimodal não-verbal no turno 836 - foram considerados por nós partes de um mesmo enunciado argumentativo (contra-argumento), de oposição, agora não dirigido à peça azul, como fora em (1), mas à peça laranja. Trata-se de um enunciado complexo, que retoma os enunciados e tópico anteriores, fazendo-o, semântica e sintaticamente através de junção adversativa, fixada pelo “num”, assim como pela ação de separação e advérbio “só”, também apresentando junção aditiva, fixada pelo “também”, desde que o sujeito falante adiciona outro componente à separação que fizera anteriormente.

A contra-argumentação continua em (3) “vai fica(r) xxx [?] você também não vai fazer, só a laranja.”, também por nós considerado contra-argumento, enunciado complexo de junção adversativa (“não” e “só”), realizando a troca da peça rosa pela laranja. Não consideramos esse enunciado como uma resposta, desde que ele não encerrou a cena

⁵⁷ Como dissemos, trata-se de uma suspeita, mas não podemos - assim como não fazemos - afirmar, categoricamente, que esse episódio seja uma auto-argumentação. Ainda assim, trata-se, sem dúvida, de uma cena argumentativa.

enunciativa, que continuou nos turnos seguintes. No turno 853, a menina mudou de assunto, o que podemos caracterizar como resposta.

Alguns turnos depois, ela argumenta em (4) “junto aqui você não vai faze(r) mais.” (argumento), (re)introduzindo tópico e novo ponto de vista, por meio de um enunciado complexo, que retoma tópico anterior através de junção adversativa, pelo advérbio de negação e por uma adição, com advérbio de quantidade “mais”. Mais tarde ela produz o que consideramos ser uma resposta em (5) “todo mundo sa(i).”, reformulada em (5.1) “todo mundo sai daqui. (+tira os brinquedos que havia colocado dentro da banheira.)”, através da qual podemos ver mudança de seus posicionamentos anteriores e a criança parece desistir de reorganizar as peças, decidindo por todas elas saírem da banheira, assim finalizando a brincadeira e o embate que até então se estendia. Esses enunciados são, ambos, enunciados complexos, de junção adversativa subentendida, assim compreendida no todo situacional. Em seguida, a própria criança muda de tópico.

No turno 840, a criança produz um enunciado que poderia ser parte da argumentação anterior, porém, preferimos não afirmá-lo, desde que esse enunciado não foi compreensível para o transcritor desse vídeo nem para nós.

Nesse episódio, podemos observar vários fatores que mostram a complexificação da argumentação da criança, como o uso de enunciados mais longos e mais complexos, com palavras de diferentes classes gramaticais e sua organização, (BAKHTIN, 2013), além da relação que estabelecem com enunciados e tópico anteriores, através de advérbios de negação, conjunções etc., estejam eles explícitos ou subentendidos no discurso. Outro fato que observamos foi o uso do imperativo ao se argumentar, algo muito recorrente em todas as cenas dos dez vídeos de nosso *corpus*, dispositivo esse muito utilizado pela criança ao se posicionar na comunicação.

Além do uso do tempo futuro em alguns dos enunciados, que estavam acompanhados de multimodalidade, notamos a presença, como dissemos anteriormente, de autoargumentação (LEITÃO, 2010), caracterizada pela presença de contra-argumentos e respostas proferidos pela própria criança com relação a discursos e/ou ideias dela mesma, aos quais, aliás, não temos acesso, nesse caso, mas podemos supor do que se tratam, ao olharmos para os discursos anteriores e o todo situacional. Como dito em exemplos anteriores, a autoargumentação é essencial para o desenvolvimento da linguagem, assim como nos permite vislumbrar os processos de reflexão e revisão dos pontos de vista pelo sujeito.

8) S. 3; 7; 15 (S. 3 anos; 7 meses; 15 dias):

- (2.8) “60 *CHI: olha a minha minha blusa.
- 61 *OBS: é a <branca de neeve!> [< falam ao mesmo tempo]
- 62 *UNC: <xxx.> [?] [> falam ao mesmo tempo]
- 63 *OBS: você é a branca de neve?
- 64 *GGF: xxx [?].
- 65 *CHI: **o titio não pode ser a b(r)anca de neve po(r)que é menino [sussura]. (1)**
- 67 *OBS: ele é menino n(ão) é?
- 68 *GGF: xxx [?].
- 69 *OBS: só menina que pode se(r) branca de neve n(ão) é?
- 70 *CHI: é.
- 71 *CHI: a cinderela...
- 72 *OBS: pode se(r) a cinderela tam(b)é?
- 73 *OBS: pode se(r) que mais?
- 74 *GGF: xxx [?].
- 75 %act: GGF conversa com outros familiares.
- 76 *CHI: ado(r)mecida. [sussurra]
- 77 *OBS: a bela adormecida.
- 78 *OBS: é o titio é o belo adormecido.
- 79 *CHI: **[ri] não! (2)**
- 80 *OBS: [ri].
- 81 *CHI: titio!
- 82 *CHI: **você é a barato! (3)**
- 83 *GGF: xxx [?].
- 84 *GGM: xxx [?].
- 85 %act: GGF e GGM conversam entre si.
- 86 *CHI: **(vo)cê é barato. (3.1)**
- 87 *OBS: é o belo adormecido.
- 88 *CHI: **não. (4)**
- 89 *OBS: [ri].
- 90 *CHI: **sabe o que ele é? (5)**
- 91 *OBS: ahn.
- 92 *CHI: **o ben deez [sussura]! (5)**
- 93 *OBS: como?
- 94 *OBS: ben dez?

95 %com: Ben 10 é o nome de um desenho animado, no qual um menino se transforma em vários extraterrestres super-heróis.

97 *CHI: é.

98 *OBS: ah você é o ben dez é o correspondente.

Nessa cena argumentativa temos oposição, embate e negociação, a qual é finalizada pela criança, que traz, no discurso, uma solução para o embate. Aqui a criança, que antes estava brincando com a observadora, abordou novo tópico no discurso: sua camiseta com a imagem da Branca de Neve, uma das princesas da Disney, que S. tanto ama. Esse tópico, sobre as princesas, deu início a uma situação dialógica entre a criança e a observadora.

Sobre o tópico em questão, a menina surgiu com um novo ponto de vista e justificativa no discurso, de modo que (1) “o titio não pode ser a b(r)anca de neve po(r)que é menino. [sussurra].” é um argumento, um enunciado simples, que traz novo assunto, assim como novo ponto de vista, à tona. Podemos dizer que o ponto de vista é o tio não poder ser a Branca de Neve, enquanto a justificativa, a razão para ele não poder ser a princesa em questão é porque ele era menino. É interessante notar que a criança produz esse enunciado sussurrando para sua interlocutora, como se o fato por ela abordado fosse um segredo a ser ocultado dos demais sujeitos que estavam próximos, como do tio, sobre quem ela falava.

A observadora, a princípio, concordou com o posicionamento de S. (turno 69), mas opõe-se a ele ao dizer, no turno 78, que ele era então o belo adormecido, em paralelo com a princesa chamada de Bela Adormecida, personagem de um conto de fadas homônimo. CHI argumentou com relação a isso, opondo-se em (2) “não!”, um enunciado complexo, que retoma explicitamente enunciados e tópicos imediatamente anteriores, através de junção adversativa marcada pelo advérbio de negação “não”, defendendo, dessa forma, seu posicionamento inicial. Logo em seguida, ela apresentou outro argumento em (3) “você é a barato.”, repetido em (3.1) “(vo)cê é barato.”, quando S. se opôs ao posicionamento anterior de sua interlocutora, de que seu tio era o belo adormecido e lhe designou um novo adjetivo, um novo “ser” (possibilidade alternativa) que é “ser barato”, retomando, provavelmente, a música da barata e suas saias de filó que ela e a interlocutora cantavam no início do vídeo. Esse movimento discursivo é, portanto, um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores através de junção adversativa subentendida, talvez pela relação “é x, não é y”, como em – assim interpretamos – “o titio é o barato, não o belo adormecido.” Ao produzir esses enunciados, a criança faz manutenção de seu posicionamento inicial, de que UNC não era a Branca de Neve, mas agora trazendo novo ponto de vista, nova possibilidade alternativa sobre que personagem seu interlocutor poderia ser.

OBS continuou a insistir que UNC era o belo adormecido (turno 87) e S. voltou a negá-lo em (4) “não.”, um argumento, enunciado complexo, de junção adversativa fixada pelo advérbio de negação. Em seguida ela pergunta à interlocutora se esta sabia o que ele era, dando-lhe, ela mesma, a resposta quase que imediatamente após o questionamento (turnos 90 e 92), dizendo (5) “sabe o que ele é? O bem dez [sussurra]!”, o que interpretamos como argumento, enunciado complexo que traz outro ponto de vista para o discurso, reformulando e modificando o anterior. Dessa vez o ponto de vista é o tio ser o Ben Dez, não mais o belo adormecido, nem o barato. Entendemos que esse enunciado é de junção adversativa com os anteriores, junção essa que está subentendida, mas podemos depreendê-la do contexto de produção.

Em seguida, a observadora pareceu responder, aparentemente convencida pelo posicionamento da sobrinha e não mais contra-argumentando com ela. Turnos depois, o tio questionou CHI se ser o Ben 10 era algo bom ou ruim, o que ela não respondeu, mas sua tia, a observadora o fez. A criança não voltou a abordar o tópico sobre o qual decorria o embate anterior, mudando de assunto e, assim, finalizando a cena enunciativa em questão.

Como nos exemplos anteriores aqui temos, também, uma situação em que há embate entre discursos e/ou pontos de vista opostos, como dissemos, embate esse que levou à tentativa de negociação. Diferentemente das outras cenas argumentativas, em (2.8) temos que, no enunciado (5) a menina introduziu seu argumento através de uma pergunta (“sabe o que ele é?”), à qual ela mesma respondeu em seguida, trazendo a solução para o embate que ocorria até então entre ela e seus interlocutores, que foi caracterizar seu tio não como um “princeso” ou um “barato” (ambos em referência às princesas e à barata de sete saias de filó, sobre a qual CHI e OBS cantavam previamente) mas como o “Ben Dez”.

“Ben Dez” é também uma personagem de desenhos infantis, que protagoniza um desenho animado que leva o mesmo nome e que a criança parece julgar cabível para o seu tio, uma opção talvez melhor, considerando que ela não concordava que ele fosse o “belo adormecido”, assim como sua interlocutora, OBS, não concordou que AUN fosse “o barato”, como havia afirmado S. Essa mudança de posicionamento caracteriza que houve reflexão e revisão do sujeito sobre seu ponto de vista inicial, que foi alterado, assim como a forma (sintática, semântica, discursiva etc.) dos enunciados que a veicularam.

Outro fator que notamos foi o uso da conjunção “porque” explícita em (1) a fim de apresentar a justificativa do ponto de vista, algo que ocorre subentendido em muitos dos enunciados argumentativos de S. Dessa forma, pelos usos que a criança faz dos advérbios e conjunções, adjuntos e outros elementos linguísticos, além da mudança de posicionamento e

reformulação do mesmo, nos quais está implicado um processo cognitivo (epistêmico⁵⁸) e seus enunciados cada vez mais complexos estilisticamente (BAKHTIN, 2013), tudo isso nos dá indícios de sua aquisição da linguagem, assim como do fenômeno discursivo da argumentação, que dela faz parte e desenvolvimento em ambos.

9) S. 3; 08; 05⁵⁹ (S. 3 anos; 8 meses; 5 dias):

(2.9) “58 *ADU: você (es)tá muito comilona!

59 %act: **CHI faz gesto negativo com a mão para ADU. (1)**

60 *COU: S.!

61 *ADU: não?

62 *CHI: não.

63 %act: CHI balança a cabeça negativamente.

64 *ADU: você (es)tá comiloninha?

65 *CHI: não. [rindo]

66 %act: CHI balança a cabeça negativamente.

67 *ADU: não?

68 %act: CHI balança a cabeça negativamente.

69 *GMO: volto(u) pra come(r) da comidinha.

70 *COU: S.!

71 *GMO: xxx [?] olha a polenta!

72 *COU: êêê.

73 *OBS: [ri].

74 *OBS: que cara de nhó <é> [< falam ao mesmo tempo] essa Sô?

76 *MOT: cara de nhó?

77 *OBS: hein?

78 *OBS: xxx [?].

79 *UNC: xxx [?].

80 *CHI: **comilona! (2)**

81 %act: **CHI aponta para OBS, sorrindo. (2)**

82 *MOT: huum.

⁵⁸ Lembrando que as funções epistêmica, psicológica e discursiva da unidade de análise estão nela implicadas, mas não são construtos metodológicos, de modo que elas não aparecem, explicitamente, nos dados analisados.

⁵⁹ Nesse vídeo há muitos participantes e interlocutores que dialogam com S. e sobre a mesma, assim como dialogam em situações em que ela estava inserida, sendo assim, há diferentes códigos que identificam esses participantes e que não apareceram antes, como *ADU: adult/adulto, *AUN: aunt/tia, *COU: cousin/primo.

- 83 *OBS: eu?
- 84 *MOT: <que(r) um guardanapo xxx?> [?] [<falam ao mesmo tempo]
- 85 *OBS: quem (es)tá comendo?
- 86 *OBS: quem come sem para(r)?
- 87 *MOT: tira a boca tira a mão da boca.
- 88 %act: MOT fala para CHI.
- 89 *COU: S.!
- 90 *CHI: **você... (3)**
- 91 *OBS: S.!
- 92 *CHI: **...você vai fica(r) com fome depois e não tem comida. (3)**
- 93 *ADU: a teteia é comilona você é comiloninha.
- 94 *CHI: **nãããã! (4)**
- 95 *ADU: [ri].
- 96 *OBS: não.
- 97 *OBS: a S. éé...
- 98 *MOT: toma Sô.
- 99 *OBS: ...é lero-lero .
- 100 *CHI: **huuum. (5)**
- 101 %act: **CHI balança o dedo indicador negativamente. (5)**
- 102 *CHI: onde você aprendeu essa p(a)l(a)vra <xxx?> [?] [<falam ao mesmo tempo]
- 103 *OBS: <eu inventei!> [>falam ao mesmo tempo]
- 104 *CHI: huuum.
- 105 *OBS: aonde eu aprendi. [rindo]
- 106 *CHI: aonde?
- 107 *GGM: [ri].
- 108 *OBS: eu inventei na minha cabeça.
- 109 *MOT: cada um do seu jeito n(ão)é Sô?
- 110 *OBS: cada um fala do seu jeito.
- 111 %act: CHI brinca batendo a mão na cabeça.
- 112 *OBS: é lero-lero você.
- 113 *CHI: **huum! [brava] (6)**
- 114 %act: **CHI cruza os braços. (6)**
- 115 *OBS: [ri].”

Era véspera de Natal na casa dos bisavós de S. e a criança estava jantando e sua interlocutora, ADU e, mais tarde, OBS, a provocaram, chamando-a de “comilona” (turno 58), o que leva a criança a contra-argumentar e, dessa maneira, dá-se início ao embate entre elas. Esse apelido, recebido inicialmente pela criança, negativamente, passa a ser usado por ela como uma brincadeira para com suas interlocutoras, fato este o principal que nos levou a selecionar esta cena para o capítulo em questão.

É com relação à provocação de ADU e OBS que a menina contra-argumentou em (1) (CHI faz gesto negativo com a mão para ADU.), opondo-se ao argumento dos outros e os negando através de um enunciado multimodal não-verbal, composto pelo gesto emblemático que a menina adota (com o dedo indicador ela acena de um lado para o outro), significando “não”, ou seja discordando do discurso anterior. Ao retomar explicitamente os enunciados imediatamente anteriores, assim como o tópico, temos que (1) é um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pelo gesto de negação, ainda que não por uma palavra, verbalmente expressa.

Sobre isso a interlocutora, ADU, fica em silêncio, não voltando a se pronunciar por um bom tempo, silêncio esse que podemos tomar como argumento da mesma, ou, talvez, resposta. Contudo, descartamos a possibilidade de ser uma resposta desde que a cena argumentativa sobre o tópico em questão (ser comilona) não termina, desde que a criança o retoma em (2), alguns turnos mais tarde, apontando para a interlocutora, agora OBS, enquanto sorri e a chama de comilona (2). Assim ela faz através de um enunciado verbal e um não-verbal, que contribui para a significação do anterior no discurso, ambos por nós tomados em conjunto e considerados um argumento, que (re)introduz ponto de vista e tópico na comunicação, talvez ainda opondo-se ao argumento da interlocutora no turno 58, mas apresentando mudança de ponto de vista, que é OBS ser a comilona. Ao retomar os enunciados e tópico anteriores, concluímos que esse argumento é um enunciado complexo, de junção adversativa instaurada pela relação subentendida no discurso.

A observadora, porém, não concorda com o posicionamento da criança e opõe-se a ele através de questionamentos que, de certa forma, respondem a si mesmos, ou melhor dizendo, exprimem a resposta (turnos 85 e 86), que é a criança ser quem come sem parar e, portanto, a quem melhor se aplica o adjetivo “comilona”. Mais tarde, nos turnos 90 e 93, a menina produziu o seguinte enunciado argumentativo: (3) “você... você vai fica(r) com fome depois e não tem comida.”. Entendemos que esse enunciado pode ser considerado argumento, que se opõe ao posicionamento da interlocutora, de afirmar que a comilona era S. e que ela, OBS, não comia tanto, nem com tanta avidez, ao que a menina se opõe, defendendo seu

posicionamento inicial e trazendo uma possibilidade alternativa, uma consequência para sua interlocutora não comer, que era ficar com fome e, mais tarde, não haver comida para saciá-la. Assim ela faz através de um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida, instaurada pela relação de oposição, e/ou causal, no sentido de consequência para a interlocutora não comer, não ser alguém que comia muito e ininterruptamente. Ambas as junções não estão expressas verbalmente, mas podemos depreendê-las a partir do contexto da produção desse enunciado.

Imediatamente após, (3) ADU volta a interagir com a criança, dizendo-lhe “a teteia é comilona e você é comiloninha.”, enunciado contra o qual S. se posiciona em (4) “nããã!”, argumentando, opondo-se ao discurso de sua interlocutora, através de um enunciado complexo, de junção adversativa marcada pelo advérbio de negação “não”, que é acentuado – assim julgamos – pela ênfase prosódica que a criança lhe dá ao estender o /ã/ da palavra (CASTILHO, 2014). Acreditamos que esse tipo de ênfase, assim como a repetição da mesma palavra seja um mecanismo argumentativo utilizado pelo sujeito para reforçar seu posicionamento, algo recorrente no *corpus* aqui analisado.

Imediatamente depois, a observadora se pronunciou, discordando de ADU e dizendo que a criança não era comilona (turno 96), mas sim “lero-lero” (turnos 97 e 99), posicionamento com relação ao qual a criança se colocou contra através de outro argumento em (5) “huuum. (+ CHI balança o dedo indicador negativamente)”, negando a afirmação da interlocutora. Temos, nesse caso, um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada essencialmente pelo gesto emblemático de negação que a menina fez com o movimento do dedo indicador. O mesmo ocorre em (6), quando a menina se contrapôs, brava, com relação ao argumento de OBS, que voltou a chamá-la de lero-lero. Ela não balança o dedo negativamente, mas cruza os braços mostrando sua insatisfação com o “apelido” e não concordando com ele. Sendo assim, (6) é também argumento, enunciado complexo, de junção adversativa, marcada não por uma palavra, mas pelo gesto de cruzar seus braços.

Entendemos que a resposta dessa cena vem pelas interlocutoras, que param de provocar a criança, que não volta a se posicionar. Mais tarde, muda-se de assunto.

Nesse episódio, ao olharmos para a relação do desenvolvimento linguístico de S., em termos de argumentação, deparamo-nos, aqui, com o uso de multimodalidade, de elementos não-verbais sozinhos e em conjunto com enunciados verbais, como o gesto de apontar o dedo e balançá-lo de um lado para o outro, indicando negação e o cruzar de braços, que consideramos significar, no discurso, discordância. Além desse elemento, temos enunciados mais longos, intrincados e complexos estilisticamente (BAKHTIN, 2013), como em (3)

“você... você vai fica(r) com fome depois e não tem comida.”, quando, confrontada pela interlocutora, que dizia ser S. a comilona, visto que ela, OBS, não comia sem parar, a menina lhe apresentou uma oposição e uma consequência para ela não comer que, seria, nesse caso, ter fome e não ter mais comida para ela quando isso acontecesse. Para tanto, ela se utiliza de elementos linguísticos como pronome do caso reto, que indica sujeito explícito, verbos “ir”, mais o verbo “ficar” no infinitivo, formando a locução verbal “vai ficar” indicando tempo futuro, preposição (“com”), substantivo “fome” e advérbio de tempo “depois”, após o qual se inicia a segunda oração, que faz parte da consequência para OBS não comer. Essa frase, subordinada à anterior, é composta por advérbio de negação, verbo “ter” no presente do indicativo e substantivo “comida”, que funciona, no enunciado, como objeto do verbo.

Além desses fatores linguísticos, observamos que a criança fez uma mudança de uso de seu contra-argumento inicial (1), passando a utilizá-lo não somente para se opor ao argumento de suas interlocutoras, mas também, para (re)introduzir o tópico anterior no discurso, trazendo a oposição que se deu em turnos precedentes e provocando, brincando com sua interlocutora, a observadora, proferindo (2) enquanto aponta para ela sorrindo: elemento não-verbal da multimodalidade que nos levou a caracterizar essa passagem como uma brincadeira. Houve, dessa forma, uso do mesmo enunciado argumentativo (antes contra-argumento e, em (2) argumento) em contexto e com finalidades diferentes.

Esse tipo de mudança ocorreu em alguns outros episódios de nosso *corpus*, mas com pouca frequência. O exemplo aqui trazido por nós parece suficiente para ilustrá-lo, outros exemplos da mesma natureza encontram-se nas análises em Anexos.

10) S. 3; 8; 26 (S. 3 anos; 8 meses; 26 dias):

- (3.10) “125 *CHI: o bebê agora sabe anda(r) o(lha).
 126 *OBS: ela já aprendeu a anda(r)?
 127 %act: CHI faz como se um dos bonequinhos andasse pelo chão.
 128 *CHI: já.
 129 *OBS: âââân.
 130 *CHI: ele vai pro telhado.
 131 *OBS: [ri].
 132 *OBS: a parte mais legal dessa casa é o telhado n(ão)é S.?
 133 *CHI: **não é, também é as coisa(s) mas... (1)**
 134 *CHI: **tinha mais coisa aqui n(ão)é?! (2)**
 135 *OBS: não, não tem.
 136 *OBS: é só isso.

- 137 *CHI: a mamãe vai pro xxx [?] com ele.
- 138 *CHI: **a primeira a mamãe porque ele é mais pequeno.** (3)
- 139 *CHI: ele sabe anda(r).
- 140 %act: CHI brinca que os bonecos andam sobre o telhado da casa de brinquedo.
- 141 *OBS: tchibum!
- 142 *CHI: tchiiii....
- 143 *CHI: tchau bebê.
- 144 *CHI: tchau mamãe.
- 145 *CHI: xxx [?].
- 146 *CHI: um dois três e...
- 147 *OBS: ela caiu em cima do bebê.
- 148 %act: CHI coloca os bonecos dentro da chaminé da casinha, de onde eles escorregam.
- 149 *CHI: **não caiu não.** (4)
- 150 *OBS: não?
- 151 *OBS: ela esmago(u) aa fil(h)inha.
- 152 *CHI: agora ela vai subi(r) de novo com o bebê, porque ela tem que i(r) lá pra escola, a mamãe.
- 153 *OBS: a mamãe trabalha na escola?
- 154 *CHI: não!*
- 155 *CHI: o bebê que ela vai deixa(r) o bebê lá pra escola.*
- 156 *OBS: huum!
- 157 *CHI: e ela vai trabalha(r).
- 158 *CHI: mas ela tem que subi(r) todos telhados e...
- 159 *OBS: [ri].
- 160 %act: CHI coloca a boneca dentro da chaminé.”

Escolhemos esse enunciado para a análise de dados, visto que ele apresenta, durante uma brincadeira, embate entre posicionamentos opostos, sendo que o argumento foi introduzido pela observadora e a ele a criança reagiu, posicionando-se. Há, nesse episódio – como ocorreu em anteriores – os três movimentos da unidade da argumentação apontados por Leitão (1999, 2001, 2003; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015).

Brincando com os bonecos, S. fingiu que um deles, o menor, que representava uma criança pequena, andava pela sala e subiu no telhado da casinha de brinquedo, algo que ela vinha fazendo com as personagens, tanto que sua interlocutora, OBS, com ela argumentou

através de uma pergunta no turno 132 (“a parte mais legal dessa casa é o telhado né S.”). Contra o posicionamento da interlocutora no turno 132, a menina contra-argumentou em (1) “não é, também é as coisa(s) mas...”, opondo-se ao discurso da observadora e negando-o parcialmente, apresentando outra alternativa, além daquela dita por OBS, sobre o telhado, que também é legal no brinquedo, contudo, não chegamos a saber de que parte – outras “coisas”, como disse S. – do brinquedo a criança estava falando. As “coisas” procuradas pela criança serão foco em seu contra-argumento seguinte, em (2) “tinha mais coisa aqui n(ão)é?!”, que parece se opor ao fato de estar faltando alguma(s) peça(s) do objeto, talvez aquelas que S. irá elencar como também sendo legais. Ambos os enunciados foram por nós entendidos como enunciados complexos, que retomam explicitamente enunciados e tópico anteriores, fazendo-o, sintática e semanticamente, em (1) através de junção adversativa, instaurada pelo “não” e junção aditiva/alternativa, fixada pelo “também”, que introduz outro fator que faz o brinquedo ser legal para além do telhado. Já no enunciado (2) essa retomada e relação se faz através da junção adversativa, que julgamos subentendida. Sobre esse contra-argumento, (2), a observadora respondeu nos turnos 135 e 136, negando que havia mais coisas/peças, procuradas pela criança que, então, muda o tópico discursivo.

Após a resposta de sua interlocutora, S. argumenta em (3) “a primeira a mamãe porque ele é mais pequeno.”, introduzindo novo ponto de vista (“a primeira a mamãe”) no discurso, assim como sua justificativa (“porque ele é mais pequeno.”). O tópico não é novo, mas retomado de enunciados anteriores, quando a criança já brincava com os bonecos, o que nos levou a considerá-lo enunciado complexo, ao retomar de maneira explícita tópico anterior, o que faz através de, talvez, junção adversativa subentendida, como em “mas a primeira a mamãe” e junção causal, fixada pelo “porque”, no sentido de razão para a mamãe ir primeiro.

Ainda brincando com os bonequinhos, CHI os colocou sobre o telhado da casa de plástico e deixou que escorregassem pelo buraco da chaminé que lá havia, de modo que uma personagem caiu sobre a outra, ao que a observadora disse “ela caiu em cima do bebê” (turno 147), sobre a boneca que representava a mãe. Com relação a esse discurso, a criança se posiciona, argumentando em (4) “não caiu não.”, opondo-se ao argumento da outra e negando o fato que por ela era afirmado, fazendo-o através de um enunciado complexo, de junção adversativa, fixada pelo advérbio “não”. A observadora não concorda com tal posicionamento e volta a contra-argumentar no turno 151, defendendo seu ponto de vista inicial, introduzido no turno 147, posicionamento esse que foi ignorado pela criança, que não o respondeu diretamente, algo que vemos como, possivelmente, a resposta dessa cena argumentativa que até então ocorria, encerrando-a. Nos turnos seguintes, a criança volta a narrar sua brincadeira,

não mais negociando com sua interlocutora. Essa resposta pode ser um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida, já que a menina continuou colocando as personagens no buraco da chaminé, de modo que caiam uma sobre a outra, opondo-se, dessa forma, ao contra-argumento de OBS, não tendo sido convencida por ela.

Após o enunciado (4) deparamo-nos com os seguintes enunciados nos turnos 154 “não!*” e 155 “o bebê que ela vai deixa(r) o bebê lá pra escola.*”. A princípio pensamos que podiam se tratar de partes de um mesmo contra-argumento, proferido com relação à pergunta feita pela observadora no turno 153, para a qual a criança apresenta justificativa (155), contudo, revendo várias vezes o vídeo e, principalmente, o momento em questão, decidimos por, ainda que haja a possibilidade de interpretarmos tais enunciados como argumentativos, compreendê-los como explicação. Isso ocorreu principalmente pelo modo, tom de voz e prosódia com que a criança os proferiu e que, para nós pareceu não ter intenção de oposição (talvez o “não”, em 154, tivesse, mas não o enunciado seguinte), mas ser apenas uma explicação da criança ou mesmo uma continuação de sua narração anterior, sobre as personagens com as quais brincava.

Em suma, ao observarmos esse episódio, e olhando para as análises das cenas anteriores, acreditamos poder dizer que a menina, S., usa a linguagem e argumenta com cada vez mais eficiência e liberdade, visto que ela parece dominá-los cada vez mais. Podemos notá-lo quando a criança contra-argumenta tomando como iniciativa para o enunciado argumentativo de (2) um tópico por ela tratado em (1), contra-argumento por ela proferido com relação ao posicionamento anterior de OBS. Ela faz essa mudança de foco imediatamente, sem pausa ou demora significativa, o que – assim julgamos – demonstra sua rapidez para pensar sobre e utilizar a linguagem e seus dispositivos. Além disso, podemos dizer que, como em situações anteriores, principalmente a partir dos 2 anos e 9 meses, S. parece valer-se de um discurso argumentativo mais elaborado do ponto de vista estilístico (BAKHTIN, 2013), como uso do léxico, ordem das palavras na frase, uso de diferentes elementos linguísticos, verbais e não-verbais, além de trazer pontos de vista e justificativa também mais elaborados.

Ainda assim houve momentos em que essas justificativas foram *nonsense*, ou seja, foram usadas pela criança para apoiar seu posicionamento mas, no discurso, não pareciam ter uma lógica real ou compreensível para nós, ou mesmo para os adultos que com ela interagiram e que interpretaram seus posicionamentos, construindo sentido e significação para os mesmos na comunicação. Para a menina, essas justificativas talvez tivessem sentido, mas não podemos afirmá-lo categoricamente, apenas supomos que, talvez, assim fosse.

Realizada a análise qualitativa dos dados, apresentaremos, a seguir, as informações mostrando o desenvolvimento do discurso argumentativo de S. ao longo dos 1 ano e 7 meses, tempo decorrido entre a filmagem do primeiro e último vídeos que compõem nosso *corpus*.

5 RESULTADOS

A partir desse aporte teórico-metodológico, propusemo-nos a responder algumas perguntas de pesquisa que nortearam nossos objetivos e a própria realização deste trabalho, perguntas essas que relembramos e às quais respondemos ao longo dessa seção, trazendo exemplos retirados do *corpus* e das análises, que ajudam a ilustrar os resultados.

Mas, antes de respondermos às perguntas e trazermos as discussões sobre os resultados e conclusão dessa pesquisa, achamos válido retomar o que dissemos no capítulo 2, da Metodologia, sobre a não regularidade com a qual nos deparamos na duração dos dez vídeos de nosso *corpus*, que compreendem o período de tempo de quase 1 ano e 7 meses. Sobre o tempo de gravação, vemos um maior número de cenas argumentativas nas sessões 5, 6 e 7, vídeos em que a duração foi maior, de cerca de uma hora, uma hora e dez minutos. Nos vídeos 1 a 4 e 8 a 10 a duração foi menor, - entre vinte e quatro e sete minutos - ainda assim, em 2 e 8, apesar do tempo de gravação, tivemos uma quantidade de cenas argumentativas significativa. Apesar dessa discrepância, o fator da assimetria na duração não pareceu interferir na incidência de cenas argumentativas em que S. esteve inserida, mas devemos esclarecer que a diferença de extensão levou a uma não possibilidade de comparação simétrica entre os vídeos e mesmo entre o número de cenas argumentativas. Ainda assim, isso não nos impossibilitou de observar, através das cenas e seus enunciados, em relação dialógico-discursiva, o processo de aquisição e desenvolvimento de S. na e pela linguagem, assim como da e na argumentação, aspectos esses essenciais nesta pesquisa.

Além da duração em minutos dos dados, os elementos que julgamos essenciais e que contribuem para essa oscilação de cenas se dá, também, pelo contexto de sua produção, relação dialógico-discursiva entre os sujeitos da interação, se eles se esforçam para manter a comunicação e se há momentos propícios, assim como instigação, por parte dos interlocutores, para a produção de enunciados argumentativos. Por exemplo, é fato que S. costuma argumentar, introduzir um ponto de vista no discurso, mas o embate e a negociação ou seja, o fenômeno discursivo da argumentação se dá, de fato, quando os outros sujeitos do discurso se dispõem a proferir enunciados carregados com sentidos opostos ao da menina que, por sua vez, pode aderir ao embate. O mesmo vale para quando S. é quem contra-argumenta com relação a alguma proposição dos adultos, com a qual discorda e refuta, iniciando-se o embate e havendo, em alguns casos, tentativa de negociação.

Sob essas variáveis, concluímos que, em geral, a criança S. costuma argumentar e contra-argumentar muito, em frequência parecida na faixa etária selecionada para o estudo, a

depende, principalmente, do contexto em que está inserida, assim como de quem são seus interlocutores, situação de comunicação e como ela é, e se é propícia à argumentação, se há empenho dos sujeitos de contrapor-se, ou seja, de criar embate e negociação, assim como para finalizá-la (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017). A disposição⁶⁰ da criança para argumentar também é um fator mas, em todos os vídeos, esse não nos pareceu um obstáculo.

Tendo em vista tais aspectos metodológicos, brevemente retomados acima, além dos aportes teóricos, explicitamos os resultados alcançados a partir, como dissemos anteriormente, das perguntas de pesquisa das quais lançamos mão para nortear o desenvolvimento deste estudo, sendo elas: Como a criança argumenta? Quando e por que ela o faz? Qual a implicação do fenômeno discursivo da argumentação na aquisição e desenvolvimento da linguagem, da qual faz parte? Quais os elementos da língua, em seu aspecto principalmente sintático, que contribuem para caracterizar os enunciados da criança como sendo argumentativos? Os enunciados argumentativos de S. são simples ou complexos? Quando complexos, qual a relação que estabelecem com enunciados anteriores?

Tais perguntas fundamentais e suas respostas foram dispostas, neste capítulo, em três blocos, a fim de melhor organizá-las, assim como os resultados alcançados segundo a análise de dados, sob a luz da abordagem dialógico-discursiva (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016) em estudos da linguagem e em estudos sobre aquisição (Del Ré et al., 2014a, 2014b, 2016), teoria da argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c, 2007b, 2010; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015), estudos sobre a multimodalidade (CAVALCANTE, 1994, 2018; CAVALCANTE, BRANDÃO, 2012; DE ALMEIDA, CAVALCANTE, 2017; VASCONCELOS, 2017) e aporte teórico-gramatical (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014). Lembrando que todo o nosso *corpus* teórico dialoga com a abordagem bakhtiniana sobre linguagem, às vezes mais profunda e claramente, como os estudos em argumentação, aquisição e multimodalidade aqui elencados, outras, resvalando na teoria em questão, mas ainda com ela dialogando, como ocorre com as gramáticas funcional e multissistêmica, devido a sua concepção e metodologia de estudo da língua.

Após tais ponderações, partimos de fato para as respostas que alcançamos para os conjuntos de perguntas que propusemos no início deste trabalho e que nortearam nossos objetivos:

⁶⁰ Como dissemos no início dessa pesquisa, entendemos que fatores psicológicos estão envolvidos no processo de aquisição da linguagem e da argumentação, que faz parte da anterior, contudo, não o abordaremos em específico, desde que esse não é foco neste estudo.

1. *Como a criança argumenta? Quando e por que ela o faz?*

Para responder a essas perguntas é inevitável que retomemos o que é argumentação, fenômeno discursivo, que ocorre na e pela comunicação, pelo posicionamento de um sujeito no discurso, a partir de confronto de perspectivas opostas, embate esse que pode levar à negociação, cujo objetivo máximo é o convencimento, podendo haver consenso ou não entre os sujeitos envolvidos na interação.

Na perspectiva de Leitão, entendemos a argumentação como:

[...] uma atividade de natureza discursiva e social que se realiza pela defesa de pontos de vista e a consideração de objeções e perspectivas alternativas, com o objetivo último de aumentar – ou reduzir – a aceitabilidade dos pontos de vista em questão (Van Eemeren et al., 1996). Tomadas em conjunto, a defesa de pontos de vista e a consideração de idéias [sic.] alternativas criam, no discurso, um processo de negociação que possibilita o manejo de divergências entre concepções a respeito de fenômenos do mundo (físico ou social). Este processo de negociação de diferentes perspectivas confere à argumentação um potencial epistêmico que a institui como recurso privilegiado de constituição do conhecimento e – argumenta-se no presente artigo – de desenvolvimento do pensamento reflexivo. (LEITÃO, 2008, p. 454).

Logo, argumenta-se perante a necessidade de se posicionar no discurso, assim como pela necessidade de defender postos de vista com relação a outros, que muitas vezes colocam aqueles defendidos por um falante em xeque, algo com o qual o sujeito pode concordar, tendo sido convencido pelo discurso do outro, mudando seu posicionamento ou não. É nesse sentido, em um ambiente e entre interlocutores que contribuem para instaurar e conduzir uma argumentação, que os indivíduos se engajam nesse movimento discursivo, o mesmo valendo para a criança, cujas produções são por nós estudadas. É preciso ressaltar que S. sempre esteve inserida em uma família que muito dialogava com ela, incluindo-a na comunicação, assim como era muito provocada pelos seus interlocutores, principalmente o bisavô, a observadora e sua mãe, que acabavam incitando-a a se posicionar.

Ao posicionar-se no e pelo discurso, na comunicação, assim como para defender um ponto de vista, geralmente contrário ao dos interlocutores, é necessária a exteriorização de ideias e pontos de vista através não somente desse movimento discursivo, como também, pela própria maneira de produzir e organizar um enunciado argumentativo, como o uso da prosódia, escolhas lexicais (BAKHTIN, 2013), enunciados e elementos verbais e não-verbais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018) etc. A produção de argumentos (contra-argumentos ou respostas), no discurso, mobiliza conhecimentos de mundo, linguagem e reflexão do sujeito, que está em plena fase de constituição como tal, assim como leva à reflexão sobre os pontos de vista e justificativas que defende no discurso, podendo fazer sua manutenção ou mudança, buscando o convencimento do outro ou sendo convencido pelo

posicionamento do mesmo. Vale ressaltar que a argumentação é um fenômeno discursivo naturalmente dialógico, ou seja, que envolve sujeitos, vozes e discursos divergentes entre si, em polêmica aberta, normalmente levando ou surgindo de uma oposição de ideias opostas, para as quais se busca o convencimento do interlocutor.

Recordamos que se trata de polêmica aberta a oposição que ocorre no discurso e que, nele, está explícita, podendo-se observar a clara dissonância entre o discurso do eu e do outro. Esse tipo de oposição explícita, proposto por Bakhtin em *Problemas da Poética de Dostoiévski* é o tipo de discurso abordado pela teoria de Leitão (1999, 2001, 2003, 2007a; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c, 2007b, 2010; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018), a partir do qual observa e estuda-se a argumentação. Além da oposição, está evidente também a retomada de enunciados anteriores – ou posteriores (LEITÃO, FERREIRA, 2010) - aos quais o sujeito se opôs, algo que é expresso, discursivamente, também por elementos linguísticos, como os advérbios, adjuntos adnominais e adverbiais e as conjunções, todos estes elementos que mobilizamos em nossa pesquisa e que, no discurso, observamos contribuir para que os enunciados retomem tópico e discursos anteriores de forma explícita, figurando como enunciados complexos.

Além de argumentar a fim de introduzir ponto de vista ou fazer a manutenção do mesmo, o sujeito – no caso deste estudo a criança, especificamente S. – o faz quando precisa e/ou quer defender um posicionamento, oposto ao de seu interlocutor, muitas vezes intencionado a fazer seu discurso prevalecer sobre o do outro. Podemos ver esse fato na maioria das cenas argumentativas de S., mas, citamos uma, a título de ilustração, retomando o episódio em que a mãe reproduziu a fala de um senhor que, passando por S. e a observadora, na rua, dissera que a menina era “menina bonitinho”, discurso esse que a criança contra-argumentou na ocasião em questão, assim como quando houve a retomada por sua mãe, dizendo que “não existe bonitinho eu so(u) princesa!”⁶¹.

Já quando S. produz uma resposta, esta costuma finalizar a cena enunciativa sobre um dado tópico, com a menina concordando ou não com o posicionamento de seus interlocutores, tendo ou não sido convencida por eles, sendo essa finalização característica do movimento discursivo resposta. Esse movimento ocorre, por exemplo, quando a menina tinha 2 anos e 4 meses⁶², defendendo inicialmente que estava brava, tendo sido confrontada por sua avó, que contra-argumentou, opondo-se ao estado de espírito de sua neta e lhe dizendo que ela era muito pequena para ficar brava. Logo depois, a criança lhe respondeu, concordando com seu

⁶¹ S. 2;10;9, cena 13.6.

⁶² S. 2;4;14, cena 1.3.

posicionamento, convencida pelo mesmo, dizendo “então (es)tá bom.”, dessa forma encerrando o embate entre ela e seus interlocutores.

No episódio em que a criança, com 2 anos e 1 mês⁶³, tinha seu posicionamento inicial confrontado e negado por seus interlocutores, continuou a defendê-lo até o fim, de modo que respondeu à sua mãe e bisavô, que com ela contra-argumentavam dizendo “não! É princesa.”, uma resposta, que finaliza a cena enunciativa marcando a manutenção de perspectiva e ponto de vista, dessa forma, não havendo convencimento de S. pelo posicionamento de seus interlocutores.

Dito isso, julgamos oportuno passar para o próximo bloco de perguntas, às quais respondemos.

2. *Qual a implicação do fenômeno discursivo argumentação na aquisição e desenvolvimento da linguagem, da qual faz parte?*

Os seres humanos são sujeitos sociais e é na comunicação, por meio da linguagem – seja ela qual for – que trocam conhecimento, experiências, informações, assim como é nessa relação dialógica (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016) entre sujeitos e discursos, pertencentes a uma realidade histórica, temporal e sócio-cultural, que os mesmos se constroem no e como parte de um grupo, assim como sujeitos individuais – construção essa que jamais cessa durante a vida do sujeito -, expondo e defendendo suas opiniões, consonantes ou contrárias com as dos outros. Sendo assim, entendemos que a linguagem, sua aquisição e desenvolvimento, assim como a argumentação caminham juntas, sendo que uma é o todo, e a outra parte, logo, a argumentação faz parte da linguagem e a ela está atrelada, assim como é inevitável na relação dialógica. A fim de melhor observarmos a implicação do fenômeno discursivo estudado sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem, separamos-las, separação metodológica, mas que, na prática, não ocorre, desde que a argumentação faz parte da linguagem e do processo de aquisição.

Dessa forma, a partir de nosso aporte teórico e do estudo que realizamos sobre os *corpus* da produção de S., julgamos que a argumentação possui papel importante na aquisição e desenvolvimento da linguagem, visto que exerce efeito regulador na atividade cognitivo-discursiva, posto que, para argumentar, o sujeito precisa refletir sobre o ponto de vista que defende e refuta, assim como, especialmente quando confrontado – seja pelo outro ou por si próprio, no caso da auto-argumentação (LEITÃO, FERREIRA, 2010) – é levado a elaborar e reelaborar seu posicionamento, tal qual o próprio enunciado que veicula seu ponto de vista, no

⁶³ S. 2;01;24, cena 6.1.

que diz respeito a sua organização, itens lexicais, aspectos semânticos, prosódicos, discursivos e sintáticos (BAKHTIN, 2013). Essa revisitação, especialmente a reelaboração que, por sua vez, é característica da função psicológica dos três movimentos discursivos – argumento, contra-argumento e resposta – implica na compreensão e uso do conhecimento de mundo, assim como de linguagem e do fenômeno discursivo argumentação. A revisitação e reelaboração (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) são possíveis mediante a reflexão que esses processos requerem, sobre a linguagem, seu uso, assim como sobre a argumentação e os pontos de vista, as perspectivas defendidas e refutadas no discurso. Logo, a confluência – e, talvez possamos dizer, influência – da argumentação e da aquisição e desenvolvimento da linguagem pode ser vista, acreditamos, ao olharmos longitudinalmente para os dados de S., dos 2;1 aos 3;8 anos, nos quais podemos ver uma desenvoltura cada vez maior da criança ao argumentar, ao se impor na comunicação, usando diferentes elementos linguísticos (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014; CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018), aparentando maior domínio sobre a argumentação e a própria linguagem, tanto que, quando necessário ou quando a criança julga necessário ela reelabora seus enunciados, mudando pontos de vista, inserindo ou retirando algum elemento da frase e a (re)organizando, fatos esses recorrentes em todas as cenas enunciativas depreendidas dos dados de 2;1 aos 3;8 anos.

Ainda que tenha conhecimento e domínio sobre aspectos da língua, elementos linguísticos verbais e não-verbais, assim como sobre a argumentação, a retomada e reformulação explícita de elementos dos enunciados argumentativos, sejam eles da própria S. ou de algum interlocutor, estes são escassos nas cenas de quando a menina era mais jovem, por exemplo quando tinha 2 anos e 1 mês. A reformulação e/ou reforço de posicionamento nesse período é quase que exclusivamente feito pela repetição de um mesmo enunciado ou palavra como ocorre quando a criança, opondo-se à mãe comer sua batata, diz “não, não, não, não”,⁶⁴ repetindo o advérbio de negação quatro vezes.

Uma situação parecida com essa, de confronto entre a criança e sua(s) interlocutora(s) que queria e/ou ameaçava comer sua comida, ocorre quando a menina contava com 2 anos e 9 meses e a observadora, também sua tia, ameaçara tomar a sopa e, em seguida, lhe pediu um pouco da comida em questão. A menina então contra-argumentou, reformulando seus enunciados e alternativas possíveis, mas mantendo seu posicionamento inicial em vários turnos, dando opções à interlocutora, além da sopa, como tomar “dodói” ou suco. Houve momentos em que ela negou o alimento ao outro, valendo-se do seguinte enunciado: “de jeito

⁶⁴ S. 2;01;24, cena 3.1.

nenhum (vo)cê vai toma(r) essa sopinhaa!”⁶⁵. Basta olharmos para essa produção para vermos as diferenças estruturais, lexicais, semânticas, estilísticas (BAKHTIN, 2013) com relação àquele da cena anteriormente citada, o “não, não, não, não.”. Ambos são contra-argumentos, que foram eficientes no discurso, mas podemos ver a diferença – talvez possamos assim dizer – de conhecimento e uso da linguagem (assim como da própria argumentação) nos dois, que é nítida.

Enquanto no contra-argumento do episódio da batatinha a criança usou um advérbio de negação, que repetiu algumas vezes, no episódio da sopa ela valeu-se de uma frase muito mais intrincada, estilisticamente falando (BAKHTIN, 2013), com diferentes palavras, de diferentes classes gramaticais. Dentre elas, a que talvez mais salte aos olhos seja a locução “de jeito nenhum”, que contribui para instaurar argumentação, tendo sentido de oposição, que está atrelada a um sujeito explícito, representado pelo pronome pessoal do caso reto, “você”, ao qual se seguem os verbos “ir” e “tomar” no futuro do presente, pronome “essa” e objeto direto “sopinha”.

Essa mudança e desenvolvimento ocorreu ao longo das cenas argumentativas de S. dos 2;1 aos 3;8 anos, mas ela não deixou de usar a repetição ou frases com uma única palavra para se expressar, apenas passou a utilizar mais frases e mais longas, com maior número de palavras, de diferentes classes gramaticais para fazê-lo. Isso, assim como os episódios por nós abordados anteriormente, são outra clara evidência do desenvolvimento do sujeito na e pela linguagem, aquisição e argumentação.

3. Quais os elementos da língua, em seu aspecto, principalmente sintático, que contribuem para caracterizar os enunciados da criança como sendo argumentação? Os enunciados argumentativos de S. são simples ou complexos? Se complexos, qual a relação que estabelecem com enunciados anteriores?

Os elementos da língua portuguesa que, baseados nas gramáticas de Neves (2011) e Castilho (2014), elencamos para verificar nos enunciados argumentativos de S., como aqueles que contribuía, no discurso, para caracterizá-los como argumentação, foram os adjuntos adnominais e adverbiais, advérbios e conjunções. Dentre essas três classes, as que menos encontramos nos enunciados da criança foram os adjuntos (ambos).

Como dito na seção 1.3, sobre o aporte gramatical, voltamo-nos para esses itens lexicais, após prévia análise dos dados, a fim de observar como eles contribuem para a significação dos enunciados da menina, no discurso, como argumentação, assim como,

⁶⁵ S. 2;9;12, cena 10.5.

através deles, que relações estabeleciam com enunciados anteriores – ou posteriores, no caso da autoargumentação (LEITÃO, FERREIRA, 2006c, 2010) – da própria menina ou de seus interlocutores, presentes fisicamente ou não no momento da comunicação. Observamos também a relação com tópico(s) anterior(es), algo muito recorrente principalmente nos contra-argumentos e respostas, mas que apareceu com menor frequência nos argumentos, que costumavam introduzir novo tópico no discurso.

As relações que esses elementos linguísticos – adjuntos, advérbios e conjunções – podem estabelecer entre os discursos dos interlocutores são aquelas descritas por M. H. de M. Neves em sua Gramática Funcional (NEVES, 2014), menos a junção temporal, que não foi observada em nenhuma das cenas argumentativas. A elas julgamos necessário e oportuno adicionar uma quinta relação, a consensual/de convencimento. Essas relações – descritas na seção 1.3, assim como em Análise de Dados – são as junções aditiva/alternativa, adversativa, causal e a por nós proposta, consensual/de convencimento.

Nos episódios argumentativos, os elementos linguísticos que foram utilizados pela criança em argumentos, contra-argumentos e respostas para retomar tópico e/ou enunciados anteriores ou posteriores, neste último caso quando houve antecipação de possível argumento/contra-argumento, foram os seguintes:

Quadro 5 - Junções

Tipos de Junções	Classes de palavras, organização do enunciado em multimodalidade
ADITIVA/ALTERNATIVA	• advérbio de intensidade “só”; • advérbio “então”; • mudança de sujeito; • advérbio “já”; • advérbio/conjunção “mais”; • advérbio “também”.
ADVERSATIVA	• advérbio de negação “não”; • relação “é x, não y” e vice-versa; • conjunção adversativa “mas”; • locução “de jeito nenhum”; • locução adverbial; • advérbio “então”;

	• clítico “num” (“não” + “é”); • multimodalidade (elementos e enunciados não-verbais).
CAUSAL	• locução “é que”; • preposição “para”, também usada pelo sujeito na forma “pra”; • conjunção “porque”; • advérbio “então”; • preposição/conjunção “se não”
CONSENSUAL/DE CONVENCIMENTO	• verbo “ser” no presente no indicativo: “é” e “(es)tá”; • locução “(es)tá bom”; • advérbio “então”; • advérbio “sim”; • multimodalidade (elementos e enunciados não-verbais).

Em muitas das situações e enunciados argumentativos essas junções estavam subentendidas, ou seja, não eram expressas lexicalmente e depreendemos seu significado, no discurso, a partir do contexto de sua produção, assim como houve momentos em que os enunciados apresentavam mais de um tipo de junção, como por exemplo em “mas eu vo(u) machuca(r) ela porque ela (es)tá batendo no carro p(r)a p(r)a p(r)a p(r)a entra(r) no carro.”, utilizando-se da junção adversativa, fixada pela conjunção “mas” e junção causal, fixada pela preposição “p(a)ra”, repetida quatro vezes, algo que talvez indique, como supomos, um intervalo entre a primeira e segunda oração, durante o qual a criança refletia sobre o quealaria como sendo a razão de seu ponto de vista, que em seguida ela diz ser entrar no carro. Outro elemento sintático, semântico, discursivo e prosódico que aparece com muita frequência nos enunciados argumentativos de S. é o modo imperativo (CASTILHO, 2014), que caracteriza ordem e que faz parte da composição, principalmente, de argumentos e contra-argumentos. Esse modo verbal mostrou ser, muitas vezes, sinônimo de discordância nas cenas em que foi usado, contra o qual diversas vezes os interlocutores de S., em especial a observadora, a ele se contrapuseram, em seguida, dizendo para a criança que pedisse, não ordenasse, usando da partícula “por favor”, assim tornando seu posicionamento mais aceitável

para os outros sujeitos do discurso e, possivelmente, mais fácil e provável de ser aderido. De qualquer forma, entendemos que a criança usou o modo imperativo para se posicionar, assim como fez uso dele como um dispositivo argumentativo, que dá ênfase e, de certa maneira, força ao seu argumento (contra-argumento e resposta), como ocorre com o uso do advérbio de negação repetido várias vezes.

A partir das junções pudemos observar e analisar os enunciados de S. como simples ou complexos (NEVES, 2011), a fim de ver se eles inseriam novo tópico no discurso (e. simples) ou se estabeleciam relação com tópico e/ou enunciados anteriores e/ou posteriores, retomados e revisitados pela criança de forma explícita, em polêmica aberta, para a construção de seu próprio discurso argumentativo, algo que foi recorrente no *corpus* estudado e que nos pareceu – a retomada explícita – parte fundamental do fenômeno da argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c, 2007a, 2007b, 2010; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018; VIEIRA, 2011, 2015), assim como da própria relação dialógica (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2016). Como dissemos anteriormente, esse movimento de retomada de discursos anteriores e posteriores, dos outros ou do próprio sujeito, assim como a reformulação dos mesmos e dos pontos de vista, que podem sofrer mudança ou não, não só fazem parte da argumentação, como também, são importantes para seu desenvolvimento e da própria (aquisição da) linguagem (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b), devido a seu caráter epistêmico, que requer reflexão do sujeito sobre seus conhecimentos de mundo e de língua para se posicionar.

Também a partir da teoria gramatical por nós estudada (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014), atrelados ao e que julgamos necessários para a compreensão e aplicação da teoria dos Enunciados Simples e Complexos, pensamos acerca dos elementos linguísticos (adjuntos adnominais e adverbias, advérbios e conjunções) que contribuem para a significação dos enunciados, no discurso, como argumentativos e que, na comunicação, auxiliam na introdução de novo tópico ou retomada explícita de tópico e enunciados anteriores. Ressaltamos que ainda que a retomada em questão seja, na cena enunciativa, explícita, ela pode ser feita através de elementos linguísticos que estejam subentendidos, como ocorre no episódio 5.3, do vídeo de número 3, quando o bisavô de S. a chamou de “malandrinha” e a criança se opôs ao seu posicionamento, dizendo (1) “para. (+ S. grita)” e (2) “ah!”, ambos enunciados que se relacionam com o argumento anterior do bisavô através de, claramente, junção adversativa que, por sua vez, não é evidente por um item lexical, como advérbio de negação ou conunção adversativa, que subentendem-se na frase. Essa relação, por mais que os itens lexicais que contumam expressá-la estejam subentendidos, pode ser depreendida, neste caso,

através do modo imperativo do verbo “parar”, assim como pela ação da criança de gritar e sua interjeição em (2). Além disso, através do vídeo, no qual a cena em que esses posicionamentos estão inseridos foi retirada, observamos as expressões faciais e gestos da criança, os quais contribuem para a interpretação de seu posicionamento como de oposição.

Dessa forma, observamos, nas cenas argumentativas retiradas do *corpus*, os argumentos, contra-argumentos e respostas de S. que figuravam como enunciados simples ou complexos e que tipo de junção – no último caso, dos complexos – foi usada pela criança em seu discurso, além de, quais elementos linguísticos foram por ela empregados para estabelecer a relação de alternativa/adição, oposição, causa e consentimento/convencimento. Os elementos em questão, depreendidos dos dados de nosso estudo, foram elencados na tabela anterior, assim como estão expressos nas análises das cenas argumentativas no capítulo 3 e em Anexos.

Analisando as cenas argumentativas observamos que, dos movimentos discursivos da Argumentação, os argumentos são aqueles que mais se utilizam dos enunciados simples, inserindo novo tópico e/ou ponto de vista no discurso, podendo dar início ao embate e negociação entre os discursos dos sujeitos. A resposta também foi um movimento que utilizou quantidade significativa de enunciado simples, fazendo-o, principalmente, quando a criança se valia da mudança de assunto – ou seja, tópico discursivo – para encerrar o embate que ocorria na comunicação. Já os enunciados complexos figuraram com frequência similar nos três movimentos discursivos da unidade de análise, ou seja, argumento, contra-argumento e resposta, evidenciando que em muitas das cenas a menina se posicionou, no discurso, valendo-se de tópico e enunciados anteriores, aos quais retomou explicitamente, tomando-os para si e, em alguns episódios, os reformulando, a fim de defender seu posicionamento inicial. Para fazê-lo S. usou das junções, responsáveis pelos tipos de conexões (NEVES, 2011) que até aqui julgamos possíveis com discursos e tópicos anteriores. Acreditamos que a inserção de novos tópicos e pontos de vista, assim como a retomada e reformulação dos mesmos e de discursos precedentes, sejam evidência do processo reflexivo do sujeito sobre seus conhecimentos de mundo, sobre o contexto de interação e os sujeitos que fazem parte da vida da criança, assim como sobre a argumentação e a linguagem.

Sobre a retomada explícita de discursos e tópicos anteriores, a variação no uso das junções se deve – assim pensamos – ao contexto de produção dos enunciados, assim como à intenção de defesa de S. de seu posicionamento (nesse caso, temos uso, principalmente, de junção adversativa, às vezes acompanhada pela causal, aditiva/alternativa e consensual/de convencimento) ou mudança do mesmo (para o qual a menina usou, muitas vezes, a junção

adversativa e consensual/de convencimento), assim como a concordância com o posicionamento do outro e fim do embate, que se deu por meio de respostas. Para a grande maioria das respostas, deparamo-nos com a junção consensual/de convencimento, que por nós foi proposta. Ao observar esses fatos, podemos notar, também, o uso dos elementos verbais e não-verbais da língua – em seus aspectos sintático, lexical, semântico, discursivo e prosódico. – por S. para a composição de seus enunciados argumentativos e como ela os organizou nos mesmos.

Ressaltamos que as junções adversativa, alternativa/aditiva e causal, além daquela por nós inserida, a consensual/de convencimento, foram as conexões por nós encontradas nos dados de S., aqui estudados, de modo que a última delas não fazia parte da teoria proposta por Neves (2014), em sua Gramática Funcional, mas a desenvolvemos a partir da relação de convencimento e concessão existentes nos dados argumentativos da criança alvo. Do mesmo modo, não descartamos a possibilidade de outras junções, talvez poderem ser depreendidas de nossos dados e/ou de dados de fala de outras crianças, podendo assim estender e continuar a desenvolver o estudo que aqui foi empreendido.

Sublinhamos ainda a escolha dos elementos adjuntos adverbiais e adnominais, conjunção e advérbios (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014), desde que a partir deles acreditamos poder melhor observar a relação do fenômeno discursivo argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019) com a escolha (BAKHTIN, 2013) dos elementos de língua e sua organização na frase, a construção sintática, semântica, discursiva e prosódica dos enunciados argumentativos, dessa forma melhor compreendendo como a criança empreende seus conhecimentos linguísticos - e de mundo - para argumentar e como, provavelmente, ela os adquire, assim como os domina, com cada vez mais eficiência e com um arsenal de diferentes elementos, de diferentes classes gramaticais, cada vez maior. Concomitante e também através disto, observamos o desenvolvimento do sujeito na argumentação, sua maneira (estilística, prosódica, sintática, semântica e discursiva) (BAKHTIN, 2013) de se posicionar e eficiência de sua defesa de pontos de vista e justificativas, além do convencimento do outro, na comunicação.

Logo concluímos, a partir das perguntas de pesquisa e suas respostas – as quais acreditamos ter conseguido responder de maneira satisfatória –, além das considerações feitas anteriormente, análises e resultados e do próprio desenvolvimento desse estudo, pudemos perceber e relatar que o fenômeno discursivo argumentação faz parte da linguagem, assim como de sua aquisição, que é intrínseca ao fenômeno em questão, de modo que ocorrem e

desenvolvem-se concomitantemente, e, um exerce influência – positiva, podemos dizer – sobre o outro, lembrando que essa separação que fazemos da argumentação e (aquisição da) linguagem é puramente metodológica, desde que uma faz parte da outra, de modo que sua existência e ocorrência são inseparáveis. Tendo isso em vista, afirmamos que a argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019) contribui para a aquisição (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b) e desenvolvimento da mesma, assim como para o conhecimento de mundo e linguístico do sujeito e do próprio fenômeno argumentativo. Isso se dá, através deste movimento discursivo, principalmente, por seu caráter reflexivo, necessário para introduzir e defender pontos de vista, que podem sofrer manutenção ou não. Dessa maneira, ao retomarmos os dados, especialmente, aqueles analisados no capítulo 3, podemos ver o desenvolvimento da linguagem da criança também a partir da maneira como ela – no caso dessa pesquisa uma única criança – utiliza e organiza as palavras na argumentação, valendo-se, no início, quando ainda muito jovem (2 anos e 1 mês) da repetição de uma mesma palavra, como o advérbio de negação⁶⁶, para se posicionar, ou construindo frases curtas, de duas palavras, frases essas por ela constantemente reformuladas, a fim de corrigi-las (como ocorre em “blusa meu”⁶⁷ para “meu blusa”) ou modificar os elementos sintáticos e, conseqüentemente, semânticos, que a compõem, com a finalidade de fazer seu posicionamento prevalecer na comunicação.

A revisitação e reformulação é algo que ocorreu durante todo o 1 ano e 7 meses de nosso *corpus*, o que salienta que a criança está em processo de aprendizagem e que está constantemente refletindo sobre a linguagem, sobre seus aspectos e as maneiras de usá-la, como para se posicionar no discurso. Sendo assim, é inevitável que haja seu desenvolvimento em ambas, linguagem e argumentação, como pudemos observar ao longo dos dados do capítulo 3, alguns os quais retomamos para melhor ilustrar essa afirmação, assim como nos dados descritos e analisados nos Anexos. Podemos ver esse desenvolvimento, por exemplo, aos 2 anos e 9 meses de S., quando ela passa a usar enunciados mais longos, com diferentes modos verbais (presente, futuro, imperativo) e elementos linguísticos, como pronomes possessivos e demonstrativos, conjunções e locuções adverbiais, aspectos esses pouco explorados pelo sujeito quando mais jovem. Além disso, a argumentação do sujeito parece cada vez mais complexificada estilisticamente e concreta, desde que ela apresenta justificativas mais coerentes – sejam elas coerentes para a criança e seus interlocutores ou

⁶⁶ Episódio 3.1, do vídeo S. 2; 01; 24, em Anexos.

⁶⁷ Episódio 5.1, do vídeo S. 2; 01; 24, no capítulo 3, Análise de Dados.

somente para ela – sobre as quais S. apoia seu posicionamento. Outro aspecto importante desse desenvolvimento são os diferentes contextos em que o sujeito argumenta e, principalmente, os diferentes modos pelos quais o faz, como o uso de narrativas e personagens fictícios, de histórias e contos de fadas para defender e/ou refutar um ponto de vista, algo utilizado por S., por exemplo, no episódio em que usou da personagem da bruxa⁶⁸ para opôr-se ao argumento de sua interlocutora, à época, a OBS, envolvendo tal personagem em uma narrativa, através da qual ela mantém seu posicionamento inicial, de não querer passar a pomada, mas mudando seu ponto de vista e justificativa, passando de cortar a barriga de sua tia, a observadora, para fazê-lo na bruxa, posto que ela estava mexendo – roubando, talvez, ou danificando – nos carros do lado de fora do apartamento da menina.

Sendo assim, ao mostrar como a revisitação e reformulação, assim como, principalmente, a argumentação e seu desenvolvimento, além da aquisição, ocorrem, fazendo-o através da abordagem dialógico-discursiva (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2013, 2016) e também por alguns aspectos tratados pelas gramáticas funcional e multissistêmica (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014), que foram, neste estudo, os elementos linguísticos que contribuem para a significação dos enunciados, no discurso, como argumentação, além das junções que estabelecem relação com discursos e tópico anteriores e a Teoria dos Enunciados Simples e Complexos, aspectos esses - em contexto dialógico-discursivo - novos nos estudos em Aquisição da Linguagem (DEL RÉ et al. 2006 2014a, 2014b) e Argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019; VIEIRA, 2011, 2015; VASCONCELOS, 2017), especialmente sobre a anterior, esperamos ter contribuído para estudos presentes e futuros sobre os campos teóricos em questão.

Além disso, algo que nossa pesquisa lança mão e que pode – assim como pretende – desenvolver é a máxima da possibilidade de, em estudos futuros, observar, no desenvolvimento da criança, uma certa simetria, talvez um “passo a passo” de que quando o sujeito, que está em construção, cresce na argumentação, ele também o faz com relação ao desenvolvimento da língua e como isso ocorre. Para tanto, novos estudos, que tragam novo *corpus*, de crianças monolíngues e/ou bilíngues, novos aspectos linguístico-discursivos a serem abordados, para além daqueles por nós elencados, podem ser realizados, assim

⁶⁸ Episódio 5.5, do vídeo S. 2; 09; 12, no capítulo 3, Análise de Dados.

ampliando nossa abordagem e resultados, podendo trazer novas discussões e contribuições para os estudos em Aquisição e Argumentação, tendo em vista a máxima anterior.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **A Arte de Argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13ª edição ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Estilística no ensino da língua**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da Linguagem – problemáticas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- BRUNER, J. **Como as crianças aprendem a falar**. Tradução de Joana Chaves. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 2007.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- CARVALHO, Angela M. A.; BEFI-LOPES, Debora M.; LIMONGI, Suely C. O. Extensão média do enunciado em crianças brasileiras: estudo comparativo entre síndrome de Down, distúrbio específico de linguagem e desenvolvimento típico de linguagem. **Revista CoDAS**, São Paulo, p.201-207, 2014.
- CAVALCANTE, M. C. B. **O gesto de apontar como processo de co-construção nas interações mãe-criança**. Dissertação de mestrado – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Paraíba, 1994.
- CAVALCANTE, Marianne C. B.; BRANDÃO, Lavínia W. P. Gesticulação e Fluência: contribuições para a Aquisição da Linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, p. 55-66, jan./jun. 2012.
- CAVALCANTE, M. C. B. Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas em aquisição da linguagem. **Linguagem & Ensino** (UCPel), v. 21, p. 1-31, 2018.
- CURY, Patrícia de Cuzzo. **Linguagem dirigida à criança pequena: a argumentação em foco**. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2011.
- DE ALMEIDA, Andressa T. M. C. B., CAVALCANTE, Marianne C. B. A multimodalidade como via de análise: contribuições para pesquisas em aquisição da linguagem. **LETRÔNICA**, v.10, p.526-537, 2018.
- DEL RÉ, Alessandra et al. **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

DEL RÉ, A.; DE PAULA, L.; MENDONÇA, M. C. **A linguagem da criança: um olhar bakhtiniano**. São Paulo: Editora Contexto, 2014(a).

DEL RÉ, A.; DE PAULA, L.; MENDONÇA, M. C. **Explorando o Discurso da Criança**. São Paulo: Editora Contexto, 2014(b).

DEL RÉ, A.; HILARIO, R. N.; RODRIGUES, R. A. O Corpus NALíngua e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no Brasil. **Artefactum**, Rio de Janeiro, Volume 13, p. 1-16, 2016.

DEL RÉ, Alessandra; HILÁRIO, Rosângela N.; VIEIRA, Alessandra J. Subjetividade, individualidade e singularidade na criança: um sujeito que se constitui socialmente. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, nº 2, p. 57-77, jul./dez., 2012.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, v.7, nº1 e 2, p. 95-111, jan./dez., 2003. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo32.pdf>. Acesso em 27 nov 2017.

DOURY, Marianne. **Argumentation: analyser textes et discours**. Paris: Armand Colin, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo – as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Editora Parábola, 2017.

FALASCA, Patrícia. **Aquisição/aprendizado de LE: subjetividade e deslocamentos identitários**. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2012.

_____. **“Eu disse tudo isso em alemão, mas em português penso totalmente diferente”: identidade e argumentação na sala de aula de língua estrangeira**. Dissertação de Doutorado – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2017.

GRECCO, Natália Aparecida Gomes. **Marcas da singularidade em textos escolares de alunos do 2º ano do ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2012.

_____. **Estilo, autoria e contra-argumentação na aquisição da escrita**. Dissertação de Doutorado – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2017.

LEITÃO, Selma. Contribuições dos estudos contemporâneos da argumentação a uma análise psicológica de processos de construção de conhecimento em sala de aula. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 1. Rio de Janeiro, 1999. p. 91 -109.

_____. Analyzing Changes in View During Argumentation: A Quest for Method. **Sozialforschung Forum: Qualitative Social Research**. V. 2, nº 3, art. 12. Freie Universität: BEerlim 2001. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/907>>. Acesso em 5 jan 2020.

_____. Argumentação como processo de construção do conhecimento. In: **II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição: Reflexões para o Ensino**, UFMG, Belo Horizonte, MG, 2003, CD-ROM p. 23, 2003.

_____.; BANKS-LEITE, L. Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens. In: DEL RÉ, A. (org.) **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2006(a). p. 45-62.

_____.; FERREIRA, Ana Paula M. A argumentação infantil: condutas opositivas e antecipação de oposição. In: MEIRA, Luciano L.; SPINILLO, Alina G. (orgs.) **Psicologia cognitiva – cultura, desenvolvimento e aprendizagem**. 2006(b). p. 236-258.

_____.; FERREIRA, Ana Paula M. Argumentação infantil: condutas opositivas e antecipação de oposição. In: Luciano. L. Meira; Alina G. Spirillo (Org.). **Psicologia cognitiva: cultura, desenvolvimento e aprendizagem**. 1º ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006(c). p. 236-258

_____.; Processos de construção do conhecimento: a argumentação em foco. **Revista Pro-Posições** (UNICAMP), São Paulo, v. 18, nº 3, p. 75-92, set./dez., 2007(a).

_____. Argumentação de desenvolvimento do pensamento reflexivo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, São Paulo, v. 20, nº 3, p. 454-462, 2007(b). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a13v20n3.pdf>>. Acesso em 3 mai 2017.

_____. Auto-argumentação na linguagem da criança: momento crítico na gênese do pensamento reflexivo. In: DEL RÉ, A.; FERNANDES, S. D. (orgs.); **A linguagem da criança: sentido, corpo e discurso**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2008. (Série Trilhas Linguísticas 15). p. 35-65.

_____. **Argumentação e cognição: desenvolvimento de condutas proto-argumentativas**. Projeto de Pesquisa. Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

_____.; VIEIRA, A. Gênese da oposição na fala da criança. In: SILVA, C. L. C; DEL RÉ, A.; CAVALCANTE, M. (orgs.); **A criança na/com a linguagem – saberes em contraponto**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2017.

_____.; VIEIRA, A. The production of explanative and argumentative utterances in a child's speech: a bakhtinian perspective. 70, 2018. Online desde 22 de Janeiro de 2019. **Open Eition Journals, Cahiers de praxématique**. França.

MAC WHINNEY, Brian. **THE CHILDES PROJECT: Tools for Analyzing talk**. Volume II: The Database. Mahwah: Laurence Erlbaum Associates, 2000.

MACEDO, Wilza Karla Leão de. Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua/linguagem. **I Congresso Nacional de Língua e Representações: Linguagens e Leituras, CONLIRE**. UESC, Bahia, 2009. Disponível em <http://www.uesc.br/eventos/iconlireanaais/iconlire_anais/anais-53.pdf>. Acesso em 29 nov 2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e Gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

PIAGET, Jean. **As Formas elementares da dialética**. Tradução de Fernanda Mendes Luiz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Luci. **Tratado da argumentação – A Nova Retórica**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, Christian. **A Argumentação – história, teorias, perspectivas**. Tradução de Marcos Marciolino. São Paulo: Editora Parábola, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

VASCONCELOS, Angelina Nunes de. **Emergência da negação e prosódia: estudo de casos de uma criança brasileira e uma criança francesa**. Dissertação de Doutorado – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. São Paulo, 2017.

VIEIRA, Jacqueline Alessandra. **Condutas argumentativas na fala infantil; um olhar sobre a construção da subjetividade**. Dissertação de Mestrado – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2011.

_____. **Explicação e argumentação na linguagem da criança: diferenças e intersecções em dois estudos de caso**. Dissertação de Doutorado – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2015.

ANEXOS

1) S. 2; 01; 24 (2 anos; 1 mês; 24 dias):**(1.1) “[...]”**

- 38 %act: S. imita a avó falando.
 39 *GGM: manacha...
 40 *GGF: eu vou dormir na casa da S.
 41 *CHI: **não.** (1)
 42 *GGF: vou dormir de noite.
 43 *CHI: o nonno que(r) xxx [?] da S.
 44 *OBS: o nonno fica tirando o negocinho da S. aí?
 45 *MOT: não, ele quer dormir na casa da S., o nonno⁶⁹.
 [...]”

Nesse episódio o bisavô de S. dizia, repetidamente, que iria dormir na casa da menina, sua interlocutora, discurso esse com relação ao qual a menina se posiciona. É importante ressaltar que os interlocutores da criança em questão, sua mãe, bservadora (que também é sua tia), avós e, principalmente, o bisavô (GGF) provocam a criança a todo instante, instigando-a a argumentar. Situações assim podem ser observadas ao longo da grande maioria dos episódios argumentativos selecionados para análise.

Nesse excerto em questão, CHI se utilizou de uma negação (VASCONCELOS, 2017) para construir seu contra-argumento (1) “não.”, proferido com relação ao argumento anterior de GGF de que iria dormir na casa da menina, algo a que ela se opõe, refuta, apresentando uma única alternativa possível para o “dormir na casa de S.”, que é “não dormir na casa de S.”. Ao proferir tal enunciado (1) a criança retoma, em contexto dialógico-discursivo (BALHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) o enunciado anterior, de seu interlocutor, negando e opondo-se a ele, ainda que não repita as mesmas palavras usadas por GGF, mas retoma seu discurso e o refuta por meio de uma única palavra, o advérbio de negação “não”.

Por retomar explicitamente o enunciado que é imediatamente anterior, classificamos (1), baseados na teoria da Gramática Funcional (NEVES, 2011) como sendo um enunciado complexo, que estabelece relação semântica entre os discursos de S. e seu bisavô, por meio da junção adversativa, inserida pelo advérbio de negação “não”.

⁶⁹ “Nonno” é um substantivo italiano usado pelos sujeitos de nosso *corpus* quando falam com ou se referem ao bisavô de S., GGF, que é italiano e vive no Brasil desde a década de 50. Para a bisavó, GGM, também italiana, os sujeitos usam do substantivo “nonna”.

A resposta dessa cena se dá através – assim acreditamos – do silêncio da criança quanto ao tópico em questão, não mais se posicionando verbalmente com relação a ele. Esse silêncio pode indicar, também, o convencimento e aceitação do ponto de vista do outro, que é retomado, ainda que não explicitamente.

- 2.1) “53 *MOT: para, nonno!
- 54 %act: nonno puxa o cabelo da S.
- 55 *MOT: (por)que ela vai tira(r), para!
- [...]
- 65 *OBS: (o) que que o nonno (es)tava fazendo no seu cabelo, Sô?
- 66 *CHI: o nonno xxx [?] o couso.
- 67 *OBS: o couso?
- 68 *CHI: hãm hãm [concorda].
- 69 *OBS: o rabinho, ele (es)tá mexendo no seu rabinho de cavalo, aí?
- 70 *CHI: é.
- 71 *OBS: ah, mas esse nonno.
- 72 *OBS: fala: nonno, não pode, nonno.
- 73 *CHI: **não pode, não.** (1)
- 74 *CHI: **não é, é a mamãezinha.** (2)
- 75 *CHI: **mamãe.** (2.1)
- 76 *CHI: **a mamãe.** (2.2)
- 77 *OBS: a mamãe?
- 78 *CHI: é.
- 79 *OBS: foi a mamãe que fez?
- 80 *CHI: não.
- 81 *MOT: eu vou comer isso aí .
- 82 *CHI: **não!** (3)
- 83 *MOT: também quero ervilha.
- 84 *CHI: hãm?
- 85 *MOT: também quero ervilha.
- [...]”

Nesse episódio o bisavô (GGF) de S. mexia em seu cabelo, ao que a criança não aparentou se incomodar, porém, sua mãe se incomodou e a observadora instruiu a menina (turno 72: “fala: nonno, não pode, nonno.”) como ela deveria se contrapor ao interlocutor, à ação desse, algo que é acatado e por ela repetido.

A repetição e reformulação do enunciado anterior da observadora, retomado pela criança, foi por ela proferido como contra-argumento (1) “não pode, não”, sendo em seguida reformulado (2) “não é, é da mamãezinha.”. Os enunciados em (2.1) e (2.2) foram compreendidos por nós como reforço daquele dito em (2) e a ele atrelado, continuando-o. Ao contra-argumentar (1) com relação à atitude de seu interlocutor, GGF, a criança se opõe a ele, algo que reforça em (2), mas, então, reformulando seu enunciado e trazendo para ele novos elementos linguísticos: o verbo “ser” (“é”) no lugar de “poder” e um novo sujeito, “a mamãezinha”, no qual a menina parece apoiar seu posicionamento, tratando-se – assim inferimos – de uma possível justificativa/razão para que seu bisavô não tocasse em seu cabelo. O que esse “é a mamãezinha” significa, nós não conseguimos captar pela situação enunciativa mas, ainda assim, acreditamos poder se tratar de uma função (epistêmica) da argumentação, mais especificamente, do contra-argumento, tratando-se das diferentes possibilidades de organização do saber – sobre linguagem e conhecimentos de mundo – do sujeito no discurso.

Ao retomarem de maneira explícita enunciados e tópicos anteriores, ambos os enunciados, (1) e (2) (mais seus complementos em 2.1 e 2.2) são complexos, estabelecendo com o discurso e tópico precedentes relação semântica adversativa, introduzida pelo advérbio de negação “não” em (1) e (2) e pela relação “é x [da mamãezinha], não é y [?].”, com conjunção adversativa subentendida em (2).

Sobre o tópico em questão o bisavô, nem a criança ou a observadora voltam a se pronunciar, algo que podemos interpretar como a resposta, uma vez que, parece haver convencimento dos sujeitos, principalmente de GGF, que não mexe mais no cabelo de S. Finalizando-se essa cena. Em seguida, há mudança de assunto, pela mãe da menina, que então fala das ervilhas que estavam no prato da criança e que ela, MOT, ia comer, mudança essa e inserção de novo tópico que pode caracterizar uma nova cena⁷⁰ argumentativa.

Em (3)⁷¹ “não!” a criança contra-argumenta com relação ao enunciado anterior de sua interlocutora, MOT, que ameaça comer as ervilhas que foram servidas para S. (“eu vou comer isso aí.”, turno 81, mudança de tópico, enunciado esse da mãe por nós entendido como argumento), opondo-se ao enunciado da outra e à possível ação dela de comer algo que lhe

⁷⁰ Haverá casos, em nosso *corpus* e nas divisões que a partir deles fizemos em cenas argumentativas, que mais de uma cena estará presente em um mesmo recorte, como ocorre nesse excerto. Cientes disso, optamos por, em alguns casos, não separá-las para que não corrêsemos o risco de descontextualização das cenas, o que comprometeria nossas análises, resultados e mesmo a linha de abordagem teórica que seguimos nesta pesquisa.

⁷¹ Mesmo que se trate de um discurso argumentativo de uma cena distinta da anterior, seguimos a ordem da numeração, desde que tomamos ambas as cenas em um mesmo contexto de produção e para que não haja confusão entre os enunciados argumentativos caso numerássemos aquele proferido no turno 82 como (1), por exemplo.

pertencia. Esse enunciado, assim como os anteriores, é um enunciado complexo, retomando de forma explícita o enunciado imediatamente anterior (turno 82) - ainda que não o repita na íntegra - refutando-o. Nesse episódio, todos os enunciados, (1), (2) e (3) mostraram-se, na situação comunicacional, contra-argumentos, assim como todos figuraram, segundo as teorias de Neves (2011) e Castilho (2014) como enunciados complexos, com relação semântica de junção de tipo adversativa.

A resposta se dá – assim entendemos – através do abandono de tópico e argumento pela MOT, assim como pela não retomada da criança ou de qualquer um dos interlocutores do tópico que gerava embate antes.

3.1) “416 *MOT: quer batatinha?

417 *OBS: yyy⁷².

418 *CHI: quer mais batatinha.

419 *CHI: quero mais batatinha, ba-ta-ti-nha.

420 %act: S. brinca e dança.

421 *CHI: ba-ta-ta.

422 *CHI: eu quero mais batata.

423 *CHI: batatinha.

424 *MOT: batatinha?

425 *MOT: hum?

426 *MOT: quer mais batatinha?

427 *CHI: é.

428 *CHI: aaah!

429 %act: mãe vai comer a batata e S. grita pedindo para dar para ela.

430 *OBS: yyy.

431 *CHI: **não, não, não, não.** (1)

432 *CHI: mamãe.

433 %act: S. brinca com as mãos.

434 *MOT: (o) que foi, amor?

435 *CHI: xxx [?] batatinha.

436 *MOT: batatinha? só se me der beijo.

437 *CHI: xxx [?].

⁷² Trata-se, “yyy”, da transcrição para um enunciado ou diálogo que não diz respeito a CHI e, principalmente, não é dirigido a ela.

438 %act: **S. dá beijo na mãe. (2)**

Nesse episódio, a criança, S., acabara de comer batata cozida e desejava mais, ao que pede a sua mãe, incessantemente, repetindo o objeto por ela visado (“batata”, “batatinha”), fazendo-o enquanto brincava com a palavra, separando-a, prosódicamente, em sílabas (“ba-ta-ti-nha”, “ba-ta-ta”), que acreditamos ser uma maneira de reforçar (BAKHTIN, 2013; CASTILHO, 2014) seu querer e o objeto desejado naquele momento.

Depois de revisitarmos esse episódio, acabamos por elencar dois enunciados argumentativos, de modo que temos, em (1) “não, não, não, não.”, um contra-argumento, construído sobre uma objeção, oposição de S. em relação à ação da mãe de comer a batata que, supostamente, pertencia à criança, que ocorre no turno 429 e que é retomado pela criança para a elaboração de seu ponto de vista. Nesse enunciado, pudemos inferir que o sujeito se utiliza da repetição da mesma palavra (advérbio de negação “não”) não apenas para reiterar seu desejo, mas fazendo-o como um recurso argumentativo. Por retomar explicitamente o discurso que é imediatamente anterior (ação da mãe em 429), temos aqui um enunciado complexo, baseado na relação semântica de junção adversativa, introduzida pelo advérbio “não”.

Então, após reiterar para sua interlocutora o que ela desejava, em 435, a menina se depara com uma proposta (considerada por nós como argumento) de sua interlocutora, que afirma só lhe dar o que era de seu desejo caso ela realizasse uma vontade sua, que era, por sua vez, receber um beijo de S. Perante esse contra-argumento S. irá responder, em (2), sendo convencida por MOT e consentindo com a proposta da mesma e, então, beijando-a.

Essa resposta possui somente elementos não-verbais (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018), composta pela ação e gesto da criança de ir até sua interlocutora e beijá-la. Por retomar o enunciado anterior explicitamente (436), com ele concordando, temos em (2) um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento.

Devido à (nesse enunciado (2), assim como em outros enunciados, normalmente respostas, de episódios posteriores) relação semântica com o anterior ter se dado por nenhum dos quatro tipos de junções propostos por Neves (2011), que são, a aditiva (e alternativa), adversativa, causal e temporal, propomos a inserção de um quinto tipo, por nós chamado de **consensual/de convencimento** (que trata do convencimento do sujeito e concessão por parte do mesmo, com o posicionamento de seu interlocutor, podendo ser expresso por uma ação, gesto ou por palavras, como: “está bem”, “tudo bem”, “ok”, “sim”, “certo” ou elementos não-verbais, como ocorre em (2)).

4.1) “710 *MOT: vai lá, (vo)cê <não queria brincar no livro?> [> falam ao mesmo tempo]

711 *CHI: <**senta.**> [< falam ao mesmo tempo] (1)

712 *MOT: vai lá brincar no livro se não eu vou tirar esse livro dali .

713 *CHI: **senta!** (2)

714 *OBS: yyy.

715 *CHI: **senta.** (3)

716 *MOT: eu não quero sentar no chão.

717 *MOT: vai lá brincar no livro, lá.

718 *MOT: vai lá, vai lá brinca(r).

719 *MOT: eu não quero, vai lá!

720 *CHI: **senta.** (4)

[...]”

S. desejava brincar com um livro, o qual a mãe (MOT) lhe concede. A menina, porém, não desejava brincar sozinha e queria, para isso, a companhia da mãe, a quem ela dirigiu, várias vezes, uma ordem, por meio do verbo “sentar” no imperativo (CASTILHO, 2014).

No enunciado (1) “senta.”, repetido três vezes ao longo da situação de interação (turnos 711, 715 e 720) acreditamos ter um argumento, que introduz um ponto de vista, provavelmente, o querer da menina que a mãe se sente, cumpra sua ordem e uma justificativa, que não está explícita no discurso mas, a partir da situação de comunicação, podemos inferir que ela assim o quer para que sua interlocutora brinque e/ou leia o livro com ela. Inserindo um novo ponto de vista no discurso, que é a concepção atual do falante sobre o tópico em questão, que também é novo, temos aqui um enunciado simples (NEVES, 2011) – sempre em relação dialógica no discurso, composto, lexicalmente, por apenas uma palavra, um verbo no imperativo, caracterizando ordem. (2) “senta!” é também um argumento de S., dirigido ao contra-argumento de sua mãe no turno 712 (“vai lá brincar com o livro senão eu vou tirar esse livro dali.”), a ele opondo-se e retomando o posicionamento inicial, aqui reforçado, que é o cumprimento da ordem, já proposta antes. Segundo nosso aporte gramatical, podemos considerar esse enunciado como complexo, desde que ele retoma explicitamente o enunciado anterior de S., em 711, por isso, procuramos entendê-lo, segundo sua relação semântica com a frase anterior, como ocorrendo por meio da junção adversativa subentendida. Ressaltamos que, ainda que as palavras, por exemplo, que expressam a relação adversativa estejam subentendidas, no contexto de realização, a oposição do sujeito S. com relação ao discurso de

sua mãe é clara, tratando-se de uma polêmica aberta, caracterizando – além de outros aspectos – discurso argumentativo.

Nos enunciados (3) e (4) temos a mesma relação de (2), por isso não repetiremos sua análise, ambos por nós entendidos como argumentos, que retomam o ponto de vista inicial e continuam a defendê-lo. Esses enunciados também figuram como complexos, de relação semântica com tópico e enunciados anteriores, estabelecida por meio de junção adversativa subentendida. A resposta a essa negociação se deu, aparentemente, pela mãe, que continuou não obedecendo à ordem de sua filha e não sentou-se no chão; logo, ela não foi convencida pelo posicionamento de S. A menina, por sua vez, não voltou a contra-argumentar com MOT e o tópico da comunicação foi mudado, encerrando-se a cena em questão.

6.1) “929 *MOT: como você chama?

930 *CHI: **S. a princesa.**(1)

931 *MOT: não, mas seu nominho, como é que chama ?

932 *CHI: **princesa!** (2)

933 *MOT: não, o seu nome, como você chama, seu nome .

934 *MOT: <S.> [> falam ao mesmo tempo]

935 *CHI: <S.> [<falam ao mesmo tempo] (3)

936 *CHI: **princesa.** (3)

937 *MOT: [ri] D. princesa.

938 *MOT: S. Del Ré .

939 *CHI: **não, a S. a princesa.** (4)

[...]

942 *GGF: mas que princesa, que princesa!

943 *CHI: **a princesa!** (5)

944 *CHI: **nonno xxx** [?].(6)

945 *CHI: **o nonno não.** (6.1)

946 *GGF: é S. Del Ré.

947 *GGF: S. Del Ré.

948 *CHI: **não!** (7)

949 *CHI: **é princesa.”** (7)

S. (CHI) chamou-se de princesa, ao que sua mãe a corrigiu, visto que a criança parece ter tomado o adjetivo “princesa” como um sobrenome – ou foi o que a mãe interpretou ou brincou sobre – e assim iniciou-se um jogo entre a interlocutora e a criança, entre falar seu nome e sobrenome reais (S. Del Ré) e o nome e sobrenome/adjetivo (S. princesa) que a

menina havia escolhido para si. O argumento de sua mãe, MOT é repetido pelo bisavô, que também adentra o embate.

Nos enunciados destacados nessa passagem temos, em (1) “S. a princesa.”, um argumento, que introduz um ponto de vista da criança, sua concepção sobre o tópico atual e novo na situação. As justificativas que acompanham esse ponto de vista estão implícitas, mas vale lembrar que S. ama as princesas da Disney e, incentivada pelos pais e familiares, que a chamam de princesa, acha-se uma delas, quer ser uma delas. Ao inserir novo tópico no discurso, sem relação direta com enunciados e/ou tópicos anteriores (1) se caracteriza como um enunciado simples.

(2) “princesa!” caracteriza-se como um argumento da criança, dito com relação ao enunciado anterior de sua mãe (turno 931), que contra-argumenta ao que havia sido falado pela menina em 930, negando que ela era princesa e pedindo que dissesse seu nome, não o adjetivo que a qualificava. Quanto a isso a menina se pronuncia, opondo-se ao posicionamento contrário de sua interlocutora e sustentando seu argumento inicial (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2018, 2019). Em (3) “S. princesa.” (turnos 935 e 936) a menina mais uma vez argumenta, agora em relação ao discurso de sua mãe em 933 e 934. Sua análise é a mesma do enunciado (2), ambos sendo enunciados complexos, pois retomam explicitamente tópico e discursos imediatamente anteriores, com os quais estabelecem relação semântica por meio da junção adversativa de “é x [princesa], não é y [S.]”, com conjunção adversativa subentendida. O mesmo vale para a retomada do posicionamento inicial, havendo, portanto, sua manutenção nos argumentos em (4) e (5), ambos enunciados complexos, de junção adversativa.

Não descartamos a possibilidade de (5) ser uma explicação para o enunciado anterior de GGF (turno 942), proferido pelo sujeito, não como uma pergunta, mas, talvez assim entendido por S.

Já nos enunciados que se seguem, em (6) e (6.1) ela argumenta com relação ao discurso e atitude de seu bisavô, que a ela se contrapõe, fazendo-o também por meio de e. complexo de junção adversativa – em (6.1) - (advérbio de negação “não”), ainda defendendo seu posicionamento inicial. (6.1) parece ser a reformulação do enunciado (6), no qual o elemento transcrito como “xxx [?]” nos deixa dúvidas quanto à sua natureza, assim como à sua junção.

No enunciado (7) “não! é princesa.” (turnos 948 e 949) S. responde aos contra-argumentos de seu bisavô em 946 e 947, a eles reagindo imediatamente e opondo-se, não

convencida por eles e negando qualquer consentimento com o discurso de seu interlocutor, oferecendo o ponto de vista que apresentara desde o começo da cena enunciativa, de que ela era princesa, assim defendendo até então. Com isso, a menina vence o embate que se estendia, considerando que seu ponto de vista prevaleceu sobre os outros e conclui a cena discursiva. Seu enunciado em (7) é, como os anteriores, complexo, introduzido por junção adversativa, pelo advérbio de negação *e*, possivelmente, pela relação “é x, não é y”, de junção subentendida.

- 7.1) “1326 *CHI: é o mico-leão.
 1327 *OBS: é o mico-leão?
 1328 *CHI: **é feio.** (1)
 1329 *OBS: ele é feio ?
 1330 *CHI: é.
 1331 *OBS: quem, o mico-leão é feio?
 1332 *CHI: é.
 1333 *OBS: ah, não é feio, é bonitinho.
 1334 *CHI: **é.** (2)”

S. e OBS liam um gibi, no qual a criança mostra o desenho do mico-leão dourado, logo em seguida pronunciando-se sobre o que achava (do desenho) do animal. Nessa passagem temos, em (1) “é feio.”, um possível argumento, um ponto de vista que é introduzido pela criança no discurso e por ela defendido, ainda que a justificativa para o mesmo não esteja explícita. Ainda que introduza um novo ponto de vista, a menina o faz retomando o enunciado imediatamente anterior da interlocutora, que lhe falava do mico-leão que estava desenhado na revista que elas olhavam, de modo que (1) foi por nós compreendido como um enunciado complexo, que traz a relação semântica de junção adversativa, que está subentendida.

Em (2) “é.” a menina responde ao enunciado anterior de sua interlocutora, OBS, que contra-argumentara com relação à afirmação de S. no turno 1328, dizendo que, na verdade, o mico-leão era bonitinho e não feio. Sobre essa oposição a criança responde, reagindo imediatamente, sendo convencida e, dessa forma, concordando com o discurso da observadora. Ela então deixa de defender seu ponto de vista inicial e muda seu posicionamento, passando a dizer que o animal era bonito. Assim ela o faz por meio de um enunciado complexo, que retoma explicitamente os enunciados e tópico imediatamente anteriores, introduzido por junção semântica consensual/de convencimento expressa pelo verbo “ser” no presente do indicativo, significando, no discurso em questão, concordância.

- 8.1) “1341 *OBS: cadê o mico-leão onde ele (es)tá?”

- 1342 *CHI: hãh?
- 1343 *OBS: procura ele aqui.
- 1344 *CHI: **não.** (1)
- 1345 *OBS: na outra página.
- 1346 *OBS: puxa.
- 1347 *CHI: **não sei.** (2)
- 1348 *OBS: é então, (vo)cê falou não pra mim.
- 1349 *OBS: o(lha) aí o mico-leão .
- 1350 *CHI: o mico-leão ?
- 1351 *CHI: olha.
- 1352 *CHI: o mico-leão.
- 1353 *OBS: (es)tá aqui o mico-leão, (es)tá na primeira página.
- 1354 %act: S. resmunga ao não encontrar o mico-leão.
- 1355 *OBS: aqui, olha, vira.
- 1356 *CHI: **não.** (3)
- 1357 *OBS: aqui.
- 1358 *CHI: **não.** (4)
- 1359 *CHI: aqui.
- 1360 *CHI: aqui. ”

S. lia um livro com sua tia, OBS, que lhe pede que encontre, no livro, a figura do mico-leão dourado, uma brincadeira de procurar e encontrar corriqueira entre criança e interlocutor.

Nesse episódio, temos, aparentemente, no enunciado (1) “não.” um contra-argumento da criança com relação à proposta de sua tia para que ela procurasse o mico-leão na revista (turno 1343), algo que a menina se nega a fazer, opondo-se ao pedido da interlocutora. Assim ela o faz com um enunciado complexo, que retoma de maneira explícita e direta o enunciado e tópico anteriores por meio de junção adversativa, instaurada pelo advérbio de negação “não”.

Em seguida, OBS continua a incentivar a criança a procurar o animal, dando-lhe dicas de onde encontrá-lo e como fazê-lo (turnos 1345 e 1346), mas a menina continua se recusando a fazer o que sua tia lhe pedia, com ela contra-argumentando (2) “não sei.”, opondo-se ao discurso do outro e então, mantendo seu ponto de vista inicial, defendido no turno 1344. Assim ela o faz apoiando-se, agora, em uma justificativa diferente e que está explícita, que é o “saber”, no caso, o “não saber” realizar a tarefa de encontrar o desenho do mico. Temos, em (2) um enunciado complexo, que retoma os anteriores, de junção também

adversativa, assim definida pela presença do advérbio de negação “não”. Assim ela continua afirmando, em (3) e (4), como fizera em (2), até que, finalmente encontra o desenho, como demonstra nos turnos 1359 e 1360, sendo esse fato uma possível resposta, desde que finaliza o embate que até então ocorria.

2) S. 2-03-08 (S. 2 anos; 3 meses; 8 dias):

- 1.2) “ 82 *CHI: <to(ma), to(ma).> [< falam ao mesmo tempo]
- 83 *OBS: <é.> [< falam ao mesmo tempo]
- 84 *OBS: (vo)cê não quer mais chá?
- 85 *GGM: dá pra nonna.
- 86 *CHI: **não, é** (pausa) **da teteia.** (1)
- 87 *GGM: <que teteia.> [> falam ao mesmo tempo]
- 88 *OBS: <[risos].> [<falam ao mesmo tempo]
- 89 *CHI: **é da teteia.** (1.1)
- 90 *OBS: dá.
- 91 *CHI: **to(ma).**” (2)

CHI carregava uma xícara de chá, do qual não bebia e que corria o risco de derrubar, por isso, a bisavó (GGM) pede que ela lhe dê o objeto, ao que a criança refuta, dizendo que não o daria para a bisavó, desde que a xícara pertencia à sua tia, a OBS, ou, podemos interpretar também, queria dar a ela.

No primeiro enunciado argumentativo de S., (1) “não é (pausa) da teteia.” temos um contra-argumento, proferido com relação ao enunciado de GGM (turno 85), que dizia para a criança lhe dar a xícara, o que ela se nega a fazer, opondo-se à ordem de sua interlocutora, assim fazendo sob o sustento de outro argumento, de que – assim inferimos – o chá e/ou a xícara pertenciam a outra pessoa, à observadora, ou ela, a menina, é que queria entregar o objeto. Nesse caso, temos um enunciado complexo, que retoma explicitamente o enunciado - e tópico - imediatamente anterior (GGM, turno 85) para construir-se, negando-o, opondo-se à ordem que nele estava contida e propondo outro argumento, opção que era entregar a xícara para a OBS). (1) faz essa retomada semântica, que faz parte do contexto e processo dialógico-discursivo da linguagem, por meio da junção adversativa introduzida pelo advérbio de negação “não” e pela relação sem conjunção adversativa aparente “é x [da teteia], não é y [da bisavó].” Também podemos inferir a presença da junção causal nesse enunciado, estabelecendo a razão para a criança não dar a xícara para a bisavó porque ela pertencia à OBS. O elemento lexical que marca essa junção está, nesse caso, subentendido.

No enunciado (1.1) “é da teteia.” S. volta a se posicionar, reforçando o contra-argumento de (1) repetindo-o e, aparentemente, esclarecendo e reforçando para a bisavó para quem S. queria entregar a xícara, que era a observadora, a quem ela chama de teteia, sendo também um enunciado complexo de junção adversativa por “é x, não é y”, com conjunção adversativa subentendida.

Já em (2) “to(ma).” há o que consideramos uma resposta, através da qual podemos observar a mudança do posicionamento inicial da menina, em favor do pedido/ordem da interlocutora no turno 90, agora com ele consentindo e entregando o objeto para a outra, encerrando assim o embate e a cena enunciativa que decorria até então. Essa mudança de posicionamento ocorre, em (2) com um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores por meio de junção consensual/de convencimento subentendida, ou seja, cujo léxico, como “está bem/bom”, “tudo bem”, “certo” não estão verbalmente expressos na frase, mas são compreensíveis do todo da situação comunicacional. De todo modo, a criança não entrega o objeto para sua bisavó, com quem contra-argumentava, mas para sua tia, OBS, a quem desejava entregar a xícara – como S. afirma em seus contra-argumentos – desde o início.

Acreditamos que a menina pode ser que já estivesse decidida a entregar o objeto desde o turno 86, direcionando a uma de suas interlocutoras, a observadora, sua tia. Sendo assim, não houve convencimento por parte do discurso de GGM sobre a menina que, ainda que tenha entregue o objeto a um adulto não o fez segundo aquilo que lhe fora dito pela bisavó, que pedira a xícara para ela, não para a observadora.

2.2) “106 *CHI: **deixa eu ve(r).** (1)

107 *CHI: **deixa eu ve(r).** (1.1)

108 *GFA: não, vovô vai ler.

109 *OBS: [ri] deixa eu ve(r).

110 *OBS: é um papel, Sô.

111 *CHI: **deixa eu ver.** (2)

112 *GFA: <a S. não sabe ler.> [> falam ao mesmo tempo]”

O avô (GFA) de S. tinha em mãos um papel, ao qual a menina voltou sua atenção e queria pegar, ver, para tanto se posicionando no discurso.

S. argumenta em (1) “deixa eu ve(r).” e (1.1), que repete o primeiro argumento, o qual introduz um ponto de vista no discurso (ver/pegar o papel de GFA). Esse ponto de vista é novo, assim como o tópico por ele trazido, caracterizando-se, portanto, como enunciados simples (1 e 1.1).

O enunciado (2) “deixa eu ver.” é também um argumento, proferido com relação aos contra-argumentos do avô (GFA, no turno 108, “não, o vovô vai ler.”) e da observadora (OBS, turno 110, “é um papel, Sô.”), no qual a criança opõe-se ao discurso dos outros dois, a eles reagindo imediatamente, negando-os, mantendo seu posicionamento inicial. Em (2) temos um enunciado complexo, que retoma explicitamente os enunciados e tópico anteriores, repetindo-os, fazendo-o por meio do que julgamos ser uma junção adversativa subentendida, mas que pode ser depreendido do contexto discursivo. Além disso, a oposição do sujeito S. com relação aos contra-argumentos de seus interlocutores é evidente, ainda que não haja um elemento lexical que o indique explicitamente, em seu enunciado verbal.

Em todos os seus discursos argumentativos a criança se valeu, para construí-los, do modo imperativo (CASTILHO, 2014), caracterizando ordem e assim o percebemos através da frase e da prosódia empreendida pela menina no vídeo em que essa cena argumentativa foi observada. O modo imperativo, que é utilizado por S. em muitas situações argumentativas, parece-nos por ela empregado como um dispositivo de argumentação, assim como ela faz uso da repetição do advérbio de negação, por exemplo, dispositivos esses que dão força a seu posicionamento, assim como o reforçam no discurso, principalmente quando retomados pelo sujeito.

A resposta ao argumento de S. parte de GFA, no turno 112, quando ele volta a negar dar a folha para a criança, apresentando uma razão para tanto, que é a menina não saber ler. Assim ele encerra a cena enunciativa, convencendo a criança, que não volta a se posicionar sobre o assunto.

- 4.2) “251 *GGM: põe mais, é pouquinho.
 252 *OBS: dá mais um pouquinho, Sô.
 253 *GGM: põe mais, põe mais, eu quero, mas mas mas põe mais um pouquinho, não tem nada aí.
 255 *GGM: vira pra lá que a <teteia> [> falam ao mesmo tempo] xxx [?].
 256 *OBS: <não tem problema, deixa ela.> [<falam ao mesmo tempo]
 257 *GGM: ah, não?
 258 *GGM: deixa a nonna faze(r)?
 259 *CHI: **não é você é xxx [?] da teteia.** (1)
 260 *CHI: quer, xxx [?] a vovó quer?
 261 *OBS: e pra nonna?
 262 *GGM: você não deu pra mim?
 263 *OBS: e pra nonna, Sô?

264 *CHI: xxx [?].

265 *GGM: eu não quero tão pouquinho.

266 *OBS: [risos].

267 *CHI: **é que eu quero sentar aqui.** (2)

268 %act: S. vai sentar no meio do nonno (bisavô) e da bisavó.”

Nesse episódio, a criança comia paçoca e a oferecia a seus interlocutores, estimulada a fazê-lo, principalmente, por sua observadora. Em dado momento (turno 258) GGM, a bisavó da menina, se ofereceu para ajudá-la com o doce, que S. pegava com uma colher, mas a criança negou o auxílio.

S. disse em (1) “não é você xxx [?] é da teteia.”, um contra-argumento, proferido em relação ao argumento de sua bisavó em 258. Ao dizê-lo, a criança retoma explicitamente o enunciado anterior (e. complexo), ao qual se opõe, fazendo-o através da junção adversativa, da relação “é x [da teteia], não é y [você/seu]”, com conjunção adversativa subentendida, negando e refutando o argumento do outro, trazendo argumento/possibilidade alternativa que sustenta seu posicionamento em (1), que é dar a paçoca para a tia (teteia), não para a bisavó.

Na transcrição não consta, assim como no vídeo não foi possível compreender – tanto nós quanto o transcritor desse arquivo não conseguiu fazê-lo – se, no turno 264 a menina responde à sua interlocutora, passando a lhe oferecer a paçoca, ao que ela, GGM, contra-argumenta no turno 265, dizendo que não queria tão pouco, que era o que S. lhe dera. A menina então, responde ao posicionamento do outro, dizendo (2) “é que eu quero sentar aqui.”. Deparamo-nos com uma situação, nesse enunciado (2) (resposta), que responde ao anterior, da bisavó, sustentando o ponto de vista inicial da criança (não dar ou não dar muito da paçoca para a interlocutora) logo, havendo sua manutenção, continuando a negação de S. sobre o discurso do outro. A menina agora (2) oferece um outro argumento, outra justificativa, para sustentar seu posicionamento: a razão pela qual dera pouco doce para GGM fora porque “é que eu quero sentar aqui.”. Dessa forma ela conclui a cena enunciativa, convencendo seus interlocutores, fazendo-o através de um enunciado complexo que, em relação dialógico-disursiva, no contexto de comunicação, realiza a retomada de enunciados – mas não de tópico - anteriores através de junção – assim julgamos – causal, instaurada por “é que”, apresentando uma razão para S. dar pouco para a interlocutora.

Dissemos que temos, nesse caso, uma situação, uma questão a ser pensada porque a resposta da criança, especificamente a razão que apoia seu ponto de vista, não tem ligação alguma com o tópico anterior, a princípio não havendo uma ligação semântica direta e coerente entre dar pouco da paçoca para a interlocutora e fazê-lo, porque a menina, S., queria

se sentar no sofá, entre os bisavós. Ainda que a razão seja, no contexto em que foi produzida, pouco coerente, decidimos por compreender o enunciado (2) como resposta, enunciado complexo, que estabelece uma relação de causa (junção causal) para sua ação anterior, de dar pouca paçoca para a interlocutora.

5.2) “309 *GGM: eu quero.

310 *CHI: **não é.** (1)

311 *GGM: ah, por que não é?

312 *GMO: a vovó que sabe, você não sabe, S.

313 *GMO: espera.

314 *GMO: pronto, aí <(vo)cê come.> [>falam ao mesmo tempo]

315 *GGM: <ai eu quero.> [< falam ao mesmo tempo]

316 *CHI: **não é.** (2)

317 *GGM: não deixa cair no chão.

318 *GGM: eu quero um pouquinho .

319 *OBS: dá um pouquinho pra nonna, Sô⁷³.

320 *CHI: **não é dá um pouquinho só.** (3)

321 *CHI: **não é.** (3.1)

322 *OBS: só um pouquinho...

323 *CHI: **não é.** (4)

324 *GGM: vai cair .

325 *OBS: dá só um pouquinho a nonna vai ficar com vontade, Sô.

326 *OBS: <dá pra nonna e pro nonno um pouquinho.> [> falam ao mesmo tempo]

327 *CHI: <**não é o xxx** [?] **dá.**> [< falam ao mesmo tempo] (5)

328 *GGM: não é pra sentar.

329 *OBS: [rì] só um pouquinho, Sô.

330 *CHI: **não.** (6)

331 *OBS: ah.

332 *OBS: a nonna e o nonno vão chora(r).

333 *GGM: pega o chá lá.

334 *CHI: **não, não, não, a teteia mandou dar pra nonna.** (7)

335 *GMO: então segura embaixo pra não cair.

336 *CHI: **não é segurar.** (8)

⁷³ “Sô” é um dos apelidos de CHI.

- 337 *GGM: não é pra segurar.
 338 *CHI: **teteia falou pra dar pra nonna.** (9)
 339 *GMO: a teteia falou pra dar pra nonna. [ri]
 340 *CHI: **to(ma).** (10)
 341 %act: **S. dá paçoca pra nonna.** (10)

Aqui continuou o embate entre os interlocutores acerca da paçoca e o que fazer com ela, de modo que a interlocutora de S., a bisavó, principalmente, volta a pedi-la, mas sem conseguir tê-la, posto que a criança continuou a se negar a dar o doce por um longo período de turnos de fala. Em (1) “não é.” temos um contra-argumento dito pela criança com relação ao enunciado anterior de sua bisavó (“eu quero [a paçoca].”), ao qual ela se opõe, negando-se a realizar a vontade da outra, fazendo-o por meio de um enunciado complexo, que remete explícita e diretamente ao anterior, assim como ao tópico que permeava a discussão, fazendo-o, sintática e semanticamente, por meio da junção de tipo adversativa, instaurada pelo advérbio de negação “não.” O mesmo ocorre em (2) “não é.”

A interlocutora de S. não desiste de sua empreitada e continua a argumentar com a menina, agora reformulando seu argumento (GGM: “eu quero um pouquinho.”) a fim de fazê-lo ser aceito pela outra, além disso, ela é auxiliada pela observadora, que reforça o pedido da bisavó ao dizer, no turno 319 “dá um pouquinho pra nonna, Sô.”. A menina, porém, é irreduzível e continua a contra-argumentar com suas interlocutoras, dizendo em (3) “não é dá um pouquinho só.” e em (3.1) “não é.”, que julgamos ser a continuação do mesmo contra-argumento, opondo-se mais uma vez ao pedido dos outros, apresentando alternativa diferente para os mesmos, que é a correção do que havia sido dito por GGM e, depois, por OBS (“não é dá um pouquinho só, é y [?].”). Ela assim o faz também por enunciado complexo, de junção adversativa, com repetição do advérbio de negação “não”, inserindo na frase novos elementos linguísticos, alguns deles retomados dos discursos anteriores, que são o quantificador “só” e adjetivo “pouquinho”, que caracterizam a quantidade de paçoca demandada pela bisavó.

O mesmo ocorre quando a criança continua opondo-se ao discurso de sua bisavó e em (4) “não é”, agora com relação ao turno 322 da observadora, em (5) “não é o xxx [?] dá.”, opondo-se aos argumentos de sua interlocutora, que então era OBS, nos turnos 325 e 326 e em (6) “não.”, contra o discurso em 329. Todos esses são contra-argumentos, enunciados complexos, que retomam explicitamente os diretamente anteriores, assim como ao tópico anterior – havendo polêmica aberta –, por meio de relação semântica estabelecida por junção adversativa, através de advérbio de negação (4 e 6) e, possivelmente, relação “não é x, é y” (5).

Em (7) “não, não, não, a teteia mandou dar pra nonna.” S. muda seu argumento inicial, respondendo agora à sua bisavó que, no turno 333 deixou de pedir que a criança lhe desse a paçoca e passou a incitá-la a fazer outra coisa (GGM: “pega o chá lá.”). Nesse enunciado, considerado por nós como um resposta, segundo as teorias sobre argumentação por nós elencadas para esse trabalho, temos que a criança, reagindo ao argumento do outro, deixa de opor-se a dar a paçoca para a bisavó para, então, especialmente após a interferência da OBS no discurso, dar o doce. O não que ela diz, repetido três vezes, aparenta ser com relação ao enunciado da bisavó em 333, negando-se a fazer o que havia sido dito por ela. Em (7) podemos observar que o sujeito muda seu posicionamento, passando a consentir em dar o doce, fazendo-o por meio do que julgamos ser duas orações, a primeira delas composta pelos três advérbios de negação, enunciado complexo, de junção adversativa, coordenada à segunda, “a teteia mandou dar pra nonna.”, também enunciado complexo, mas de junção consensual/de convencimento, com a palavra que traz a concessão subentendida mas, compreendida no todo conversacional. Essa segunda oração se repete em (9) “teteia falou pra dar pra nonna.”, quando a criança retoma a resposta de (7), mas esse enunciado, (9), foi compreendido por nós como um contra-argumento (e. complexo, junção adversativa subentendida), proferido pelo sujeito com relação ao argumento de GGM no turno 337, quando esta repete o que a menina dissera em (8).

Já em (8) “não é segurar.” S. volta a contra argumentar, agora com relação ao argumento da avó (turno 335: GMO: “então segura embaixo pra não cair.”), opondo-se à proposta desta, corrigindo-a e então complementando e/ou continuando seu contra-argumento no enunciado seguinte, (9), em 228. Trata-se, nesse caso, de um enunciado complexo, de junção adversativa fixada pelo advérbio “não”.

O enunciado (10) “to(ma) (+ S. dá a paçoca pra nonna.)”, composto por elementos verbais e não-verbais, figura como resposta, concretizando o que a criança havia dito em (7), mostrando-se, através dele, a total mudança de posicionamento de CHI com relação ao seu ponto de vista inicial, desde que a menina passa de não querer dar a poçoca para sua interlocutora/ bisavó a querer dá-la, havendo consenso. Para fazê-lo concluímos que S. valeu-se de enunciado complexo, retomando explícita e diretamente, em polêmica aberta, os anteriores, assim como o tópico que até então definia a situação comunicativa, com relação semântica estabelecida pela junção consensual/de convencimento subentendida, mas compreensível no todo da relação dialógico-discursiva em questão.

6.2) “345 *CHI: não segura. (1)

346 *GMO: vai, S., o(lha) a confusão xxx [?] coisa.

- 347 *GGM: não é pra segurar.
 348 *CHI: **não é pra segurar.** (2)
 349 *GGM: <devagar, devagar.> [> falam ao mesmo tempo]
 350 *CHI: <**não é, não quero xxx** [?]> [< falam ao mesmo tempo] (3)
 351 *OBS: [ri].
 352 *GGM: não posso segurar a colher.
 353 *OBS: e pro nonno um pouquinho, Sô?
 354 *CHI: **também, não segura.** (4)
 355 *GMO: (es)tá, a vovó segura pra você.
 356 *CHI: **ai, eu seguro.** (5)
 357 *GMO: <você vai sujar tudo aqui, menina.> [> falam ao mesmo tempo]”

Nesse episódio, o dilema da paçoca, como era em duas cenas argumentativas anteriores, continuou e a apreensão de que a criança derrubasse o doce no chão também, assim como continuou a menina a defender seu ponto de vista de que queria, ela mesma e somente ela segurar a comida em questão.

Em (1) “não segura.” S. se posiciona (ela quer segurar a paçoca e não dá-la aos interlocutores) claramente em seu argumento, mas a justificativa para tal posicionamento não está explícita. Assim ela o faz por meio de um enunciado complexo, que retoma explícita e diretamente enunciados anteriores, assim como tópico, através de junção adversativa, introduzida pelo advérbio de negação “não.” O mesmo ocorre no enunciado (2) “não é pra segurar.” cuja análise resulta na mesma da anterior, por isso não a repetiremos. Nessa frase a criança insere mais dois elementos linguísticos, expressos no discurso, o verbo “ser” no presente do indicativo e a preposição “para” em sua forma reduzida (“p(a)ra”). Em (2) a criança claramente retoma (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) o enunciado de sua interlocutora do turno 348, dele se (re)apropriando. A análise do enunciado (4) “também, não segura.” é a mesma de (1) e (2).

Em (3) “não é, não quero xxx [?].” CHI se posiciona contra o discurso de GGM (turno 350: devagar, devagar.”), opondo-se a ele por meio de um argumento, reformulando seu próprio discurso e mantendo seu ponto de vista inicial, defendido em (1) e (2). Aqui temos, também, um enunciado complexo, de junção adversativa “não é x, é y”, com conjunção subentendida e advérbio de negação “não” explícito.

Em (5) “ai, eu seguro.” S. argumenta com relação ao enunciado de sua avó no turno anterior (355), “(es)tá, a vovó segura pra você.”, ainda defendendo seu ponto de vista inicial e

a ele reforçando, por meio de um enunciado complexo de junção adversativa implícita, mas que pode ser depreendido do contexto da enunciação.

A discussão entre os sujeitos da comunicação desse episódio não se encerra tão logo, continuando com as contra-argumentações das interlocutoras aos discursos e ações de S. por mais alguns turnos. Até que as interlocutoras, aparentemente, desistem de confrontar o discurso de S., finalizando a cena argumentativa em questão.

7.2) “383 *CHI: que(r), teteia?

384 *OBS: não, (o)brigada.

385 *CHI: **xxx** [?] **to(ma)**. (1)

386 *GMO: a vovó não quer .

387 *CHI: **to(ma)**. (2)

388 *OBS: <come você, Sô.> [> falam ao mesmo tempo]

389 *CHI: <**não quero mais.**> [< falam ao mesmo tempo] (3)

390 *CHI: **(es)to(u) cansada.**” (3)

Assim como no exemplo anterior, a criança carrega um doce, que oferece para as interlocutoras, GMO (avó) e OBS (observadora e tia da menina), insistentemente.

Oferecer o doce e então ordenar que alguma delas o pegue não foi o suficiente para que CHI alcançasse seu objetivo, de modo que ela argumentou de outra maneira, dizendo em (1) “xxx [?] to(ma).”, argumento direcionado ao contra-argumento da interlocutora, OBS, no turno 384 (“não, (o)brigada.”). Através desse enunciado podemos perceber que a criança mantém seu posicionamento inicial, negando, assim, a refutação de sua interlocutora. O mesmo ocorre em (2) “to(ma)” que, por sua vez, não é mais dirigido à observadora, mas agora o é à avó de S., GMO. Nesse caso, o argumento continua o mesmo que em (1), porém a criança, ao não conseguir convencer a observadora, volta-se para outro interlocutor, a avó, posicionando-se para e com ela e tentando levá-la a seu objetivo, que é pegar o objeto (alimento) que ela estava oferecendo. A criança não quer o doce – aparentemente – mas quer que suas interlocutoras o queiram/peguem. Ambos os enunciados figuram como argumentos, enunciados complexos, de junção adversativa subentendida.

Em (3) “não quero mais, (es)to(u) cansada.”, consideramos os enunciados dos turnos 389 e 390 como um só pois, apesar de terem sido transcritos separadamente, o segundo (“estou cansada.”) parece ser a justificativa do argumento “não quero mais”, proferida após este, com alguns segundos de intervalo entre eles, não caracterizando outro enunciado, mas parte do anterior. O espaçamento de tempo entre o ponto de vista e a justificativa pode ter sido maior do que o habitual e assim levou o transcritor a tal separação. Em suma, o enunciado (3)

é uma resposta da criança à fala de sua tia, a observadora, no turno 388 quando, após grande insistência de S. para que seus interlocutores comessem o que ela oferecia, a OBS contra-argumenta, propondo uma solução: que a própria criança comesse o doce. Ela, porém, se recusa a fazê-lo, dando uma justificativa para apoiar tal recusa, que é estar cansada. Trata-se, aqui, de um enunciado complexo, que retoma explícita e diretamente, na relação dialógico-discursiva e em polêmica aberta, os anteriores, assim como o tópico anterior, com eles estabelecendo relação semântica por meio de junção adversativa, inserida pelo advérbio de negação (“não quero mais.”) e de junção causal (“[porque] estou cansada.”) subentendida. Assim S. encerra o embate que até então ocorria, não havendo mais contraposição das outras interlocutoras.

8.2) “[...]”

414 *CHI: **eu quero bala!** (1)

415 %sit: **S. grita.** (1)

416 *OBS: [risos].

417 *CHI: **(to)ma, abre.** (2)

418 *OBS: abre por favor, fala por favor .

419 *CHI: **abre por favor.** (3)

421 *GGM: a mamãe não quer que você coma bala.

422 *CHI: **eu quero.** (4)

423 *GGM: a mamãe falou que não pode a S. comer bala.

424 *GGM: o(lha) lá.

425 %act: **S. faz sinal de silêncio.** (5)

426 *GGM: [risos] .

427 *CHI: **<ah, ah.* >** [> falam ao mesmo tempo] (6)

428 *GGM: <a mamãe falou, Sofia não pode comer bala.> [<falam ao mesmo tempo]

429 %act: **S. faz sinal de silêncio novamente.** (7)

430 *OBS: o(lha), só uma hein.

431 *CHI: **é.** (8)

432 *OBS: só uma.

433 *CHI: **(es)tá.”** (9)

Nesse episódio, CHI desejava bala, que lhe foi negada por suas interlocutoras, por GGM, principalmente, desde que a criança já havia comido um dos doces e a bisavó se negava a dar-lhe outra.

Dessa maneira, temos os seguintes enunciados argumentativos nessa situação: (1) “eu quero bala. (+S. grita)”, tratando-se de um argumento, que (re)introduz ponto de vista e tópico – que não é novo – no discurso. O grito da criança é muito significativo nesse enunciado, desde que o reforça ao ponto de vista da menina, assim como expõe seu nervoso perante a constante oposição a seu posicionamento, que ocorrera anteriormente. Trata-se, aqui, de um enunciado complexo, que retoma explícita e diretamente os discursos e tópico anteriores da comunicação, com eles estabelecendo relação semântica através de junção adversativa subentendida.

Em (2) “(to)ma, abre.” S. volta a argumentar, defendendo seu posicionamento inicial, de (1), reutilizando-o, reformulando seu enunciado anterior, utilizando-se, agora, de uma ordem (“tomar” no imperativo). Sendo assim, deparamo-nos com um enunciado complexo, que retoma não explicitamente os enunciados, neste caso, mas o tópico anterior, que era a bala, mais especificamente, quer tê-la. Tendemos a compreender a junção de (2) com discursos e tópico anteriores como sendo a adversativa – que está subentendida -, embora não descartemos a possibilidade dela ser causal.

Contudo, o discurso de S. ainda é confrontado e a interlocutora, OBS, propõe que a criança passe a colocar-se, a seu ponto de vista, não por meio de uma ordem, mas de um pedido, expresso pelo “por favor”, que atenua a imposição do imperativo, é mais polido e pode ser mais facilmente aceito pelo outro. Essa melhor aceitação dos interlocutores do pedido, ao invés da ordem, é recorrente nos dados de S., e assim pode-se observar ao longo do *corpus* que, os momentos nos quais a criança é instruída a usar o “por favor” não são raros. Perante o discurso da observadora, a menina então responde, em (3) “abre por favor.” (e. complexo, de junção consensual, marcada principalmente pela retomada da partícula “por favor”), ainda defendendo seu posicionamento mas, agora, convencida pelo contra-argumento da observadora e ele sendo incorporado ao seu discurso, havendo consenso entre ela e sua interlocutora que, no turno seguinte (420) atende ao ponto de vista da S., seu pedido, dizendo que abriria o pacote de balas.

Ainda que tenha havido convencimento e consenso por parte da observadora sobre o pedido da criança, não houve o da bisavó de S., que continua a argumentar, valendo-se, agora, de um argumento, o qual julgamos ser forte, cuja justificativa para não dar a bala para a menina era sua mãe não querer que ela a comesse. Essa justificativa se mostra forte desde que a mãe é uma figura de autoridade para e sobre S. e supomos que obedecer a uma imposição sua parecia algo mais provável, certo de acontecer, do que obedecer à da bisavó. A menina, porém, não concorda com sua interlocutora e contra-argumenta com relação a seu discurso,

dizendo (4) “eu quero.” retomando e ainda defendendo seu ponto de vista inicial. Assim ela o faz através de um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida, mas assim compreensível no todo comunicacional. Porém, a bisavó continua a se posicionar, valendo-se, no turno 423, do mesmo argumento de 421, mas a criança a ele não adere, tampouco consente e contra-argumenta com sua interlocutora através de um enunciado não-verbal (5) (S. faz sinal de silêncio.), considerado por nós como um enunciado complexo, que retoma direta e explicitamente enunciados e tópico(s) anteriores, por meio de junção adversativa subentendida, que não está explícita por meio de palavras, mas, que é evidente mediante a gestualidade e ação da criança. O mesmo se aplica para o enunciado (6) “ah ah.” e (7) (S. faz sinal de silêncio novamente), ambos contra-argumentos e enunciados complexos de junção adversativa.

Os enunciados (8) “é.” e (9) “(es) tá.” são ambos respostas, dirigidas, respectivamente, aos enunciados de OBS nos turnos 430 e 432, quando esta consente em dar a bala para a criança, mas afirmando que só lhe daria uma, ao que a menina concorda, deixando então de defender seu ponto de vista inicial e aceitando a proposta de sua tia, por ela convencida, tendo, ao final, vencido a negociação a seu favor. (8) e (9) são enunciados complexos, de relação semântica estabelecida por junção consensual/de convencimento com os enunciados anteriores a eles, expressa em (8) pelo verbo “ser” no presente do indicativo, indicando confirmação e aceitação e por “(es)tá” em (9), com o mesmo significado no discurso. Ao responder em (8) e (9), assim como quando recebe as balas de sua tia, poucos momentos depois, a criança encerra a cena enunciativa de embate que até então se estendia.

9.2) “438 *OBS: vamo(s) guardar, Sô, guarda as outras balinhas, guarda.

439 *CHI: **não é.** (1)

440 *OBS: guarda.

441 *CHI: **não, não.** (2)

442 *OBS: você mesma guarda, guarda.

443 *CHI: xxx [?] não pode.

444 *OBS: esse você não pode comer que é chiclete, joga, joga o outro também que é chiclete.

446 *OBS: guarda as balinhas pra você comer depois essas daqui, guarda.

447 *CHI: não, come(r).

448 %act: S. mostra a bala que está comendo.

449 *OBS: não, as outras, guarda a outra, põe as outras aqui dentro.

450 *OBS: põe.

- 451 *CHI: **quero uma só.** (3)
- 452 *OBS: S. Del Ré, vamo(s) guarda(r) as outras.
- 453 *OBS: aí a gente guarda e você come amanhã, (es)tá bom?
- 454 *OBS: quando você volta(r) da aula.
- 455 *OBS: quando (vo)cê volta(r) da escolinha.
- 456 *CHI: não é xxx [?].
- 457 *OBS: o(lha), vou guarda(r).
- 458 *OBS: pra você come(r) amanhã depois que você volta da escolinha, (es)tá bom?
- 460 *OBS: vai ficar aqui, o(lha).
- 461 *CHI: que isso?”

Nesse episódio, que se desenvolve sobre o mesmo tópico do anterior, a tia de S., após dar-lhe a bala que ela queria, pedira que a menina guardasse as outras balas que espalhara e que não iria comer. A menina, porém, se negou a guardá-las dizendo (1) “não é.”, contra-argumentando com relação ao posicionamento anterior de OBS (turno 438), a ele opondo-se por meio de um enunciado complexo, que retoma explicita e diretamente o enunciado e tópico anteriores, fazendo-o por meio da junção adversativa, inserida no enunciado pelo advérbio de negação “não”. A mesma análise vale para (2) “não, não.” que contra-argumenta o enunciado anterior da interlocutora (turno 440), fazendo-o agora com a repetição do advérbio de negação, o que reforça a oposição e negação de S. perante à ordem que havia lhe sido dada, repetição esta que acreditamos ser um dispositivo argumentativo, muito recorrente nos dados de S.

Depois de muita insistência de OBS para que CHI guardasse as outras balas, a menina continua postergando realizar a tarefa que lhe fora dada, valendo-se em (3) “quero uma só.” de outro contra-argumento, que continua opondo-se, ainda que implicitamente, ao cumprimento da ordem da interlocutora, logo, à adesão a seu argumento nos enunciados anteriores. Como em (1) e (2), (3) mostra-se um enunciado complexo, de junção que julgamos ser adversativa subentendida, significando algo como “mas eu quero uma [bala] só.”. Além disso, a menina utiliza o adjetivo isolador “só” – também considerado advérbio de intensidade -, combinado com “um”, reforçando, em seu discurso, que não queria todas as balas, mas apenas uma, elementos linguísticos esses que parecem funcionar como dispositivos de argumentação, de certa forma atenuadores, visando – mais provável – ao convencimento do outro.

Mesmo assim a observadora continua contra-argumentando e a criança deixa de com ela negociar, aparentemente, no turno 461, mudando o foco de sua atenção e o tópico do discurso, o que podemos considerar uma resposta (produzindo um e. simples, de novo tópico), que encerra a negociação anterior.

- 10.2) “493 *OBS: o(lha), a última hein.
 494 *OBS: é a última.
 495 *CHI: **amanhã.** (1)
 496 *OBS: <amanhã você come as outras.> [> falam ao mesmo tempo]
 497 *GGM: <to(ma), toma um pouco de chá primeiro, to(ma).> [<falam ao mesmo tempo]
 498 *CHI: <é.> [<falam ao mesmo tempo]
 499 *OBS: e depois... agora chega hein.
 500 *CHI: **amanhã come.** (2)
 501 *OBS: isso, é pra amanhã, a gente vai guarda(r).
 [...]
 543 *OBS: põe o outro tênis.
 544 *OBS: onde (es)tá? pergunta pra nonna onde (es)tá.
 545 *GRA2: não, (es)tá lá fora.
 546 *CHI: **amanhã.** (3)
 547 *OBS: como?
 548 *CHI: **amanhã eu como a outra.** (4)
 549 *OBS: amanhã você come a outra, <exatamente> [> falam ao mesmo tempo], hoje não.
 550 *CHI: <é.> [< falam ao mesmo tempo]
 551 *CHI: hoje não.
 552 *OBS: é.”

Esse episódio se dá ainda sobre o tópico das balas, que foram requeridas pela criança turnos antes, assim como ela comera um dos doces, autorizada por suas interlocutoras. Nesse momento em questão ela fala dos doces que comeria depois.

S. comera balas anteriormente, as quais pedira a suas interlocutoras de modo insistente, como podemos ver nos excertos precedentes. Após a repreensão de um dos sujeitos da interação, que lhe negara mais um dos doces, a menina repete o argumento usado pelo adulto, dizendo que comeria outra bala (poderia fazê-lo) apenas no dia seguinte, dizendo (1) “amanhã.” e (2) “amanhã come.”, valendo-se, para tanto, de enunciados complexos, desde

que retoma explicitamente – ainda que não de forma imediata - uma afirmação feita pela tia antes, retomando o tópico até então em discussão. Essa retomada é semanticamente feita através da junção consensual/de convencimento, aceitação que está implícita, mas que podemos perceber, desde que a criança acaba convencida, concordando com o argumento da observadora, no qual se apoia para a construção do seu próprio. A mesma análise se aplica aos outros dois enunciados, (3) “amanhã.” e (4) “amanhã eu como a outra.”. Entendendo todos esses enunciados como argumentos, através dos quais podemos observar a mudança do posicionamento inicial de S. – de querer a bala, como no exemplo anterior – que passou a concordar em ter apenas um doce e não mais que isso, tendo outro no dia seguinte, algo que já havia sido dito por OBS em turnos anteriores e foi retomado por CHI.

A possível resposta para essa cena argumentativa se dá através de OBS que, no turno 552 concorda com o posicionamento da criança e ela, nem S., voltam a falar ou negociar sobre o tópico das balas.

11.2) “583 *CHI: **(es)tá errado.** (1)

584 %act: S. senta no chão para arrumar o sapato.

585 *GGM: ah, (es)tá errado?

586 *OBS: não, (es)tá certo, Sô.

587 *GGM: <você que não pôs direitinho.> [> falam ao mesmo tempo]

588 *OBS: <(es)tá certo.> [<falam ao mesmo tempo]

589 *CHI: **<a esse é do outro pé.>** [<falam ao mesmo tempo] (2)

590 *OBS: <não.> [<falam ao mesmo tempo]

591 *OBS: (es)tá certo.

592 *GGM: põe o outro pé, (es)tá certo o pé.

593 *CHI: **esse a outro pé.**” (3)

CHI calçara os sapatos, mas parou e abaixou-se para arrumá-los quando acreditou que os havia colocado ao contrário, invertidos, de modo que assim argumenta durante vários turnos de fala com suas interlocutoras, defendendo seu posicionamento inicial de que acreditava estar com o sapato colocado no pé errado e, por isso, precisava arrumá-lo.

Dessa forma temos que o enunciado (1) “(es)tá errado.” é um argumento, que introduz um ponto de vista e a concepção do falante sobre ele, tratando-se, nesse caso, de um novo tópico (o pé errado do tênis), cujas justificativas estão implícitas, mas podemos depreendê-las a partir do discurso. Por inserir novo tópico, deparamo-nos com um enunciado simples.

Os enunciados (2) “a esse é do outro pé.” e (3) “esse a outro pé.” são ambos argumentos, proferidos com relação aos contra-argumentos das interlocutoras da criança, a

observadora e a bisavó, que lhe diziam estar certo o pé do tênis. Ambos os enunciados retomam o posicionamento inicial, que sofre manutenção, havendo reformulação da frase, mas não do ponto de vista. Tratam-se, dessa forma, de enunciados complexos, remetendo explicita e diretamente a enunciados e tópicos anteriores, com eles estabelecendo relação semântica a partir da junção adversativa “é x, não é y”, de junção subentendida, mas compreensível a partir de toda a cena enunciativa.

A resposta para essa cena se dá através da observadora, que volta a se posicionar, dizendo que o sapato da criança fora por ela calçado de forma errada, consertando o erro e assim encerrando-se o embate sobre o tópico, desde que a menina não volta a se posicionar, aparentemente convencida pelo discurso de sua interlocutora. Dessa forma, temos uma resposta de S. – se dela partiu – que é enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida.

3) S. 2 anos; 4 meses; 14 dias (2; 4; 14):

- 1.3) “112 *OBS: onde (es)tá, So?
- 113 *CHI: **(es)tá brava.** (1)
- 114 *OBS: (es)tá brava?
- 115 *CHI: é.
- 116 *OBS: quem (es)tá brava?
- 117 *OBS: você (es)tá brava?
- 118 *CHI: é.
- 119 *OBS: por que que (vo)cê (es)tá brava?
- 120 *CHI: porque...
- 121 *GMO: com o titio?
- 122 *CHI: não é.
- 123 *OBS: não, não é.
- 124 *GMO: e (vo)cê (es)tá brava com o quê?
- 125 *CHI: **porque, eu (es)to(u) vendo o cavalinho.** (1.1)
- 126 *GMO: o cavalinho?
- 127 %act: S. aponta para o quadro em cima do sofá.
- 128 *OBS: eu (es)tou vendo o cavalinho ela falou, ali no quadro.
- 129 *OBS: (vo)cê (es)tá brava por que, S.?
- 130 *OBS: hãhã?
- 131 *GMO: (vo)cê é pequenininha para ficar brava, não pode.
- 132 *GMO: só gente grande pode ficar brava.

133 *CHI: **so(u) eu que (es)tou brava.** (2)

134 *GMO: não, você não pode, você é pequena.

135 *CHI: **então (es)tá bom.**” (3)

Antes, OBS fala sobre uma bexiga de CHI que estourara. A criança, então, diz estar brava. Quando a questionam porque estava brava ela diz que olhava para o quadro do cavalo, que havia na parede da casa da avó. A razão pelo estado de CHI não nos é clara, contudo, interessa-nos a comunicação que se deu sobre esse tópico, que gerou enunciados argumentativos por parte da criança, assim como de sua interlocutora.

O primeiro dos enunciados argumentativos é (1) “(es)tá brava.”, um argumento, que introduz o ponto de vista do sujeito, assim como sua concepção atual sobre o tópico em questão (estar brava), que é novo no discurso e, portanto, figura (1) como enunciado simples. Mais adiante, em (1.1) “porque, eu (es)to(u) vendo o cavalinho.” deparamo-nos com o que pode ser a justificativa do argumento de CHI em (1) ou, talvez, outro argumento/ponto de vista utilizado por ela. Ao vermos (1.1) como um argumento, não necessariamente justificativa de (1), mas retomada e reformulação do mesmo, podemos entendê-lo como enunciado complexo, de junção causal, inserida pelo “porque”.

Em (2) “so(u) eu que (es)tou brava.” S. volta a argumentar, agora com relação ao contra-argumento de sua avó, nos turnos 131 e 132 que, afirma que S. não podia ficar brava, posto que ela era pequena e somente pessoas “grandes” poderiam fazê-lo. A menina, porém, não aceita o discurso de sua interlocutora, opondo-se a ele e continua a sustentar seu ponto de vista inicial, defendendo e reforçando que estava brava. Assim ela faz por meio de um enunciado complexo, que estabelece relação semântica explícita e direta com os anteriores, assim como com o tópico até então predominante no discurso, a partir de junção adversativa, que está subentendida.

A avó de S., porém, continua a contra-argumentar com a criança que, então, deixa seu argumento inicial de lado em favor do convencimento, finalizando a cena enunciativa ao responder (3) “então (es)tá bom.”, um enunciado complexo, que retoma os anteriores através de junção consensual/de convencimento, marcada pelo “(es)tá bom.”

2.3) “143 *CHI: senta, senta. (1)

144 *CHI: **senta!** (1.1)

145 *OBS: não, o(lha)!

146 *OBS: fala assim com a teteia: por favor, senta.

147 *CHI: **senta, por favor.** (2)

148 *OBS: ah, agora sim.”

S. se sentara no chão para brincar e chamou a sua tia, a observadora, para fazer o mesmo, a fim de que brincassem juntas.

S. argumentou em (1) “senta, senta.” e (1.1) “senta!”, que repetiu (1), para que sua interlocutora se sentasse no chão, introduzindo seu ponto de vista no discurso, fazendo-o através de um enunciado simples, que introduz novo tópico, utilizando-se do verbo “sentar” no imperativo, o que caracteriza ordem. A interlocutora, porém, se nega a fazer o que dizia a menina, devido ao modo (imperativo) que falava com ela, contra-argumentando com relação a isso (turnos 145 e 146). Então, em (2) “senta, por favor.” S. responde, incorporando o que havia sido dito por OBS, não mudando seu ponto de vista, mas, adequando-o ao outro, introduzindo em seu enunciado, por pedido da observadora, o elemento linguístico “por favor” (locução adverbial) que vem amenizar o sentido enfático e imperativo dado anteriormente. Ao fazê-lo o outro é convencido pelo discurso da criança, havendo consenso entre as partes, concluindo-se essa cena enunciativa. Temos então, em (2) um enunciado complexo, que retoma explícita e diretamente tópico e enunciados anteriores através de junção consensual/de convencimento subentendida, desde que S. aceitou a proposta da observadora em 146 e usou o “por favor” em sua oração, sendo a própria retomada da locução adverbial, indício da mudança de ponto de vista.

3.3) “287 *GGF: dá a mão, CHI, dá a mão.

288 *CHI: **não.** (1)

289 *GGF: <dá a mão.> [> falam ao mesmo tempo]

290 *OBS: <Sô, S.> [<falam ao mesmo tempo]

291 *OBS: o(lha), o(lha) a malcriação.

292 *GGF: xxx [?].

293 *OBS: hoje ela disse que ela está brava.

294 *GGF: ela (es)tá brava?

295 *OBS: a teteia vai ficar brava com você.

296 *OBS: dá a mão pro nonno.

297 %act: **S. dá a mão pro nonno.” (2)**

No episódio anterior, a criança estava brava e assim mostra-se perante o bisavô (GGF) que lhe pede a mão a fim de que se cumprimentem, desde que ele acabara de chegar à casa, mas a menina se recusa a fazê-lo.

S. se recusou a cumprir o pedido de seu bisavô dizendo (1) “não.”, enunciado esse que consideramos, segundo as teorias de Leitão (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO,

VIEIRA, 2018, 2019) como sendo um contra-argumento, dirigido ao enunciado do interlocutor no turno 287, com relação ao qual (1) levanta objeções, a ele remetendo semanticamente (e. complexo, retomada explícita) por meio da junção de tipo adversativa, assim estabelecida na frase pelo advérbio de negação “não”.

Perante essa recusa, o bisavô continua a insistir que S. lhe dê a mão e a observadora a repreende, dizendo que ela estava sendo mal educada ao não atender o pedido de seu interlocutor, ameaçando-a, no turno 296 (“a teteia vai ficar brava com você”), de modo que a menina, no turno 297, responde aos contra-argumentos de OBS, revisitando e mudando seu posicionamento inicial, passando, então, a consentir com o pedido de GGF e dando-lhe a mão, tendo sido convencida pela observadora. Essa resposta é feita por meio de um enunciado não-verbal (2) (S. dá a mão pro nonno.), considerado complexo, desde que retoma explicitamente tanto os enunciados quanto o tópico anteriores para ser formulado, com eles estabelecendo relação semântica através da junção de tipo consensual/de convencimento, de modo que o consenso não se expressa, nesse caso, em palavras, mas no próprio gesto da criança.

4.3) “310 *GGF: por que chorou, S.?”

311 *OBS: S., o(lha), conta pro nonno porque você chorou.

312 *OBS: ah, eu vou embora então, tchau.

313 *CHI: **não.** (1)

314 *OBS: então conta pro nonno porque que você chorou.

315 *CHI: **eu chorou.**” (2)

Antes S. estava brava e recusava-se a dar a mão para o avô assim como, nesse episódio, recusava-se a contar-lhe porque havia chorado, negando-se a responder às perguntas de GGF e OBS, a qual ameaçou a criança, dizendo que, caso ela não contasse o porquê de haver chorado, para o bisavô, ela, a observadora, iria embora, algo que CHI não desejava e sobre isso deu-se o embate.

Em (1) “não.”, um contra-argumento, enunciado complexo, que remete direta e explicitamente a enunciados e tópico anteriores através da junção adversativa (“não”) S. se posiciona contra, provavelmente, a ameaça de sua observadora no turno 312.

A interlocutora tenta, mais uma vez, fazer prevalecer seu posicionamento no discurso, o que consegue, desde que, em (2) “eu chorou.” temos uma resposta de S., que muda seu posicionamento inicial, convencida pelo contra-argumento do outro e então finalizando a cena enunciativa. Tal enunciado mostra-se complexo, a retomar outros enunciados e tópico que apareceram antes no discurso, com os quais estabelece relação através da junção consensual/de convencimento, que está implícita, mas é perceptível no contexto dialogal e no

próprio fato de a menina ter mudado seu posicionamento – o que foi evidente - de não contar para fazê-lo, contar para o bisavô que havia chorado.

- 5.3) “362 *GGF: a S. malandrinha.
 363 *OBS: [ri].
 364 *GGM: a fala a teteia não quer, não é malandrinha, né.
 365 *CHI: **para!** (1)
 366 %act: **S. grita.** (1)
 367 *OBS: o(lha)!
 368 *OBS: não grita.
 369 *CHI: **ah!** (2)
 395 %act: nono está bravo com os insetos dentro da casa.
 396 *OBS: eles vêm pra cá.
 397 *GFA: não, não vão vim pra cá.
 398 *GFA: xxx [?].
 399 *OBS: (o) que que tem ali?
 400 *CHI: piu piu.
 401 *OBS: tem o piu piu [ri].”

CHI não respondera ao bisavô porque chorara, apenas afirmou que o fizera. Ela então começara a brincar pela casa, pulando, ao que GGF a chama de malandrinha e OBS ri do que ele dissera.

A criança, porém, não se agrada com o que fora dito dela, sobre o adjetivo lhe dado pelo interlocutor, com quem contra-argumenta em (1) “para. (+ S. grita)”, opondo-se ao argumento do outro, negando-o. Assim ela o faz através de um enunciado verbal (verbo “parar” no imperativo, figurando uma ordem) atrelado a um enunciado não-verbal, composto pelo grito de S., ambos existindo e agindo, no discurso, ao mesmo tempo. Juntos figuram como enunciado complexo, que retoma enunciados e tópicos anteriores de maneira explícita, de junção adversativa subentendida.

A interlocutora de CHI, OBS, com ela argumentou, repreendendo-a, ao que a menina responde através de um enunciado multimodal não-verbal, constituído por uma interjeição (2) “ah!”, por nós considerado complexo por retomar direta e explicitamente, assim como continuar a opor-se ao enunciado da interlocutora, ação pela qual julgamos essa resposta possuir junção adversativa subentendida. Sendo uma resposta, (2) traz a manutenção do posicionamento inicial de S., não havendo convencimento ou consenso entre os sujeitos da interação, mas podemos dizer que, de certa forma, a criança acaba saindo vencedora desse

episódio argumentativo, desde que, com seu discurso conclui a cena enunciativa e há mudança de assunto pelos interlocutores.

- 6.3) “426 %act: S. faz cara de brava.
- 427 *CHI: xxx [?].
- 428 *GFA: fala xxx [?], S., fala.
- 429 *GMO: ixi, vou atrás da S., onde (vo)cê vai?
- 430 %act: S. sai correndo para a cozinha.
- 431 *OBS: onde vai, Sosô⁷⁴?
- 432 *CHI: senta, eu já vou, senta.
- 433 *OBS: como é que é?
- 434 *CHI: eu já vou.
- 435 *OBS: a vovó?
- 436 *CHI: eu já vou.
- 437 %act: S. faz cara de brava.
- 438 *OBS: o vovô, cadê o vovô?
- 439 *CHI: eu já vou.
- 440 *CHI: senta que eu já vou.
- 441 *OBS: como é que é?
- 442 *OBS: (o) que que (vo)cê quer?
- 443 *CHI: **senta!** (1)
- 444 %act: **S. aponta o dedo como se estivesse mandando na observadora.** (1)
- 445 *OBS: (o)lha, (vo)cê pensa que (vo)cê vai falar assim comigo não...
- 446 *OBS: tem que falar, teteia, por favor.
- 447 *CHI: **por favor.**” (2)

S. estava junto da avó, quando se levantou e foi em direção à cozinha. A avó a seguiu, mas a menina disse para que esperasse, quando a observadora começa a lhe fazer diversas perguntas sobre o tópico em questão e outros assuntos.

CHI argumentou em (1) “senta!”, argumento verbal acompanhado do não-verbal (“S. aponta o dedo como se estivesse mandando na interlocutora.”), defendendo seu ponto de vista para a interlocutora, sendo que ele já havia sido introduzido no início da situação em questão. Assim S. faz através de um enunciado complexo, desde que retoma explicitamente enunciados e tópico anteriores, dela própria, principalmente, por meio do que julgamos ser a

⁷⁴ “Sosô” é outro apelido de S.

junção adversativa, que está subentendida. Ela também faz uso do verbo “sentar” no modo imperativo, também se utilizando do gesto de apontar, caracterizando uma ordem, que assim significa no discurso.

Em seguida, OBS contra-argumenta o posicionamento de S., repreendendo-a por falar daquela maneira com ela (turno 445) e dizendo-lhe como ela deveria falar (turno 446) educadamente, ao que a criança irá responder em (2) “por favor.”, imediatamente reagindo ao discurso de sua interlocutora e mudando seu posicionamento inicial, passando da ordem para o pedido ao incorporar o elemento “por favor” havendo, dessa forma, consentimento de S. com relação ao contra-argumento da outra. Dessa maneira, encerra-se a cena enunciativa. Em (2) temos um enunciado complexo, que retoma de maneira explícita os enunciados imediatamente anteriores de S. e ao enunciado de OBS no turno 446, parte do qual incorpora em seu próprio discurso, retomando aos turnos anteriores através da relação semântica por junção consensual/de convencimento, que está subentendida, mas assim é compreensível quando olhamos para o todo situacional, especialmente para a retomada da criança do elemento linguístico (locução adverbial) “por favor”, proposto por sua interlocutora.

- 8.3) “654 %act: S. deixa a caneta sobre o braço no sofá.
 655 *OBS: (es)tá brava?
 656 *CHI: é.
 657 *OBS: por que (vo)cê (es)tá brava?
 658 *OBS: a teteia vem aqui e (vo)cê fica brava.
 659 *CHI: **eu não (es)to(u) brava!** (1)
 660 *OBS: ah bom.
 661 *OBS: ah, agora sim [beijo].
 662 %act: **S. abraça a observadora.**” (2)

Momentos antes, S. estava desenhando, até que baixou a caneta e confirmou a pergunta de sua interlocutora, que lhe questionara se estava brava. Sobre isso a menina se posicionou.

A observadora então argumentou no turno 658, cujo enunciado subentende uma oposição ao que havia sido confirmado pela criança, que, perante o argumento de OBS contra-argumentou em (1) “eu não (es)to(u) brava!”, opondo-se ao argumento da outra, afirmando que não estava brava, fazendo-o através de um enunciado complexo, retomando semanticamente o enunciado do turno 658 e tópico em questão através da junção adversativa, assim instituída, na relação dialógico-discursiva, essencialmente, pelo advérbio de negação “não”.

Em seguida, a observadora, aceita o contra-argumento de S. que responde ao seu próprio enunciado em (1), fazendo-o no turno 662, através de um enunciado não-verbal (2) (S. abraça a observadora.), por nós considerada um contra-argumento aos argumentos anteriores da interlocutora, concordando com o posicionamento da própria menina no turno 659 e, de certa forma, reforçando-o, havendo, em seguida, convencimento e consenso entre as partes do discurso. (2) trata-se de um enunciado complexo, desde que retoma de forma explícita, em polêmica aberta, o discurso imediatamente anterior da criança pelo que julgamos ser a junção aditiva (subentendida, mas, que pode ser depreendido do todo comunicacional), adicionando informação ao posicionamento de S. no turno 659, quando ela, além de dizer que não estava brava, reforça-o e confirma em (2), abraçando a interlocutora e mostrando que, realmente, não estava brava.

Consideramos que a resposta partiu da observadora nos turnos 660 e 661 e, provavelmente, na sequência, quando ela foi convencida pelos contra-argumentos da criança em (1) e (2), aceitando o discurso e posicionamento desta, encerrando, de fato, a cena argumentativa em questão.

4) S.2; 4; 17 (S. 2 anos; 4 meses; 17 dias):

1.4) “74 *CHI: vamos cantar a casa. (1)

75 *MOT: o quê? quer cantar a casa? então canta.

76 *MOT: canta pra teteia.

77 *CHI: **canta.** (2)

78 *OBS: <era uma casa, (vo)cê (es)tá com vergonha?> [> falam ao mesmo tempo]”

Após pedir ovo, que desejava comer, S. argumentou para retomar a atividade que realizava antes, com sua mãe, que era cantar. Agora, porém, ela escolhera uma música diferente: A Casa, de Vinícius de Moraes, dizendo que ela e as interlocutoras a cantassem. S. diz (1) “vamos cantar a casa.”, um argumento, que introduz um ponto de vista (cantar a música A Casa), cujas justificativas estão implícitas. Esse enunciado, ao trazer novo tópico para o discurso, figura como enunciado simples, segundo a teoria gramatical elencada (NEVES, 2011); ainda assim ele retoma, mesmo que de modo não explícito e, principalmente, imediato, tópico anterior e que, como dissemos, era a atividade de cantar empreendida por CHI e sua mãe, vários turnos antes.

Sobre o discurso de S., sua mãe contra-argumenta, propondo que somente a menina cante e que o faça para sua outra interlocutora, a observadora. S. então, argumenta com MOT em (2) “canta.”, opondo-se à proposta que lhe fora feita e apresentando possibilidade alternativa, que foi a própria MOT cantar a canção, mas ainda mantendo seu ponto de vista

inicial que era cantar e fazê-lo com a música de Vinícius de Moraes. Assim ela diz através de um enunciado complexo, com verbo “cantar” no imperativo, caracterizando ordem, de junção semântica adversativa subentendida, de modo que podemos inferir esse enunciado como tendo um sentido parecido com “eu não vou/quero cantar, cante você.”.

A resposta dessa situação argumentativa é produzida por MOT (turno 78), que aceita o posicionamento da criança e canta a música que ela havia lhe pedido, encerrando a negociação anterior.

5) S.2; 9; 12 (S. 2 anos; 9 meses; 12 dias):

1.5) “153 %act: OBS folheia o livro e fala seu título.

154 *OBS: chama os passeios da Bécassine⁷⁵.

155 *CHI: éé.

156 *OBS: vamo(s) ve(r) o que é que (es)tá falando aqui o(lha).

157 *OBS: a Bécassine (es)tá com pressa, ela corre ela corre sem para(r).

158 *CHI: **nãoo! ela co(rr)e bem rápido!**” (1)

OBS contava a história do livro que pedira para CHI lhe explicar, cuja narração foi o tópico sobre o qual a criança se posicionou nesse episódio. A criança, que acompanhava a narração da história pela OBS parece tê-la corrigido, especificamente ao enunciado da interlocutora no turno 157 (“a Bécassine (es)tá com pressa, ela corre ela corre sem para(r).”), dizendo em (1) “**nãoo! ela co(rr)e bem rápido!**”. Interpretamos esse enunciado como sendo um contra-argumento, desde que opõe-se e nega as afirmações feitas pelo outro, propondo, ao mesmo tempo, possibilidade alternativa, que seria, nesse caso o “correr bem rápido”. CHI não verbalizou “está errado o que você disse, o certo é...”, mas, o inferimos pelo contexto e enunciado anterior, assim como pelo próprio discurso da criança, que nega a frase de S. e, em seguida, propõe – assim interpretamos - a maneira que ela acredita a correta em descrever a ação de Bécassine. Ao retomar de modo explícito enunciados e tópico imediatamente anteriores, temos que (1) é um enunciado complexo, que estabelece relação semântica através de junção adversativa, introduzida pela relação “é x, não é y” (“é corre bem rápido, não é corre sem parar.”), com conjunção adversativa subentendida.

A observadora então responde, convencida pelo posicionamento da criança e o aderindo, tanto que o utiliza em seu próprio enunciado, passando a falar, no turno seguinte (159) que a personagem, Bécassine, corria “bem rápido”, como dissera CHI.

⁷⁵ *Les promenades de Bécassine* (traduzido, pela observadora, no momento da interação como “Os passeios de Bécassine”) é um livro da editora francesa Hachette Jeunesse, publicado em 2003, de autoria de J. P. Pinchon Caumery.

2.5) “179 *OBS: [ri] agora você conta pra mim! <aqui o(lha)!> [< falam ao mesmo tempo]

180 *CHI: <num quero> [> falam ao mesmo tempo] **num sabe!** (1).

181 *OBS: num sabe? que que acontece aqui o que que ela tá fazendo aqui?

183 *CHI: **co(rr)endo bem rápido!** (2)

184 *OBS: ela tá correndo rápido.”

Após contar a história do livro *Os passeios de Bécassine*⁷⁶, para S., a observadora pediu que a menina a contasse para ela (turno 179), havendo, num primeiro momento, recusa por parte da criança.

Em (1) “num quero, num sabe!” S. contra-argumentou, opondo-se à proposta de sua interlocutora e negando-se a realizá-la. Assim ela o faz através de um enunciado complexo, que retoma explicitamente os enunciados e tópico anteriores, então presentes na situação de comunicação na qual a criança estava inserida, fazendo-o por meio de junção de tipo adversativa, introduzida pelo advérbio de negação “não” (cliticizado em “num” = “não” + “é”, forma comumente oral do advérbio em questão) e pela junção causal subentendida, mas que se pode deduzir pelo contexto de produção do enunciado (1), havendo, possivelmente, introdução da razão pela qual S. não quer contar a história (“num sabe”).

Ainda que CHI tenha negado narrar a história para OBS, esta continua a insistir que a criança o faça (turnos 181 e 182), ao que a menina irá responder em (2) “co(rr)endo bem rápido!”, reagindo imediatamente ao argumento de sua interlocutora e a ele aderindo, mudando seu posicionamento inicial de não (querer/saber) contar a história para contá-la, convencida pelo discurso do outro havendo, assim, conclusão da cena enunciativa de negociação entre os sujeitos da interação. Ao responder, a criança se utiliza de um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida.

3.5) “268 *OBS: (vo)cê gosta de relógio?

269 *CHI: eu go(s)to.

270 *OBS: gosta? (vo)cê tem relógio?

271 *CHI: eu num tenho!

272 *OBS: (vo)cê num tem? aah.

273 *CHI: **a mamãe vai comp(r)a(r).** (1)

274 *OBS: a mamãe vai compra(r)?

275 *CHI: **mas eu num tenho um relógio assim bem igual o seu.** (2)

⁷⁶ Título original *Les promenades de Bécassine*.

- 276 *OBS: (vo)cê num tem?
 277 *CHI: eu quero o do backyardigans!
 278 %com: Backyardigans é um desenho infantil.
 279 *OBS: (vo)cê que(r) [rindo] do backyardigans?
 280 *CHI: mas eu... mas a mã...”

Nessa situação comunicativa, a criança estava usando o relógio de sua interlocutora e, como dito anteriormente, ela gosta muito desse tipo de acessório, como constata no turno 269. É sobre esse acessório que OBS questiona S. com questões acerca do mesmo, como comprar um relógio e de que “marca”, com que estampa o queria.

Quando a observadora lhe pergunta se ela possuía um relógio, S. afirma que não (turno 271), então argumentando em (1) “a mamãe vai comp(r)a(r).” que, ainda que não o tivesse, sua mãe lhe iria comprar um. Segundo as teorias aqui elencadas, (1) pôde ser por nós compreendido como um argumento, enunciado complexo, desde que retoma de maneira explícita tópico e enunciados anteriores – principalmente aquele produzido no turno 271, quando a criança afirma não ter relógio, respondendo a um questionamento de sua tia, fazendo-o, semanticamente, por meio de junção adversativa subentendida. Em seguida, a menina volta a argumentar em (2) “mas eu num tenho um relógio assim bem igual o seu.”, aparentemente antecipando possível contra-argumento da interlocutora, acreditamos. Esse enunciado é complexo, de junção adversativa marcada pela conjunção “mas”.

A interlocutora não se contrapõe aos argumentos de sua sobrinha que, ela mesma parece produzir a resposta para essa situação, quando muda de assunto após o turno 280, encerrando a cena enunciativa anterior. Pela mudança de tópico temos, segundo as teorias da gramática funcional (NEVES, 2011), um enunciado simples.

- 4.5) “281 *CHI: **tem um dê vivo aqui.** (1)
 282 *OBS: têm o que? um dvd?
 283 *CHI: é, não, um dê vivo aqui na bochecha.
 284 %act: CHI toca em sua bochecha a fim de mostrar do que estava falando.
 285 *OBS: dê vivo? a gengiva?
 286 *CHI: é.
 287 *OBS: ahh (vo)cê tem gengiva na bochecha?
 288 *CHI: **não tenho.** (2)
 289 *OBS: claro.
 290 *CHI: **só a Manu.** (2.1)

291 *OBS: [rindo] só a Manu? (vo)cê num tem gengiva na bochecha, é claro que (vo)cê tem todo mundo tem gengiva na bochecha o(lha)!

293 %act: OBS mostra que tem gengiva para CHI.

294 *OBS: esse aqui é gengiva o(lha) e depois embaixo vem o dente.

295 *OBS: (en)tendeu? todo mundo tem gengiva.

296 %act: CHI toca sua própria gengiva, examinando-a.

297 *CHI: **aqui eu tenho.** (3)

298 *OBS: você tem.”

Nesse episódio, a criança dissera para a observadora que existia gengiva – que ela chama de “dê vivo” – na bochecha, tópico sobre o qual se deu o diálogo em questão. S., sobre a gengiva, diz em (1) “tem um dê vivo aqui.”, constatação essa que podemos compreender como argumento, que introduz ponto de vista, concepção atual do falante sobre um tópico que, no caso, é novo (e. simples) do discurso, e sua justificativa está implícita.

A observadora então questiona se ela, S., tinha gengiva na bochecha, o que a criança nega, dizendo que não a possuía, apenas a coleguinha da escola, Manu, afirmando-o nos enunciados (2) “não tenho.” e (2.1) “só a Manu.”. Entendemos que (2) é o argumento apresentado pela criança, introduzindo seu ponto de vista e concepção atual do tópico no discurso, retomando e reforçando seu posicionamento inicial, enquanto que (2.1) pode ser seu complemento ou justificativa, de modo que ambos os enunciados são por nós compreendidos como partes de um só. Ao argumentar, a menina se utiliza do que acreditamos ser um enunciado complexo, desde que retoma explicitamente enunciados e tópicos que são imediatamente anteriores, fazendo-o por meio de junção adversativa, marcada pelo advérbio de negação -- e por assim acreditarmos – no enunciado (2.1), junção aditiva, que adiciona informação a (2), focalizando quem possuía a gengiva (“só a Manu”) e reforçando a exclusão de S. sobre possuí-la.

Porém, OBS discorda de CHI e de seu discurso, contra-argumentando nos turnos 291, 292 e 295, afirmando que a criança possuía sim gengiva, mostrando-lhe em sua própria boca onde ela ficava, levando a menina a examinar a si mesma, de modo que ela encontra sua gengiva e responde em (3) “aqui eu tenho.”, mudando seu posicionamento inicial, convencida pelo que havia sido dito pela sua interlocutora e introduzindo o posicionamento da outra no seu próprio, através de um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida. Com a aceitação do posicionamento do outro por S. tem-se o fim da cena enunciativa, que é encerrada, dando lugar à outra.

6.5) “495 *OBS: vamo(s) por a calcinha agora?”

- 496 *CHI: olha o desenho!
- 497 *OBS: vem cá vamo(s) lá.
- 498 *OBS: eu ponho o desenho se você puse(r) a calcinha vai, to(ma).
- 499 *CHI: mas e mas e meu bumbuuum?
- 500 *OBS: num faz nada a calcinha vai...
- 501 *CHI: **mas meu bumbum (es)tá doendo demais! (1)**
- 502 *OBS: Sôôô vai a mamãe vai fica(r) brava depois vem S., <só a calcinha vai de... (vo)cê não precisa por a blusa to(ma)> [< falam ao mesmo tempo] põe só a calcinha vai Sô!
- 505 *CHI: **[brincando]. (2)**
- 506 *OBS: Sôôô que que eu combinei com você (vo)cê põe a calcinha eu mudo
- 507 lá pra você vai.
- 508 *CHI: **mas a minha boca (es)tá cheia de comida. (3)**
- 509 *OBS: num tem problema xxx [?].
- 510 *OBS: põe a calcinha num tem nada a ver uma coisa com a outra S.! vai num me enrola!
- 512 *CHI: búúú!
- 513 *OBS: Sôôôô!
- 514 %act: **CHI volta a brincar com os hashis. (4)**
- 515 *OBS: S.!
- 516 *GMO: xxx [?].
- 517 *OBS: a mamãe vai fica(r) brava.
- 518 *GMO: xxx [?] você é teimosa olha lá.
- 519 *OBS: vai Sô teimosa!
- 520 *GMO: tão bonitinha S. põe as coisa(s) <xxx.> [?] [< falam ao mesmo tempo]
- 521 *OBS: <só> [> falam ao mesmo tempo] a calcinha Sô! vai eu num vo(u) nem por a blusa em você só a calcinha.
- 523 *GMO: xxx [?] fica tranquila num é?
- 524 *OBS: vai mãe põe você aqui.
- 525 *CHI: **eu vo(u) po(r)! (5)**
- 526 *CHI: **eu vo(u) po(r)! (5.1)**
- 527 *CHI: [choraminga].
- 528 *GMO: ela vai por.
- 529 *OBS: então vai, põe.
- 530 *OBS: vai.

- 531 *CHI: **mas e sua mão? eu vo(u) segura(r) <um pou...>** [< falam ao mesmo tempo]
(6)
- 532 *OBS: <não!> [> falam ao mesmo tempo] esse aqui não é pra você segura(r)!
- 533 *CHI: **mas eu vo(u)...** (7)
- 534 *OBS: vai to(ma)! põe a perna aqui!
- 535 *CHI: **vo(u) ve(r) um <pouquinho>...** [< falam ao mesmo tempo] (8)
- 536 *OBS: vai Sô!
- 537 *CHI: **mas quero ve(r) um pouquinho.** (9)
- 538 *OBS: Sôôôô!
- 539 *CHI: **quero ve(r) um pouquinho!** (10)
- 540 *OBS: eu vo(u) embora!
- 541 %act: **CHI tenta pegar a câmera de OBS.** (11)
- 542 *GMO: como a S. é teimosa viu!
- 543 *OBS: é!
- 544 *GMO: xxx [?] com ela?
- 545 *OBS: teimosia! vai ô teimosia!
- 546 *GMO: xxx [?].
- 547 *CHI: **deixa eu ve(r) um pouquinho?** (12)
- 548 *OBS: num dá porque eu (es)to(u) filmando você!
- 549 *CHI: **mas eu quero um pouquinho.** (13)
- 550 %act: OBS vira a câmera para CHI.
- 551 *OBS: o(lha) (vo)cê num vai ve(r) nada, (es)tá vendo o(lha)?!
- 552 (es)tá filmando a televisão (en)tendeu?
- 553 %act: **CHI olha para a televisão.** (14)”

Nessa situação, temos uma longa tentativa de negociação entre a observadora e a criança, primeiro sobre o tópico vestir a calcinha passando, em seguida, para segurar a filmadora de OBS que, no início, queria que S., após tomar banho, vestisse a roupa de baixo, mas esta se recusa incessantemente em fazê-lo.

Em (1) “mas meu bumbum (es)tá doendo demais!” deparamo-nos com um contra-argumento, através do qual a menina se opõe ao argumento do outro nos turnos anteriores, negando-se a fazer o que lhe era dito e apoiando seu posicionamento em uma justificativa, que era estar com dor no bumbum. Ao retomar de forma explícita enunciados e tópico imediatamente precedentes temos, em (1), um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pela conjunção “mas”. Sem sucesso em seu contra-argumento em (1), desde que a

interlocutora continuou a argumentar para que S. colocasse a calcinha, a menina então muda de estratégia, posicionando-se agora através de um enunciado não-verbal em (2) “[brincando].”, mantendo seu ponto de vista de que não queria vestir-se, mas agora ignorando a observadora e sua imposição, brincando ao invés de responder a ela. Acreditamos que trata-se, também, de um contra-argumento, enunciado complexo, retomando enunciados anteriores para sua composição por junção adversativa subentendida.

S. continua contra argumentando em (3) “mas a minha boca (es)tá cheia de comida.”, mantendo seu posicionamento inicial, mas, mudando sua justificativa, mudança essa feita, talvez, para apoiar melhor seu ponto de vista, desde que as perspectivas adotadas por S. anteriormente não foram eficazes, ou seja, não convenceram sua interlocutora. Ainda que traga uma nova justificativa, o tópico ainda é o mesmo, assim como (3) está relacionado aos enunciados anteriores, da própria menina e de OBS, de modo que trata-se de um enunciado complexo de junção adversativa, instaurado pela conjunção “mas”. Esse contra-argumento de S. não é aceito por sua interlocutora (turnos 509 a 511) e a menina então volta a reorganizar seu discurso, tendo em vista o convencimento do outro.

Acreditamos que seja possível o enunciado não-verbal (4) (CHI volta a brincar com os hashis.) seja um contra-argumento da menina, que ignora a tia e aquilo que ela demandava, através do que consideramos ser um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida. Não ignoramos o fato de que (4) pode não ser um contra-argumento, mas, pura e simplesmente uma ação da criança ao se distrair com o objeto que tinha nas mãos, porém, baseados em toda a cena enunciativa em questão, não acreditamos que de fato o seja, porém, um discurso argumentativo, produzido intencionalmente.

Após muita insistência das interlocutoras, OBS e GMO, que chegam a ameaçar S. com a figura de autoridade da mãe (turno 517, OBS: “a mamãe vai fica(r) brava.”), a menina responde em (5) “eu vo(u) po(r)!”, (e. complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, mas assim compreendida a partir do todo contextual) repetindo sua resposta em (5.1), mudando seu posicionamento inicial e passando a consentir com o pedido dos outros sujeitos do discurso, tendo sido convencida por eles, choramingando logo após dizê-lo. Dessa forma, encerra-se essa cena enunciativa, dando lugar à outra, também de negociação, que começa quase que imediatamente em seguida, no turno 531, quando S. diz (6) “mas e sua mão? eu vo(u) segura(r) um pou...”, até que é interrompida por OBS. Nesse enunciado, a criança argumenta com sua tia como ela vestiria a calcinha em S. se estava com uma das mãos ocupadas, segurando a câmera, ao que a menina, que queria segurá-la, se oferece para fazê-lo, antecipando o contra-argumento de sua interlocutora ao dizer que seguraria a máquina “só um

pouquinho.”, tendo sido interrompida enquanto falava. Podemos entender, também, que segurar a câmera é uma justificativa para liberar a mão ocupada de OBS para que ela, então, colocasse a calcinha na criança. Portanto, temos em (6) um argumento, um enunciado complexo, desde que retoma o tópico anterior (pôr a calcinha), ainda que traga novos elementos para o discurso. Assim ocorre pelo que acreditamos ser a junção adversativa, fixada pela conjunção “mas”.

É preciso esclarecer que, ainda que o foco apresentado em (6) seja outro, que é segurar a câmera, o aparentemente novo ponto de vista defendido pelo sujeito se dá a partir de tópico e enunciados anteriores, que tratavam da tia vestir a calcinha na menina. Segurar a câmera para liberar a mão de OBS, para que essa vestisse a roupa em questão foi uma maneira que CHI encontrou para argumentar a favor daquilo que queria – segurar a máquina – a partir de algo que ela consentira, tendo sido convencida, em (5), repetido em (5.1), com sua interlocutora, que fora enfim vestir a peça de roupa íntima.

Quando S. argumenta em (6), sua interlocutora prontamente se opõe ao seu discurso nos turnos 532 e 534, ao que CHI volta a argumentar em (7) “mas eu vou...”, tendo sido interrompida por OBS, e em (8) “vo(u) ve(r) um pouquinho...”, mais uma vez antecipando um possível contra-argumento de OBS. O mesmo ocorre nos enunciados (9) “mas quero ve(r) um pouquinho.” e (10) “quero ve(r) um pouquinho!”, que também antecipam possível contra-argumento. Os enunciados (7), (8), (9) e (10) são todos argumentos, enunciados complexos que retomam de forma explícita tópico e enunciados anteriores, com os quais estabelecem relação semântica através da junção adversativa, instaurada principalmente pela conjunção “mas” e, em alguns casos, como em (8) e (10) com elemento linguístico de oposição subentendido.

Imediatamente, a observadora contra-argumenta dizendo “eu vo(u) embora!”, ameaçando fazê-lo caso S. não parasse de lhe pedir a câmera, mas, a criança, ainda que deixe de se expressar verbalmente, argumenta através de um enunciado não-verbal em (11) (CHI tenta pegar a câmera de OBS.), avançando para o equipamento e tentando pegá-lo. Entendemos esse enunciado como um argumento, através do qual a criança mantém seu posicionamento inicial de (6) e enunciados subsequentes, os retomando (e. complexo), opondo-se (junção adversativa subentendida) à negação de OBS de dar o objeto a ela, CHI.

Mais uma vez, sem ter sucesso na negociação, S. argumenta em (12) “deixa eu ve(r) um pouquinho?”, se opondo à negação de sua interlocutora, agora com ela tentando negociar através não mais de afirmações e ações, como em (11), mas de um pedido, acompanhado do verbo “deixar” no presente do indicativo (CASTILHO, 2014). Acreditamos que por

questionar, pedir, e não mais afirmar e avançar para a câmera, como fizera antes, questionamento esse caracterizado não somente pela entonação descendente da criança como, também – assim julgamos – pela presença do verbo “deixar”, espera-se que o enunciado argumentativo de S. em (12) seja mais bem aceito pela observadora. Assim supomos a partir da análise de nosso *corpus*, no qual pudemos observar que quando a criança é educada com adultos, usa do “por favor” ou é instigada a fazê-lo e pede, ao invés de ordenar, sendo o pedido aceito mais rapidamente, tendo também mais probabilidade de convencimento. Sob os aspectos gramaticais elencados para essa pesquisa, concluímos que (12) é um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida.

O enunciado (13) “mas eu quero um pouquinho.” mostra-se também um argumento, enunciado complexo, de junção adversativa instaurada por conjunção adversativa e sua análise desenvolve-se na mesma maneira daquelas dos enunciados (9) e (10), por isso, não iremos repeti-la. Com relação a (13), a observadora contra-argumenta nos turnos 550 e 551, ao aceitar, em partes, o argumento inicial da criança, voltando-lhe a câmera, mas não deixando que a menina a segurasse, mostrando para ela que, se ela pegasse o objeto e se olhasse para a tela não iria ver a si mesma, mas sim a outra coisa, no caso a televisão. A criança então observa o televisor e deixa de se posicionar, encerrando-se a cena enunciativa.

Consideramos que a ação de S., no turno 553, - que se constitui um enunciado não-verbal – de voltar-se para a televisão, considerado por nós o enunciado argumentativo de número (14) desse excerto, aparentemente, como sendo uma resposta, visto que abandona, imediatamente, a negociação que se estendia até então, figurando, nesse caso, como um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, desde que a criança, tendo sido convencida, aceita o posicionamento de sua interlocutora nos turnos 550 e 551, assim encerrando a cena enunciativa.

7.5) “856 *OBS: que que (vo)cê (es)tá pondo nele? roupa do quê? que que é essa roupa aqui?

858 *CHI: é de de b(r)inquedo.

859 *OBS: roupa de brinquedo?

860 *CHI: **não pode tira(r) dele! (1)**

861 %act: OBS tira a roupa de colar da personagem.

862 *CHI: **deixa assim e(s)condido porque o lobo vai vai pega(r) ele! (1.1)**

863 *OBS: [ri] e aí se ele fica escondido o lobo não pega?

864 *CHI: é.”

De alguns turnos anteriores até esse momento, S. e OBS liam e brincavam com um livro da menina, no qual roupas de papel imantadas podiam ser colocadas nas personagens do livro, vestindo-as de diversas profissões, como astronauta, bombeiro, explorador, fazendeiro etc.

A observadora, no turno 861, retira uma das roupas que S. havia colocado em uma das personagens, ao que a menina contra-argumenta em (1) “não pode tira(r) dele!”, opondo-se à ação de OBS e introduzindo seu ponto de vista sobre o tópico (livro) que guiava o discurso naquele momento, tópico esse anterior e retomada explícita, de forma que temos, então, um enunciado complexo, que estabelece relação com enunciados precedentes (principalmente a ação de OBS em 861) por meio de junção adversativa, instaurada pelo advérbio de negação “não”. Logo em seguida, a criança apresenta uma justificativa para seu argumento de que a tia não podia tirar o ímã do lugar, em (1.1) “deixa assim e(s)condido porque o lobo vai vai pega(r) ele!”, um enunciado que faz parte do anterior, trazendo junção causal, com “porque” subentendido. Em (1.1) a razão, causa, abordada pela criança para sustentar seu ponto de vista traz elementos narrativos dos contos de fada, principalmente através da figura do lobo – provavelmente mau – que é usado como um dos elementos do motivo para que OBS não retirasse a roupa da personagem.

A interlocutora não contra-argumenta com a criança e com ela parece concordar, convencida pelo discurso da menina, ao que temos uma resposta, ou seja, a observadora não mais tirando a roupa das personagens, finalizando a cena enunciativa em questão.

8.5) “986 *OBS: você fez ballet! cadê sua roupa de ballet?

987 *OBS: deixa eu ve(r) sua roupa de ballet.

988 *CHI: **agora não pode faze(r) ballet. (1)**

989 *OBS: não eu só quero ve(r) a roupa.

990 *OBS: deixa eu ve(r) sua roupa de ballet.

991 %act: **CHI vai até sua mochila e pega o uniforme com o qual faz aulas de ballet. (2)**

993 *GMO: S. (es)tá pronta a sopinha!

994 *OBS: ai que liindaa!

995 %act: CHI mostra o collant rosa para OBS.

996 *CHI: **mas você... (3)**

997 *CHI: **a gente não pode pôr a roupa agora. (3)**

998 *OBS: é só quando vai faze(r) aula de ballet né?”

Aqui, OBS argumentou (turno 987) que gostaria de ver a roupa de ballet de S., pedindo-lhe que deixasse vê-la, mas a menina nega fazê-lo, dizendo em (1) “agora não pode faze(r) ballet.”, opondo-se (contra-argumento), dessa forma, ao pedido de sua interlocutora, apoiando essa oposição no fato de que não era hora de – não se podia – fazer ballet, introduzindo seu ponto de vista sobre o tópico em questão, assim como a possibilidade alternativa para o argumento de sua tia, com o qual não concordara, sendo essa possibilidade não mostrar a roupa, porque não era hora da aula de ballet. Assim S. faz, através de um enunciado complexo, que retoma explicitamente o enunciado anterior da observadora, como também, o tópico por ela abordado, através da junção adversativa, instaurada principalmente pelo advérbio de negação “não”.

Mas OBS volta a argumentar, dizendo que não queria dançar ou que S. dançasse, mas apenas queria ver o uniforme que ela usava para realizar as aulas de ballet, ao que a menina responde no turno 991, fazendo-o por meio de um enunciado não-verbal, uma ação, (2) (CHI vai até sua mochila e pega o uniforme com o qual faz aulas de ballet.), aceitando o posicionamento de sua interlocutora e mudando o seu próprio, consentindo com o pedido do outro. Consideramos (2) como sendo um enunciado complexo, desde que retoma semanticamente e de forma explícita os enunciados e tópico anteriores através de junção, nesse caso, consensual/de convencimento, expressa não verbalmente, mas pela própria ação da criança de ir até sua mochila e pegar a roupa, que leva até a interlocutora.

Enquanto a observadora admira o uniforme, a menina argumenta em (3) “mas você... a gente não pode pôr a roupa agora.”, retomando seu argumento em (1) e, conseqüentemente, o reforçando, seja para sua tia ou para ela mesma, de modo que temos um e. complexo, de junção adversativa, instaurada pela conjunção adversativa “mas” e pelo advérbio de negação “não”. A resposta para esse argumento vem da interlocutora no turno 998, que faz uma “pergunta retórica” para a menina, concordando com ela de que não se podia vestir a roupa naquele momento, acrescentando que só se podia fazê-lo para a aula de ballet. Assim ela encerra a negociação, havendo consenso entre as partes.

- 9.5) “1005 *OBS: (vo)cê tem e onde (es)tá a sapatilha, fico(u) na escola?
 1006 *CHI: não, deixa eu mostra(r).
 1007 %act: CHI procura dentro de sua mochila.
 1008 *CHI: acho(u)!
 1009 *OBS: ai que gracinha essa sapatilha! [ri]
 1010 *CHI: amanhã.
 1011 *CHI: que bonitinha!

1012 *CHI: **mas a minha mãe não deixa.** (1)

1013 *OBS: ela não deixa? porque vai estraga(r) n(ão) é?!

1015 *CHI: **o(lha) deixa eu mostra(r) um....** (2)

1016 %act: **CHI volta a pegar o livro.”** (2)

Esse episódio dá continuidade ao anterior, de modo que o tópico que rege o discurso em questão é a roupa de ballet de S., que levava o uniforme para OBS e o mostrava para ela. A criança surge com um argumento no turno 1012, dizendo (1) “mas minha mãe não deixa.”, introduzindo um ponto de vista na comunicação. Acreditamos que o enunciado (1) não somente reintroduz tópico, mas também, reformula o próprio argumento e ponto de vista, que antes era não poder vestir a roupa (enunciados 1 e 3 da passagem analisada em 8.5) e que, agora, traz uma justificativa, como em “não poder vestir a roupa porque a mãe não a deixa fazê-lo”, ou ainda “a mãe não deixa vestir a roupa, por isso não se deve/pode fazê-lo”. Pode se tratar não de uma justificativa, mas, – acreditamos ser mais provável – do ponto de vista do sujeito, e assim tendemos a compreendê-lo como enunciado complexo, de junção adversativa, assim instaurada por meio dos elementos linguísticos “mas” e “não”.

A interlocutora volta a verbalizar o posicionamento de S. no turno 1013, apresentando para ele uma justificativa, que foi a mãe não deixar S. vestir a roupa fora do horário da aula para que ela não estragasse. Podemos ter, nesse sentido, convencimento de OBS pelo argumento de CHI, figurando seu discurso no turno 1013 como resposta. Outra possibilidade, que acreditamos mais acertada, é a resposta ter partido da própria menina, que não respondeu à pergunta feita por sua interlocutora e, nos turnos 1015 e 1016, em (2) “o(lha) deixa eu mostra(r) um...(+ CHI volta a pegar o livro.)”, enunciado verbal e não-verbal, muda o tópico do discurso, encerrando o anterior e, dessa forma, a cena enunciativa que se desenrolava até então. Ao fazê-lo a menina parece se valer de um enunciado simples, desde que aborda novo tópico, mas não descartamos a possibilidade de ser um “enunciado” complexo, de junção adversativa, que se opõe ao tópico anterior em favor de um novo tópico, que é ver o livro.

10.5) “1106 *OBS: acho que eu vo(u) toma(r) essa sopinha!

1107 *OBS: pode toma(r) essa sopinha?

1108 *CHI: **nããã!** (1)

1109 *OBS: ahh! deixa eu...

1110 *CHI: **eu que vo(u) (en)gulii(r)!** (2)

1111 *OBS: deixa eu...

1112 *CHI: xxx [?].

1113 *CHI: **então você vai tomaaa(r) dodói!** (3)

- 1114 *OBS: como é que é?
- 1115 *CHI: dodói!
- 1116 *OBS: que é isso que tá falando S.?
- 1117 *CHI: falei você vai tomaaa(r)...
- 1118 *OBS: vo(u) toma(r) dodói!
- 1119 *GMO: eeh cuidado que vai cai(r) tudo na...
- 1120 *CHI: **você vai tomaa(r) sopinha então! (4)**
- 1121 *OBS: sopinha? oba!
- 1122 *OBS: vo(u) toma(r) essa sopinha aí o(lha).
- 1123 *CHI: **de jeito nenhum (vo)cê vai toma(r) essa sopinhaa! (5)**
- 1124 *OBS: [rindo] de jeito nehnum é ótimo!
- 1125 *OBS: [ri]
- 1126 *CHI: **mas você vai toma(r) o um xxx [?]. (6)**
- 1127 *OBS: como é que é ?
- 1128 *CHI: **você vai toma(r) o suco então. (6.1)**
- 1129 *OBS: vo(u) toma(r) suco?
- 1130 *CHI: é.
- 1131 *OBS: aah mas eu quero toma(r) sopa não pode?
- 1132 *CHI: **então você vai toma(r) dodói então! (7)**
- 1133 *OBS: aah como eu vo(u) toma(r) dodói?
- 1134 *OBS: aí eu vo(u) fica(r) dodói, aí não vo(u) pode(r) mais vim visita(r) a S.
- 1135 *CHI: **então você vai toma(r) sopa então. (8)**
- 1136 *OBS: ah bom então tá bom!”

Aqui, uma longa negociação entre a criança e sua interlocutora, OBS, se estabelece acerca do jantar da menina: sopa. Sobre esse tópico a comunicação no episódio em questão ocorreu.

A sopa foi requerida pela observadora e imediatamente negada por S., que contra-argumenta (1) “nããã!”, opondo-se ao argumento da tia no turno 1106 (“acho que eu vou tomar essa sopinha!”), retomando-o de forma explícita para tanto, de modo que é um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pelo advérbio de negação “não”. A outra, porém, não se convence e continua a defender seu posicionamento (turno 1109), quando é interrompida pela criança, que contra-argumenta mais uma vez em (2) “eu que vo(u) (en)gulii(r)!”, defendendo seu posicionamento anterior e novamente se opondo ao discurso de OBS, afirmando que ela, S., é quem iria “engolir” (no sentido de comer) a sopa e não a sua

interlocutora. Trata-se também de um enunciado complexo, de junção adversativa agora subentendida.

OBS continua a argumentar, querendo a sopa, ao que a menina contra-argumenta em (3) “então você vai tomaaa(r) dodói!”, opondo-se ao posicionamento da observadora e oferecendo uma possibilidade alternativa (“tomar dodói”), fazendo-o através de um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida e, possivelmente, alternativa, fixada pelo “então”. O mesmo ocorre nos enunciados (4) “você vai tomaa(r) sopinha então!”, (6) “mas você vai toma(r) o um xxx [?].”, (6.1) “você vai toma(r) o suco então.” e em (7) “então você vai toma(r) dodói então!”, todos eles contra-argumentos, enunciados complexos, de junção adversativa instaurada pelo “mas”, que vezes está explícito ou não, assim como junção alternativa, instaurada pelo “então”. Todos esses enunciados se opõem aos argumentos de OBS ao longo dessa situação comunicativa.

No turno 1122, a observadora volta a contra-argumentar que tomaria sopa de S., ao que a criança se posiciona contra (contra-argumento), não oferecendo uma outra alternativa, como faz em (3), (4), (6), (6.1) e (7), mas terminantemente, opondo-se a deixar que a tia comesse sua sopa, dizendo (5) “de jeito nenhum (vo)cê vai toma(r) essa sopinhaa!”. Aqui, também um enunciado complexo, em que a menina retoma de forma explícita os enunciados e tópico que são imediatamente anteriores, presentes na situação enunciativa em questão, fazendo-o por junção adversativa instaurada pela expressão “de jeito nenhum”. Quando OBS volta a argumentar que queria a sopa, no turno 1131, a criança contra-argumenta, dizendo que ela tomaria “dodói” (turno 1132, enunciado 7), ao que a interlocutora continua opondo-se, formulando seu enunciado de modo a mostrar a consequência de tomar dodói (“aí eu vou ficar dodói/doente”) e a que isso levaria (“aí não vou poder mais vim visitar a S.”), que era uma privação de algo que CHI gostava: a visita de sua tia. Diante dessa possibilidade, a criança responde (8) “então você vai toma(r) sopa então.” (e. complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, mas compreensível pelo discurso e pela retomada do objeto em questão, a “sopa”, assim como há a presença, nesse enunciado, da junção alternativa, fixada por “então”), imediatamente abrindo mão de seu posicionamento inicial, que ela vinha defendendo até então, em prol do convencimento pelo discurso de sua interlocutora e consentimento sobre aquilo que ela queria, encerrando-se a cena enunciativa.

- 11.5) “1329 *OBS: vamo(s) da(r) sopinha pro porquinho que ele (es)tá com fome.
 1330 *OBS: vamo(s) da(r) sopinha da S. pra aquele porquinho ali da televisão?
 1331 *CHI: **não.** (1)
 1332 *OBS: ah <vamo(s)>! [< falam ao mesmo tempo]

- 1333 *CHI: <mas ele> [> falam ao mesmo tempo] xxx [?] **ó ou é duro.** (2)
- 1334 *OBS: é duro?! [ri]
- 1335 *GMO: <S.!> [< falam ao mesmo tempo]
- 1336 *CHI: <deixa eu> [> falam ao mesmo tempo] xxx [?].
- 1337 *GMO: S.!
- 1338 *CHI: xxx [?].
- 1339 %act: CHI vai olhar atrás da TV.
- 1340 *GMO: (es)to(u) esperando.
- 1341 *GMO: <não> xxx [?!]
- 1342 *CHI: <óó(lha)>.
- 1343 *OBS: [ri]
- 1344 *CHI: (es)tá vendo?!
- 1345 *GMO: vai vamo(s) rápido vai!”

Aqui OBS havia dito para S. dar sua sopa para o porquinho, uma das personagens do desenho animado que passava na TV (turnos 1329 e 1330), mas ela se nega a fazê-lo. Em (1) “não.” S. se opôs ao discurso de sua interlocutora, o qual retoma para realizar a oposição, de modo que temos um enunciado complexo (contra-argumento, de junção adversativa instaurada pelo advérbio de negação “não”), tratando-se de um contra-argumento. Porém, a interlocutora não se convence pelo discurso da criança e volta a argumentar com S., que com ela contra-argumenta mais uma vez em (2) “<mas ele> xxx [?] **ó ou é duro.**”, ainda opondo-se ao discurso do outro, mas então, explicitando uma razão que justifique e dê suporte para seu posicionamento inicial – o sujeito reformulou seu argumento, mantendo seu ponto de vista -, que é não dar sopa para a personagem porque a tela da televisão era dura e, por isso, impossível passar a comida por lá. Assim, (2) também é um enunciado complexo, que retoma os anteriores, assim como o tópico que guiava a conversação, por meio da junção adversativa, instaurada pela conjunção “mas” e junção causal subentendida, que introduz a razão para o argumento, que é a tela do televisor ser dura, impossibilitando que se passasse a comida através dela.

Em turnos seguintes S. foi até o televisor (1339) e o inspecionou, provavelmente, para confirmar seu posicionamento e ver se não havia mesmo como passar a comida, o que ela afirma para a observadora a seguir (turno 1344). OBS responde, apenas rindo e não mais tratando do assunto, que é mudado pela GMO, que volta a oferecer sopa para a menina e diz estar esperando por ela para servi-la.

12.5) “1382 *CHI: **deixa <eu ve(r)?>** [< falam ao mesmo tempo] (1)

- 1383 *MOT: queria queria faze(r) o ballet o xxx [?].
- 1384 *CHI: **deixa eu ve(r)!** (2)
- 1385 %act: CHI quer ver a câmera que está com OBS.
- 1386 *OBS: não dá se você ve(r) você vai ve(r) televisão olha aí o(lha).
- 1387 *MOT: deixa eu vee(r)!
- 1388 %act: MOT imita CHI.
- 1389 *CHI: **deixa eu segura(r) um pouquinho?** (3)
- 1390 *OBS: não.
- 1391 *MOT: ai as mania de segura(r).
- 1392 *OBS: Sosô não (vo)cê tem que segura(r) o livro.”

A tia da criança estava filmando-a e a menina pede, como fizera nesse mesmo vídeo, em enunciados muito anteriores, para segurar a câmera com a qual ela a filmava. S. pede pela câmera no enunciado (1) “deixa <eu ve(r)>?”, o que podemos considerar um argumento, pois introduz ponto de vista do sujeito no discurso, mas a justificativa para o mesmo está implícita. Trata-se, nesse caso, de um enunciado complexo, desde que ele reintroduz tópico precedente, ainda que relativamente distante da situação em que foi produzido. Julgamos que esse enunciado estabelece relação com enunciados e tópico anteriores através de conjunção adversativa subentendida. Sendo, no primeiro momento, ignorada por sua interlocutora, que fica em silêncio sobre o assunto, S. argumenta mais uma vez, (2) “deixa eu ve(r)!”, mantendo o mesmo posicionamento de (1), mas deixando de usar um tom prosódico que indicava pergunta, como em seu primeiro enunciado, em favor de uma ordem, com o verbo “deixar” no imperativo. Nesse caso temos um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida.

Finalmente a interlocutora se pronuncia, contra-argumentando com CHI e dizendo que se desse a câmera para ela, a menina não se veria na tela, mas a televisão. S., porém, continua a argumentar, agora em (3) “deixa eu segura(r) um pouquinho?”, mantendo seu ponto de vista inicial. Temos, então, um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida, que retoma de forma explícita tópico e enunciados anteriores. Seguindo, a observadora se nega, mais uma vez, a entregar a filmadora para a menina, que não volta a tratar do assunto, atitude essa que consideramos a resposta dessa cena (e. complexo, junção consensual/de convencimento subentendida).

- 13.5)** “1397 *OBS: o(lha) a sapatilha lá que bonitinha a sapatilha da Sô.
- 1398 *MOT: cadê?
- 1399 *MOT: tem uma só cadê a outra?
- 1400 *CHI: **mãe, quero pôr a roupa da ba(i)larina.** (1)

- 1401 *MOT: ai S. não! não começa!
- 1402 *CHI: **só um pouquinho!** (2)
- 1403 *MOT: não começa.
- 1404 *CHI: **só um pouquinho!** (3)
- 1405 *OBS: aah tem a sainha também?
- 1406 *OBS: deixa eu ver o que que tem?
- 1407 *GMO: deixa ela mostrar xxx [?].
- 1408 *CHI: **eu quero um pouquinho!** (4)
- 1409 *CHI: eu quero co...*
- 1410 *OBS: isso é a sainha que vai junto?
- 1411 *CHI: **eu quero...** (5)
- 1412 *MOT: é o(lha).
- 1413 *OBS: ah tem meia calça.
- 1414 *CHI: **...pôr.** (5)
- 1415 *CHI: **eu quero pôr a roupa da...** (6)
- 1416 *MOT: ...bailarina!
- 1417 *OBS: [ri]
- 1418 *MOT: viu eu até já sei, xxx [?] a encheção.
- 1419 *GMO: xxx [?].
- 1420 *OBS: Sô assim você vai estragar Sô.
- 1421 %act: **CHI tenta colocar a sapatilha de ballet.** (7)
- 1422 *MOT: vai esrtagar S.!
- 1423 *GMO: xxx [?].
- 1424 *CHI: **mas eu quero pôr...** (8)
- 1425 *MOT: eu coloco pra você vem.
- 1426 *CHI: **eu quero pôr a roupa da bailarina!** (9)
- 1427 *MOT: (es)tá bom já ouvi! para de repeti meu!
- 1429 *OBS: [ri]
- 1430 *MOT: fala trezentas vezes a <mesma coisa.> [< falam ao mesmo tempo]
- 1431 *CHI: <**mas eu quero**> [> falam ao mesmo tempo] **pôr a roupa da bailarina.** (10)
- 1432 *OBS: [ri]
- 1433 *MOT: aaai.”

Logo em seguida à situação anteriormente retratada em 12.5, sobre a câmera, a mãe de S. mudara o assunto da comunicação, passando a tratar do uniforme de ballet da filha, o qual

admirava e mostrava para sua irmã, a observadora. A roupa em questão se tornará o tópico da cena argumentativa, iniciada pela menina no turno 1400, quando esta argumentou com sua mãe em (1) “mãe, quero pôr a roupa da ba(i)larina.”, expressando e introduzindo seu posicionamento no discurso, apoiando-se, para tanto, no tópico que era tratado pelas suas interlocutoras (a roupa de ballet), a partir do qual defendeu seu ponto de vista, de modo que temos um argumento, formado por enunciado complexo de junção – assim julgamos – aditiva ou adversativa, ambas subentendidas.

Logo em seguida MOT contra-argumenta, negando-se a deixar que a filha vestisse o uniforme, ao que S. argumenta em (2) “só um pouquinho!” (com relação ao turno 1401) e em (3) (com relação ao turno 1403), opondo-se ao discurso de sua interlocutora e defendendo seu posicionamento inicial, apresentado para tanto uma reformulação do ponto de vista, que é o mesmo (querer pôr a roupa), mas “só um pouquinho”. S. fará o mesmo no enunciado (4), todos eles enunciados complexos, que retomam explicitamente tópico e enunciados anteriores, com os quais estabelecem relação semântica por junção adversativa subentendida, significando algo como “mas eu quero pôr (mas) só um pouquinho.” Os elementos linguísticos “só” e “pouquinho” foram por nós compreendidos como atenuadores, funcionando, no discurso, de maneira parecida com o “por favor”, objetivando o mais eficiente e provável convencimento e concessão do interlocutor.

No turno 1409, a criança produz um enunciado – que é interrompido pela sua interlocutora, OBS – que aparenta figurar como contra-argumento, contudo, por não estar finalizado, não iremos analisá-lo. Nos turnos seguintes, 1411 e 1414, ela formula completamente seu discurso, (5) “eu quero pôr.”, também um argumento, que defende o posicionamento inicial de CHI e contrapõe-se aos enunciados de seus interlocutores, que negavam-lhe deixar vestir a roupa de ballet. Como nos enunciados precedentes, (5) é também um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores de forma explícita, através de junção adversativa subentendida. Essa mesma análise vale para os enunciados (6), este completado por MOT (turno 1416), (7), (8), (9) e (10), todos eles contra-argumentos, enunciados complexos, de junção adversativa, de modo que não repetiremos sua descrição, contudo, vale ressaltar que em (10) (CHI tenta colocar a sapatilha de ballet), deparamo-nos com um argumento não-verbal, constituído pela ação da menina de tentar colocar a sapatilha, a despeito de suas interlocutoras, principalmente sua mãe, não o ter permitido, indicando oposição ao posicionamento das mesmas e defesa do posicionamento defendido desde o primeiro argumento.

Ao final, a criança vence a negociação a seu favor, desde que sua mãe lhe responde, tendo sido convencida por ela e concordando em ajudá-la a vestir o uniforme, como a mesma expressa no turno 1425 (“eu coloco pra você vem.”) e, portanto, deixando que ela o vestisse, como tanto queria.

15.5) “1701 *OBS: hum! vai cai(r)!”

1702 *CHI: **deixa eu ve(r) de novo um pouquinho.** (1)

1703 *MOT: vai vamo(s) pra lá que (es)tá ruim aqui. vamo(s) pra...

1705 *MOT: (es)pera aí mãe deixa eu só tira(r) a fotinho aqui dela.”

Em turnos anteriores, MOT e CHI olhavam a câmera da primeira, que continha várias fotos da menina, inclusive aquelas que acabara de tirar dela vestida com o uniforme de ballet. S. argumentou em (1) “deixa eu ve(r) de novo um pouquinho.”, (re)introduzindo seu ponto de vista, sem uma justificativa explícita, assim como ela antecipa um possível contra-argumento de sua interlocutora, dizendo que queria ver a câmera e que a mãe a deixasse fazê-lo novamente “um pouquinho.” Temos aqui um enunciado complexo, que revisita tópico e enunciados anteriores e mesmo posteriores (ao pensarmos na antecipação) explicitamente, através de junção que julgamos ser, nesse caso, aditiva, instaurada pelo “de novo”.

A mãe então parece contra-argumentar, ignorando o pedido da criança e mudando de assunto, dizendo que ela se afastasse para tirar uma foto sua. A menina então lhe responde, atendendo ao pedido da mãe e não mais pedindo a câmera. Ainda que não-verbal, essa resposta expressa pela ação do sujeito, apresenta-se como um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento.

16.5) “1832 *CHI: (vo)cê vai pôr a roupa da bailarina?”

1833 *MOT: é a mamãe não tem só você é bailarina.

1834 *OBS: [ri].

1835 *CHI: não eu vo(u) compra(r) uma roupa de ballet pra você e teteia!

1836 %com: teteia é como CHI chama OBS, que é sua tia.

1837 *MOT: <aaaaah!> [< falam ao mesmo tempo]

1838 *OBS: <ah é? que legaaal!> [> falam ao mesmo tempo]

1839 *MOT: [ri].

1840 *OBS: [ri].

1841 *OBS: e a vovó?

1842 *CHI: pra ela também!

1843 *OBS: ah pra ela também?

1844 *MOT: e pro vovô?

- 1845 *OBS: e o vovô também?
- 1846 *CHI: num num usa vovô.
- 1847 *OBS: [ri].
- 1848 *GMO: vovô num usa n(ão) é? [ri]
- 1849 *CHI: vovó!
- 1850 *GMO: oi menina.
- 1851 *CHI: eu vô compra uma um um ballet junto com você uma roupa bem aqui e uma xxx [?] da bailarina...
- 1853 *GMO: pra mim?
- 1854 *CHI: e uma sapatilha da bailarina e a, outra sapatilha da bailarina!
- 1855 *GMO: queridinha!
- 1856 %act: MOT imita o soluço de CHI.
- 1857 *OBS: [ri].
- 1858 *CHI: mas o vovô num usa!
- 1859 *OBS: o vovô num usa?
- 1860 *CHI: não.
- 1861 *OBS: mas não tem bailarino?
- 1862 *CHI: **ééé mas o vovô usa a roupa diferente de bailarino. (1)**
- 1863 *MOT: <aaaah!> [<falam ao mesmo tempo]
- 1864 *OBS: <aaaaah> [>falam ao mesmo tempo] tem uma roupa diferente de bailarino?
- 1865 *OBS: como que é a roupa <do bailarino?> [<falam ao mesmo tempo]
- 1866 *MOT: <o(lha)! bailarino!> [>falam ao mesmo tempo]
- [...]
- 1873 *CHI: o o menino <e> [<falam ao mesmo tempo] a menina fazem ballet xxx [?] eu vo(u) compra(r) uma roupa pra mamãe pra teteia..
- 1875 *OBS: <ahn.> [>falam ao mesmo tempo]
- 1876 *OBS: aaahn. [ri]
- 1877 *CHI: mas amanhã.
- 1878 *OBS: amanhã?
- 1879 hoje não?
- 1880 *CHI: não.
- 1881 *GMO: [ri].
- 1882 *CHI: xxx [?] (es)tá e(s)curo!
- 1883 *OBS: a hoje tá escuro?

1884 *CHI: [afirma].

1885 *OBS: aí quando (es)tá claro (vo)cê vai lá e compra(r)?

1886 *CHI: no (r)elógio.

1887 *MOT: xxx [?].

1888 *OBS: no relógio?

1889 *CHI: não.

1890 *CHI: na diferente eu vo(u) compra(r) um marrom igual esse aqui.”

S., toda uniformizada de bailarina, perguntou se sua mãe também não se vestiria com tal uniforme, ao que a mãe negou, desde que ela não possuía as mesmas roupas de S., assunto esse que será utilizado na cena argumentativa, havendo embate e negociação entre as interlocutoras.

Sobre o tópico da roupa de ballet, a observadora questiona o posicionamento de S. no turno 1858 (quando a menina disse que o avô não usava uniforme de dança) através de uma pergunta retórica (que responde a si mesma), dita no turno 1861, apresentando-lhe o fato de que existiam bailarinos. Inferimos então que se existem bailarinos, eles, como as bailarinas, devem, muito provavelmente, usar uniformes também. A menina então contra-argumenta em (1) “ééé mas o vovô usa a roupa diferente de bailarino.”, reagindo imediatamente ao argumento de sua tia, mudando seu posicionamento inicial de “o vovô não usa” para “o vovô usa, mas uma roupa diferente.”, tendo sido parcialmente convencida pela proposição de sua interlocutora, incorporando parte dela e passando a defender novo ponto de vista (“o vovô usa, **mas** usa uma roupa diferente”). Ao contra-argumentar em (1), S. o faz por meio de um enunciado complexo, retomando de forma explícita enunciados e tópico imediatamente anteriores através de junção consensual/de convencimento, instaurada pelo verbo “ser” no presente do indicativo, “é”, que expressa a ideia, entendemos, de “está certo/sim”, concordando que existem bailarinos homens e, também, de junção adversativa, instaurada pela conjunção “mas”, que coloca ressalvas no “roupa de ballet para o vovô”, explicadas logo em seguida pela criança, que diz serem uniformes diferentes.

As interlocutoras da menina com ela concordam, convencidas por seu discurso, assim encerrando esse tópico em questão, finalizando a cena enunciativa.

17.5) “1940 *CHI: a gente aprendeu assim o(lha), abre uma janelinha, fecha.

1941 %act: CHI faz o plié do ballet, uma flexão de joelhos.

1942 *MOT: [ri].

1943 *GMO: [ri].

1944 *OBS: [ri].

- 1945 *MOT: abre a janelinha?
- 1946 *OBS: aai gostei faz de novo!
- 1947 *MOT: faz de novo vamo(s) ve(r)!
- 1948 *CHI: você.
- 1949 *MOT: abre a janelinha...
- 1950 *CHI: abre a janelinha, fecha.
- 1951 *MOT: aaaah! [aplaude]
- 1952 *OBS: [rindo] como eles ensinam né?
- 1953 *MOT: é!
- 1954 *CHI: **você(s) vão te(r) que faze(r) a janela e fecha(r).** (1)
- 1955 *OBS: eu também tenho que faze(r)?
- 1956 *MOT: aaah <(vo)cê abre> [< falam ao mesmo tempo] e fecha.
[...]
- 1966 *CHI: **mas faz assim teteia!** (2)
- 1967 *OBS: também na ponta do pé?
- 1968 *OBS: assim o(lha)?
- 1969 *GMO: a teteia xxx [?].
- 1970 *OBS: a teteia faz ballet.
- 1971 *MOT: [ri].
- 1972 *CHI: **mas e você não pode gira(r)!** (3)
- 1973 *OBS: não posso gira(r)?
- 1974 *OBS: claro que eu posso gira(r).
- 1975 *MOT: [ri].”

A pedido de OBS e MOT, a menina lhes mostrou o que havia aprendido na aula de dança, que foi o pliê - ou demi-pliê - um passo básico do ballet que se constitui em juntar os calcanhares na chamada primeira posição e flexionar os joelhos, voltados para fora e em seguida fechá-los. A professora de S. ensinou esse movimento para a turma como “abrir a janelinha”, ou seja, flexionar os joelhos, deixando um vão – a “janelinha” – entre eles e fechá-los, voltando à posição inicial.

Foi esse o passo – pliê - que a menina mostrou e ensinou para os sujeitos da interação, argumentando em (1) “você(s) vão te(r) que faze(r) a janela e fecha(r).”, introduzindo seu ponto de vista, cuja justificativa está implícita, retomando de forma explícita tópico anterior (o passo de ballet), de modo que se trata de um enunciado complexo, de junção – assim julgamos – adversativa, instituída pelo “mas” no início do enunciado, conjunção essa que está

subentendida, mas, seu sentido é compreensível na cena em seu todo, principalmente, pelo fato de a criança antes fazer o passo e agora querer que suas interlocutoras o façam, não somente ela.

As interlocutoras de S. realizam o movimento, ao que CHI volta a argumentar em (2) “mas faz assim teteia!”, opondo-se à maneira com que OBS fazia o demi-pliê, apresentando-lhe o argumento e, conseqüentemente, possibilidade alternativa de sua realização que, agora, era na ponta dos pés. Esse argumento retoma a ação de OBS nos turnos anteriores, assim como o tópico que então guiava o discurso, com os quais se relaciona semanticamente através da junção adversativa, instaurada pelo “mas”. Não descartamos que esse “mas” tenha, nesse enunciado, um sentido aditivo de “e”, significando um desafio a mais - ficar nas pontas dos pés – para que a observadora realizasse o movimento, porém, acreditamos que, nesse contexto, se trata de junção adversativa.

A interlocutora contra-argumenta com S., dizendo que fazia ballet e, portanto, interpretamos que ela sabe como fazer o passo em questão. A criança, então, lhe apresenta uma restrição, expressa em seu argumento (3) “mas e você não pode gira(r)!”, que, de certa forma, antecipa uma ação da observadora, que era girar na ponta dos pés. A essa ação CHI opõe-se, proibindo a locutora de realizá-la. Ao fazê-lo, ela projeta um enunciado posterior, assim como retoma, explicitamente, enunciados e tópico, de modo que entendemos (3) como um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pelo “mas”.

Não deixamos de notar que em (3) “mas e você não pode gira(r)!”, ainda que enunciado de junção adversativa, há a presença de um “e”, característico das junções aditivas. Esse “e” pode não significar adição nessa frase, assim como pode fazê-lo, por isso, não descartamos nenhuma das duas possibilidades, ainda que tendemos mais para a primeira resolução.

A resposta para os contra-argumentos de OBS, que continuam, partem de S. que deixa de se opor a eles, ficando em silêncio e, logo mais, mudando de assunto, aparentemente, consentindo/concordando com ela, tendo sido convencida por seu discurso.

18.5) “1997 *MOT: que que (vo)cê pergunto(u) mãe?”

1998 *GMO: xxx [?].

1999 *OBS: abre a janeliinha <e fecha.> [< falam ao mesmo tempo]

2000 *CHI: <**não abre!**> [> falam ao mesmo tempo] **espera a mamãe!** (1)

2001 *OBS: ah espera a mamãe!

2002 *OBS: vem aqui mamãe!

2003 *CHI: mamããeee!

- 2004 *GMO: xxx [?].
- 2005 *CHI: **eu vo(u) para(r) de de faze(r) uma música.** (2)
- 2006 *OBS: [rindo] ela (es)tá dando aula (vo)cê não entendeu?!
- 2007 *MOT: aaaah xxx [?].
- 2008 *CHI: xxx [?].
- 2009 *OBS: e ela vai para(r), se você não vie(r).
- [...]
- “2016 %act: MOT e GMO conversam.
- 2017 *CHI: xxx [?], o(lha).
- 2018 *OBS: vai <ensiná(r)> [< falam ao mesmo tempo] a teteia que eu vou lá.
- 2019 *CHI: <**vai lá!**> [> falam ao mesmo tempo] (3)
- [...]
- 2036 *GMO: xxx.
- 2037 *CHI: **mamãe vem aqui porque eu vo(u) vo(u) para(r) de faz(r) a música de gira(r).** (4)
- 2039 *OBS: [ri].
- 2040 *MOT: de gira(r).
- 2041 %act: MOT imita CH .
- 2042 *CHI: viu?
- 2043 *CHI: vem aqui <fica muuuito> [< falam ao mesmo tempo] xxx [?] bailarina...
- 2044 *MOT: <xxx.> [?] [> falam ao mesmo tempo]
- 2045 %act: MOT conversa com GMO.
- 2046 *CHI: o(lha) a...”

S. ensinava o passo à OBS e MOT, a qual distraiu-se da aula de sua filha para atender a um chamado da mãe, por sua vez, avó de S. A observadora, contudo, continuara a fazer o pliê, da maneira como fora ensinado pela criança, ação perante a qual CHI se posicionou.

CHI contra-argumentou em (1), dizendo “não abre! espera a mamãe!”, opondo-se à sua tia continuar a fazer o passo, enquanto sua mãe havia saído do ambiente, apresentando assim, uma possibilidade alternativa, que era esperá-la (“espera a mamãe!”). Esse enunciado, ao opor-se ao anterior, usando do tópico que guiava o discurso até então, pode ser classificado como enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pelo “não”. Podemos associar a ela, também, a junção causal, com o elemento linguístico “porque” subentendido no enunciado, antecedendo a oração “espera a mamãe”, entendendo-se que OBS deveria parar, não devendo continuar o passo, porque precisava esperar MOT voltar para fazê-lo.

A observadora concorda com o posicionamento da criança e, quando a mãe volta para o ambiente em que ocorria a “aula”, a menina a repreende, dizendo que (2) “eu vo(u) para(r) de faze(r) uma música.”, um contra-argumento, que opõe-se à atitude de MOT de abandonar a aula e que, também, apresenta uma possibilidade alternativa, que é interromper a aula/música, entendida, por nós, como uma espécie de ameaça para as interlocutoras, uma punição por não prestarem a atenção. Como em (1), temos em (2) um enunciado complexo, de junção causal, com sentido de consequência/resultado das ações das interlocutoras (“eu vou parar de fazer música porque vocês não prestam a atenção na aula”), subentendida na frase, mas que podemos depreendê-la de todo o contexto situacional. Em (4) ocorre o mesmo que em (2), sendo também um contra-argumento, enunciado complexo, de junção causal expressa por “porque”.

Contudo, MOT ignora o contra-argumento da filha e volta a conversar com a avó (turno 2016), ao que S. contra-argumenta em (3) “vai lá!”, opondo-se à atitude de sua mãe e defendendo seu posicionamento inicial, ordenando – usa o verbo “ir” no imperativo – que ela fosse até onde S. estava ministrando sua aula de ballet, voltando sua atenção, mais uma vez, para ela. Em (3), ao retomar tópico e enunciados imediatamente anteriores de forma explícita (principalmente a atitude de MOT no turno 2016), figura como um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida.

A resposta dessa cena enunciativa pode ter decorrido na atitude de MOT no turno 1045, quando ela não aceitou nem acatou o posicionamento de sua filha, voltando a não prestar a atenção na aula, conversando com GMO, tanto quanto pode ter sido produzido pela própria criança que, no turno 2046, volta sua atenção para a televisão, não mais se posicionando sobre o tópico em questão.

19.5) “2085 *OBS: faz pra vovó.

2086 *CHI: **vem aqui na na sala e a...** (1)

2087 *GMO: a vovó não vai faze(r) nada disso (es)tá bom?!

2088 *OBS: [ri].

2089 *CHI: **xxx [?] faze(r) um pouquinho...** (2)

2090 *OBS: é uma aula fala vovó é <uma aula> [< falam ao mesmo tempo] .

2091 *CHI: <**mas é uma**> [> falam ao mesmo tempo] **aula porque você <faz>** [< falam ao mesmo tempo] **um pouquinho a mamãe ensino(u) pra mim.** (3)

2093 *OBS: <[ri]> [> falam ao mesmo tempo].

2094 *OBS: [ri].

2095 *GMO: então mas então me fala que eu vejo.

- 2096 *CHI: **não mas eu vo(u) para(r) de faze(r) uma música.** (4)
- 2097 *OBS: [ri].
- 2098 *GMO: vai para(r)?
- 2099 %act: MOT imita CHI que fala "palá" e não "pará", de parar .
- 2100 *CHI: vai.
- 2101 *OBS: [ri].
- 2102 *CHI: **eu vo(u) fica(r) muito brava!** (5)
- 2103 *GMO: ah não porque a S. não fica muito brava n(ão) é?!
- 2104 *OBS: não fica brava vai Sô!
- 2105 *CHI: **eu vo(u) fica(r) aqui na cabaninha!** (6)
- 2106 *OBS: [ri].
- 2107 *GMO: xxx [?].
- 2108 *MOT: [ri].
- 2109 *CHI: mas e você você...
- 2110 *OBS: eu faço a tua aula, eu faço.
- 2111 *MOT: mamãe também <(es)tá aqui agora vai.> [< falam ao mesmo tempo]
- 2112 *OBS: <o(lha) lá mamãe> [> falam ao mesmo tempo] também vai faze(r) vai.
- 2113 *OBS: vamo(s) lá.
- 2114 *CHI: xxx [?].
- 2115 *OBS: [ri].
- 2116 *CHI: **vem aqui, vem.**” (7)

Ainda sobre o tópico da aula de ballet, S. insistia para que a sua avó, GMO, além das outras duas interlocutoras, participasse de sua aula. Em (1) “vem aqui na na sala e a...” S. argumentou, introduzindo seu ponto de vista no discurso, cuja justificativa está implícita, mas podemos depreendê-la no todo da situação comunicativa. Ainda que introduza um novo ponto de vista, o tópico tratado por esse enunciado é o mesmo que permeava a interação desde alguns turnos atrás, de modo que ele é retomado pelo sujeito e (1) figura como um enunciado complexo, de junção que pode ser, nesse caso, adversativa subentendida, opondo-se à não presença da avó. Porém, a avó da menina se recusa a ir até a sala e contra-argumenta (turno 2087), discurso perante o qual S. se posiciona, argumentando em (2) “xxx [?] faze(r) um pouquinho...”, opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora e trazendo possibilidades alternativas, a de ela ir até a sala “só um pouquinho”, elementos que, através do *corpus* de S., são por ela utilizados como argumentativos atenuadores, visando à – maior – aceitação e convencimento do outro. Como no enunciado anterior, (2) retoma tópico e enunciados

precedentes de forma explícita, sendo, portanto, um enunciado complexo, de junção adversativa, que está subentendida na frase em questão.

No turno 2090, OBS auxilia a criança, sugerindo-lhe que falasse para GMO que se tratava de uma aula e que, por isso, ela deveria ir até a sala e fazer o exercício, não somente ficar olhando. S. usa desse discurso da observadora em seu argumento, no enunciado (3) “<mas é uma> [> falam ao mesmo tempo] aula porque você <faz> [< falam ao mesmo tempo] um pouquinho a mamãe ensino(u) pra mim.”, opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora e defendendo seu ponto de vista inicial, reelaborando sua(s) justificativa(s). Ao fazê-lo, em (3), S. produz um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pelo “mas” em “mas é uma aula” e de junção causal, instaurada pela conjunção “porque” em “porque você faz um pouquinho a mamãe ensinou pra mim.”

Apesar de seus esforços S. não consegue convencer a avó, que continua irredutível em seu posicionamento, reforçando-o no turno 2096, dizendo que observaria a aula, mas não a faria. CHI mais uma vez argumenta, agora através do enunciado (4) “não mas eu vo(u) para(r) de faze(r) uma música.”, que opõe-se ao discurso de sua interlocutora e traz uma ameaça, uma punição por GMO não fazer a aula, que é parar de fazer/cantar a aula/música. Para tanto, o sujeito, ainda que mantenha o mesmo posicionamento inicial, de que queria que sua avó fizesse sua aula, traz um ponto de vista diferente, que é a punição em si para o não cumprimento daquilo que era o objetivo de S. no e com o seu discurso.

Essa reformulação, que ocorre nesse excerto assim como em excertos anteriores e posteriores a ele, nos dá um vislumbre da revisão de perspectivas e da própria linguagem, seus elementos e uso, logo, da função psicológica, atuante nos três movimentos discursivos da argumentação (LEITÃO, 1999, 2007a, 2007b, 2008; LEITÃO, VIEIRA, 2018). Sendo assim, olhando para essas situações isoladas e, principalmente, para eles no todo, em todo o *corpus*, através do qual podemos ver, mais acentuadamente esse desenvolvimento, assim como o uso da linguagem, podemos notar, consequentemente, a própria aquisição.

Retomando, ao posicionar-se dessa forma em (4) S. produz um enunciado complexo, que retoma de forma explícita tópico e enunciados anteriores, fazendo-o semanticamente por meio de junção adversativa, inserida na frase pelo advérbio de negação “não” e pela conjunção “mas”. O mesmo irá ocorrer no enunciado (5) “eu vo(u) fica(r) muito brava!” e S. continua a argumentar com a avó, posicionando-se contra o discurso dela e apresentando outro ponto de vista que fundamenta o seu posicionamento, outra ameaça, por assim dizer, que era ficar brava pela não participação da interlocutora em sua aula. Como em (4), (5) é um

enunciado complexo, de junção adversativa, subentendida na frase, mas que se pode depreender a partir de toda a cena enunciativa.

Em seguida, nos turnos 2103 e 2104, GMO e OBS, respectivamente, opõem-se ao argumento da menina no enunciado (5), opondo-se à menina ficar brava. S. com elas continua argumentando em (6) “eu vo(u) fica(r) aqui na cabaninha!”, mantendo seu posicionamento de (5) e, de certa forma, reforçando-o, valendo-se, mais uma vez, de outro ponto de vista, que continua a sustentar seu argumento inicial, assim como, CHI continua a contrapor-se ao discurso de suas interlocutoras. A partir da situação de interação, inferimos que ficar/ir para a cabaninha, que estava na sala, era uma forma de se esconder e mostrar sua insatisfação para com as atitudes das interlocutoras, mais especificamente por elas – em especial GMO – se recusarem a fazer a aula de ballet. Como os outros argumentos, (6) pode ser classificado como um enunciado complexo, que retoma enunciados e tópico anteriores explicitamente através de junção adversativa ou causal (interpretando como “vou ficar na cabaninha porque estou brava” e vice-versa) subentendidas.

A resposta para toda essa negociação parece se dar através dos discursos de OBS e MOT, nos turnos 2109 e 2110, respectivamente, por meio dos quais elas concordam em continuar a fazer a aula ministrada pela criança, ainda que a avó não a fizesse. A menina se contenta com isso e continua seus ensinamentos. Sendo assim, o enunciado (7) de S. no turno 2116 pode ser considerado resposta, um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, de modo que a criança parece ter mudado seu posicionamento inicial sobre a avó fazer a aula, não mais insistindo com ela.

- 20.5)** “2185 *CHI: abre a janelinha...
 2186 *MOT: comprei na ouro fi... na galeria ouro fino.
 2187 *OBS: aaah..
 2188 *CHI: **para!** (1)
 2189 *CHI: **(es)pera para um po(u)quinho!** (1.1)
 2190 %act: **CHI faz o gesto de parar com a mão.** (1.1)
 2191 *CHI: **é se fala(r) eu num vo(u) faze(r) uma dança e faze(r) uma janelinha.** (2)
 2192 *OBS: [ri].
 2193 *MOT: [ri].
 2194 *MOT: mas tem que...
 2195 *CHI: **abre a janelinha...** (3)
 2196 *MOT: ô Sô!
 2197 *CHI: **[pede silêncio].** (4)

- 2198 *OBS: [ri].
- 2199 *MOT: [ri].
- 2200 *MOT: mas não tem que não tem que segura(r) alguma coisa?
- 2201 %act: CHI balança a cabeça afirmativamente.
- 2202 *OBS: a barra não tem que segura(r) na barra?
- 2203 *OBS: [ri].
- 2204 *CHI: **não, vem na...** (5)
- 2205 *MOT: eu vim atende(r)!
- 2206 %act: O telefone tocou e MOT foi atendê-lo.
- 2207 *CHI: **eu vo(u) fica(r) muuuito brava!** (6)
- 2208 *MOT: vai ensina(r) á a teteia lá xxx [?!]
- 2209 *OBS: [ri].”

Ainda dando aula de ballet, S. para, irritada, devido a sua mãe ter interrompido a aula para conversar com a avó, situação essa com relação à qual a menina se posicionou, contra-argumentando em (1) “para!”, opondo-se à atitude de sua mãe, introduzindo seu ponto de vista sobre um tópico que já permeava o discurso, guiando-o, também apresentando possibilidade alternativa, que era justamente parar de conversar. O mesmo ocorre em (1.1) “(es)pera para um po(u)quinho!” (+ CHI faz gesto de parar como a mão), enunciado verbal e não-verbal que faz parte de (1), por isso são analisados em conjunto, como um só. Os enunciados de (1) e (1.1) formam um contra-argumento, remetendo a um tópico anterior do discurso, o que faz com que possamos entendê-lo como enunciado complexo, de relação semântica instalada pela junção adversativa subentendida.

Logo em seguida, no turno 2191, (2) “é se fala(r) eu num vo(u) faze(r) uma dança e faze(r) uma janelinha.”, por nós entendido como contra-argumento, não só reforça o posicionamento inicial de S. como o faz através de reformulação do enunciado, em seu aspecto sintático, semântico e, também, do próprio ponto de vista. Nesse caso, S. utilizou-se de uma ameaça, uma punição por não se prestar a atenção em sua aula, que foi não ministrá-la e também não dançar. Pode-se dizer que a ameaça é um dispositivo argumentativo, assim como a repetição de alguns elementos linguísticos, como o advérbio de negação, recorrentes no *corpus* por nós estudado, figurando em vários argumentos, contra-argumentos e respostas de CHI, principalmente a partir e depois dos 2 anos e 4 meses.

Ao retomar semanticamente tópico e enunciados anteriores, (2) pode ser caracterizado como enunciado complexo, que realiza essa relação através de dois tipos de junção, a causal, que não é evidente na frase, mas, podemos interpretá-lo na situação como um todo, como

“porque se falar eu num vou fazer uma dança e fazer uma janelinha”, assumindo no enunciado e no discurso, sentido de consequência para a falta (não prestar a atenção na aula) da interlocutora. A outra junção é a adversativa, fixada pelo advérbio de negação “não”, que tem a forma cliticizada “num”.

Em (3) “abre a janelinha...” acreditamos ter outro contra-argumento, enunciado esse que continua se opondo ao discurso das interlocutoras, assim como a elas, principalmente MOT continuar falando e não prestar a atenção na aula, assim como ela não realizava o passo antes ensinado por CHI, o demi-pliê. Nesse enunciado, vemos que a criança, ainda defendendo seu posicionamento inicial, não se utiliza de ameaça, como em (2), mas parece ignorar suas interlocutoras, que riram, e continua a aula normalmente, repassando o exercício de “abrir e fechar a janelinha”. Mais uma vez temos a reformulação do argumento e da própria frase, sua estrutura sintática, assim como semântica, prosódica e discursiva, o que deixa cada vez mais evidente o conhecimento de S. sobre a linguagem e sobre a argumentação como fenômeno discursivo, assim como seu desenvolvimento em/por ambas.

O enunciado (3) foi por nós compreendido como enunciado complexo, de junção adversativa subentendida, mas assim entendida a partir do todo dialógico.

Contudo, a mãe de S. com ela argumenta, chamando-lhe a atenção no turno 2196, ao que a criança volta a contra-argumentar em (4) “[pede silêncio]”, opondo-se ao discurso de sua interlocutora e continuando a defender seu posicionamento inicial. Esse é um enunciado multimodal (CAVALCANTE, 1994, 2012, 2017, 2018) que, ainda que não traga nenhum elemento lexical e sintático, ou seja, palavras, pode-se caracterizar como enunciado complexo, ao retomar de maneira explícita o tópico e enunciados anteriores para ser produzido, no discurso, fazendo-o por meio da junção adversativa subentendida. Em seguida, a criança consegue a atenção de suas interlocutoras, OBS e MOT, perdendo a última logo mais, quando então CHI diz (5) “não, vem na...” e é interrompida pela mãe. Dadas as circunstâncias, acreditamos que (5) é um contra-argumento da criança com relação à ação de sua interlocutora de deixar a aula para atender a um telefonema. Ainda que o enunciado (5) tenha sido interrompido por MOT, ou seja, não está completo, podemos analisá-lo e concluir que se trata de um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores, de junção adversativa, assim marcada através do advérbio de negação “não”.

Quando a mãe de CHI de fato deixa a aula e a sala para atender ao telefone, a criança faz sua última tentativa de mantê-la lá, contra-argumentando em (6) “eu vo(u) fica(r) muuuito brava!”, opondo-se ao posicionamento de MOT no turno 2205 e à sua atitude, ou seja, ela ter ido atender ao telefonema (turno 2206) e usando como elemento argumentativo uma ameaça –

novo ponto de vista que ela traz para a interação, mediante reformulação do mesmo e da estrutura sintática, semântica, prosódica e discursiva da frase em questão -, assim instaurada pelo claro tom de ameaça de S. que expõe a eventual consequência para a ação de sua mãe. Trata-se, portanto, de um enunciado complexo, aparentemente de junção adversativa subentendida.

A finalização dessa cena enunciativa, ou seja, a resposta, vem através de MOT que, no turno 2208 opõe-se ao posicionamento de sua filha, a qual não mais volta a argumentar durante um período de tempo, contentando-se em dar a aula somente para sua outra interlocutora, a OBS. Ainda que a criança aceite a ausência de sua mãe, assim como dar aula apenas para sua tia, não podemos chamar esse discurso dela, com certeza, como consensual/de convencimento, desde que a criança pode não ter aceitado o posicionamento de sua mãe, mas abandonou a negociação.

21.5) “2256 *MOT: [rindo] que dança é essa?

2257 *CHI: xxx [?].

2258 *OBS: [rindo] é a dança da bundinha!

2259 *CHI: **num é não!** (1)

2260 *OBS: [ri].

2261 *MOT: [ri].

2262 *CHI: uuum!

2263 %act: CHI volta a fazer plié.

2264 *CHI: dois...

2265 *MOT: abre a janelinha...

2266 *CHI: ...fecha!

2267 *CHI: **faz!** (2)

2268 *CHI: **faz?** (3)

2269 *MOT: não tem que não tem que...

2270 *OBS: [ri].

2271 *OBS: chega vai Sô.

2272 *CHI: **mas a mamãe que(r)!** (4)

2273 *MOT: não tem que segura(r) aqui na barra?”

Nesse episódio, S. dançava e MOT lhe questionou de que dança se tratava, até que a observadora propõe um nome para a dança em questão, algo contra o qual a menina se posicionou, não concordando.

A OBS então argumentou, brincando com a criança que aquela era a “dança da bundinha” (turno 2258), enunciado ao qual a menina se opôs em (1) “num é não!”, por nós entendido como um contra-argumento, enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores semanticamente a partir de junção adversativa, assim determinado segundo duas formas do mesmo advérbio de negação, “num” e “não”, presentes na frase. A resposta com relação a isso pode ter sido o riso da mãe e da observadora nos dois turnos seguintes, não mais argumentando com a criança, assim como ter sido o fato de S. tê-las ignorado, mudando logo em seguida de assunto. Contudo, essa mudança de assunto que foi voltar a fazer ballet e dar aula, foi por nós entendida como argumento, como discorreremos em seguida.

Entendemos o enunciado (2) “faz!” e (3) “faz?” como, ambos, argumentação, sendo que o primeiro insere novo tópico no discurso, assim como, novo ponto de vista, cuja justificativa não está explícita. Ao fazê-lo, podemos considerar (2) como um enunciado simples, que introduz o ponto de vista através de ordem, ou seja, do modo imperativo (CASTILHO, 2014). Em (3) impera o mesmo tópico e argumento, assim como ponto de vista, de modo que se trata de um enunciado complexo, de junção – assim julgamos – aditiva subentendida. Nesse enunciado, contudo, podemos notar reformulação, de modo que a criança passou de usar o modo imperativo de (2) para o questionamento em (3), tornando seu discurso mais “palatável”⁷⁷ e aceitável para seus interlocutores.

Logo em seguida S. continua a sua aula e OBS opõe-se a isso, dizendo para a menina “chega vai Sô.”, no turno 2271. Entendemos esse enunciado da observadora como um contra-argumento, que opõe-se à aula de CHI, de modo que entendemos (4) “mas a mamãe que(r)!” como um argumento, na qual temos a manutenção do posicionamento inicial de S. (dar aula de ballet) e negação do argumento do outro, havendo presença de outro ponto de vista (“dar aula porque a mãe ainda quer”). Ao fazê-lo, a criança produz um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pela conjunção “mas”.

A resposta para essa negociação, que então se encerra, parece vir da tia, que não volta a discutir com a criança, ficando em silêncio, tal qual a mãe, que continua a fazer a aula de dança.

22.5) “2309 %act: MOT aponta para CHI, que vai até a cozinha para falar com GMO.

⁷⁷ Afirmamos sobre a forma mais “palatável” e aceitável a partir de todo o *corpus* analisado, no qual percebemos e tomamos conhecimento sobre o fato de que quando S. é educado com seus interlocutores, perguntando ao invés de ordenar e, principalmente, usando a partícula “por favor” seu discurso é mais fácil e rapidamente aceito por seus interlocutores. Quando ela não o faz, os adultos que com ela interagem a instruem a fazê-lo, usar o “por que” como, às vezes, uma condição para que concordem com seu argumento/contra-argumento.

2310 *OBS: [ri].

2311 *CHI: **eei eu num vo(u) faze(r) ballet nada!** (1)

2312 *GMO: (es)tá bom é que...

2313 *CHI: xxx [?] pra lá.*

2314 *GMO: xxx [?].

2315 *CHI: **para! vamo(s) pula(r)!** (2)

2316 *OBS: [ri].

2317 *MOT: ai meu deus o <que essa aí apronta.> [< falam ao mesmo tempo]

2318 *CHI: <**eu num**> [> falam ao mesmo tempo] **por uma música pra vocês!** (3)

2319 *OBS: [ri].

2320 *MOT: xxx [?] comida aqui né S.?

2321 *GMO: tem?”

S. foi até sua avó e a ameaçou, dizendo que (1) “eei eu num vo(u) faze(r) ballet nada!”, um contra-argumento, que opõe-se ao fato de a avó fazer barulho. Ao contra-argumentar, a criança se posiciona, abordando uma possibilidade alternativa, que foi justamente não “fazer” mais ballet, não dançar ou dar mais aulas. Ambos, ponto de vista e tópico não são novos no discurso, o último deles já recorrente na interação desde o início da aula de ballet de S., sendo retomado em (1) de forma direta e explícita, de modo que temos um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida (como em “mas eu num vou fazer ballet nada!”) e/ou expressa pelo advérbio de negação cliticizado “num”, acentuada pelo substantivo masculino “nada”.

S. então, produz o enunciado “xxx [?] pra lá.”, no qual a falta de compreensão e, dessa forma, de transcrição do primeiro elemento linguístico, transcrito como “xxx [?]” não nos permite uma análise efetiva e, por isso, preferimos não abordá-lo. Ainda assim, acreditamos que também se trata de um contra-argumento, provavelmente enunciado complexo, de junção não identificada.

O enunciado seguinte (2) “para! Vamos pula(r)!”, contra-argumento, opõe-se, talvez, ao discurso de GMO no turno 2314, mas, por não termos a transcrição exata do mesmo não podemos afirmá-lo. De todo modo, a menina parece ter-se oposto a uma ação ou fala de sua avó, até mesmo a ela fazer barulho, retomando enunciados anteriores. Sendo um contra-argumento, S. posiciona-se, através de seu discurso, contra o de sua avó (“para!”), trazendo possibilidade alternativa, que é deixar de fazer barulho e falar e pular (“vamos pular”) e continua a defender seu ponto de vista inicial. (2), por retomar enunciados e tópico anteriores

de forma explícita, pôde ser considerado como um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida.

Nos turnos seguintes OBS e MOT não foram contra o discurso de S. e falam de outro assunto, desde que uma delas ri e a outra expressou sua opinião sobre a menina mas, ainda que não tenham se oposto ao discurso dela, elas conversavam e, conseqüentemente, não prestavam a atenção em CHI e em sua aula, a partir do que a criança se posicionou no enunciado (3) “eu num por música pra vocês!”, um contra-argumento, que traz uma possibilidade alternativa, que é não ter mais a aula, que S. expressa – assim julgamos - como “colocar música”. Essa possibilidade aparenta tom de ameaça, punição que a criança aplicaria para o descumprimento daquilo que ela havia ordenado/pedido desde o princípio, que era silêncio por parte de suas interlocutoras. (3) figura como um enunciado complexo ao retomar enunciados e tópico presentes anteriormente no discurso, fazendo-o através de junção adversativa, fixada pelo elemento linguístico “num”.

A resposta dessa situação, que então é encerrada, se dá através da mãe, que muda o tópico discursivo, finalizando a discussão sobre o anterior, que não mais é retomado pela criança ou algum dos outros sujeitos da relação dialógica de então, que eram a tia e a avó de CHI. Podemos supor que S. foi convencida pelo argumento de suas interlocutoras e/ou, vendo que não havia adesão das mesmas sobre sua aula, ela abandonou seu posicionamento.

- 23.5) “2346 *CHI: então vo(u) vem aqui na...
 2347 *MOT: vai ensina(r) a mamãe a faze(r) ballet vai .
 2348 *OBS: tadinha o(lha) <o(lha) ele ali o(lha)!> [< falam ao mesmo tempo]
 2349 *CHI: <**fica no**> [> falam ao mesmo tempo] **luga(r)!** (1)
 2350 *OBS: [ri].
 2351 *MOT: o(lha)!
 2352 *MOT: que é isso?
 2353 *OBS: é! <ô ditadora.> [< falam ao mesmo tempo]
 2354 *CHI: <xxx.> [?] [> falam ao mesmo tempo]
 2355 *OBS: ditadora!
 2356 *MOT: aah imagina essa aí.
 2357 *CHI: **fica no seu luga(r) aqui.** (2)
 2358 *OBS: mas.. [ri]
 2359 *MOT: êêêêêêêê fafafafá.
 2360 *CHI: **mas fica aqui.** (3)
 2361 *GMO: tchau S. (es)to(u) indo embora.

- 2362 *OBS: [ri].
- 2363 *CHI: **então vai fica(r) lá.** (4)
- 2364 *OBS: [ri].
- 2365 *CHI: **o(lha) você não que(r) fica(r) lá vo(u) xxx [?]**... (5)
- 2366 *MOT: ahn, posição.
- [...]
- 2394 *OBS: [ri].
- 2395 *OBS: ufa! já tô cansada dessa aula de ballet é muito cansativa ufa!
- 2396 *CHI: **então senta aqui!** (6)
- 2397 %act: **CHI cruza os braços.** (6)
- 2398 *OBS: [ri].
- 2399 *MOT: [ri].
- 2400 *CHI: **huum não vo(u) xxx [?] nada, mais.** (7)
- 2401 *MOT: xxx [?].
- 2402 *CHI: **fica no xxx [?] no ballet.** (8)
- 2403 *MOT: que?
- 2404 *CHI: **abre uma janelinha ...**” (9)

Antes CHI havia jantado e quis voltar com a aula de ballet, procurando para tanto sua mãe, que se dispõe a fazê-la. MOT, porém, se distraíra com o gato e saíra da sala, ao que a criança se posicionou. Sobre a distração e ausência de MOT, S. disse (1) “fica no luga(r)!”, por nós considerado um contra-argumento, que traz à tona um posicionamento contra a ação anterior da interlocutora, a qual retoma para sua construção, apresentando também possibilidade alternativa, que era a mãe ficar em seu lugar, na sala e, portanto, não se distrair. Essa retomada explícita torna possível a classificação de tal enunciado como complexo, de junção adversativa subentendida. Não descartamos a possibilidade de (1) ser um argumento, que introduz ponto de vista no discurso, cuja justificativa está implícita. Mesmo que o seja, sua análise segundo os pressupostos gramaticais (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014) ainda é a mesma, mas, de todo modo, estamos inclinados a compreendê-lo como contra-argumento.

S. contra-argumentou⁷⁸ da mesma maneira em (2) “fica no seu luga(r) aqui.” (e. complexo, junção adversativa subentendida), opondo-se aos enunciados e à atitude de suas interlocutoras, OBS e MOT, essa última que não obedeceu à primeira ordem dada em (1). A mesma análise (contra-argumento, e. complexo, junção adversativa) se aplicará aos

⁷⁸ Caso (1) seja argumento (2) também será.

enunciados (3) “mas fica aqui.”, proferido em tom mais brando e com conjunção adversativa “mas” evidente e em (4) “então vai fica(r) lá.”, esse último motivado, talvez, pelo discurso de GMO no turno 2361 (“tchau S. (es)to(u) indo embora.”). Todos esses enunciados expressam manutenção do posicionamento inicial que é mantido e, conseqüentemente, reforçado, assim como o fazem mediante reformulação, seja por terem uma palavra adicionada, como em (3) ou com maior mudança na frase, no que diz respeito à sintaxe e palavras elencadas para expressar o mesmo ponto de vista, como em (4).

Já em (5) “o(lha) você não que(r) fica(r) lá vo(u) xxx [?]....”, temos também um contra-argumento, enunciado complexo, de junção adversativa em que a menina o (re)formula como o que aparenta ser uma ameaça, mas não podemos afirmá-lo categoricamente, desde que não temos todos os elementos dessa frase transcritos. A punição, “vou xxx”, expressa pela transcrição “xxx”, não compreendida pelo transcritor, tão pouco por nós, configuraria, muito provavelmente, aquilo que seria privado das interlocutoras ou feito por S. para puni-las por não prestarem a atenção em sua aula e não ficarem em seus devidos lugares.

Após (5), a mãe se prontifica (logo, responde aos contra-argumentos da filha, encerrando o embate que até então ocorria) a fazer a aula de S., seguida pela observadora, que a realizam por algum tempo, até que OBS se senta e diz estar cansada da aula (turno 2395), introduzindo argumento e, dessa forma, novo ponto de vista no discurso, ao que S. contra argumenta em (6) “então senta aqui!” (CHI cruza os braços). Em (6), a criança abandona seu posicionamento inicial em favor de consentir com o argumento da observadora – pelo qual foi convencida -, não se contrapondo a ele, mas o aderindo, ainda que não concorde com ele, dizendo que, se estava cansada que OBS então se sentasse no sofá, que a própria S. lhe indica. Ainda que S. tenha consentido com OBS em parar de fazer aula, é visível sua contrariedade ao fazê-lo ao observamos o enunciado não-verbal (6.1) que se segue, quando a menina cruza os braços⁷⁹ e faz cara de séria. Ao fazê-lo, a criança se utiliza de um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, mas compreensível pelos gestos da criança, que apontara o sofá para a observadora, assim como a partir do contexto comunicacional.

Em seguida a menina parece voltar a contra-argumentar (7) “huum não vo(u) xxx [?] nada, mais.”, opondo-se ao posicionamento de OBS no turno 2395 ou mesmo ao seu próprio argumento em 2396. Ao opor-se, inferimos que em (7) a menina se recusa a dar mais aula ou

⁷⁹ Cruzar os braços é um gesto emblemático de “atar as mãos”, ou seja, normalmente feito quando não se concorda com algo e quando desiste-se de fazer algo.

sequer fazer os passos, assim se expressando, nesse enunciado complexo, que retoma explicitamente enunciados e tópicos anteriores através da junção adversativa, instaurada pelo advérbio de negação “não” e, também, pela locução adverbial “nada mais”. Julgamos ainda que esse enunciado conte com a junção causal, no sentido de resultado, subentendida no discurso (“por isso não vou mais xxx [?] nada, mais). Contudo, S. muda seu posicionamento após MOT falar no turno 2401, cujo enunciado nem o transcritor e nem nós pudemos compreender, mas que pode ser a razão para a mudança do ponto de vista da criança no turno 2402. Essa mudança de posicionamento caracteriza o enunciado (8) “fica no xxx [?] no ballet.” como – assim nos parece – uma resposta (isso se o enunciado anterior de MOT, o qual não conseguimos compreender não for, ele mesmo uma resposta), através da qual há mudança de posicionamento anterior, daquele que era defendido em (7), voltando-se a defender o posicionamento inicial de S. que queria fazer/dar a aula de ballet. Esse enunciado é complexo, desde que retoma de modo explícito enunciados e tópicos diretamente anteriores, fazendo-o por meio de junção adversativa subentendida.

Julgamos que também podemos compreender (9) “abre uma janelinha...” como uma resposta ou mesmo reformulação e continuação da resposta anterior, de (8), também trazendo mudança de posicionamento de “não dar mais aula/dançar” para “dar aula/dançar”, tanto que CHI volta a fazer e narrar o passo do demi-plié. Trata-se, como o enunciado anterior, de um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida e/ou consensual/de convencimento, também subentendida, se relacionarmos (9) a (8). Assim encerra-se a cena argumentativa que ocorria na situação aqui descrita.

6) S. 2; 10; 9 (2 anos; 10 meses; 9 dias):

- 1.6) “359 *OBS: [ri].
- 360 *OBS: (es)ta bom Sô já deu já tem bastante.
- 361 *CHI: **eu preciso de um xxx [?] pra passa(r) na minha bo na outra bochecha.** (1)
- 362 *OBS: na outra boche... [ri]
- 363 *OBS: é muito!
- 364 *OBS: [rindo] é muito!
- 365 *OBS: chega Sô! o(lha) a meleca!
- 366 *CHI: ai <xxx.> [?] [< falam ao mesmo tempo]
- 367 *OBS: <da aí.> [> falam ao mesmo tempo]
- 368 *OBS: da pra mim que eu fecho.
- 369 *CHI: **eu fecho.** (2)

370 *OBS: vai ô melequera.”

Nesse episódio, S. passava creme no corpo e a observadora lhe dissera para parar, pois ela já passara bastante (turno 360), discurso esse que podemos considerar um contra-argumento dirigido à ação da criança, que se posicionou com relação ao discurso de sua tia.

Quanto a parar de passar creme, a menina se nega a fazê-lo, argumentando em (1) “eu preciso de um xxx [?] pra passa(r) na minha bo na outra bochecha.”, (re)introduzindo ponto de vista e tópico, assim como traz a razão para continuar passando creme: “passar na outra bochecha”, opondo-se ao argumento de sua interlocutora e propondo outro. Ao retomar enunciados e tópico imediatamente anteriores de forma explícita, (1) pode ser caracterizado como enunciado complexo, de junção adversativa subentendida e causal, instaurada por “pra”, contração da preposição “para”, que insere razão.

Não tendo sido convencida, a observadora continua a se opor à criança passar mais creme no corpo, alegando que era muito produto que a menina estava usando e que ela fazia “meleca”, bagunça, dizendo que lhe entregasse o tubo de creme para que ela, OBS, o fechasse (turnos 367 e 368), encerrando com a atividade da criança. Porém, S. se recusa, voltando a argumentar em (2) “eu fecho.”, reformulando seu ponto de vista inicial, mas ainda opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora e defendendo o posicionamento de que ela, CHI, é que iria fechar o creme, não o daria, portanto, a sua interlocutora. Assim ela afirma através de um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida.

A finalização dessa cena (resposta) se dá através da OBS que, convencida, consente com argumento da criança e deixa que ela feche o creme, o que a menina faz, encerrando o que podemos dizer que foi o motivo do embate entre seus discursos.

2.6) “408 %act: CHI aponta para o livro da escola que está no colo de MOT.

409 *MOT: xxx [?].

410 *OBS: xxx [?].

411 *MOT: <nã(o) nã(o)> [< falam ao mesmo tempo] não faz assim! num quero num rasga.

412 *OBS: <xxx.> [?] [>falam ao mesmo tempo]

413 %act: CHI quer virar a página do livro.

414 *CHI: **mas eu preciso.** (1)

415 *MOT: (vo)cê não precisa nada.

416 *CHI: **mas eu preciso faze(r) a lição.** (2)

417 *MOT: (vo)cê precisa faze(r) a lição?

418 *OBS: [ri].”

S. querendo manusear a apostila da escola argumenta em (1) “mas eu preciso.”, defendendo seu posicionamento inicial, reformulando seu ponto de vista (já evidentes nos turnos 408 e 413) e justificativa e, dessa forma, opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora, apoiando-se na necessidade (“preciso”) de virar as páginas. Ao argumentar, CHI remete ao tópico e enunciados anteriores de maneira explícita, como o de sua mãe e mesmo o de sua observadora, que a lembrara da tarefa de casa, fazendo-o, semanticamente, através da junção adversativa, instaurada pelo “mas”. É preciso notar que a conjunção adversativa “mas”, no enunciado e, conseqüentemente, no discurso, adquire sentido, além de oposição, de justificativa, razão para S. folhear o livro, de modo que não dispensamos a possibilidade dela ser uma junção causal.

Em seguida, MOT contra-argumentou, dizendo que a menina não precisava virar as páginas do livro (turno 415), ao que S. mais uma vez se opõe, dizendo que (2) “mas eu preciso faze(r) a lição.”, discurso esse caracterizado por nós como argumento, que objetiva o enunciado anterior, da interlocutora, e continua e defender o ponto de vista inicial de S., expresso em sua ação nos turnos 408, 413 e no enunciado (1). Em (2), a criança volta a trazer a razão pela qual precisava pegar o livro e folheá-lo, reformulando seu discurso anterior, agora dizendo que a necessidade era fazer a lição, para tanto, ela se utiliza de um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pela conjunção “mas”.

A resposta e, com ela, a finalização desse embate vem através do discurso de MOT, alguns turnos mais tarde, que volta a opor-se ao posicionamento da criança, voltando-lhe a negar acesso ao livro. S., por sua vez, não mais argumenta ou contra-argumenta com a interlocutora, não voltando a discutir sobre o assunto.

- 3.6) “620 *OBS: deixa eu fala(r) pro titio que você é te...
 621 *OBS: (vo)cê fala pra ele no telefone depois?
 622 *OBS: a gente liga pra ele aí (vo)cê fala titio você é teteio!
 623 *CHI: **nãã(o)!** (1)
 624 *OBS: [ri].
 625 *CHI: **não so(u) teteio.**(1.1)
 626 *OBS: ele não é o teteio?
 627 *CHI: não!
 628 *OBS: quem que é teteio?
 629 *CHI: num é nada.
 630 *OBS: ah! quem é teteio?
 631 *CHI: você!

632 *OBS: aaah bom!

633 *OBS: e ele é quem?

634 *CHI: é o titio.

635 *OBS: aaahn.

636 *OBS: mas titio teteio!

637 *CHI: **num é teteio.** (2)

638 *OBS: [ri].”

Anteriormente, CHI chamara o tio de “teteio”, passando para o masculino o mesmo apelido de sua tia, a quem costumava chamar de “teteia”. OBS, então, retoma o tópico anterior, dizendo que contaria para o tio da menina como ela o chamara, alegando que ele acharia legal seu novo apelido, mas S. se opôs, dando início a um embate.

Podemos observar a oposição de S. ao discurso de sua interlocutora através dos enunciados (1) “nãã(o)!” e (1.1) “não so(u) teteio.”, opondo-se também que a sua tia ligasse para o tio para que a menina lhe falasse como o chamara. No primeiro enunciado, observamos, através do vídeo, que a criança estava com vergonha de fazer aquilo que era proposto por sua interlocutora, assim inferindo pelo seu tom de voz e gesto de esconder o rosto. Tomamos (1) e (1.1) como um único enunciado, contra-argumento, que traz o posicionamento de S., oposto àquele de sua tia e a suas propostas. Ao contra-argumentar, a criança se vale de um enunciado complexo, que retoma de forma explícita enunciados e tópico imediatamente anteriores através de junção adversativa, fixada pelo advérbio de negação “não” e, possivelmente, a relação “é x, não y”, da qual vemos apenas a segunda parte, o não ser, expressa por S. em (1.1).

OBS continuou a argumentar, defendendo seu posicionamento inicial no turno 636, insistindo no mesmo, mas CHI continuou a se opor em (2) “num é teteio!” que, assim como (1) e (1.1), é enunciado complexo, de junção adversativa, por nós entendido como contra-argumento, que sustenta o ponto de vista inicial do sujeito. A resposta para essa cena parece ter partido da interlocutora, que riu do discurso de sua sobrinha e não mais voltou a argumentar com ela, encerrando o embate sobre o tópico em questão.

5.6) “917 *MOT: vai chuta aí Sosô!

918 *MOT: chuta chuta chuta chuta!

919 *CHI: **eu num vo(u) joga(r) a bola xxx [?].** (1)

920 *MOT: ahn?

921 *MOT: vaamo joga(r) bola.

922 *CHI: **deixa eu pega(r).** (2)

923 *CHI: **pega.** (2)

924 %act: **CHI joga a bola para a mãe.** (2)

A mãe de S. a chamou para jogarem bola, incentivando-a a chutar o objeto (turnos 917 e 918). A princípio, a menina se recusou a chutar a bola, dizendo (1) “eu num vo(u) joga(r) a bola xxx [?].”, um contra-argumento que apresenta um posicionamento contrário ao da interlocutora, negando-o através de um enunciado complexo, que retoma de forma explícita tópico e enunciados imediatamente anteriores por meio de junção adversativa, instituída pelo clítico “num”.

Diante da negação de S., sua mãe voltou a argumentar, insistindo que ela aderisse ao jogo, o que S. fez no enunciado (2) “deixa eu pega(r), pega.” + (CHI joga a bola para a mãe.)”, três enunciados, um deles não-verbal, que entendemos como um só, uma resposta, através da qual vemos a mudança de posicionamento da criança com relação àquilo que foi por ela defendido em (1), expressa por um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, mas evidente, principalmente, no fato de a criança jogar a bola para sua interlocutora, aderindo à brincadeira. Essa resposta encerra o embate que até então se estendia, havendo convencimento da menina através do discurso de sua mãe, com a qual passou a jogar bola.

6.6) “967 *OBS: e a e a aula de ballet?”

968 *MOT: ah é que que (vo)cê aprendeu hoje de novo?

969 *CHI: **eu já entendi.** (1)

970 *CHI: **joga mamãe o(lha).** (2)

971 *OBS: (vo)cê já entendeu? eu sei que (vo)cê já entendeu <mas conta.> [< falam ao mesmo tempo]

972 *MOT: <vai mostra pra> [> falam ao mesmo tempo] teteia o que (vo)cê aprendeu.

973 *OBS: conta aí na aula de ballet.

974 *CHI: **[faz barulho com a boca].** (3)

975 *OBS: ela me falo(u) ela me falo(u) que não (es)tá mais fazendo aula de ballet.

977 *MOT: ts.

978 *CHI: **olha.** (4)

979 *MOT: (vo)cê vai atrás da S.?

980 *OBS: [ri].

981 *CHI: **sentei na bola.**” (4)

A observadora abordara o assunto da aula de ballet, questionando o que a menina aprendera naquele dia em que o vídeo fora gravado e que S. fizera aula de dança na escola. A criança, contudo, não responde ao questionamento de sua interlocutora, mudando de assunto.

Em (1) e (2) a criança contra-argumenta com relação ao posicionamento anterior de sua interlocutora, negando-se a falar da aula de ballet e do que ela, os demais alunos e a professora fizeram naquela dia, retomando explicitamente os discursos dos turnos 967 e 968, em um enunciado complexo, para opor-se e, em (2), o fazendo através de um enunciado simples, introduzindo novo tópico discursivo. Não descartamos a possibilidade de (2) ser um enunciado complexo, retomando discursos anteriores – mas não o faz de forma explícita – e introduzindo novo tópico, através de junção adversativa subentendida.

Nessa situação, tomamos os enunciados de OBS e MOT nos turnos 971, 973 e 972, respectivamente, como argumentos, sendo que a eles S. parece contra-argumentar em (3) “[faz barulho com a boca]”, opondo-se ao posicionamento de sua tia e de sua mãe, que insistiam para S. contasse sobre a aula de ballet, mas a menina nada falou, ignorando-as. Temos, nesse caso, um enunciado não-verbal, que pode ser enunciado complexo, de junção adversativa subentendida. Apesar dessa possibilidade, não o afirmamos categoricamente, sendo essa uma interpretação. A relação de oposição é clara no posicionamento da criança.

As interlocutoras continuaram argumentando e a criança não parecia ter vontade de falar sobre o assunto por elas proposto tanto que, em (4) “olha. sentei na bola.”, ela parece produzir outro contra-argumento, mantendo seu posicionamento inicial e não entrando em concordância com seus pares na interação, cujos discursos não convenceram a menina. Opondo-se a MOT e OBS, a criança usa da mudança de assunto como ponto de vista, mudança essa que consideramos novo tópico discursivo, dessa forma caracterizando e. simples, sem relação explícita e direta com tópico e enunciados anteriores.

As interlocutoras parecem ter sido convencidas pelo discurso da criança, com a qual não voltam a argumentar, de modo que tomamos esse silêncio por parte de MOT e OBS como a resposta para essa cena argumentativa, encerrando o embate.

7.6) “1022 *CHI: deixa eu ve(r) sua câmera?”

1023 *OBS: yyy.

1024 *CHI: deixa eu xxx [?] pra mamãe.

1025 *CHI: <dá aqui.> [< falam ao mesmo tempo] (1)

1026 *MOT: <yyy.> [>falam ao mesmo tempo]

1027 *OBS: ahn.

1028 *OBS: ahh Sô não pode Sô esse aqui não pode que vai quebra(r) ele é pesado e <você é pequena pra xxx.> [?] [<falam ao mesmo tempo]

1030 *MOT: <yyy.> [>falam ao mesmo tempo]

1031 *CHI: **deixa eu xxx [?].** (2)

1032 *OBS: xxx [?].

1033 *CHI: vai xxx [?].

1034 *MOT: yyy.

[...]

1038 *MOT: <yyy> [<falam ao mesmo tempo]

1039 *CHI: <deixa eu ve(r)> deixa eu ve(r). [>falam ao mesmo tempo]

1040 *MOT: yyy.

1041 *OBS: Sô.

1042 *CHI: **eu p(r)eciso.** (3)

1043 *OBS: (vo)cê precisa.

1044 *MOT: yyy.

[...]

1050 *OBS: não o(lha), você <(es)tá apertando coisa que (vo)cê não pode aperta(r)>!
[<falam ao mesmo tempo]

1052 *MOT: <yyy.> [>falam ao mesmo tempo]

1053 *OBS: chega!

1054 *OBS: então não vo(u) mais num vo(u) então eu vo(u) embora tam... não vo(u) faze(r) mais foto.

1056 *MOT: Sô não mexe aí que isso xxx [?] você.

1057 *MOT: yyy.

1058 %act: MOT continua falando do caso do filho de seu amigo.”

MOT e OBS conversavam sobre o filho de uma amiga da primeira, assunto no qual a criança, S., não estava inserida. Chamando a atenção para si, a menina argumenta, pedindo a câmera de sua tia, tópico esse que será o tema da cena argumentativa em questão. Em (1) “deixa eu ve(r) sua câmera?”, ela introduz ponto de vista no discurso, mas sem justificativa aparente, num primeiro momento. Assim, ela se posiciona através de um enunciado simples, que traz novo tópico para a interação, até então não abordado no vídeo de número 6.

Em seguida a observadora contra-argumentou (1028) opondo-se ao argumento de S. e, conseqüentemente, negando-lhe dar a câmera, alegando que essa era pesada demais para a menina e que ela poderia quebrá-la, discurso esse com o qual a criança voltou a argumentar

em (2) “deixa eu xxx [?].”, opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora e defendendo seu ponto de vista inicial, de que queria pegar a câmera, produzindo para tanto um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida, mas assim interpretada a partir da relação dialógico-discursiva em seu todo, nesse episódio.

É preciso ressaltar que a não compreensão do elemento transcritor por “xxx”, assim como ele estar junto de apenas um elemento lexical na frase e não de mais elementos, nos limita sua interpretação, que se torna, de certa forma, uma suposição daquilo que a partir do contexto inferimos ser.

Perante essa defesa de ponto de vista, a observadora voltou a se posicionar, dizendo o apelido da criança (turno 1041) em tom de reprimenda, contudo S. não se deu por vencida e diz em (3) “eu p(r)eciso.”, reformulando seu argumento inicial, usando de outro verbo – agora, “precisar” –, tentando, mais uma vez, convencer sua interlocutora a lhe dar a câmera filmadora. Tomamos esse enunciado em questão como um enunciado complexo, de junção causal – a qual tendemos a concluir que seja – ou adversativa subentendida, retomando de forma explícita enunciados e tópico anteriores.

A observadora contra-argumentou com relação ao discurso de S. em (3), assim como fez com relação aos enunciados precedentes, negando-se, veementemente, a dar a câmera para a criança, alegando, mais uma vez, que ela poderia quebrá-la (turnos 1050 e 1053) e ameaçando ir embora (turno 1054) mediante a insistência da sobrinha. Seu posicionamento é reforçado por uma reprimenda de MOT, no turno 1056, e a resposta parece ter ficado a cargo da criança que, então, nada mais fala sobre o tópico da câmera, finalizando assim a cena argumentativa. Podemos entender esse silêncio como sendo um enunciado não-verbal, complexo ao retomar discursos e tópico anteriores através do que julgamos ser a junção semântica consensual/de convencimento, que está subentendida, mas pode ser depreendida do todo situacional e da relação dialógico-discursiva da cena analisada.

8.6) “1104 *CHI: deixa eu ve(r) um pouquinho? (1)

1105 *OBS: mas se você ve(r) eu não posso tira(r) fotografia de você Sô.

1106 *OBS: aí num dá.

1107 *OBS: como é que eu faço?

1108 *CHI: onde (es)tá a mamãe? (2)

1109 *OBS: ela (es)tá (es)tá escondida ali atrás o(lha).”

CHI assistia à televisão e cantava a canção de um desenho animado junto com sua mãe, que fora para a cozinha. Ela então volta sua atenção, mais uma vez, para a observadora e sua câmera, pedindo, como fizera nos turnos anteriores, que deixasse vê-la. Para tanto S.

argumentou em (1) “deixa eu ve(r) um pouquinho?”, (re)introduzindo seu ponto de vista no discurso, assim como antecipou um possível contra-argumento da interlocutora ao dizer que queria segurar/ver a câmera “[só] um pouquinho”. Esse argumento poderia figurar como um enunciado simples, mas, quando observamos a não novidade do ponto de vista e tópico que ele traz, assim como a antecipação de posicionamento oposto, preferimos por tratar (1) como enunciado complexo, que estabelece relação semântica direta e explícita com tópico e enunciados anteriores – e posteriores, no caso da antecipação - por meio de junção adversativa subentendida.

Em seguida, a observadora contra-argumentou, opondo e negando-se a dar a câmera para a criança que, então, muda de assunto, questionando onde estava sua mãe (turno 1108), dizendo (2) “onde (es)tá a mamãe?”. Podemos – e aqui fazemos - tomar essa mudança de assunto como uma resposta, de modo que S. muda seu posicionamento e passa a, aparentemente, concordar com a interlocutora, tendo sido convencida por ela, não mais pedindo o objeto, de modo que temos um enunciado não-verbal e complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, perceptível do todo comunicacional.

É preciso ressaltar que, mesmo que o enunciado em questão seja construído a partir – também – da junção consensual/de convencimento, isso não significa que o sujeito tenha aderido ao posicionamento do interlocutor, podendo apenas tê-lo aceito. Por exemplo, a criança pode continuar querendo a câmera mas, perante a negação de sua tia ela concorda em não mais pedi-la, ainda que a deseje.

9.6) “1282 *MOT: mostra lá o banquinho pra teteia.

1283 *OBS: que banquinho que você tem pra lava(r) a mão Sô?

1284 *CHI: [faz barulho com a boca].

1285 *OBS: que que (vo)cê usa lá pra lava(r) a mão?

1286 *CHI: eu já mostro.

1287 *OBS: mostra pra mim.

1288 %act: CHI e OBS vão até o banheiro.

1289 *CHI: o(lha) num tem banquinho.

1290 *OBS: mas que (vo)cê subiu aí pra lava(r) a mão?

1291 *CHI: xxx [?] tem um banquinho.

1292 *OBS: ela num sabe.

1293 *OBS: qual é o banquinho?

1294 *MOT: S. só dá migué né S.?

1295 *OBS: é! [ri]

- 1296 *CHI: migué?
- 1297 *OBS: [ri].
- 1298 *MOT: é, migué!
- 1299 *CHI: **migué não!** (1)
- 1300 *OBS: [ri].
- 1301 *MOT: é quando (vo)cê num (es)tá a fim, (vo)cê dá uns miguézinho(s).
- 1302 *CHI: essa cade(i)rinha.
- 1303 *OBS: aahn.
- 1304 *MOT: ah aqui o(lha), é esse aqui.
- 1305 *OBS: então, ela falo(u). [ri]
- 1306 *MOT: hein migué?
- 1307 %act: MOT fala com CHI.
- 1308 *OBS: [ri].
- 1309 *CHI: **eu num so(u) migué!** (2)
- 1310 *OBS: [ri].
- 1311 *MOT: [ri].
- 1312 *OBS: a mamãe... você deu migué?
- 1313 *CHI: [faz barulho com a boca].
- 1314 *OBS: ah o(lha), o(lha) a porcária aí ou!
- 1315 *MOT: deu migué.
- 1316 *CHI: **não.**” (3)

MOT dissera à filha que fosse lavar as mãos que estavam sujas de pera e diz à observadora que a menina havia improvisado um suporte onde subir para alcançar a pia dizendo, em seguida, que CHI fosse mostrá-lo para a tia. Chegando no banheiro, a menina diz que não havia banquinho e sua interlocutora entende que ela não sabia qual era o objeto em questão, ao que sua mãe argumenta que a menina só “dava migué”⁸⁰, ou seja, fingia que não sabia do que se tratava, no caso, o banquinho. O que a criança entende por “migué” nós não podemos afirmar, mas nota-se que ela se recusa a ser chamada de “migué” ou de tê-lo feito, opondo-se a isso, sobre o que ela contra-argumenta em (1) “migué não!”, opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora e negando o fato por ela afirmado, fazendo-o através de um enunciado complexo, desde que retoma explicitamente enunciado e tópicos imediatamente anteriores, fazendo-o através de junção adversativa fixada pelo “não”.

⁸⁰ “dar migué” ou “ser migué” é uma expressão típica brasileira que significa fazer-se de desentendido sobre algo, esquivar-se de alguma pergunta ou tarefa.

Mais uma vez, no turno 1306 a mãe argumenta, chamando S. de “migué”, que passa de ser acompanhado pelo verbo “fazer” para sê-lo com o “ser”. A criança volta a contra-argumentar em (2) “eu num so(u) migué!” com relação ao posicionamento anterior de sua interlocutora, mais uma vez opondo-se a ele, produzindo um enunciado complexo de junção adversativa, fixada pela forma cliticizada “num”. O mesmo (contra-argumento, e. complexo, junção adversativa) ocorre no enunciado (3) “não.”, dirigido ao argumento precedente de MOT (turno 1315), através do qual a criança mantém seu posicionamento inicial, defendido em (1) e (2). Sobre isso, a mãe da criança não volta a provocá-la, mudando-se o assunto da conversa o que acreditamos ser a resposta dessa situação dialógica em questão.

10.6) “1317 *CHI: xxx [?] por isso.

1318 %act: CHI pega uma blusa de manga comprida de sua cômoda.

1319 *OBS: que que (vo)cê vai faze(r) S.?

1320 *MOT: não! não joga no chão sua ro(u)pa!

1321 *CHI: **mas eu preciso pô(r).** (1)

1322 *MOT: não agora não.

1323 *MOT: guarda lá por favor.

1324 *CHI: **só um pouquinho!** (2)

1325 *MOT: vai, guarda lá.

1326 *CHI: **não!** (3)

1327 *CHI: **eu quero só um pouquinho.**(3.1)

1328 *MOT: não.

1329 *MOT: (es)tá calor.

1330 *CHI: **eu não quero xxx [?].** (4)

1331 *MOT: o(lha) guarda esse aqui o(lha).

1332 *MOT: guarda esse com aquele outro lá.

1333 *CHI: xxx [?].

1334 *MOT: migué!

1335 *OBS: [ri].

1336 *CHI: **num so(u) migué!** (5)

1337 *OBS: [ri].

1338 *MOT: [ri].

1339 *CHI: **eu quero pô(r) esse um pouquinho.** (6)

1340 *MOT: não.

1341 *OBS: ela (es)tá querendo... [ri]

1342 *MOT: não num vai xxx [?] num vai usa(r) aquilo lá.

1343 *MOT: mas que coisa!

1344 *CHI: xxx .[?]

1345 *MOT: migué!

1346 *OBS: [ri]”.

CHI estava em seu quarto, abriu uma gaveta de roupas e pegara uma blusa de manga comprida, que alegava querer vestir e, enquanto pegava a blusa em questão, ela jogou outras peças de roupa no chão, ao que sua mãe argumentou, dizendo para não fazê-lo.

S. contra argumentou logo em seguida ao posicionamento de sua mãe, dizendo (1) “mas eu preciso po(r).”, opondo-se ao posicionamento da interlocutora e defendendo o seu ponto de vista, para tanto valendo-se de um enunciado complexo, que retoma enunciados e tópicos anteriores imediata e explicitamente através, neste caso, de junção adversativa, instaurada pela conjunção “mas”.

Quando a mãe continuou a argumentar nos turnos 1322 e 1323, não convencida pelo discurso da filha, esta contra-argumentou em (2) “só um pouquinho!”, mais uma vez opondo-se ao discurso de MOT e oferecendo uma possibilidade alternativa, que era vestir a roupa “só um pouquinho”, trazendo em seu discurso atenuadores, por nós entendidos como sendo “só” e “pouquinho”. Trata-se, como o(1), de um enunciado complexo de junção adversativa, agora subentendida. O mesmo contra-argumento e estrutura sintática e semântica voltam a aparecer em (3) “não!” e em (3.1) “eu quero só um pouquinho!”, sendo (3.1) tomado como justificativa e/ou continuação de (3), portanto, parte de um mesmo enunciado e em (6) “eu quero pô(r) esse um pouquinho.”, uma vez que, S. retoma e continua a defender seu ponto de vista no discurso, reforçando, de certa forma, que queria vestir a blusa só por um curto período de tempo, como se esse fato fosse auxiliar no convencimento de sua interlocutora. Ambos podem ser entendidos como enunciados complexos, desde que retomam enunciados e tópico anteriores imediata e explicitamente através de junção adversativa instaurada pelo advérbio de negação “não” e, em (6), está subentendida.

Após outro argumento de sua mãe, S. produziu o enunciado (4) “eu não quero xxx [?]”, que julgamos poder se tratar de um contra-argumento com relação ao posicionamento de MOT nos turnos anteriores, tratando-se, dessa forma, de um enunciado complexo, de junção adversativa, fixada pelo “não”, contudo, não podemos afirmá-lo categoricamente, desde que a não compreensão do elemento transcrito como “xxx” nos limita, de certa maneira, não deixando claro o que a criança não queria.

Nos turnos seguintes (1331 e 1332), MOT posicionou-se em oposição aos contra-argumentos de S. e continuou dizendo que ela guardasse a roupa, negando-se a deixá-la vestir a blusa de manga longa. No turno 1334, ela disse “migué!”, chamando a menina por tal adjetivo ou dizendo que ela fazia “migués”, ao que CHI contra-argumentou em (5) “num so(u) migué!”, opondo-se à afirmação de sua interlocutora, assim fazendo através de um “e.” complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores através de junção adversativa, determinada pelo clítico “num”. Após defender-se, a menina voltou a contra-argumentar que queria vestir a roupa, em (6), agora (“e.” complexo, de junção adversativa subentendida.), levando sua interlocutora a interpelá-la, com ela argumentando e não cedendo à vontade de S., respondendo ao seu discurso. Perante isso, a menina não volta a argumentar a mãe ou questioná-la, encerrando-se o tópico em questão.

11.6) OBS pedira para que a criança guardasse as presilhas e assim ela fez, perguntando para sua interlocutora, em seguida, se estava bom, chamando-a de mamãe. O embate se deu após a maneira como S. chamara sua interlocutora:

“1376 *CHI: doi(s) (es)tá bom?

1377 *CHI: (es)tá bom mamãe?

1378 *OBS: eu so(u) sua mamãe?

1379 *CHI: ééééé!

1380 *OBS: ahn?

1381 *CHI: é.

1382 *OBS: nãoo eu so(u) a teteia.

1383 *CHI: **não é teteia.** (1)

1384 *OBS: eu so(u) teteio!

1385 *CHI: **você é teteio!** (2)

1386 *OBS: [ri] eu so(u) teteio?

1387 *OBS: aiii!

1388 *OBS: nãããã.

1389 *OBS: e você é teteinha!

1390 *CHI: **não!** (3)

1391 *OBS: [ri].

1392 *CHI: **você é a teteio.** (3.1)

1393 *OBS: num so(u) não esse é o titio.

1394 *CHI: **não, é teteio você.** (4)

1395 *OBS: não.

- 1396 *OBS: você é teteinha.
- 1397 *CHI: **não, você é teteio.** (5)
- 1398 *OBS: não num so(u) .
- 1399 *OBS: você é teteinho.
- 1400 *CHI: **não, você é teteinha.** (6)
- 1401 *OBS: você é teteinhoo!
- 1402 *CHI: **nãão!** (7)
- 1403 *CHI: **você é teteinho!** (7.1)
- 1404 *OBS: você que é!
- 1405 *CHI: **teteio!** (8)
- 1406 %act: CHI sorri.
- 1407 *OBS: não!
- 1408 *OBS: teteinho!
- 1409 *CHI: **você é teteinho.** (9)
- 1410 *OBS: você é teteinho.
- 1411 *CHI: **ah você é teteio!** (10)
- 1412 *OBS: não!
- 1413 *CHI: **não para...** (11)
- 1414 *OBS: macaca véia!
- 1415 *CHI: **huuum.** (12)
- 1416 %act: **CHI faz bico.** (12)
- 1417 *OBS: num pode faze(r) huuum macaca véia?
- 1418 *CHI: xxx [?].
- 1419 *CHI: não macaca véia.
- 1420 *OBS: não macaca véia!
- 1421 *CHI: **não!** (13)
- 1422 %act: **CHI sorri.** (13)
- 1423 *OBS: [ri].
- 1424 *MOT: o quê?
- 1425 *OBS: [ri].
- 1438 *OBS: aqui o(lha) desse lado o(lha), num tem (es)tá caindo cabelo desse lado.
- 1439 *MOT: [ri].
- 1440 %act: CHI se afasta quando OBS vai tentar colocar a fivela em seu cabelo.
- 1441 *CHI: aqui?

- 1442 *OBS: (es)tá caindo o cabelo aqui o(lha).
 1443 *OBS: vamo(s) por aqui o(lha).
 1444 *CHI: **você não é xxx[?], você é teteio!** (14)
 1445 *OBS: ah eu so(u) teteio então você é teteinho.
 1446 *CHI: **não!** (15)
 1447 *OBS: ai!
 1448 *OBS: [rindo] não consigo coloca(r).
 1449 *CHI: você muuui....
 1450 *OBS: você é o teteinho.
 1451 *CHI: **não, você é o teteio.** (16)
 1452 *OBS: você é teteinho.
 1453 *CHI: **não!** (17)
 1454 *OBS: éé!
 1455 *CHI: xxx.
 1456 *OBS: ééé.”

Não sabemos se assim ela chamou a observadora por ter se confundido ou para brincar com a mesma, mas, em todo o caso, esta argumentou, dizendo que ela não era a mãe, mas a tia (“teteia”) de S., ao que a criança contra-argumentou em (1) “não é teteia.”, opondo-se ao posicionamento da outra, retomando de maneira explícita enunciados e tópico anteriores (e. complexo) através de junção adversativa fixada pelo advérbio de negação “não” e, possivelmente, pela relação “é x, não y”, implícita. A observadora então argumentou no turno seguinte, brincando, dizendo que ela era “teteio”, apelido dado pela menina ao marido de OBS, que, por sua vez, era o tio da garota. A criança então disse em (2) “você é teteio!”, o que consideramos um contra-argumento, havendo reformulação e mudança de posicionamento inicial, mas não se encerrando a cena enunciativa, de modo que não se trata de uma resposta. Como o enunciado anterior, (2) figura como enunciado complexo, de junção adversativa subentendida.

O embate entre discursos continua e S. diz em (3) e (3.1) “não! você é a teteio.”, - entendidos como um único enunciado - um contra-argumento, opondo-se ao discurso da outra e retomando-o, explicitamente, o que caracteriza o contra-argumento em questão, na relação dialógico-discursiva, como enunciado complexo, de junção adversativa marcada pelo advérbio de negação “não”, assim como pela relação adversativa “é x, não é y” subentendida. Esse mesmo tipo contra-argumento – ou similar -, com a mesma configuração sintática, semântica e discursiva, retomando de forma explícita os enunciados e tópico anteriores

através de junção adversativa pelo advérbio “não”, assim como pela relação de oposição “é x, não é y” foi (re)produzido nos enunciados marcados como (4), (5), (6), (7) e (7,1), (8), (9) e (10), por isso não repetiremos a análise que fizemos e que a eles se aplica.

No turno 1213, temos outro contra-argumento, (11) “não, para...”, também proferido pela menina contra o posicionamento de OBS e contra, provavelmente, ela dar continuidade ao embate entre os discursos dos dois sujeitos da interação, de modo que S. se recusa a continuar essa “brincadeira” a partir dali, pedindo – possivelmente ordenando - para parar (verbo no modo imperativo, “para”), dizendo-o através de um enunciado que se caracteriza, pela retomada explícita de discursos e tópicos imediatamente anteriores, em polêmica aberta, na relação dialógico-discursiva, como complexo, de junção adversativa, assim determinada pelo advérbio de negação “não”. A interlocutora então passa a fazer outra brincadeira no turno 1414, com qual a menina mostra ter ficado descontente, como vemos em (12) “huuum” (CHI faz bico), enunciado não-verbal, que claramente se opõe ao enunciado anterior da interlocutora, que retoma explicitamente (e. complexo), através do que julgamos ser a junção adversativa, que é evidente pelo som e gesto empregados pela criança, de modo que (12) é um contra-argumento.

No turno 1419, a criança respondeu a uma pergunta de sua interlocutora, sendo que esta a utilizou (a pergunta) como argumento, abordando-a no turno seguinte. Pode se tratar, também, de uma simples brincadeira da observadora, possibilidade essa não descartada por nós. O fato é que a criança reagiu a esse enunciado e diz em (13) “não!”, sorrindo (turno 1422). Entendemos, a partir de toda a situação, que esse enunciado é um contra-argumento, produzido com relação – explícita e direta - ao discurso do outro, a partir do qual é formulado, sendo enunciado complexo, de junção adversativa fixada pelo advérbio de negação.

A resposta para essa cena se dá pelo discurso da interlocutora (turno 1438), quando ela muda o tópico da comunicação. Mas a brincadeira anterior, sobre ser ou não “teteio” foi retomada alguns turnos mais tarde pela criança, que provoca a observadora, dizendo (14) “você não é xxx [?], você é teteio!”, um argumento, que (re)introduz um ponto de vista defendido anteriormente no discurso, de modo que se trata de um enunciado complexo, de junção adversativa estabelecida pela relação “é x, não é y”.

A OBS então adere à brincadeira, contra-argumentando com S., que lhe responde argumentando em (15) e (17), turnos 1446 e 1453, “não!”, opondo-se a sua interlocutora a chamar de “teteinho”, através de enunciados complexos de junção adversativa marcada pelo advérbio “não”. O mesmo ocorre no enunciado (16) “não, você é o teteio.”, também um

argumento, enunciado complexo, mas de junção adversativa instaurada pelo advérbio de negação e relação “é x, não é y” ou vice-versa.

A interlocutora continua contra-argumentando com S. que então deixa de lhe responder, mudando seu foco de atenção, encerrando a cena enunciativa, o que nos faz acreditar ser essa a resposta da situação, tendo sido produzida pela criança.

12.6) “1493 *MOT: não faz bagunça aí ou!

1494 *MOT: ts, deixa que eu arrumo.

1495 *MOT: tira o pézinho.

1496 %act: MOT vai arrumar a gaveta que CHI tirou do lugar .

1497 *CHI: **num quero fala(r) mais é c(om) a mamãe.** (1)

1498 *MOT: num <fala, azar o seu.> [< falam ao mesmo tempo]

1499 *OBS: <[ri]> [>falam ao mesmo tempo] .

1500 *CHI: **eu vo(u) fala(r) mais é c(om) a mamãe.**(2)

1501 *CHI: **vo(u) fala(r) vo(u) fala(r) vo(u) fala(r).** (2.1)

1502 *MOT: que que (vo)cê vai fala(r) pra mim?

1503 *CHI: xxx [?] teteia.

1504 *OBS: [ri].

1505 *MOT: teteia!

1506 *OBS: [ri].

1507 *MOT: você é teteio.

1508 *OBS: [ri] teteinho!

1509 *CHI: **você é a teteio!** (3)

1510 %act: CHI fala olhando para MOT.”

Nesse episódio, CHI bagunçara uma de suas gavetas de roupa e sua mãe ordena que ela não faça mais bagunça, dizendo para a menina se afastar, a fim de organizar o que ela havia desarrumado. Após isso, a menina falou no turno (1) “num quero fala(r) mais é c(om) a mamãe.”, introduzindo o que nos parece ser um novo ponto de vista e tópico no discurso, o que caracteriza (1) como argumento, um enunciado simples. Não descartamos a possibilidade do tópico abordado não ser novo, mas retomado dos enunciados anteriores, especialmente sobre a bronca que MOT deu na filha por ela ter desorganizado o armário, mas de qualquer modo temos um novo ponto de vista que é introduzido e defendido. Ainda assim, o tópico em questão não é retomado pela criança de modo explícito, o que não faz com que não consideremos a possibilidade de (1) ser um enunciado complexo.

Em seguida, a mãe de S. contra-argumenta com relação ao posicionamento de sua filha em (1), dizendo que, se ela não queria falar “num fala, azar o seu.”, ao que S. respondeu imediatamente em (2) “eu vo(u) fala(r) mais é c(om) a mamãe.” e (2.1) “vo(u) fala(r) vo(u) fala(r) vo(u) fala(r).”, mudando seu posicionamento inicial e passando de não falar para falar com a interlocutora, reforçando, assim acreditamos, essa mudança através da repetição (quatro vezes) de “vou falar” no enunciado (2.1), confirmando-a. Esses enunciados (2) e (2.1) foram por nós entendidos como respostas, através das quais – mais especificamente de (2), repetido em (2.1) - há mudança de posicionamento e convencimento de S. pelo contra-argumento da interlocutora, encerrando-se o embate iniciado em (1). Segundo a teoria gramatical aqui elencada (NEVES, 2011; CASTILHO, 2014), os enunciados em questão figuram como enunciados complexos, que retomam discursos e tópico anteriores explicitamente, através de junção consensual/de convencimento subentendida, mas reconhecível na situação comunicacional.

Em seguida, a mãe questiona o que S. falaria para ela e a menina diz “teteia”, chamando a interlocutora, MOT, por esse apelido, normalmente dirigido a OBS, sua tia. A mãe então toma esse apelido em sua forma masculina, “teteio”, inventada em episódios anteriores pela criança para assim chamá-la, brincando com ela, mas S. se opõe ao discurso de sua interlocutora, contra-argumentando em (3) “você é a teteio!”, negando que ela era “teteio” e afirmando que sua mãe é que na verdade o era. Ao retomar explicitamente enunciados e tópico anteriores, na relação dialógico-discursiva e em polêmica aberta temos que (3) pode ser caracterizado como enunciado complexo, de junção adversativa expressão pela relação “é x, não é y”, que inferimos como sendo algo do tipo: “você é teteio, não eu.”

A resposta para essa cena parece vir da interlocutora, MOT, que não discute mais com a filha sobre o assunto anterior, ser chamada – ou não – de teteia e/ou teteio, mudando-se não muito mais tarde o tópico da comunicação.

- 13.6)** “1512 *MOT: você? como como o tiozinho falo(u) pra você?
 1513 *MOT: criança como é, menina lindo?
 1514 *OBS: menina bonitinho.
 1515 *MOT: menina bonitinho? [rindo]
 1516 *CHI: bonitinho?
 1517 *OBS: [ri].
 1518 *CHI: **não existe bonitinho eu so(u) princesa!** (1)
 1519 *OBS: no...
 1520 *OBS: ela falo(u) exatamente assim!

1521 *MOT: [ri].

1522 *OBS: [ri].”

Aqui a mãe retoma um assunto que havia sido tratado pela interlocutora no início do *corpus* de 2 anos; 10 meses; 9 dias, quando OBS havia lhe contado que quando ela e a sobrinha voltavam da escola, passaram por um senhor na rua que disse “que menina bonitinho”, dirigindo-se a S., que logo contra-argumentou, dizendo que não era bonitinho, mas uma princesa. Esse episódio é retomado pelas interlocutoras e a menina repete o posicionamento e enunciados que apresentara naquele momento.

No turno 1516, a menina diz “Bonitinho?” com aparente tom de deboche e discordância, o que podemos entender como a introdução de um possível contra-argumento, mas, ela de fato o faz no turno 1518, quando diz (1) “não existe bonitinho eu so(u) princesa!”, repetindo o contra-argumento que dissera para o senhor, na rua, opondo-se ao adjetivo “bonitinho” em favor da alternativa “princesa”. Trata-se de um enunciado complexo, ao retomar de maneira explícita o que havia sido dito por ela mesma e, principalmente, retoma a fala do senhor, repetida pela mãe. A retomada e formulação desse enunciado com relação aos anteriores se dá através da junção adversativa, fixada pela relação “é x, não é y” e vice-versa e pelo advérbio de negação.

Lembramos que CHI é apaixonada pelas princesas da Disney, possuindo bonecas e fantasia das mesmas e para ela, talvez, ser princesa elenca uma série de adjetivos, que vão muito além de ser, somente, “bonitinho(a)”.

As interlocutoras – principalmente OBS, no turno 1520 – concordam com a criança, tendo sido convencidas por ela, algo que podemos tomar como resposta, não havendo mais embate sobre o tópico anterior, encerrando-se a cena enunciativa em questão.

14.6) “1523 *MOT: vai cai(r) aí ou!

1524 *OBS: [ri].

1525 *CHI: ooopa!

1526 *CHI: por que você xxx [?].

1527 *OBS: [ri].

1528 *CHI: xxx [?].

1529 *MOT: aaah! [ri]

1530 *OBS: aaai S., tão engraçado. [rindo]

1531 *CHI: **você é engraçado.** (1)

1532 *OBS: você que é engraçada.

1533 *CHI: **não, você que é e(engr)açada.** (2)

- 1534 *OBS: eu do(u) risada com você.
- 1535 *MOT: [ri].
- 1536 *CHI: **não dá não.** (3)
- 1537 *OBS: do(u) sim.
- 1538 *CHI: **não dá.** (4)
- 1539 *OBS: do(u)!
- 1540 *CHI: **não.** (5)
- 1541 *OBS: do(u)!
- 1542 *OBS: do(u) [x8].
- 1543 *MOT: guarda as presilhinhas <aí dentro.> [< falam ao mesmo tempo]
- 1544 *OBS: <o(lha) a princesa> [>falam ao mesmo tempo] aí.
- 1545 *OBS: eu tam(b)ém trouxe essa princesa pra Sosô.
- 1546 *OBS: eu que dei <essa princesa pra Sosô.> [<falam ao mesmo tempo]
- 1547 *CHI: <xxx.>[?] [>falam ao mesmo tempo]
- 1548 *CHI: **não fala comigo.** (6)
- 1549 %act: CHI faz como se fosse a boneca que tem em mãos que estivesse falando.
- 1550 *OBS: huum, sei.
- 1551 *MOT: é [ri].
- 1552 *MOT: (es)tá usando a princesa pra...
- 1553 *OBS: é! [ri]
- 1554 *CHI: **eu já falei pra vocês não falarem comigo.** (7)
- 1555 *OBS: (es)tá, então a gente não vai mais falar com você beleza?
- 1556 *OBS: agora eu vo(u) só conversar com a com a sua mamãe (es)tá bom?
- 1557 *MOT: [ri].
- 1558 *OBS: então, <lá> [x8].
- 1559 *CHI: xxx [?!]
- 1560 *OBS: uai!
- 1561 *MOT: shhhhh!
- 1562 *OBS: (vo)cê num falo(u) que num que(r) <que fala mais com você?> [<falam ao mesmo tempo]
- 1563 *MOT: <o(lha) a zona aí meu!> [>falam ao mesmo tempo]
- 1564 %act: **CHI joga o puff que carregava no chão, nervosa.** (8)
- 1565 *OBS: vai ô teteio!
- 1566 *OBS: teteinho!

- 1567 *OBS: <teteiinho!> [<falam ao mesmo tempo]
- 1568 *MOT: <olha a barriga dela.> [>falam ao mesmo tempo]
- 1569 *MOT: pega essa barriga vai?!
- 1570 *OBS: teteinho? [ri]
- 1571 *CHI: **[choraminga]**. (9)
- 1572 *MOT: [imita CHI choramingando].
- 1573 *OBS: vamo(s) brinca(r) com a princesa pega ela aí.
- 1574 *OBS: vamo(s)?”

Nesse episódio, a menina brincava, escorregando no chão e sua interlocutora, OBS, ria, dizendo-lhe que ela era muito engraçada, discurso com relação ao qual a menina se posicionou em (1) “você é engraçada.”, contra-argumentando, opondo-se ao argumento da observadora de que ela era engraçada, trazendo uma possibilidade alternativa para o mesmo, que era a própria OBS ser engraçada, não S. Assim ela faz retomando de forma explícita enunciados e tópico anteriores, de modo que (1) pode ser caracterizado como um enunciado complexo, de junção adversativa instaurada pela relação “é x, não é y”, como em “você é que é engraçada, não eu.”. Mediante essa oposição, a interlocutora volta a argumentar no turno 1532 e, logo em seguida, CHI contra-argumenta em (2) “não, você que é engraçada.”, opondo-se ao enunciado anterior, mais uma vez retomando-o e ao tópico em questão, tratando-se de um enunciado complexo, que estabelece relação com o discurso anterior por meio de junção adversativa pelo advérbio de negação “não” e relação “é x, não é y”.

Não tendo sido convencida, a observadora continuou a defender seu ponto de vista inicial, dizendo no turno 1534 que dava risada com CHI, ao que a menina contra-argumentou em (3) “não dá não!”, opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora, mais uma vez negando-o, produzindo um enunciado complexo de junção adversativa, assim fixada pelo advérbio de negação “não”, repetido uma vez. S. continuará contra-argumentando com sua interlocutora nos enunciados (4) e (5), ambos enunciados complexos, de junção adversativa.

Alguns turnos mais tarde, vencida a brincadeira/embate por OBS, que reiterou seu ponto de vista inicial (turno 1542), assim como S. não mais opôs-se aos seus argumentos, houve também uma mudança do tópico discursivo, finalizando o embate anterior. O tópico da comunicação passou para as bonecas de S., que pega um dos brinquedos e começa a falar como se fosse a personagem, algo que é tomado pelos outros sujeitos do discurso como um modo da criança posicionar-se, transferindo para a fala da boneca seu próprio argumento. Assim também tomaremos o discurso de CHI, de modo que acreditamos ser (6) “não fala comigo.”, como um argumento, que introduz um ponto de vista e tópico aparentemente novos,

não remetendo direta e explicitamente a discursos anteriores, logo, é um enunciado simples, dirigido, muito provavelmente, à observadora, que provocara a menina alguns turnos antes.

O mesmo argumento foi repetido em (7) “eu já falei pra vocês não falarem comigo.”, que retoma o tópico e enunciado precedentes através do que julgamos ser a junção aditiva, instaurada principalmente através do “já falei”, subentendendo-se que, em (7), S. falava de novo, mais uma vez. Podemos interpretar, também, a junção adversativa que liga esse enunciado sintática, semântica e discursivamente ao anterior, mas que está implícita tal junção, que se pode depreender a partir do discurso como um todo.

A observadora responde ao argumento da criança, tendo sido convencida por ele e concordando que ela e MOT não mais se dirigiriam à S., dizendo que só conversaria com a mãe da criança, tendo feito isso, algo que despertou irritação em S., que (8) joga no chão um puff que carregava, visivelmente nervosa. Perante essa ação e reação da criança, MOT e OBS passam a incluí-la no diálogo e brincam com ela, mas S. choraminga (9).

Podemos interpretar os enunciados multimodais não-verbais (8) e (9) como argumentos da criança, em oposição aos enunciados e atitudes das interlocutoras, demonstrando sua insatisfação com a situação, de modo que tratam-se de enunciados complexos, que retomam explicitamente tópicos e enunciados anteriores através de junção adversativa, não expressa lexicalmente, mas, passíveis de serem depreendidos a partir da multimodalidade, dos gestos e ações da criança e da cena enunciativa como um todo. Esse embate é encerrado através da observadora que muda de assunto (turno 1573), algo com o qual a criança parece consentir, tendo sido convencida, passando a ver as bonecas com sua tia e com elas brincando, assim como pelo fato da interlocutora ter incluído CHI novamente na interação, com ela de certa maneira concordando, convencida por seu discurso em (8) e (9).

- 15.6) “1644 *CHI: acho que falta um dois p(r)íncipes do...
 1645 *OBS: falta dois príncipes?
 1646 *OBS: oo(lha) aqui o(olha), essa aqui pode se(r) um príncipe...
 1647 *CHI: **não pode ser...** (1)
 1648 *OBS: ela é princesa n(ão) é?
 1649 *CHI: é.
 1650 *CHI: deixa eu pega(r) deixa eu leva(r) pra xxx [?].
 1651 *OBS: vai cabe(r) todo mundo aí?
 1652 *CHI: vai.”

Aqui a menina colocava suas bonecas juntas sobre o armário, como se elas fossem dormir. Ela disse que faltava um príncipe para as princesas e sua tia, a observadora, sugeriu

que ela fingisse que uma das princesas fosse o príncipe em questão. Essa proposta levou a um posicionamento de S., que contra-argumentou em (1) “não pode ser...”, negando a sugestão de OBS, opondo-se a ela, em polêmica aberta, retomando de forma explícita seu posicionamento e tópico por ela abordado, tratando-se (1) de enunciado complexo, através de junção adversativa, assim determinada pelo advérbio de negação “não”.

A observadora responde ao contra-argumento de S., tendo sido convencida e, assim, concordando com ele. Em seguida, a menina muda de assunto (turno 1650), encerrando-se a cena argumentativa anterior.

7) S. 2; 11; 9 (S. 2 anos; 11 meses; 9 dias):

1.7) “122 *CHI: eu vo(u) pegar você!

123 *MOT: [beija].

124 %act: **CHI coloca a mão sobre a boca de MOT, que a beija. (1)**

125 *GMO: xxx [?].

126 *CHI: **num é pra fala(r). (1.1)**

127 *OBS: [ri].

128 *CHI: **não vai fala(r). (2)”**

Antes MOT e GMO conversavam sobre uma cortina da primeira, que a segunda havia lavado e que trouxera de volta para ela, até que S. as interrompeu, tapando a boca de sua mãe com as mãos no turno 126 (1) e dizendo (1.1) “num é pra fala(r).”, que tomamos como um só argumento, que introduz novo ponto de vista e tópico no discurso, mas cuja justificativa está implícita. Assim a criança argumenta através de um enunciado não-verbal, uma ação, que foi tapar a boca da mãe para que ela não continuasse falando e por um enunciado verbal em (1), enunciado simples, desde que trazem novo tópico para a situação de comunicação. Em seguida, a observadora ri e a criança parece reforçar seu argumento inicial de (1) e (1.1) em (2) “não vai falar.”, retomando e repetindo-os de forma direta e explícita, o que o caracteriza como um enunciado complexo, de junção aditiva ou adversativa subentendida.

A mãe da criança não contra-argumenta e parece ter aceitado o posicionamento de CHI, ficando em silêncio, até que uma das interlocutoras falou sobre um novo assunto e a menina não voltou a pedir que ficassem quietas.

2.7) “285 %act: CHI sai correndo atrás de MOT.

286 *CHI: mããe!

287 *CHI: (es)to(u) indo!

288 *MOT: oi!

- 289 *CHI: **você vai você esconde(r), (es)tá.** (1)
- 290 *CHI: **vai lá.** (1.1)
- 291 *CHI: **vai xxx [?].** (1.2)
- 292 *MOT: que esconde o quê?
- 293 *CHI: **então vem teteia <de e(s)conde.>** [< falam ao mesmo tempo] (2)
- 294 *MOT: <não> [>falam ao mesmo tempo] a gente vai <subi(r).> [<falam ao mesmo tempo]
- 295 *OBS: <não> [>falam ao mesmo tempo] a gente vai subi(r) vem.
- 296 *CHI: **mas e veem!** (3)
- 297 *OBS: vamo(s) subi(r).
- 298 *MOT: ai você lá com a barbie vendo a na água.
- 299 *MOT: tcha!
- 300 *MOT: joga(r) a barbie na água tcha!
- 301 *CHI: **vem.** (4)
- 302 *GMO: você vai faze(r) o que aí?
- 303 *OBS: vou grava(r).
- 304 *GMO: xxx [?].
- 305 *OBS: xxx [?].
- 306 *MOT: vai S. xxx [?] subi(r).
- 307 *CHI: **olha aqui o(lha), você se esconde aqui.** (5)
- 308 *MOT: ah achou!”

S. e suas interlocutoras estavam na área externa do prédio onde a menina vive com a mãe e ela, S., brincava, chamando MOT para acompanhá-la em uma brincadeira de esconde-esconde. Em (1) “você vai você vai esconde(r), (es)tá.” S. argumentou, introduzindo seu ponto de vista no discurso, sem trazer as justificativas explicitamente, fazendo-o através de um enunciado simples, trazendo novo tópico, usando, para expressá-lo, assim como também seu posicionamento, o modo imperativo. (CASTILHO, 2014). Em seguida a criança repete seu argumento inicial, parecendo, de certa forma, reiterá-lo nos enunciados (1.1) “vai lá.” e (1.2) “vai xxx[?].”, que fazem parte, portanto, de (1)

A princípio, a mãe de S. se recusou a acompanhá-la em sua brincadeira, de modo que a criança argumentou, dizendo em (2) “então vem a teteia de e(s)conde(r).”, opondo-se ao discurso de sua mãe (turno 292: “que esconde o quê.”) e reformulando seu argumento anterior, ainda mantendo seu ponto de vista inicial que era (querer) brincar. Ao fazê-lo CHI produziu um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados antecedentes de forma

explícita, através, neste caso, de junção consensual/de convencimento, quando ela aparenta concordar com a negação de sua mãe e alternativa, ao voltar-se para a observadora. A junção consensual/de convencimento parece ter sido expressa por “então”, enquanto a alternativa o fez através do sujeito, “a teteia”, diferente do sujeito dos enunciados anteriores, que era MOT. Porém, ambas, OBS e MOT se recusaram a brincar, alegando que iriam subir para o apartamento e a menina deveria acompanhá-las, mas S. voltou a argumentar em (3) “mas e veem!”, opondo-se ao posicionamento dos outros sujeitos do discurso e defendendo seu ponto de vista inicial, produzindo um enunciado complexo de junção adversativa, instaurada pela conjunção “mas”. A criança fez o mesmo nos dois seguintes argumentos, (4) “vem.” e (5) “olha aqui o(lha), você se esconde aqui.”, opondo-se ao discurso dos outros, em polêmica aberta, de forma explícita e defendendo seu ponto de vista inicial, produzindo, dessa forma, enunciados complexos de junção adversativa subentendida.

Após o enunciado (5) MOT responde, tendo sido convencida pelo discurso de sua filha e passando a brincar de esconde-esconde com ela.

3.7) “406 %act: OBS começa a tocar uma música, mas erra as últimas notas.

407 *CHI: **xxx [?] não é.** (1)

408 *CHI: xxx [?].

409 *CHI: **ninguém vai toca(r).** (2)

410 *OBS: toca.

411 *CHI: **toco.** (3)

412 *CHI: **xxx [?] ter que toca(r) assim o(lha).** (4)

413 *CHI: aaa tá tá ra tá.

414 *OBS: (en)tendi.

415 *CHI: vai.

416 *CHI: vai.

417 *CHI: tenta assim o(lha).

418 %act: CHI mostra para OBS como fazer.

419 *CHI: **nããã!** (5)

420 *OBS: [ri].

421 *CHI: (es)tá?

422 *CHI: **não.** (5.1)

423 %act: **CHI balança a cabeça negativamente.** (5.1)

424 %act: OBS toca o instrumento.

425 *CHI: viu?

- 426 %act: CHI toca.
- 427 *CHI: **não.** (6)
- 428 *CHI: **assim o(lha).** (6.1)
- 429 *CHI: viu?
- 430 %act: CHI toca e mostra para OBS como se faz.
- 431 *OBS: não então num sei toca(r).
- 432 *OBS: toca você.
- 433 *CHI: **não, você toca assim o(lha).** (7)
- 434 %act: **CHI toca.** (7.1)
- 435 *CHI: (es)tá?
- 436 *OBS: (es)tá.
- 437 *CHI: **toca assim o(lha).** (8)
- 438 *CHI: **faz assim o(lha).** (8.1)
- 439 *CHI: **vo(u) toma(r) água.”** (9)

Quando a observadora tocou algumas notas de uma música no piano de brinquedo de S. e as errou, a criança se posicionou, argumentando em (1) “xxx [?] não é.”, introduzindo seu ponto de vista no discurso, mas sem trazer, nesse momento, justificativas, sendo que esse ponto de vista se opõe à ação da interlocutora. Por tratar-se de um novo ponto de vista, tendemos a considerar (1) como argumento e enunciado complexo, desde que o tópico não é novo, mas iniciado, podemos dizer, pela interlocutora ao tocar o xilofone e retomado de forma explícita pela criança. Esse enunciado complexo é de junção adversativa, marcada pelo advérbio de negação e pela possível relação “é x, não y” que não está clara, visto que há um elemento do enunciado – “xxx [?]” – que não foi transcrito ou compreendido por nós ao assistirmos ao vídeo. Logo mais, em (2) “ninguém vai toca(r).” a criança volta a argumentar, trazendo outro ponto de vista, aparentemente sobre o mesmo tópico anterior, de modo que podemos entender (2) como enunciado complexo, de junção aditiva – que colocamos nos resultados -, que adiciona informação, além daquela proferida em (1) assim como, talvez, junção adversativa subentendida.

Perante esse argumento, a interlocutora contra-argumentou, dizendo que então a criança tocasse o piano, algo que a menina aceitou fazer, através do que julgamos ser uma resposta em (3) “toco.”, desde que houve mudança no posicionamento defendido por S. em (2) e convencimento do sujeito, além de consentimento com o posicionamento de OBS no turno 410. Mesmo sendo uma resposta, (3) não figura como final da cena enunciativa, que é característico desse movimento discursivo da argumentação. Consideramos o enunciado em

questão como enunciado complexo, que retoma de forma explícita o tópico e enunciados imediatamente anteriores, através de junção consensual/de convencimento subentendida, mas compreensível a partir do contexto. No turno seguinte, em (4) xxx [?] ter que toca(r) assim o(lha).” deparamo-nos com o que pode ser uma explicação ou um argumento, através do qual a criança opõe-se ao modo como sua tia tocara o piano, em favor de como ela, S., achava que ele deveria ser tocado, reintroduzindo o ponto de vista – aparentemente – que defendeu em (1). Assim, consideramos (4) como um enunciado complexo, de junção adversativa, que estabelece relação com tópico e discursos anteriores pela relação “é x, não é y”, como em, supostamente, “não é assim que se toca, mas assim.”. A mesma análise de (4), tal qual a possibilidade de tratar-se de explicação, aplica-se aos enunciados seguintes: (6) mais (6.1) e (7) (contra o discurso do turno 432) mais (7.1), (8) e (8.1).

Quando a observadora tentou, mais uma vez, tocar o instrumento, a criança se opôs em (5) “nããã!”, assim como em (5.1) “não.”, que está acompanhado de um emblemático meneio de cabeça em (%act: CHI balança a cabeça negativamente.), que julgamos ser, no conjunto, um único argumento, que opõe-se, mais uma vez, à maneira como a interlocutora tocara o instrumento, fazendo-o através de uma retomada explícita e, portanto, de um enunciado complexo, de junção adversativa, instaurada pelo advérbio de negação “não” e pelo gesto produzido pela criança.

Acreditamos que o fim do embate presente nesse episódio se dá pelo discurso da criança que, no turno 439, (9) “vo(u) toma(r) água.” muda de assunto. Essa resposta pode figurar como – assim tendemos a acreditar – um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida, significando, no discurso, algo como, talvez, “mas agora vou tomar água”. É possível também interpretá-la como enunciado simples, que introduz novo tópico no discurso. Tampouco a interlocutora volta ao tópico anterior, sobre como tocar ou não o xilofone, acompanhando S. até a cozinha, encerra-se o embate que permeou essa cena argumentativa.

4.7) “502 *MOT: vamo(s) lá vamo(s) mostra(r) pra teteia como que a gente faz com a barbie?

503 %com: Barbie é o nome (e a marca) de uma boneca.

504 *GMO: xxx [?].

505 *MOT: xxx [?].

506 *MOT: eu vo(u) joga(r) ela!

507 *MOT: eu jogo prime(i)ro eu jogo prime(i)ro! [ri]

508 *CHI: **não!** (1)

509 *MOT: não?

- 510 *MOT: você joga?
 511 *CHI: não.
 512 *MOT: vai, lava ela.
 513 *CHI: **p(r)ime(i)ro eu xxx [?] vo(u) abri(r).** (2)
 514 *CHI: **abre a torne(i)ra, pra lava(r) ela.** (3)
 515 *MOT: ela vai você vai joga(r) ela aqui.
 516 *CHI: **não!** (4)
 517 *MOT: veeem!
 518 *CHI: **não!** (5)
 519 *CHI: **abre!** (5)
 520 *OBS: [ri].”

MOT chamara a filha para tomar banho, provocando-a, dizendo que ela seria a primeira a jogar a boneca de S. na água, boneca com a qual a criança costumava brincar durante o banho. A menina, possivelmente, contra-argumentou em (1) “não!” com relação aos argumentos de sua mãe nos turnos 506 e 507, opondo-se ao discurso da mesma, retomando-o de forma explícita (e. complexo) através de junção adversativa, estabelecida pelo advérbio de negação “não”.

MOT, aparentemente, aceitou o posicionamento em questão, mandando a menina lavar a boneca (turno 512), o que podemos interpretar como resposta, trazendo, em seguida, novo argumento, com relação ao qual S. contra-argumentou em (2) “p(r)ime(i)ro eu xxx [?] vo(u) abri(r).”, dizendo que antes de entrar na banheira lavaria o brinquedo na pia. Para fazê-lo, CHI produziu um enunciado complexo, retomando de maneira explícita discursos e tópico anteriores, em polêmica aberta, através de junção adversativa subentendida, mas assim compreensível a partir do contexto. Logo em seguida, a menina disse (3) “abre a torne(i)ra, pra lava(r) ela.”, que consideramos um contra-argumento, possivelmente, continuando o anterior. Nesse enunciado, podemos ver que S. mudou seu posicionamento de que ela iria abrir a torneira (“vou abrir”) expresso em (1) em favor de ordenar, através do modo imperativo (CASTILHO, 2014) (“abre a torneira”). Além disso, ela apresentou uma razão para que a torneira fosse aberta, que era lavar a boneca. Ao fazê-lo, a criança retomando enunciados e tópicos anteriores de forma explícita, produz um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida e junção causal, instaurada pelo “p(a)ra”.

Porém, a mãe não foi convencida pelo argumento da filha, não aceitando seu posicionamento e continuando a argumentar, defendendo, no turno 515, que a menina iria lavar a boneca na banheira que ela, MOT, enchera e que, portanto, não faria o que CHI lhe

pedira antes: não abriria a torneira. S. não aceitou o discurso de sua interlocutora e voltou a contra-argumentar em (4) “não!”, um enunciado complexo, de junção adversativa fixada pelo advérbio de negação.

Contudo, MOT continuou não convencida pelo contra-argumento de CHI e defendeu novo ponto de vista, falando que a menina viesse logo para debaixo do chuveiro (turno 517), refutando o posicionamento da criança, que voltou a se opor em (5) “não! abre!”, um contra-argumento que, apesar de transcrito em turnos separados, foi por nós considerado como um único enunciado, em continuidade à defesa do posicionamento inicial de S., de que antes de ir para a banheira lavaria o brinquedo na pia. Assim a menina fez, retomando, explicitamente, enunciados e tópico anteriores, caracterizando (5) como enunciado complexo, de junção adversativa fixada pelo advérbio “não”.

A interlocutora, logo mais, respondeu ao contra-argumento da criança, abrindo a torneira, tendo sido convencida pela criança e, dessa forma, aceitando o discurso da mesma, realizando aquilo que era pedido por ela. Ao fazê-lo, a mãe encerrou o embate que se dava até então.

5.7) “613 *MOT: mamãe que(r) passa(r) a esponjinha.

614 *MOT: deixa?

615 *MOT: levanta o pescoço?

616 *MOT: dá o pézinho de chulé?

617 *CHI: **chulé é você (es)tá com chulé! (1)**

618 *MOT: a mamãe já não (es)tá sem chulé já.

619 *CHI: **sim. (2)**

620 *MOT: eu já tirei o chulé.

621 *MOT: dá o outro pé de chulé?

622 *CHI: não.

623 *MOT: dá o outro pé.

624 *CHI: **você (es)tá com chulé! (3)**

625 *MOT: é vai fica(r) gostoso agora.

626 *CHI: nâ ná.

627 *MOT: vai fica(r) che(i)rosinha.

628 *MOT: ai aí!

629 %act: CHI balança a esponja, jogando água em MOT.”

A mãe estava dando banho na criança, esfregando-a, quando lhe pediu o pé dizendo “dá o pezinho de chulé?” (turno 616), fazendo uma brincadeira com a filha, que, motivada

pelo discurso de sua inerlocutora contra-argumentou em (1) “chulé é você (es)tá com chulé!”, introduzindo seu ponto de vista, retomando o discurso anterior de MOT para fazê-lo. Em (1), a criança se opõe ao posicionamento de sua mãe de que ela, S., estava com chulé, apresentando uma possibilidade alternativa que era a outra estar com o cheiro em questão. Assim ela faz através de um enunciado complexo, desde que retoma de forma explícita enunciados e tópico diretamente anteriores, fazendo-o por meio de junção adversativa fixada pela relação “é x, não é y”. Logo em seguida, no turno 618, a mãe argumentou dizendo que não estava mais com chulé, desde que havia tomado banho, algo com que a criança parece concordar, tendo sido convencida e assim respondendo em (2) “sim.”, mudando seu posicionamento inicial em favor daquele de sua interlocutora (e. complexo, junção consensual/de convencimento fixada pelo “sim”) e, dessa forma aparentemente encerrando a cena argumentativa acerca do tópico “chulé”.

Porém, apesar da resposta de CHI, o embate sobre o tópico anterior ainda não se encerra, desde que a interlocutora volta a se referir ao outro pé da criança como “outro pé de chulé”, o que levou a menina a, mais uma vez, contra-argumentar em (3) “você (es)tá com chulé!”, opondo-se ao posicionamento da mãe, ao qual retomou de forma explícita, produzindo um enunciado complexo de junção adversativa, instaurado pela relação “é x, não é y”, como no enunciado (1). Em seguida, a mãe ignora o discurso de sua filha (possivelmente, trata-se da resposta), havendo mudança de assunto e, dessa forma, encerrando-se a cena argumentativa em questão.

6.7) “713 *OBS: (es)tá fazendo Sô?”

714 *OBS: S.!

715 %act: CHI coloca água da banheira na tampa do frasco e bebe.

716 *OBS: num pra (vo)cê toma(r) essa água não!

717 *CHI: **(es)to(u) ocupada. (1)**

718 *OBS: é eu sei que (vo)cê (es)tá ocupada.

719 *OBS: (es)tá ocupada fazendo coisa errada.

720 *OBS: Sôôô!

721 %act: **CHI ameaça tomar a água novamente. (2)**

722 *CHI: ah.

723 *MOT: que que (es)tá acontecendo?

724 *OBS: (a)divinha.

725 *MOT: (es)tá aprontando?

726 *OBS: (es)tá co (es)tá tomando a água.

- 727 *MOT: ah mas que mania ou!
 728 *MOT: levanta aí pra gente lava(r) o cabelo vai.
 729 *CHI: **não não não!** (3)
 730 *MOT: shhhhh!
 731 *MOT: o(lha) a malcriação.
 732 *MOT: vai, senta lá emba(i)xo.
 733 %act: MOT liga o chuveiro.
 734 *MOT: vamo(s)?
 735 *CHI: não.
 736 *MOT: pode entra(r).
 737 *CHI: **não!** (4)
 738 *MOT: ah não?
 739 *CHI: xxx [?] ah [x9].
 740 *MOT: entra lá embaixo Sô.
 741 *CHI: **nããõ!** (5)
 742 *CHI: **espera aí!** (5)
 743 *MOT: espera o quê?
 744 *CHI: deixa eu fala(r)...
 745 *CHI: ah!
 746 *OBS: [ri].”

A criança tomava banho, agora sob a supervisão da tia quando pegou um frasco que estava junto de seus brinquedos e, enchendo-o com água da banheira, bebe seu conteúdo. A observadora, ao ver isso, repreendeu S. (turno 716), com ela argumentando, ao que a menina se opôs logo em seguida, contra-argumentando em (1) “(es)to(u) ocupada.”, opondo-se à reprimenda de OBS e negando-se a ouvi-la ou cumpri-la, apresentando outra alternativa, que era estar ocupada. Assim ela faz com um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores de forma explícita, por junção que julgamos ser adversativa subentendida.

A observadora continuou argumentando com a menina nos turnos 718 e 719, mas S. não se convenceu, não mudando seu posicionamento e sua atitude, tanto que ela volta a tentar beber a água da tampa novamente, olhando para a observadora com o canto dos olhos, ciente de que ela não queria que CHI o fizesse, assim como não deveria fazê-lo. Ao voltar a beber a água, em (2) (%act: CHI ameaça tomar a água novamente.), acreditamos que esse enunciado multimodal possa ser um contra-argumento, opondo-se ao discurso anterior da interlocutora e

reforçando, mantendo o posicionamento inicial de S., também produzindo um enunciado complexo de junção adversativa subentendida.

MOT, ao ouvir o diálogo entre S. e a observadora, foi até o banheiro, repreendeu a menina e ordenou (turno 728) que ela se levantasse da banheira para lavar o cabelo, argumentando, mas S. a isso se opõe em (3) “não não não!” (contra-argumento), produzindo para isso um enunciado complexo de junção adversativa (“não”), retomando de forma explícita discursos e tópicos imediatamente anteriores, utilizando-se da repetição como um dispositivo argumentativo. A criança fez o mesmo, contra-argumentando contra a ordem da mãe (turnos 736 e 740) nos enunciados (4) “não!” e (5) “nãão! espera aí!”, o último transcrito em dois turnos diferentes, mas que, através da observação da situação de comunicação e produção dos discursos entendemos como sendo um único enunciado. (4) e (5) figuram, sob nosso entendimento, como contra-argumentos, também enunciados complexos de junção adversativa fixada pelo advérbio de negação.

Em seguida, não tendo convencido a filha, a mãe jogou água na cabeça da criança, contrariando o posicionamento desta, que reclamou da ação de sua interlocutora, mas, não voltou a contra-argumentar, aparentemente convencida e consentindo com a interlocutora (e. complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida), deixando que MOT lavasse sua cabeça. Logo mais, o tópico da comunicação foi mudado, finalizando-se o embate e cena argumentativa que ocorrera até então.

7.7) “812 %act: CHI brinca sozinha.

813 *CHI: aaah!

814 *CHI: **não aqui não.** (1)

815 *CHI: **aqui tem xxx [?] amigo(s).** (1)

816 *CHI: **eu já falei que não!** (2)

817 *CHI: olha os amiguinho(s).

818 *CHI: tem que para(r) aqui na f(r)ente.

819 *CHI: cai o(lha).

820 *CHI: ah!

821 *CHI: caiu.

822 *CHI: vem ba(r)bi(e), xxx [?].”

Nesse episódio, a criança brincava com algumas peças de encaixar enquanto estava na banheira, interagindo sozinha. Ela pareceu argumentar em (1) “não aqui não, aqui tem xxx [?] amigo(s).”, dirigindo-se a uma das peças que compunham o jogo. Tomamos (1) como um argumento, que introduz novo ponto de vista e tópico no discurso, assim como temos

explícito, nesse caso, a possível justificativa do ponto de vista, sendo ela o “aqui tem amigos.”, com “porque” subentendido. Trata-se, então, de um enunciado simples. Em seguida, a criança produz o que pensamos ser outro argumento (2) “eu já falei que não!”, talvez, contra uma ação de uma das peças da personagem que ela criara e com a qual brincava. Dessa forma, em (2) ela parece se opor a essa ação, retomando o enunciado, tópico e ação anteriores (e. complexo) por junção adversativa, instaurada pelo “não” e por relação de oposição no início da frase, estando o elemento linguístico que a expressa subentendido, mas, que pode ser depreendido a partir do contexto, e junção aditiva, assim entendida através do “já”, indicando reincidência do argumento. Ressaltamos que, ainda que consideremos esse enunciado complexo, o possível contra-argumento das personagens criadas pelo sujeito e com as quais ela parecia interagir não estão evidentes, explícitos para nós.

A resposta a esse embate parece se dar pelo discurso da própria criança, acreditamos que especificamente pelo turno 822, quando a menina muda de assunto, não mais tratando de onde as peças estavam ou onde poderiam ou não estar.

- 9.7) “983 *MOT: não mexee que eu (es)to(u) mostrando pra frente!
 984 *MOT: (vo)cê vai (vo)cê vai joga(r) no lixo assim, dá licença.
 985 *OBS: [ri].
 986 *GMO: olha que bonitinho <xxx.> [?] [< falam ao mesmo tempo]
 987 *MOT: <para!> [>falam ao mesmo tempo]
 988 *GMO: S. não mexe menina.
 989 *GMO: (es)to(u) melada.
 990 *MOT: bom, então não vai ve(r) mais.
 991 *MOT: se não ve(r) na minha mão não vai ve(r) mais.
 992 *CHI: êê.
 993 %act: CHI quer pegar o celular de MOT, onde ela está mostrando as fotos.
 994 *CHI: **mas eu quero usaaa(r).** (1)
 995 *MOT: se você aperta(r) por exemplo aqui vai por lixo.
 996 *GMO: é, não aperta.
 997 *OBS: deixa eu passa(r) aqui Dri⁸¹.
 998 *MOT: a carinha...
 999 *MOT: tira essa mão!
 1000 *MOT: então acabo(u) não vai ve(r) mais nada acabo(u)!

⁸¹ “Dri” é o apelido da mãe de S.

1001 *GMO: só olha(r) com os olhinhos S. não precisa mexer, queridinha.

1002 *CHI: **que(r) ve(r) quero veee(r)!** (2)

1003 *GMO: então mas (vo)cê só vai ve(r) com os olhinhos.

1004 *MOT: ai (vo)cê (es)tá me machucando.

1005 *GMO: o(lha) lá que bonitinha [ri].”

MOT estava mostrando algumas fotos na câmera para GMO, avó da criança. S. se une às duas e quer ver as fotos também, mas para fazê-lo ela quer – e tenta (ação essa que podemos considerar um argumento, e. simples) - pegar o celular das mãos da mãe, que contra-argumenta nos turnos 983, 984, 987, 990 e 991), opondo-se, no último turno, à menina não somente pegar a câmera, como também, ver as fotos.

Perante esse posicionamento da interlocutora, S. se opôs, dizendo em (1) “mas eu quero usaaa(r)!”, um argumento que defende o ponto de vista inicial de CHI, de querer pegar o celular de sua mãe, contrapondo-se ao discurso da mesma, assim fazendo através de um enunciado complexo, desde que retoma tópico e enunciados anteriores de forma explícita, por meio, neste caso, de junção adversativa, fixada pela conjunção “mas”.

A interlocutora, porém, não deixou que a criança pegasse a câmera e continuou a contra-argumentar. S. voltou a se posicionar alguns turnos mais tarde, em (2) “que(r) ve(r) quero veee(r)!”, outro argumento, também enunciado complexo de junção adversativa subentendida. A criança repete “quero ver”, e nessa frase é possível que para corrigir a primeira forma “quer usar”, transforma-a em “quero ver” ou pode-se interpretar que ela usa da repetição para reforçar seu ponto de vista, lembrando que a repetição é, como pudemos deduzir, mediante a teoria elencada para este estudo e a análise do *corpus*, um dispositivo argumentativo.

Quem parece ter sido responsável por encerrar esse embate foi a avó da menina, no turno 1003, quando nega à criança o acesso ao celular, dizendo que ela veria a foto “só com os olhinhos”, portanto não o pegaria. Em seguida, no turno 1005 ela muda de assunto e a menina não volta a argumentar sobre o tópico que gerara embate, não tendo convencido seus interlocutores.

10.7) “1053 *MOT: sai de cima.

1054 *MOT: ai ai que dor na perna.

1055 *MOT: nossa, (vo)cê não é mais leve não hein?

1056 *MOT: eu num (es)to(u) acostumada com tanto peso na perna.

1057 *CHI: **todo mundo qu(i)eto!** (1)

1058 *MOT: aah (es)tá!

- 1059 *OBS: [ri].
- 1060 *MOT: aqui o(lha).
- 1061 *CHI: **todo muuuuundo...** (2)
- 1062 *MOT: xxx [?].
- 1063 *CHI: **...qu(i)eto!** (2)
- 1064 *MOT: shhh num grita que é feio.
- 1065 *MOT: deixa eu ve(r) o bumbum aqui.
- 1066 *MOT: levanta o pescoço?
- 1067 *CHI: **todo mundo qu(i)eto!** (3)
- 1068 *MOT: levanta o pescocinho?
- 1069 %act: MOT enxuga CHI.
- 1070 *CHI: **você para de grita(r)!** (4)
- 1071 *MOT: para de grita(r) você.
- 1072 *CHI: xxx [?].
- 1073 *MOT: mané [?].
- 1074 *CHI: xxx [?].
- 1075 *MOT: vai fica(r) bela bela peladinha?
- 1076 *CHI: siiim!”

CHI estava enrolada na toalha de banho, sentada sobre os joelhos de sua mãe, que manda que ela saia. A criança então surgiu com um – aparentemente – novo ponto de vista e tópico no discurso, argumentando em (1) “todo mundo qu(i)eto!”, apresentando ponto de vista para o qual não há justificativa explícita. Trata-se, nesse caso, de um enunciado simples, que traz novo tópico, não retomando o anterior, assim como não retoma enunciados precedentes. A criança fez o mesmo em (2) “todo muuuuundo... qu(i)eto!”, também argumento, discurso que por sua vez, podemos considerar um enunciado complexo, desde que retoma (1) de forma explícita, posicionando-se como fizera no primeiro enunciado, com o qual se relaciona através de junção, talvez, aditiva e/ou adversativa subentendidas, mais provavelmente a adversativa, desde que a criança, possivelmente, se opõe às suas interlocutoras continuarem falando (turnos 1058 a 1060), sendo que, no turno 1057 ela ordenara que ficassem quietas.

Em (3) “todo mundo qu(i)eto!” temos um argumento, por meio do qual S. se opôs à reprimenda de sua mãe no turno 1064 (“shhh num grita que é feio”) e, talvez, ao próprio fato de MOT continuar falando (turnos 1065 e 1066). Ao opor-se, a criança continuou a defender seu posicionamento inicial, ao qual retomou explicitamente (e. complexo) pelo que julgamos ser a junção adversativa, que está subentendida.

Em (4) “você para de grita(r)!” (argumento) a menina reagiu remotamente (ou seja, turnos depois) ao contra-argumento de sua interlocutora no turno 1064, opondo-se a ele e apresentando outro ponto de vista que foi a mãe parar de gritar e não S. Assim ela faz através de um enunciado complexo, que retoma explicitamente enunciados e tópico antecedentes, por junção adversativa subentendida, significando algo como “eu não, para você de gritar”.

A resposta para esse embate parece vir de MOT que, no turno 1071 diz para CHI parar de gritar, ocorrendo essa finalização, mais provavelmente no turno 1075, quando a mãe muda o tópico do discurso, algo com o qual a criança consente, aparentemente convencida pelo posicionamento de sua mãe, agora respondendo à pergunta que sua interlocutora lhe fizera.

11.7) “1086 *OBS: vamo(s) pentea(r) o cabelo?”

1087 *CHI: bruuuum.

1088 *OBS: (vo)cê (es)tá parecendo uma bruxa. [ri]

1089 *MOT: hum! [surpresa]

1090 *CHI: uma b(r)uxa!

1091 *MOT: deixa eu ve(r) a bruxa?

1092 *OBS: [ri].

1093 *OBS: é cabelo de bruxa.

1094 *GMO: deixa pentear pra fica(r) bonitinha pôr o pijaminha.

1095 *CHI: **nããã!** (1)

1096 *CHI: **não so(u) cabelo de xxx [?].** (1.1)

1097 *OBS: [ri].

1098 *MOT: ela é bom bonzinha

1099 *CHI: **num so(u) bonzão.** (2)

1100 *OBS: então penteia pra fica(r) com cara de princesa vai?”

A observadora chamava a sobrinha, S., para pentear seus cabelos, dizendo que, com os cabelos despenteados como estavam a criança parecia uma bruxa (turno 1088), algo que ela repete, reafirmando no turno 1093. A mãe da menina também adere ao comentário de OBS, como pode-se notar no turno 1091. Porém, CHI parece não gostar da brincadeira das interlocutoras e a seus discursos ela se opôs em (1) “nããã!” e (1.1) “não so(u) cabelo de xxx [?].”, entendidos como partes de um mesmo enunciado, negando o posicionamento de OBS, possivelmente nos turnos 1088 e/ou 1093, fazendo-o através de um contra-argumento, enunciado complexo, desde que retoma discursos e tópico anteriores de forma explícita, de junção adversativa, instaurada pelo advérbio “não”.

Logo mais, MOT apresentou outro argumento, dizendo que S. era uma “bombonzinha”, subentendendo-se que ela nega S. ser/ter cabelo de bruxa, apresentando uma possibilidade alternativa, à qual a criança não aderiu, nem aceitou, contra-argumentando em (3) “num so(u) bonzão.”, retomando de forma explícita discurso (especificamente aquele do turno 1098) e tópico anteriores, caracterizando enunciado complexo, de junção adversativa instaurada pelo clítico “num”.

As interlocutoras da menina não voltam a se posicionar contra o ponto de vista da criança e consideramos que a observadora, no turno 1100, produziu uma resposta a esse embate, mudando seu posicionamento inicial a partir da mudança de assunto, através do qual se encerra a negociação anterior.

12.7) “1102 %act: CHI abre a gaveta da cômoda.

1103 *MOT: aqui o(lha) Sô!

1104 *MOT: bota(r) o shortinho...

1105 *MOT: o(lha) aqui o mézinho⁸² e o short(s).

1106 *CHI: **não.** (1)

1107 *MOT: vem.

1108 *GMO: xxx [?] fresquinho vai S.

1109 *CHI: **não.** (2)

1110 *OBS: põe só a calcinha então.

1111 *MOT: é.

1112 *CHI: **para!** (3)

1113 *MOT: <mé!> [x5]

1114 %act: MOT imita a manha de CHI.

1115 *CHI: [silêncio].

1116 *CHI: **para!** (4)

1117 *GMO: xxx [?].

1118 *CHI: xxx [?].

1119 *MOT: o tolinho vai lá naaa toma(r) banho na sua banhe(i)ra, o tou.

1120 %com: "tolinho" e "tou" são apelidos do gato da família.

1121 *CHI: **não.** (5)

1122 *MOT: vai.

1123 *CHI: **não.** (6)

⁸² “mezinho” é o apelido do gato da família.

- 1124 *MOT: não?
- 1125 %act: MOT penteia os cabelos de CHI enquanto esta está atrás de uma poltrona, em seu quarto.
- 1126 *MOT: o tolinho.
- 1127 *MOT: (vo)cê vai deixa(r) cai(r) o seu negócio aí assim.
- 1128 *MOT: vai fica(r) aí?
- 1129 *CHI: vo(u)!
- 1130 *CHI: **vo(u) me esconde(r) de vocês!** (7)
- 1131 *OBS: num vai não.
- 1132 *CHI: **vo(u) sim.** (8)
- 1133 *MOT: vai cai(r) o negócio em você hein, presta (a)tenção.
- 1134 *CHI: **vo(u) esconde(r) da teteia.** (9)
- 1135 *OBS: num vai não.
- 1136 *CHI: **vo(u) sim.** (10)
- 1137 *OBS: num vai não.
- 1138 *CHI: xxx [?].
- 1139 *MOT: aaah deixa eu aperta(r) o bumbum?
- 1140 *OBS: [ri].
- 1141 *MOT: [ri].
- 1142 *MOT: deixa eu aperta(r) o bumbunzinho?
- 1143 *CHI: fechei o(lha).
- 1144 %act: **CHI aproxima a poltrona da cômoda a fim de que ninguém entre ali.** (11)
- 1145 *OBS: não mas eu ponho minha mão vai o(lha)...
- 1146 *OBS: ...olha como é que minha mão vai o(lha) o(lha) o(lha).
- 1147 *CHI: **nããõ!** (12)
- 1148 *CHI: **você para!** (12)
- 1149 *CHI: **vo(u) fecha(r).** (13)
- 1150 *GMO: xxx [?].
- 1151 *OBS: xxx [?].
- 1152 %act: GMO e OBS conversam.
- 1153 *CHI: fechei!
- 1154 *OBS: pru!”

Nesse episódio as interlocutoras de CHI insistiam em pentear seu cabelo, assim como para que ela, que ainda estava enrolada na toalha de banho, se vestisse, mas a criança se

recusa a fazê-lo. S. contra-argumenta em (1) “não.”, assim como o faz nos enunciados subsequentes, (2), (3) e (4), todos eles contra-argumentos, que marcam o posicionamento oposto de S. com relação às ordens e pedidos de suas interlocutoras para que ela se vestisse. Todos esses enunciados são enunciados complexos, desde que retomam e referem-se a enunciados e tópico anteriores de forma explícita através, nestes casos, de junção adversativa, sendo alguns desses enunciados assim compreendidos pela presença do advérbio de negação “não”, outros com junção subentendida, usando o verbo “parar” no imperativo, que é o caso dos enunciados (3) e (4). A mãe da criança é quem respondeu a seus posicionamentos, fazendo-o no turno 1119, mudando de assunto e, concomitantemente, produzindo outro argumento, agora falando que o gato da família, cujo apelido é “tolinho” iria tomar banho na banheira de CHI. É contra isso que a criança se posiciona nos enunciados seguintes, em (5) e (6), ambos contra-argumentos, enunciados complexos, de junção adversativa fixada pelo advérbio de negação “não”. Sobre isso, a mãe pareceu concordar com a menina, mudando de assunto no turno 1127, algo que podemos considerar uma resposta.

Em dado momento, a criança foi em seu quarto, atrás de uma poltrona, que ela posicionou de modo a ficar escondida de sua interlocutora, OBS, que foi até a menina e a provocou, brincando. S. argumentou que se esconderia em (7) “vo(u) me esconde(r) de você!”, que introduz ponto de vista no discurso, sem trazer a justificativa. O tópico (se esconder) já havia sido abordado por MOT no turno 1128, quando esta perguntara para a filha se ela ia ficar atrás do móvel, retomando-o, tal qual à própria ação de S. de ficar atrás da poltrona, assim caracterizando (7) como enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento (como em “sim, vou me esconder aqui”) e, possivelmente, causal (como em “e/porque vou me esconder de você!”), ambas subentendidas.

Quando S. assim argumentou, sua tia imediatamente se opôs (turno 1131), discurso esse ao qual CHI também se contrapôs em (8) “vo(u) sim.” e (9) “vo(u) me esconde(r) da teteia.”, ambos argumentos, enunciados complexos e de junção adversativa subentendida, mas reconhecível através da situação comunicacional. O mesmo ocorre em (10), (11), (12) e (13), sendo esse último um enunciado não-verbal. Todos são argumentos, enunciados complexos, de junção adversativa subentendida em quase todos eles, mas não no (12), quando temos um advérbio de negação.

O embate entre OBS e CHI continuou por mais alguns turnos, até que a observadora ameaçou ir embora para sua casa, caso a criança não abrisse a poltrona e não a deixasse filmá-la, provocando-a, como veremos no excerto abaixo. A resposta não ocorre até muito depois,

de modo que, antes de acontecer, ainda temos algumas situações de argumentação e contra-argumentação, como mostramos logo em seguida.

13.7) “1166 %act: OBS acena para CHI.

1167 *CHI: **não.** (1)

1168 *OBS: ué (vo)cê (es)tá fazendo mainha aí.

1169 *CHI: **não (es)to(u) fazendo mainha!** (2)

1170 *OBS: é (es)tá ni ni ni parece um bebezinho.

1171 *CHI: **eu num so(u) bebezinho!** (3)

1172 *OBS: aah você é o que então?

1173 *CHI: eu so(u) a S.!

1174 *OBS: so(u) S.? [rindo]

1175 *OBS: mas é S. bebê.

1176 *CHI: **não!** (4)

1177 *OBS: mas S. bebê.

1178 *OBS: num é S. bebê?

1179 *CHI: não!

1180 *OBS: é o quê?

1181 *CHI: so(u) S. do ré.

1182 *OBS: [rindo] S. do é!

1183 %com: o sobrenome de CHI é Del Ré .

1184 *CHI: **você não é S.!** (5)

1185 *OBS: [ri].

1186 *CHI: **você é é bebê!** (6)

1187 *OBS: eu num so(u) bebê.

1188 *CHI: **é sim.** (7)

1189 *OBS: faz tempo que eu num so(u) bebê Sô.

1190 *CHI: **é sim.** (8)

1191 *OBS: S. nenê.

1192 *CHI: **não!** (9)

1193 *OBS: num é S. nenê?

1194 *CHI: não!

1195 *OBS: é um nenezinho você.

1196 *CHI: **(vo)cê que(r) entra(r) lá na minha casa?** (10)

1197 *OBS: quero vo(u) entra(r).

1198 %act: CHI sai detrás da poltrona, gira-a para que OBS possa ir onde ela está.

1199 *OBS: ii será que a gente cabe aí todo mundo?

1200 *CHI: não!

1201 *CHI: não cabe!

1202 *CHI: pode entra(r).

1203 %act: CHI tira os brinquedos que estavam lá atrás com ela.”

Dando continuidade à cena anterior, de 12.7, a observadora ameaçou ir embora para casa, acenando para a criança no turno 1166, fazendo gesto de quem se despede, enunciado esse que é um contra-argumento, ao qual a criança se posicionou nos turnos seguintes. S. argumentou em (1) “não.”, opondo-se a sua interlocutora partir, fazendo-o por meio de um enunciado complexo, desde que retoma, em polêmica aberta e de forma explícita discursos e tópico anteriores através de junção adversativa, instaurada por advérbio de negação. A observadora então contra-argumentou, dizendo que a menina estava fazendo manha, como se essa fosse a justificativa para seu ponto de vista inicial, de ir embora. A isso CHI se opôs em (2) “não (es)to(u) fazendo mainha!”, contra o discurso da outra e negando-o, para tanto o retomando (e. complexo) através de junção adversativa, fixada por advérbio de negação.

Contudo, não tendo sido convencida, a OBS continuou provocando S., ora dizendo que ela fazia manha, ora a chamando de bebezinho e, provocada, a criança continuou a argumentar nos turnos subsequentes, nos enunciados (3), (4), (6), (7), (8) e (9) assim como em (5), quando ela parece entender que a interlocutora se chamara de S., de seu nome, opondo-se a isso. Em (6) a menina inverte o jogo argumentativo, argumentando que OBS é que era um bebê, para tanto usando da junção adversativa pela relação “é x, não y”, continuando a posicionar-se como em (6) nos enunciados (7) e (8), que têm junção adversativa subentendida. Logo, de (3) a (9) nos deparamos com contra-argumentos, todos eles enunciados complexos, de junção adversativa, instaurada pelo advérbio “não” e/ou pela relação “é x, não é y”, sendo que parte dela está subentendida nas frases, mas é compreensível no todo situacional.

Já no turno 1196, (10) “(vo)cê que(r) entra(r) lá na minha casa?” CHI mudou o tópico do discurso e passou a concordar com um pedido da observadora muitos turnos anteriores, que era o de vê-la e/ou entrar atrás da poltrona, junto com a criança, podendo filmá-la melhor. Esse enunciado pode ser uma simples pergunta ou, talvez - e assim tendemos a acreditar - uma resposta (e. complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida, retomando tópico e discursos anteriores de forma explícita), que reflete a mudança de posicionamento inicial de S., havendo convencimento e consentimento pelo argumento inicial de sua interlocutora e encerrando a cena enunciativa, que dá lugar à outra.

- 14.7) “1224 *MOT: porque tem as formiguinha(s) que que pica(m) o bumbum.
 1225 *CHI: onde (es)tá?
 1226 *MOT: aqui ué, onde (es)tá!
 1227 *MOT: onde sempre té... onde sempre esteve!
 1228 *OBS: aí o(lha).
 1229 *OBS: põe uma calcinha pra você senta(r) no chão põe.
 1230 *GMO: mais bonitinha.
 1231 *CHI: **nããõ.** (1)
 1232 *OBS: [ri].
 1233 *MOT: o(lha) que a formiga vai pica(r) o bumbum!
 1234 *GMO: põe S., põe pra fica(r) bonitinho.
 1235 *MOT: põe shortinho?
 1236 *CHI: não.
 [...]
 1241 %act: GMO e OBS conversam.
 1242 *CHI: **vem teteia!** (2)
 1243 %act: CHI entra na cabaninha e chama OBS para acompanhá-la.
 1244 *OBS: ii será que eu vo(u) cabe(r) aí dentro ?
 1245 *MOT: (es)pera aí deixa eu deixa eu xxx [?] calcinha.
 1246 *CHI: **senta mamãe então!** (3)
 1247 *MOT: ah gi. [x5]
 1248 *GMO: xxx [?].
 1249 *OBS: senta lá mamãe.
 1250 *MOT: ma(s) tem que bota(r) o shortinho.
 1251 *CHI: **(es)tá.** (4)
 1252 *GMO: xxx [x].
 1253 *OBS: xxx [?].
 1254 *CHI: vamo(s) lá mamãe, na cabaninha.
 1255 %act: MOT coloca o shorts em CHI.”

Nesse episódio, CHI estava procurando uma cabaninha que sua tia lhe dera e que estava montada ao lado do sofá, como indicara a mãe. Ela então, nua, entrou na cabaninha e se sentou, ao que a observadora argumentou (turno 1229) para que a menina vestisse uma calcinha, o que anteriormente já havia sido pedido pela mãe, que dizia a S. que, se ela não vestisse a roupa e sentasse no chão, as formigas picariam seu bumbum (turno 1224). Sobre

isso, dá-se o embate nessa cena argumentativa e, contra tais posicionamentos, S. contra-argumentou, especificamente com a observadora em (1) “não.”, opondo-se ao seu discurso e negando-se a vestir a roupa, assim se expressando através de um enunciado complexo, desde que retoma tópico e enunciados precedentes explicitamente, neste caso através de junção adversativa instaurada pelo advérbio “não”. Consideramos o discurso da criança no turno 1236 como resposta à pergunta da sua interlocutora, não um enunciado argumentativo, por isso não o analisamos, ainda que haja a possibilidade de se tratar de outro contra-argumento.

As interlocutoras então deixaram de argumentar com a menina por algum tempo, MOT ficou em silêncio e OBS e GMO conversavam (turno 1241) sobre outro assunto, ações essas que podemos considerar respostas, desde que encerram a negociação para CHI colocar a calcinha, pelo menos o fazem por algum tempo, até que, turnos mais tarde, ele é retomado pela mãe.

Em (2) “vem teteia!” entendemos que a criança produziu um argumento, trazendo novo tópico – enunciado simples - e ponto de vista para o discurso, chamando sua tia para se sentar com ela dentro da cabana. Mas, a observadora questiona se caberia lá dentro da cabana, ao que, no turno 1246 a criança volta a argumentar, dizendo (3) “senta mamãe então!”, mudando o ponto de vista inicial e passando a chamar a mãe para se sentar junto dela, formulando esse posicionamento a partir de enunciados e tópico anteriores, retomados de forma explícita, caracterizando, portanto, um enunciado complexo, no qual impera a junção consensual/de convencimento, desde que a menina parece ter sido convencida por sua tia, com ela concordando e junção alternativa, ao propor uma outra pessoa para se sentar com ela, talvez expressa, essa junção, pelo “então”.

Antes de aceitar a proposta de S. nos turnos anteriores, de se sentarem na cabana, as interlocutoras voltaram a contra-argumentar com a criança, a fim de que ela vestisse a calcinha, havendo convencimento sobre a menina e consenso entre as partes da comunicação no turno 1251, (4) “(es)tá.”, quando o sujeito responde ao contra-argumento de MOT no turno anterior (“mas tem que botar o shortinho”), mudando seu posicionamento inicial de negar-se vestir a roupa para aceitar fazê-lo. Ao responder em (4), S. produz um enunciado complexo, que retoma de forma explícita enunciados e tópico diretamente anteriores, em polêmica aberta, através de junção consensual/de convencimento instaurada pelo “(es)tá”, dessa forma encerrando a negociação que marcou esse episódio argumentativo.

15.7) “1302 %act: OBS entra na cabaninha.

1303 *MOT: [ri].

1304 *CHI: aaa!

- 1305 *CHI: essa cabana (es)tá lo(u)ca!
- 1306 *OBS: [ri].
- 1307 %act: **CHI fecha a entrada da cabana novamente. (1)**
- 1308 *MOT: (es)to(u) lo(u)ca?
- 1309 *OBS: cabana (es)tá lo(u)ca?
- 1310 *MOT: tchu tchu tchu.
- 1311 *CHI: **não. (2)**
- 1312 *CHI: **xxx [?] não vai... (2.1)**
- 1313 *MOT: [ri].
- 1314 *MOT: [ri].
- 1315 *CHI: **a nossa cabana é aqui! (3)**
- 1316 *CHI: **não pode ab(r)i(r)! (3.1)**
- 1317 *MOT: <xxx.> [?] [< falam ao mesmo tempo]
- 1318 *OBS: <aa Sô> [>falam ao mesmo tempo] (es)tá muito calor Sô!
- 1319 *CHI: **mas xxx. [?] (4)**
- 1320 *MOT: vai cai(r) aqui o(lha)!
- 1321 *CHI: **bem aqui não pode. (5)**
- 1322 *CHI: xxx [?].
- 1323 *OBS: [ri].
- 1324 *CHI: [sorri].
- 1325 *MOT: ah!
- 1326 *OBS: [ri].
- 1327 *CHI: **vamo(s) fecha(r) vamo(s) fecha(r) vamo(s) fecha(r).(6)**
- 1328 *CHI: **precisa de uma chave. (7)**
- 1329 *OBS: aaa [ri].
- 1330 *MOT: precisa chave?
- 1331 *MOT: e aí não tem chave.
- 1332 *MOT: como que a gente faz?
- 1333 *CHI: que a gente vai faze(r)?
- 1334 *MOT: hum?
- 1335 *CHI: huuu será que a teteia vem aqui? [sorrindo]
- 1336 *MOT: será que a teteia vai entra(r) aqui?
- 1337 *MOT: hum ai!
- 1338 %act: MOT abre a cabaninha e revela OBS, que está do outro lado.

1339 *CHI: ah! [sorrindo].”

Anteriormente, S. estava dentro de sua cabaninha com a mãe, que chamara para se unir a ela. A observadora então, tentou entrar na cabana, algo que fez com que a criança se posicionasse, contra-argumentando em (1) (CHI fecha a entrada da cabana novamente.), (re)introduzindo ponto de vista no discurso, sobre um tópico que nele já era recorrente, retomando-o, assim como a enunciados anteriores, opondo-se à ação da interlocutora através de um enunciado não-verbal e complexo, de junção que julgamos ser adversativa e que está subentendida. Supomos que (1) seja um contra-argumento por tratarmos a ação de OBS, no turno 1302 como um argumento.

Nos enunciados (2) “não.” e (2.1) “xxx [?] não vai...”, sendo esse último por nós entendido como reformulação do primeiro, compreendemos que se tratam de contra-argumentos, dirigidos, possivelmente, à tentativa da interlocutora de adentrar a cabana ou mesmo antecipando uma tentativa futura da mesma. (2) e (2.1), ao retomar enunciados anteriores e/ou posteriores, ainda não produzidos, assim como retomam o tópico que guiava o discurso, podem ser considerados como enunciados complexos, de junção adversativa marcada pelo advérbio “não”. Três turnos depois, a menina volta a contra-argumentar em (3) “a nossa cabana é aqui!” e (3.1) “não pode ab(r)i(r)!”, retomando e reforçando que a observadora não podia abrir a entrada da cabana, usando o enunciado (3), talvez, como justificativa antecipada. Tomamos os enunciados (3) e (3.1) como um único enunciado, complexo, de junção adversativa instaurada pelo advérbio de negação “não” e que pode estar subentendida na primeira frase (“mas a nossa cabana é aqui!”, “mas é nossa cabana.”) e, possivelmente, junção causal subentendida.

No turno 1318, a observadora argumentou, trazendo uma justificativa para abrir a fenda da cabana, dizendo que estava muito calor e que – assim subentende-se – por isso ela a abria. A menina porém voltou a contra-argumentar em (4) “mas xxx [?].”, opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora, produzindo um enunciado complexo, de junção adversativa marcada pela conjunção “mas”, pela qual identificamos a oposição, especialmente pelo fato de o elemento transcrito como “xxx” não estar acessível. Consideramos que a mesma análise vale para o enunciado (5) “bem aqui não pode.”, provavelmente, proferido com relação ao enunciado 1318 da observadora, mas não descartamos a possibilidade de tê-lo sido contra a fala de MOT em 1320. De qualquer forma, trata-se de um contra-argumento, enunciado complexo por junção adversativa, fixada pelo “não”.

Observamos que, embora a criança continuasse contra-argumentando nos turnos seguintes, especificamente em 1327, negar a entrada da observadora na cabana parece ter se

tornado uma brincadeira estabelecida por S. e aderida por suas interlocutoras e assim supomos a partir, principalmente, do sorriso da menina em 1324 e de seu discurso em 1335, que é proferido sorrindo. Agora brincando, S. voltou a contra-argumentar em (6) “vamo(s) fecha(r) vamo(s) fecha(r) vamo(s) fecha(r).”, opondo-se, mais uma vez, à observadora adentrar seu esconderijo, fazendo-o através de um enunciado complexo de junção adversativa ou causal – que tendemos a acreditar que seja -, com sentido de consequência, como em “por isso vamos fechar.”, ambas subentendidas. Imediatamente após (6), a menina diz que (7) “precisa de uma chave.”, que consideramos um contra-argumento com relação ao próprio enunciado do sujeito em (6), negando seu próprio posicionamento anterior ao perceber que não poderia fechar a porta da cabana sem uma chave, a qual não possuía. Esse enunciado é, assim como o anterior, complexo, de junção adversativa subentendida, mas que podemos compreender e retomar no todo situacional.

A brincadeira de fechar a cabana e se esconder de OBS continua por mais alguns turnos, até que, mais tarde MOT é responsável por encerrar o tópico que guiava a interação, respondendo ao dizer que sairia da cabana e fazendo-o, logo em seguida mudando de assunto.

16.7) “1454 *MOT: ah deixa dá licençaaaa!

1455 *MOT: (es)tá um calor aqui!

1456 %act: **CHI quer fechar a entrada da cabana. (1)**

1459 *MOT: não o que.

1460 *CHI: **não, pode fecha(r). (2)**

1461 *CHI: **senão o lobo pega. (2)**

1462 *MOT: que pega o que.

1463 *MOT: não tem lobo aqui não.

1464 *CHI: **tem sim. (3)**

1465 *MOT: ah que mané lobo.

1466 *CHI: **o(lha) o lobo lá! (4)**

1467 %act: **CHI aponta com o garfo para o alto. (4)**

1468 *MOT: ah ts !

1469 *MOT: vai cata(r) coquinho.

1470 *GMO: xxx [?].

1471 *CHI: **não, você vai (ca)ta(r) co... (5)**

1472 *MOT: vai cata(r) coquinho. [ri]”

MOT desejava sair da cabana, alegando que estava muito calor, pedindo que a filha lhe desse licença para que fizesse, mas S. se negou, contra-argumentando, através de um

enunciado não-verbal (1) (CHI quer fechar a entrada da cabana.), opondo-se ao discurso de sua mãe através de um enunciado complexo, desde que retoma, em situação dialógico-discursiva e em polêmica aberta, discursos e tópico anteriores de maneira explícita, fazendo-o, neste caso, por meio de junção adversativa subentendida, mas reconhecível através do todo situacional. A mãe, porém, se contrapôs ao contra-argumento da filha (559 MOT: “não o que”) que, por sua vez, contra-argumentou mais uma vez, dizendo (2) “não, pode fecha(r), senão o lobo pega.”, transcritos em turnos diferentes (“não, pode fechar” e “senão o lobo pega”) mas por nós entendidos como partes de um mesmo enunciado, que se opõe ao posicionamento da interlocutora, apoiando o ponto de vista de S. agora em uma justificativa (“senão o lobo pega”). Trata-se também de um enunciado complexo de junção adversativa, determinada pelo advérbio de negação “não” e junção causal, fixada pelo “senão”, com função de consequência.

Quando MOT argumentou que não havia lobo algum, a menina voltou a defender seu ponto de vista anterior, também contra-argumentando em (3) e (4), o último deles um enunciado verbal e não-verbal, opondo-se ao posicionamento de sua mãe através de enunciados complexos, de junção, mais uma vez, adversativa, fixada pelo que julgamos ser a relação “é x, não é y” ou pela conjunção “mas” subentendida, mas, assim interpretamos a partir do todo comunicacional.

Quando MOT argumentou em 1468 e, principalmente em 1469, dizendo para a filha “ir catar coquinho”, no sentido de parar de falar besteira, ou seja, de parar de falar que ali havia um lobo, a menina reagiu, contra-argumentando em (5) “não, você vai (ca)ta(r) co...”, opondo-se ao argumento de sua mãe, utilizando um enunciado complexo, de junção adversativa marcada pelo advérbio “não”, assim como, possivelmente, pela relação “é x, não é y” e vice-versa. A mãe voltou a se posicionar e quem parece ter encerrado o embate anterior foi a própria menina, que deixou de contra-argumentar com sua mãe (possivelmente podemos considerar isso um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento subentendida), mais tarde mudando de assunto.

17.7) 1483 *OBS: é a vovó gosta de brigadeiro de cocô?

1484 *OBS: ûuuu! [com nojo]

1485 *MOT: ela ûuuu.

1486 *MOT: que ela falo(u) como ela fez mãe?

1487 *CHI: **não!** (1)

1488 *CHI: **é de côco!** (1.1)

1489 *GMO: éca.

- 1490 *MOT: éca?
- 1491 *GMO: eca.
- 1492 *MOT: ela ééécaa!
- 1493 *CHI: **é côco!** (2)
- 1494 *MOT: o cara do lado fico(u) rindo.
- 1495 *GMO: xxx [?].
- 1496 *OBS: [ri]
- 1497 *GMO: até ela entende(r) côco.
- 1498 *GMO: ela num sabe o que é côco.
- 1499 *OBS: agora ela já a sabe.
- 1500 *OBS: ela agora ela respondeu, num é cocô é côco.
- 1501 *CHI: é...
- 1502 *CHI: **não é cocô é tch...** (3)
- 1503 *CHI: **pipi!** (3.1)
- 1504 *OBS: aaaaah!
- 1505 *MOT: ah!
- 1506 *MOT: brigade(i)ro de pipi?
- 1507 %act: CHI meneia a cabeça afirmativamente, sorrindo.
- 1508 *MOT: eu num quero não.
- 1509 *OBS: eu vo(u) da(r) só pra S. come(r).
- 1510 *MOT: [ri].
- 1511 *CHI: como?
- 1512 *OBS: vo(u) da(r) só brigadeiro de pipi pra S.
- 1513 %act: **CHI meneia a cabeça negativamente.** (4)
- 1514 *MOT: [ri].
- 1515 *OBS: ah (vo)cê falo(u) que é gostoso.
- 1516 *CHI: **não é gostoso.** (5)
- 1517 *MOT: [ri].
- 1518 *MOT: gostoso é por sua xxx...
- 1519 *CHI: **é nojento!** (5.1)
- 1520 *MOT: nojento [ri].
- 1521 *OBS: [ri].
- 1522 *OBS: nojento é o que (vo)cê (es)tá fazendo aí.
- 1523 *MOT: ééé.

- 1524 *OBS: afff!
- 1525 *MOT: come com a o garfinho.
- 1526 *CHI: **é nojento!** (6)
- 1527 *MOT: para com esse garfo aí ô!
- 1528 *CHI: **é nojento!** (7)
- 1529 *OBS: isso e fala com a boca num fala com a boca cheia.
- 1530 *MOT: mamãe vai sai(r) Sô, dá licença.
- 1531 *CHI: **nããã!** (8)
- 1532 *OBS: [ri].
- 1533 *MOT: ai porque aqui já...
- 1534 *MOT: olha socorro!
- 1535 *CHI: socorro socorro!
- 1536 *MOT: fecha a portinha aí.
- 1537 *GMO: xxx [?].”

Anteriormente, a mãe da criança contava para a observadora que a filha, S., entendera que a avó comera – e gostara – de brigadeiro de “cocô”, quando na verdade se tratava de brigadeiro de côco. Quando entende “cocô”, a criança demonstrou nojo, dizendo “eca”, que foi reproduzido por sua mãe no discurso, quando esta a imitou. Sobre isso, a criança se posicionou, contra-argumentando em (1) e (1.1), que tomamos como um único enunciado, “não! É de côco!”, opondo-se ao relato de sua interlocutora, a quem a menina parece corrigir. Tratamos esse enunciado como enunciado complexo, desde que retoma discursos e, principalmente, tópico anterior (a qualidade do brigadeiro) de forma explícita, através de junção adversativa determinada pelo advérbio de negação “não” e, possivelmente, pela relação, “é x, não é y”. A mesma argumentação ocorre em (2), cuja análise é a mesma de (1) e (1.1), por isso não a repetiremos.

Já em (3) e (3.1) “não é cocô é tch... pipi!”⁸³, também entendidos como partes de um mesmo enunciado, temos um contra-argumento, opondo-se aos discursos dos outros sujeitos da interação e propondo uma possibilidade alternativa, que é o brigadeiro ser de pipi. Assim, a criança faz retomando tópico e enunciados anteriores, em polêmica aberta na relação dialógico-discursiva, produzindo um enunciado complexo, de junção adversativa instaurada pela relação “é x, não é y” e vice-versa. É interessante notar que, após uma pausa, que talvez

⁸³ “pipi” é o mesmo que “xixi”, urina, adaptações da palavra muito corrente na fala da mãe e dos interlocutores de uma criança, assim como aparece em seu próprio discurso.

indique que a menina estivesse pensando, refletindo sobre o que iria falar, ela troca a palavra “cocô”, assim como “tch”, do enunciado no turno 1502, por “pipi” em 1503, fazendo uma brincadeira escatológica sobre o sabor do brigadeiro, também afirmando no turno 1507 a pergunta de MOT, confirmando que era um brigadeiro de “pipi”, sorrindo enquanto o fazia.

Em turnos seguintes a observadora e a mãe de S. se recusaram a comer o brigadeiro de “pipi”, ainda que a menina não os tenha oferecido, antecipando um possível argumento da criança ao fazê-lo, opondo-se a ele, e a observadora ainda diz que daria tal doce para a própria criança, ao que S. contra-argumentou em (4) (CHI meneia a cabeça negativamente.), um enunciado não-verbal, negando o discurso do outro, assim como o que lhe era oferecido. A observadora voltou a contra-argumentar no turno 1515, mais uma vez antecipando – assim compreendemos – outro possível argumento de S., de que o brigadeiro em questão era gostoso, mas a criança voltou a se posicionar contra, negando a afirmação da interlocutora em (5) e (5.1), que foram tomados como um único enunciado, “não é gosto, é nojento!”, que ela repetirá em (6) e (7). Os enunciados de (4) a (7) foram por nós considerados contra-argumentos, enunciados complexos, que retomam enunciados e tópico anteriores explicitamente, através de junção adversativa, marcada pelo advérbio de negação “não” e pela relação “é x, não é y” e vice-versa, que pode estar aparente, como em (5) e (5.1) ou subentendida, como em (6) e (7).

Mais adiante, em (8) “nããã!” a criança contra-argumentou agora com relação, é provável, ao discurso de MOT no turno 1530, que pedira licença e dissera que ia sair da cabaninha onde estava com a filha até então. A criança se opôs a isso, não querendo que a mãe saísse de lá, fazendo-o por meio de um enunciado complexo, de junção adversativa fixada pelo advérbio “não”. A mãe fora a responsável pela mudança de assunto no turno 1530, o que talvez possamos considerar uma resposta. O fato é que a criança se opõe com relação à sua mãe sair da cabana e a segura. Sua interlocutora aceita por um tempo lá ficar, convencida por S. mas, logo mais, saiu do esconderijo e encerrou o embate anterior, não mais falando sobre o assunto, assim como S não o fez.

18.7) “1662 *CHI: num é minha amiga. (1)

1663 *OBS: quem?

1664 %act: **CHI olha de canto de olho para MOT e em seguida aponta para ela. (1.1)**

1665 %act: **CHI aponta para OBS e volta a apontar para MOT. (1.2)**

1666 *OBS: num é sua amiga?

1667 *CHI: mamãe?

1668 *MOT: quem não é sua amiga?

1669 %act: CHI aponta para MOT.
 1670 *MOT: eu so(u) sua amiga.
 1671 *MOT: a tetéia?
 1672 %act: CHI volta a apontar para OBS.
 1673 *GMO: (vo)cê que(r) mais um pouquinho de...
 1674 *GMO: adriana (vo)cê que(r) um pouquinho de arroz...
 1675 *OBS: como é que é?
 1676 *GMO: ...aí na batatinha?
 1677 *MOT: arroz?
 1678 *CHI: sem.
 1679 *OBS: como é que é?
 1680 *MOT: pra ela?
 1681 *GMO: não, pra você.
 1682 *MOT: não.
 1683 *CHI: seem!
 1684 *GMO: só batata?
 1685 %act: GMO e MOT conversam.
 1686 *OBS: sim?
 1687 *OBS: sim o quê?
 1688 *CHI: **num é minha amiga. (2)**
 1689 %act: **CHI aponta para MOT. (2.1)**
 1690 *GMO: xxx [?].
 1691 *OBS: ela não é sua mãe por acaso, assim.
 1692 *MOT: quem?
 1693 *OBS: [ri].
 1694 *MOT: eu não so(u) sua mãe?
 1695 *CHI: é.
 1696 *MOT: hããã! [surpresa]
 1697 *MOT: então (vo)cê num é minha filha.
 1698 *CHI: **é sim. (3)**
 1699 *GMO: o nonno é o filhinho dela.
 1700 *MOT: o nonno é o seu filhinho.
 1701 %com: nonno é o bisavô de CHI.
 1702 *CHI: **não. (4)**

- 1703 *OBS: [ri].
- 1704 *MOT: tira da boca senão (vo)cê vai se machuca(r).
- 1705 *CHI: **não, você é a mamãe.** (5)
- 1706 *MOT: é Sô <xxx.> [?] [< falam ao mesmo tempo]
- 1707 *GMO: <ô Sô> [>falam ao mesmo tempo] <que> [/] que o nonno é seu?
- 1708 *CHI: **você não é minha mãe.** (6)
- 1709 *OBS: não.
- 1710 *GMO: S.
- 1711 *OBS: eu so(u) o quê?
- 1712 *CHI: teteia.”

Antes a criança passava os pés no prato em que comera batatas e sua mãe chamou-lhe a atenção. A avó, GMO, recolhera o prato e colocara mais batatas para S., que comia e que, então, surgiu com o que parece ser um novo ponto de vista e tópico no discurso, argumentando. Em (1) “num é minha amiga.” S. argumentou, produzindo enunciado verbal que está acompanhado pelos não-verbais (1.1) (CHI olha de canto de olho para MOT e em seguida aponta para ela.) e (1.2) (CHI aponta para OBS e volta a apontar para MOT), que serão, (1), (1.1) e (1.2), tomados como um único enunciado. (1.1) e (1.2) parecem ter sido empregados para, de certa forma, esclarecer para a observadora, interlocutora de S., de quem a menina estava falando em (1). Por abordar novo ponto de vista, assim como novo tópico, somos levados a considerar esses enunciados - que consideramos partes de um todo - como sendo simples, segundo a teoria gramatical que apoia nossos estudos (NEVES, 2011). Foi sobre esse tópico em questão que o embate se iniciou e foi mantido por um bom tempo, até dar lugar a outro assunto.

No turno 1670, MOT contra-argumentou, dizendo que, na verdade, era sim amiga de S., que retoma o assunto somente no tópico 1688, argumentando que (2) “num é minha amiga.”, enunciado complementado pelo não-verbal (2.1) (%act: CHI aponta para MOT.), de modo que a menina opõe-se ao contra-argumento da mãe no turno 1670, ainda defendendo seu posicionamento inicial. Assim ela faz através de um enunciado complexo, de junção adversativa instaurada pela forma clítica “num”. Perante esse discurso, a observadora, assim como a mãe de CHI, contra-argumentaram e o discurso de MOT em 1697 (“então você num é minha filha”) desperta, mais uma vez, o posicionamento da criança, que argumentou em (3) “é sim.”, também um enunciado complexo, retomando de forma explícita discursos e tópico anteriores através, neste caso, de junção adversativa subentendida.

Em seguida, a avó e a mãe de S. voltaram a contra-argumentar, dizendo que o nonno, como o bisavô da criança era chamado, era o filho (“filhinho”) da menina, posicionamento esse com o qual S. argumentou em (4) “não.”, a ele se opondo, valendo-se, para tanto, de um enunciado complexo, de junção adversativa marcada pelo advérbio de negação. Logo mais, no enunciado (5) “não, você é a mamãe.” temos o que pode ser um argumento, dirigido em relação aos enunciados de GMO e MOT nos turnos 1699 e 1700, respectivamente. (5) é um enunciado complexo, de junção adversativa, assim definido pela presença do advérbio de negação “não”, criando relação de oposição entre esse enunciado e aqueles que são por ele retomados explicitamente.

O fato é que, no turno 1708, a menina voltou a posicionar-se, agora afirmando que (6) “você não é minha mãe.”. Esse enunciado pode ser um contra-argumento que opôs-se ao argumento de S. em (5), havendo contraposição do que a criança dissera anteriormente, de que MOT era sua mãe, algo que ela nega, como negara que MOT fora sua amiga, fazendo mudança de ponto de vista. Da mesma forma que os enunciados anteriores, trata-se de um enunciado complexo, de junção adversativa marcada pelo advérbio de negação.

A resposta para esse embate pareceu vir, alguns turnos mais tarde, das interlocutoras, principalmente MOT e OBS, que mudam de assunto. Além disso, a criança não voltou a retomar seu posicionamento que de fato havia sido encerrado.

8) S. 3; 7; 15 (S. 3 anos; 7 meses; 15 dias):

1.8) “30 *CHI: é feio mostra(r) a língua hein? (1)

31 %act: CHI fala para o tio que mostrou a língua para ela.

32 *OBS: [ri] .

33 *GGF: xxx [?].

34 *CHI: **titio...** (2)

35 *OBS: [ri].

36 *CHI: **...é feio mostra(r) a língua.** (2)

37 *UNC: (vo)cê (es)tá mostrando a língua?

38 *CHI: [silêncio].

39 %act: **CHI nega com um meneio de cabeça.** (3)

40 *CHI: **você mostro(u) a língua pra mim!** (3.1)

41 *OBS: [ri].

42 *UNC: ah!

43 *UNC: quando?

- 44 *OBS: [ri].
 45 *CHI: quando eu (es)tava cantando a música da barato.
 46 *UNC: que música?
 47 *OBS: [ri].
 48 *CHI: eu falei que, você é barato e você mostro(u) a língua.
 49 *CHI: **muito feio!** (4)
 50 *OBS: [ri].”

S. cantava a música da barata e suas saias de filó com a observadora, quando UNC, seu tio, lhe mostrou a língua, ao que a menina se posicionou, dizendo em (1) “é feio mostra(r) a língua hein?”, contra-argumentando, opondo-se à atitude de seu interlocutor e defendendo um ponto de vista (“ser feio mostrar a língua”), posicionamento esse construído levando-se em conta de forma explícita um enunciado anterior - e tópico – (e. complexo), com o qual (1) estabelece relação através de junção adversativa subentendida, mas compreensível do contexto de produção do discurso. A menina voltou a contra-argumentar em (2) “titio... é feio mostra(r) a língua.”, enunciado complexo, que retoma não somente o enunciado não-verbal precedente do interlocutor, como o próprio argumento de S. em (1), de modo que acreditamos poder tratar essa frase como de adversativa subentendida, ao entendermos que ela, como o primeiro contra-argumento de CHI, se dirige, em oposição ao gesto de UNC.

Em seguida, o tio fez uma pergunta para a criança (turno 37), questionando se ela havia lhe mostrado a língua. S. lhe respondeu com os enunciados não-verbal (3) (CHI nega com um meneio de cabeça.) e verbal (3.1) “você mostro(u) a língua pra mim!”, que podem se caracterizar como explicações para a pergunta do interlocutor ou um contra-argumento – para isso tomamos (3) e (3.1) como partes de um único enunciado, dirigido ao tio e opondo-se a sua atitude antecedente, tratando-se de um enunciado complexo, de junção adversativa expressa, principalmente, pelo gesto emblemático usado pela criança, que move a cabeça de um lado para o outro, em negação.

A menina mais uma vez volta a se posicionar em (4) “muito feio!”, opinando sobre a atitude de seu interlocutor, que havia lhe mostrado a língua, assim fazendo por meio de um contra-argumento que novamente se opõe à atitude do outro, sendo um enunciado complexo, de junção adversativa subentendida. Em seguida, o interlocutor argumentou com S., questionando se ela estava “maluca”, que parecia haver bebido, ou seja, que ela não estava em pleno juízo, defendendo que não havia, UNC, mostrado a língua. Dessa forma continua o embate sobre o tópico em questão, que é finalizado pelo tio, que se opõe ao discurso de sua sobrinha, que não volta a contra-argumentar.

- 3.8) “219 *CHI: **pode come(r), cachorro.** (1)
 220 *CHI: **come, cachorro.** (1.1)
 221 *CHI: **come!** (1.2)
 222 *CHI: **chega de come(r) hein?** (2)
 223 *CHI: **agora é p(r)o gato hein?** (2.1)
 224 *OBS: aun aun [chora].
 225 *CHI: **a (es)tá bom!** (3)
 226 *OBS: [silêncio].
 227 %act: OBS faz barulho como se o cachorro estivesse chorando pelo fato de
 228 CHI ter-lhe tirado a comida.
 229 *CHI: **o(lha) tem mais p(r)o cachorro.”** (4)

Anteriormente a essa passagem, a criança e sua interlocutora, OBS, brincavam com bichinhos de pelúcia, um cão e um gato, aos quais elas deram voz e através dos quais dialogavam. Turnos antes, a criança dera um milho de brinquedo à personagem do cão, manejada pela observadora, que fingia comer a comida em questão. Ela (OBS) então mudou de assunto, distraíndo-se da brincadeira e falando sobre a marca que estava impressa no cão, ao que a criança argumentou e, conseqüentemente, chamou a atenção da interlocutora de volta para a brincadeira.

Nesse contexto de produção, entendemos os enunciados (1) “pode comer, cachorro.”, assim como (1.1) e (1.2), os dois últimos retomando e reforçando o primeiro, como argumentos, através dos quais, principalmente em (1), o sujeito (re)introduz um ponto de vista, mas sem justificativa expressa, fazendo-o através de um enunciado simples, trazendo novo tópico para a comunicação (comer o milho, a comida oferecida por S.). Em (1) temos uma proposta da criança para a interlocutora/a personagem do cão, usando o verbo “poder”, enquanto que em (1.1) e (1.2) ela se utiliza do verbo “comer” no imperativo, reformulando a frase, agora caracterizando ordem. Sendo assim, o ponto de vista expresso nos três enunciados é o mesmo, mas o sujeito muda sua estrutura sintática e semântica ao usar uma concessão e, depois, ordem. Ao tomarmos os três enunciados como partes de um mesmo tema, então, um argumento, o primeiro (1) deles enunciado simples, enquanto os demais, (1.1) e (1.2), que o retomam e reformulam de forma explícita, podem ser caracterizados como enunciados complexos, de junção, possivelmente, aditiva subentendida.

Em seguida, disponibilizado o milho de brinquedo para que o cachorro o comesse, a criança o faz por um curto período e então argumenta em (2) e (2.1), com relação a uma possível ação da personagem. Ao argumentar em (2) e (2.1) “chega de come(r) hein? agora é

p(r)o gato hein?”, por nós considerados partes de um mesmo enunciado, a criança pareceu opor-se não somente à ação de sua interlocutora de fazer a personagem comer a comida que lhe fora oferecida, mas, trazendo possibilidade alternativa, que é a comida agora ser do gato, personagem manejada pela criança. Ao fazê-lo, a menina se utiliza de um enunciado complexo, retomando de forma explícita enunciados e tópico anteriores através do que julgamos ser as junções adversativa (“mas chega de comer hein?”) e causal (“porque agora é pro gato hein?”), todas elas subentendidas nas frases, mas que, dessa forma, podem ser interpretadas e compreendidas na situação como um todo.

Diante desse argumento, a observadora fingiu chorar (turno 224), opondo-se ao posicionamento da criança e mostrando descontentamento com ele, ao que a menina irá quase que, imediatamente, responder em (3) “a (es)tá bom!” e (4) “o(lha) tem mais p(r)o cachorro.”, posicionando-se com relação ao contra-argumento da interlocutora, OBS, e então mudando suas concepções inicialmente defendidas em (2) e (2.1), passando de negar a comida para dá-la, de modo que há convencimento com relação ao ponto de vista da OBS, apresentação de outro argumento e consenso entre as partes, finalizando-se assim a cena enunciativa que ocorria. Consideramos ambos os enunciados, que se caracterizam como resposta, (3) e (4), como sendo enunciados complexos, de junção consensual/de convencimento, no primeiro deles expressa pelo “(es)tá bom” e na segunda pela própria oferta de mais comida, com um elemento sintático lexical que a expresse subentendido.

4.8) “277 *CHI: deixa eu escolhe(r) mais esse xxx [?] pro gato e pra você (es)tá cachorro?

278 *OBS: (es)tá bom.

279 *CHI: o(s) dois vai come(r).

280 %act: CHI pega o celular de brinquedo novamente.

281 *CHI: proonto!

282 *CHI: pronto teteia!

283 *CHI: **pode(m) come(r) os dois!** (1)

284 *CHI: **ainda não!** (2)

285 *CHI: **é que ainda não (es)tá cozido.** (2.1)

286 *CHI: **(vo)cê espera ficar...** (2.2)

287 *CHI: **isso é xxx [?], espera.** (2.3)

288 *OBS: [ronca].

289 *CHI: que(r) um po(u)co...

290 *CHI: xxx [?!]

- 291 *CHI: teteia!
 292 *CHI: (vo)cê que(r) um po(u)co de açúca(r)?
 293 *OBS: quero.
 294 *CHI: **pronto.** (3)
 295 *CHI: **os dois vêm comeee(r)!”** (3.1)

Nesse episódio, brincando com sua interlocutora, OBS, a criança fingiu que faria comida para as personagens do cão e do gato, bichinhos de pelúcia com os quais ela e a observadora brincavam. É sobre esse tópico, da comida, que decorre a cena argumentativa em questão, a partir da qual tomamos o enunciado (1) “pode(m) come(r) os dois!”, assim como podemos fazê-lo com relação aos enunciados dos turnos anteriores, 281 a 282 como argumento, introduzindo um novo tópico e ponto de vista, sem justificativa explícita, sendo um enunciado simples.

Quase imediatamente após (1), CHI produziu (2) e (2.1) “ainda não! é que ainda não (es)tá cozido.”, dois enunciados tomados como um só, um contra-argumento, que se opôs ao posicionamento anterior da própria menina nos turnos 281 a 283, - principalmente o de 283 - aos quais retoma, assim como a seu tópico, explicitamente, tratando-se, dessa forma, de um enunciado complexo, de junção adversativa marcada pelo advérbio de negação e de junção causal, marcada pelo locução “é que”, com sentido, no discurso, de razão para ainda não comer a comida. Esse fato, do sujeito argumentar e imediatamente em seguida contra-argumentar com relação a seu próprio discurso é chamado por Leitão de autoargumentação – ou protoargumentação - (LEITÃO, 2010), que se trata de um movimento de revisão de perspectivas muito importantes na e para a construção e reconstrução de conhecimentos de mundo e linguístico da criança, logo, é importante para e na argumentação (LEITÃO, 1999, 2001, 2003, 2007a, 2007b, 2008, 2010; LEITÃO, BANKS-LEITE, 2006a; LEITÃO, FERREIRA, 2006b, 2006c; LEITÃO, VIEIRA, 2017, 2018) e aquisição da linguagem (DEL RÉ et al. 2006, 2014a, 2014b). Entendemos que esse movimento de autoargumentação muito provavelmente ocorre nos enunciados em questão.

Nos enunciados seguintes, em (2.2) e (2.3) temos o que nos parece ser a reformulação e continuação desse contra-argumento através de frases que, tomadas como um único enunciado, se caracterizam como enunciado complexo, de junção também causal subentendida, significando consequência para a comida não estar pronta, que era “ter que esperar” (“você espera ficar... isso é xxx [?], espera.”). Assim que a criança considerou a comida pronta, ela a ofereceu à sua interlocutora no turno 289, confirmando o fato em (3) “pronto.” e autorizando que as personagens fizessem a refeição no turno seguinte, dizendo

(3.1) “os dois vêm comee(r)!”. Tomamos as duas frases como partes de um mesmo enunciado argumentativo que se caracteriza, nesse caso, como resposta, através do qual podemos ver mudança do posicionamento defendido em (2) e (2.1), (2.2) e (2.3), de modo que a criança mudou seu ponto de vista, dizendo que a comida estava pronta e que então sim, as personagens poderiam comê-la. Ela o faz através de um enunciado complexo, desde que retoma explicitamente enunciados e tópico precedentes, pelo que julgamos poder ser junção causal subentendida, assim como consensual/de convencimento – também não explícita – desde que a menina concorda não somente que a refeição estivesse pronta, como também, que as personagens podiam, enfim, comê-la.

Ao responder, a própria criança encerrou o embate, assim como a cena argumentativa e, logo em seguida, muda-se de assunto.

5.8) “457 *CHI: mais pra trás cachorro!

458 *CHI: que(r) que eu tiro seu brinco?

459 *OBS: não !

460 %act: OBS muda a voz, fazendo que é a personagem do cachorro.

461 *GGM: S.?

462 *CHI: **vai tira(r)!** (1)

463 *OBS: não !

464 *CHI: **(es)tá bom.**” (2)

Aqui a criança perguntara para a observadora/personagem do cachorro se ela queria que tirasse seu brinco (turno 458), ao que a interlocutora respondeu negativamente, mas S. ainda queria fazê-lo, de modo que se posicionou no discurso. Em (1), CHI argumentou dizendo “vai tira(r)!”, introduzindo seu ponto de vista, sem justificativa explícita, através de um enunciado complexo, que retoma enunciado e tópico anteriores explicitamente, através de junção que julgamos ser adversativa, que está implícita. Não consideramos (1) um contra-argumento, ainda que se oponha ao posicionamento da interlocutora no turno 459, desde que este não foi por nós compreendido como um argumento, mas uma resposta à pergunta da menina ou seja, não se tratando de um enunciado argumentativo.

A observadora repetiu que não queria que o brinco fosse retirado, posicionando-se contra (turno 463) o discurso de CHI em (1), de modo que a criança responde em (2) “(es)tá bom.”, aceitando o argumento de sua interlocutora e mudando seu posicionamento de querer tirar o brinco para aceitar não tirá-lo, convencida pelo posicionamento de OBS e entrando em acordo com ela, encerrando a cena enunciativa em questão. Assim somos levados a considerar

esse enunciado como sendo uma resposta, enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento, fixada pelo “(es)tá bem”.

6.8) “510 *OBS: ela num que(r) fala(r).

511 *GGM: qual é a número do nonno, da loja do nonno?

512 *CHI: **não!** (1)

513 *GGM: três...

514 *GGM: faz, faz o número.

515 *OBS: ela não que(r) nonna.

516 *OBS: ts.

517 *CHI: **eu num quero.** (2)

518 %com: nonna é o apelido de GGM.

519 *GGM: o três.

520 *CHI: **não quero!** (3)

521 *GGM: ma(s) por quê?

522 *OBS: [ri].

523 *CHI: **cachorrinho vamo(s) assisiti(r) um filminho xxx [?] ?”** (4)

Alguns turnos antes, a bisavó de S., GGM, lhe perguntara, assim como OBS, o telefone da loja de seu bisavô, GGF, ao que a criança mudara de assunto, ignorando a insistência para que ela respondesse, até que diz não saber o telefone em questão, apenas o telefone de seu avô. Esses enunciados produzidos anteriormente pela criança podem ser considerados, dessa forma, como contra-argumentos, dirigidos ao argumento de suas interlocutoras, principalmente a mudança de assunto. Trazemos nesse tópico o momento em que o embate entre a criança e seus interlocutores, principalmente, com a bisavó GGM, em que foi mais evidente e contundente, sendo ele que analisamos.

Apesar da aparente recusa de S., a bisavó continuou insistindo - argumentando - para que a menina falasse o número telefônico de GGF, justificando que ela sabia o número. Quando GGM volta a perguntá-lo no turno 511, a menina lhe diz “não!”, o que julgamos poder ser uma resposta à pergunta ou, também, um contra-argumento da criança, que se posiciona contra o pedido da interlocutora, fazendo-o por meio de um enunciado complexo, retomando discursos e tópicos anteriores, explicitamente, por junção adversativa (“não”). Logo mais, perante a constante insistência da interlocutora (turnos 513 e 514), a observadora toma a frente e diz que a criança não queria falar, discurso retomado por S. em (2) “eu num quero.”, que contra-argumenta, opondo-se ao posicionamento de GGM e mantendo seu ponto de vista inicial, através, mais uma vez, de um enunciado complexo de junção adversativa,

fixado pelo “num”, forma cliticizada do advérbio de negação “não” mais o verbo “ser”. O mesmo ocorre em (3) “não quero!”, um contra-argumento, enunciado complexo de junção adversativa.

Após (3), a criança profere (4), que consideramos uma resposta, através da qual houve manutenção do posicionamento inicial de S. e, dessa forma, sem persuasão e concordância com o argumento de sua interlocutora. Assim a menina faz mudando o tópico do discurso, se utilizando, portanto, de um enunciado simples, encerrando o embate que se dava anteriormente.

- 7.8) “553 *CHI: pega meu lápis teteia?
 554 %act: CHI derruba o lápis no chão.
 555 *GGM: yyy.
 556 *UNC: yyy.
 557 *UNC: yyy.
 558 *OBS: yyy.
 559 *CHI: **eu so... eu tinha o(u)t(r)o.** (1)
 560 *OBS: não, já peguei.
 561 *OBS: era esse Sô.
 562 *CHI: **não eu tinha o(u)tro.** (2)
 563 *CHI: **eu tinha o(u)tro teteia.** (2.1)
 564 *OBS: uu num tem mais nada aqui no chão Sô.
 565 *OBS: num tem mais.
 566 %act: **CHI se vira e olha para o chão a fim de procurar o outro lápis que**
 567 **disse que havia caído.** (3)
 568 *CHI: **então...** (4)
 569 *CHI: **...cacho(rr)inho?**” (4)

A menina deixara cair um de seus lápis no chão que, a pedido dela, é recolhido pela observadora, mas a criança diz que havia outro caído. Em (1) “eu so... eu tinha o(u)tro.” S. argumenta, dizendo que outro lápis estava no chão e que sua interlocutora precisava resgatá-lo também, fazendo-o através do que acreditamos ser um enunciado simples, desde que houve introdução de novo ponto de vista e tópico no discurso. Sobre isso, a observadora se posicionou, contra-argumentando, dizendo que não havia outro lápis e que aquele que devolvera a CHI era o único que encontrara. A criança então argumenta em (2) “não eu tinha o(u)tro.”, repetindo seu posicionamento em (2.1) “eu tinha o(u)tro teteia.”, opondo-se à afirmação de sua tia nos turnos 560 e 560, defendendo seu ponto de vista inicial, que foi

apresentado no turno 559, em (1). Os enunciados (2) e (2.1), que é a repetição do anterior, dele fazendo parte - figura como enunciado complexo, que retomou enunciados e tópico anteriores explicitamente por meio de junção adversativa, assim instaurada pelo advérbio de negação, “não”, em (2) e por um advérbio ou conjunção adversativa subentendida em (2.1).

Nos turnos seguintes, 564 e 565, a OBS voltou a contra-argumentar que aquele lápis que pegara do chão era o único que lá estivera e que não havia outro, aquele procurado por CHI. A menina então se virou em seu cadeirote e olhou para baixo, a fim de procurar pelo lápis em questão (turno 566), ação essa descrita em (3) e sendo um enunciado não-verbal. Ao virar-se e procurar o lápis do chão, a menina mostra que não concordou com o posicionamento de sua interlocutora voltando – ao que parece – a argumentar em (3), ainda defendendo seu ponto de vista inicial, através de um enunciado complexo, que retoma enunciados e tópico anteriores de forma explícita, por meio de junção adversativa subentendida, mas assim compreendida no todo situacional.

Logo em seguida, provavelmente, por não achar o objeto que procurava, a criança mudou o tópico do discurso, aparentemente concordando em silêncio com sua interlocutora de que não havia outro lápis ou simplesmente deixando de procurá-lo. Esse enunciado, transcrito em (4), foi por nós entendido como uma resposta, enunciado complexo de junção consensual/de convencimento subentendida e adversativa, junção essa marcada por “então”, que também fixa a mudança de assunto pelo sujeito, encerrando a cena argumentativa.

8.8) “580 *CHI: aa xxx [?] eu quero o da branca de neve! (1)

581 *OBS: não!

582 *com: OBS e CHI brincam com as pelúcias do gato e do cachorro.

583 *CHI: **siim!** (2)

584 *OBS: não e não bate em mim!

585 %act: OBS e CHI brincam com as pelúcias.

586 *CHI: **então eu quero o da bruxa!** (3)

587 *OBS: e eu quero o da Cuca!

588 *CHI: a Cuca. [sussurra]

589 %com: Cuca é uma bruxa, personagem de "O Sítio do Pica-Pau Amarelo".

590 *CHI: que(r) ve(r) a b(r)uxa malvada?

591 *OBS: quero ve(r) a Cuca!

592 *CHI: bom, a Cuca é malvada tam(b)ém!

593 *OBS: eu quero ve(r) a Emília.

594 *CHI: **ah na Emília não tem.** (4)

595 *OBS: aaaaaa, aaaa. [decepcionada]

596 *CHI: num que(r) ve(r) a Emília?

597 *OBS: quero.

598 *CHI: **a (es)tá bom.** (5)

599 *OBS: sítio <do pica pau amarelo> [< falam ao mesmo tempo].”

OBS e CHI brincavam de que filme/programa queriam ver, ao que a criança argumentou em (1) “aa xxx [?] eu quero o da branca de neve!”, introduzindo o tópico que passa a ser a brincadeira das duas nos turnos seguintes, assim como introduz seu ponto de vista, mas sem justificativa aparente. Trata-se, nesse caso, de um enunciado simples, dado que o tópico, assim como o ponto de vista, são novos na situação discursiva.

A observadora então contra-argumentou, opondo-se ao argumento de CHI no turno 581, ao que a criança voltou a argumentar em (2) “sim!”, posicionando-se contra a discurso de sua interlocutora e mantendo seu ponto de vista inicial, de (1), fazendo-o através de um enunciado complexo, de junção que julgamos ser adversativa e que está subentendida na frase, mas é compreensível no todo, no contexto. A interlocutora voltou a contra-argumentar no turno 584 e S. então respondeu, argumentando em (3) “então eu quero o da bruxa!”, mudando e reformulando seu ponto de vista, de querer ver (o filme?) da branca de neve para ver o da bruxa, mas ainda não concordando com o contra-argumento de sua interlocutora. A princípio, tomamos esse enunciado como uma resposta, enunciado complexo, de junção adversativa, porém ele não encerra a cena enunciativa, desde que a interlocutora continua a contra-argumentar no turno seguinte. Por isso, preferimos tratá-lo – apesar da mudança de posicionamento – como argumento, enunciado complexo, de junção adversativa subentendida.

A observadora então disse que queria ver a Cuca, enunciado com relação ao qual a criança diz, no turno 596 “bom, a Cuca é malvada tam(b)ém.”. Ainda que esse possa ser um posicionamento, não o consideramos de fato um enunciado argumentativo, posto que o entendemos mais como uma ponderação do que como argumento, mas não descartamos a possibilidade de que seja. O fato é que, se for, esse enunciado parece apresentar uma ideia consensual/de convencimento, ou seja, de aceitação pelo posicionamento da interlocutora em turno anterior, o que nos leva a considerá-lo nesse caso uma resposta, contudo, ele não encerra – como é característico da resposta, segundo a teoria de argumentação por nós abordada – a cena enunciativa, que é continuada pela OBS no turno seguinte.

A observadora voltou a contra argumentar no turno 593, dizendo que queria ver a personagem Emília, ao que CHI argumentou (4) “ah na emília não tem.”, aparentemente

opondo-se ao posicionamento de sua interlocutora ou, simplesmente, afirmando, constatando que não havia o (filme/programa?) da Emília, assim fazendo através de um enunciado complexo, retomando tópico e discursos anteriores de forma explícita, através de junção adversativa marcada pelo advérbio de negação. A observadora então se mostra decepcionada e a menina a questiona se ela não queria ver a Emília, recebendo uma resposta afirmativa e com ela consentindo no enunciado (5) “a (es)tá bom.”, por nós considerado uma resposta, havendo mudança do posicionamento anterior, de (4) que passa de “não ter a Emília” para “ter”, convencida pelo pedido de OBS e encerrando a cena enunciativa de negociação que ocorria até então. Em sua resposta, a criança produz um enunciado complexo, de junção consensual/de convencimento, marcada por “(es)tá bom”.

9) S. 3; 08; 05 (S. 3 anos; 8 meses; 5 dias):

1.9) “31 *CHI: Márcia!

32 *ADU⁸⁴: oi!

33 *CHI: olha a, a minha a minha mãe trouxe uma toalha do papai noel.

34 *ADU: ah eu não acredito!

35 *ADU: <uma toalha> [< falam ao mesmo tempo] do papai noel?

36 *CHI: <não, é> [>falam ao mesmo tempo] duas toalhas!

37 *ADU: duas? [surpresa]

38 %act: CHI balança a cabeça afirmativamente.

39 *MOT: trouxe a menor n(ão)mé?!

40 *ADU: duas toalhas?

41 *ADU: o(lha), eu preciso ve(r) essa toalha do papai noel.

42 *CHI: **só quando tira(r) toda(s) as coisa(s) vai ve(r).** (1)

43 *MOT: é n(ão)é. [rindo]

44 *MOT: tem muita coisa em cima n(ão)é Sô?

45 *OBS: [ri].

46 *ADU: mas já (es)tá dando pra ve(r) um po(u)co.

47 *ADU: porque o papai noel (es)tá aqui olha.

48 *ADU: dá pra ve(r) o papai noel.

49 *CHI: olha aqui olha meu prato.

50 *ADU: eu (es)to(u) vendo o teu prato.”

Esse vídeo foi gravado no dia 24 de dezembro, véspera de Natal, na casa dos bisavós de S., onde a família se reunira para comemorar a festa em questão, de modo que há mais interlocutores que interagem com S., como pode-se ver nos dados, assim como o Natal e alguns elementos seus, como o Papai Noel e os presentes que aparecem na grande maioria das cenas enunciativas.

Na cena destacada em 1.9 a criança chamara a atenção de ADU para a toalha estampada com Papais Noéis que sua mãe levava para enfeitar a mesa da família, corrigindo-se no turno 36, assim como a sua interlocutora de que, na verdade, ela trouxera duas, não uma toalha só. Sobre isso, S. e seus interlocutores se posicionaram, especificamente, sobre a figura do Papai Noel que havia na toalha. ADU então argumentou no turno 40, dizendo que precisava ver a toalha em questão, ao que CHI contra-argumentou em (1) “só quando tira(r) toda(s) as coisa(s) vai ve(r).”, opondo-se ao argumento da outra e apresentando possibilidade alternativa, afirmando que não seria possível ver a toalha e a estampa naquele momento, pois havia muita coisa sobre ela, mas que seria possível fazê-lo quando a mesa fosse esvaziada (“só quando tirar todas as coisas vai ver”). Ao proferir tal enunciado, a criança se vale de um enunciado complexo, que retoma tópico e enunciados anteriores, explicitamente, através de junção adversativa subentendida, mas compreensível a partir do contexto.

MOT concordou com S. e ADU respondeu, também concordando com a criança e dizendo que já podia ver um pouco da toalha, mesmo com todas as coisas que estavam sobre ela. Logo mais, S. mudou o tópico do discurso, agora falando sobre seu prato de comida.

10) S. 3; 8; 26 (S. 3 anos; 8 meses; 26 dias):

1.10) “41 %act: CHI encaixa as peças.

42 *OBS: ah coube.

43 *CHI: agora quem vai, quem vai anda(r).

44 *CHI: **aí não que ela vai pra escola.** (1)

45 *CHI: ela...

46 *OBS: e o nenê vai na escola junto?

47 *CHI: não porque é a escola dela.

48 %act: CHI coloca uma mochilinha de brinquedo em uma bonequinha.”

Nesse episódio, CHI brincava com bonequinhos e uma casinha, interagindo com as personagens que criara com os bonecos, com eles parecendo falar. É isso que parece ocorrer quando ela diz (1) “aí não que ela vai pra escola.”, que julgamos ser um contra-argumento, talvez dirigido a alguma outra personagem ou que a criança tenha dito a si própria, com

relação a uma ação ou pensamento, algo que não podemos confirmar, mas supomos. Nesse enunciado, ela se opõe a essa possível atitude/pensamento de uma personagem ou de si mesma, negando-a/o e apresentando não possibilidade alternativa explícita, mas razão para não permitir a ação/pensamento ao qual se opôs. Ao fazê-lo, S. se vale do que julgamos ser um enunciado complexo, ainda que não possamos ver o tópico e/ou enunciados que o antecederam e nos quais se baseia, de junção adversativa, instaurada pelo advérbio “não” e junção causal, instaurada pelo “porque”, expresso em (1) como “que”, com sentido de causa, razão para a proibição.

Entendemos como possível resposta para esse contra-argumento a mudança de assunto feita pela própria criança turnos mais tarde. Inferimos que, talvez, a resposta tenha vindo de uma das personagens ou da própria criança, em pensamento, não externalizando seu posicionamento, de modo que a ele não temos acesso, cabendo-nos apenas especular sobre o que pode ter ocorrido.